



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

GERALDO TACIDÁLIO FERNANDES

**A INFLUÊNCIA DO GREGO E OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE TERMOS
NA LINGUAGEM CIENTÍFICA: uma análise no léxico da Farmácia**

Recife
2021

GERALDO TACIDÁLIO FERNANDES

**A INFLUÊNCIA DO GREGO E OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE TERMOS
NA LINGUAGEM CIENTÍFICA: uma análise no léxico da Farmácia**

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do Título de Doutor em Letras.

Área de concentração: Linguística

Orientador: Prof. Dr. Vicente Masip Viciano

Recife

2021

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira – CRB-4/2223

F363i Fernandes, Geraldo Tacidálio
A influência do Grego e os processos de formação de termos na
linguagem científica: uma análise no léxico da Farmácia / Geraldo Tacidálio
Fernandes. – Recife, 2021.
212f.: il.

Sob orientação de Vicente Masip Viciano.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de
Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2021.

Inclui referências e anexo.

1. Linguagem científica. 2. Farmácia. 3. Influência do Grego.
4. Formação de termos. 5. Composição. 6. Afixos. I. Viciano, Vicente Masip
(Orientação). II. Título.

410 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2022-19)

GERALDO TACIDÁLIO FERNANDES

**A INFLUÊNCIA DO GREGO E OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE TERMOS
NA LINGUAGEM CIENTÍFICA: uma análise no léxico da Farmácia**

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do Título de Doutor em Letras.

Aprovada em: 10/12/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Vicente Masip Viciano (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. José Alberto Miranda Poza (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Cristina Bongestab (Examinadora Externa)
Universidade Estadual da Paraíba

Prof.Dr. Fábio Marques de Sousa (Examinador Externo)
Universidade Estadual da Paraíba

Prof. Dr. Adílio Júnior de Sousa (Examinador Externo)
Universidade Regional do Cariri

Aos meus filhos, **Ítalo Bruno** e **Carmem Adélia**



A você, meu eterno **Ítalo**, como gratidão pelos 22 anos, 2 meses e 10 dias que vivemos a plenitude de um amor de pai e filho, de dois grandes amigos...Naquele 25 de dezembro de 1998, o meu aniversário foi ressignificado com a sua chegada; a minha vida culminou... Tornou-se plena com você, por você e para você! Foi com você que fiz a primeira experiência da paternidade... Não mais eu, mais um eu multiplicado, projetado, completado.

Você é um presente de Deus para mim. Será sempre... a sua vida continua viva em mim... Seu sorriso, sua voz, seu abraço, seu beijo, seu amor... tudo de você é muito singular; só você soube fazer de forma tão perfeita. Ser filho como você, só você sabia.

Obrigado, meu amado filho, por todo carinho, companheirismo, dedicação, pela sua vida que, embora tão breve, foi plena, porque você assim a fez... porque você não se ocupou com nada mais do que amar, entregar amor por onde passou, com quem esteve.

O seu nascimento, o seu primeiro ano de vida, cada mensiversário... seu primeiro aniversário e seu batismo... tudo foi festa, foi alegria, foi amor. A sua infância, expressão maior de alegria, com seus cantos que entoavam nas rodas de família que se formavam para ouvi-los; de carinho manifesto na frequência de abraços e beijos durante todo o dia; a sua ternura, o seu jeito amigo, a sua calma, a sua capacidade

de chamar atenção para suas conversas, tudo sempre foi uma constante em sua vida, atravessando a adolescência e a juventude... sempre, sempre, sempre, o meu Ítalo. Ítalo educado, atencioso, polido, simpático, amoroso, tranquilo, dengoso, responsável, preocupado em ajudar aos outros... Ítalo que adorava festa, Ítalo que adorava ler, Ítalo estudante de Direito... mais que tudo, Ítalo, meu filho, meu amigo, meu companheiro, meu amor!

Saudade de sentarmos lado a lado, desde os primeiros anos da escola para fazer as tarefas de casa e até outro dia, quando nos sentávamos para debater as teorias do Direito, para corrigir as suas resenhas da universidade. – Papai, Gordim já terminou o texto. Vamos comentar... Saudade de sentarmos à mesa e degustarmos tantos pratos... seu lugar estar aqui... seu prato continua na mesa... A sua cama está feita, seu guarda-roupa arrumado... os meus braços ainda esperam aquele abraço mais fofo e verdadeiro que já recebi...ainda espero aquele beijo na cabeça ou no rosto... eram tão fortes que atravessavam o coração e alcançavam a alma... Mas você voou...

“... E como águia me preparo pra voar! Eu posso ir muito além de onde estou, vou nas asas do Senhor, o Teu amor é o que me conduz... Posso voar e subir sem me cansar, ir pra frente sem me fadigar. Vou nas asas, como águia, pois confio no Senhor...” A sua voz ainda ecoa em todo recanto dessa casa... você cantava com a alma, parecia que sabia do seu chamado tão precoce para o céu.

Você foi muito cedo, meu filho... a nossa vida será sempre procurando por você, seguindo você no céu...

A minha gratidão eterna a Deus por ter me dado o privilégio de ter tido você como filho aqui... valeu... valeu tudo, valeu! Muito obrigado por cada minuto que você viveu conosco e para nós e nos dando tanta alegria, tanto amor. Tudo valeu, o amor valeu, a vida valeu...

Dedico a você a minha vida e esta tese que você me acompanhou escrevendo e, muitas vezes, corria para me socorrer para eu não perder a produção do dia... Saudades...

Continuamos sempre muito unidos, caminhando juntos; você presente em tudo daqui da sua casa... e eu, mais do que nunca estou procurando o céu, a presença de Deus, porque sei que você está aí, no Coro dos Anjos, bem ao lado do Pai. Ele cuidando do meu amor que está no céu.

A você, minha **Carmem Adélia**, a completude de mim, que fez culminar a minha

existência, com uma presença singularizada pela sua forma muita verdadeira, sincera e discreta de ser, de amar. A racionalidade expressa no seu amor, nas suas atitudes, no seu abraço, no seu beijo fomenta o equilíbrio, a sensatez, a determinação, a responsabilidade, tudo, tudo que já se prevê no seu nome: Carmem, do hebraico “jardim de Deus”, canto, poema, e Adélia, de origem germânica, nobre. A sua nobreza se manifesta na sua meiguice, na sua simpatia, na sua criatividade, na sua sabedoria, na forma de conduzir a vida. O seu perfil de liderança converge o poema e a nobreza, com um carisma de ser aquela amiga a quem todos buscam.

Obrigado, minha filha, por você existir em mim, em nós. Também como presente de Deus, me vejo reproduzido em você, estudiosa, centrada, sincera, responsável, determinada e focada nos seus objetivos. Parabéns... Amo você imensuravelmente...

A vida tem nos exigido muitas provações. Estamos vivendo um deserto, mas tenho você. Você razão única que me faz procurar também querer viver muito na Terra. Porque quero que você me tenha por muitas décadas, como pai, amigo, companheiro e seu amor, seu porto seguro. Dedico a você a minha vida e esta tese que me você me acompanha tracejando os infinitos rabiscos, já há alguns anos. Obrigado pela compreensão, pelo apoio, pelo zelo, pela forma de me amar que só você tem... E nesta caminhada paralela entre o Céu e a Terra, ficarei eu sempre com a minha unidade dual, **Ítalo e Carmem Adélia**.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte da vida e de tudo que nos faz viver. Gratidão é o sentimento maior a esse Ser tão concreto na minha vida, que me abastece de fé, gera fortaleza, dá-me sabedoria e me conduz com o Seu Amor.

Aos meus pais, Teodório e Adélia (*in memoriam*) pela dispensação tão completa de suas vidas por mim; por nós, seus filhos, paltadas no trabalho incansável, na dedicação, no zelo, no amor, na oração e pelo empreendimento maior de suas vidas, a nossa formação intelectual e profissional.

A minha esposa, Carmem Romana, inspiradora das minhas pesquisas na área de Farmácia, pela compreensão nas ausências, pela fortaleza nas lutas e provações diárias e pela dedicação e amor dispensados diuturnamente para a edificação da nossa família.

Aos meus irmãos e irmãs, a minha gratidão pela forma que cada um se fez presente nesse processo. Amo vocês...

Ao meu amigo-irmão, Jorge Genuíno do Nascimento (*in memoriam*), por ter sido o amigo singular na caminhada terrena, numa reciprocidade de doação, de comunhão, de trabalho conjunto, de objetivos convergentes, de vida dividida e somada. Obrigado, meu amigo, por todo apoio, zelo, ajuda, parceria, companheirismo e, sobretudo, pelo brio da nossa amizade.

Ao Prof. Dr. Vicente Masip, pela fecunda colaboração no percurso desta pesquisa e elaboração da tese, além da atenção, da paciência e da dedicação com que me conduziu para adentrar aos estudos da língua Grega e adequação da abordagem teórica no vasto universo dos estudos linguísticos. A minha gratidão maior pelo carinho, pelas orações, pela composição de uma “peça de piano” em homenagem ao meu filho Ítalo, quando faleceu, em março último: uma expressão de fé, de esperança, de zelo, de preocupação, de compreensão, de um desvelo de teor paternal. O meu eterno obrigado, o meu reconhecimento, o meu respeito, a minha admiração e gratidão eterna.

Ao casal, Prof. Dr. Alberto Miranda Poza e Profa. Dra. Cristina Bongestab, que muito colaboraram com as suas sábias intervenções desde a qualificação do projeto e na ocasião da qualificação da tese. A minha gratidão e reconhecimento.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras- Linguística da UFPE, com evidência ao Prof. Dr. Marcelo Sibaldo, ao Prof. Dr. Antônio Carlos Xavier

e à Profa. Dra. Stella Teles, pelas sábias aulas que muito colaboraram para a execução desse trabalho.

Aos colegas do Doutorado, pelo convívio acadêmico, conhecimentos e experiências partilhadas e amizades construída.

RESUMO

Neste trabalho, busca-se convergir duas investigações que são complementares, com o objetivo de verificar a influência do grego e os processos de formação de palavras no léxico da Farmácia, perpassando por objetivos mais específicos, como: analisar a etimologia do léxico; descrever a formação dos compostos de origem grega e sua categorização no Português; comparar os processos de formação de termos no léxico da Farmácia com os da língua comum; descrever a arquitetura dos compostos morfológicos e sintáticos e analisar o comportamento morfo-semântico dos afixos. Na primeira parte, analisa-se a influência do grego no léxico da Farmácia, em uma amostra bem delimitada, dentro do universo constituído pelos 1066 termos da Farmácia que compõem o dicionário elaborado por Fernandes (autor), na Dissertação do Mestrado, intitulado *Elementos para uma sistematização dos Termos da Farmácia: uma abordagem Terminológica*, defendida na Universidade Federal do Ceará, em 1998. Na segunda parte, analisam-se os processos de formação dos termos, tomando-se como *corpus* para análise todos os termos constantes no dicionário supracitado. A análise da influência da língua grega se abastece, inicialmente, de suporte teórico, filosófico e histórico, abordando sobre a construção do significado, a influência grega e sua categorização no português, culminando com a construção de 133 fichas etimológicas, com as quais se procede a análise da variação, da posição e ligação dos radicais e da deriva semântica. Respalda-se numa literatura produzida por filólogos, gramáticos e linguistas clássicos e contemporâneos, dos quais evidenciam-se Peirce (1931), Sapir-Whorf (1929), Goes (1937), Saussure (1916), Said Ali (1931-1964), Nunes (1919-1975), Antenor Nascentes (1932), Campos (1935), Streck (1994), Greimas (1973), Hernandez (1974), Cuesta e Luz (1971), Martinet (1974), Pedro Luft (1979-2000), Cunha & Cintra (1984,1985), Scalise (1984), Hacken(1994), Sandmann(1989), Williams(1981), Warren(1990), Joseph(1998), Rocha(1998), Giannouloupoulou (2000), Pereira(2005), Baeskow(2004), Contende(2008), Preié (2008), Lüdeling (2009), Corbin (2001), Monteiro (1989,2002), Kastovsky (1982-2009), Ralli (2007,2008,2010), Brinton e Traugott (2005), Tomaszewicz (2008), Petropoulou (2009), Bauer(1988-1998-2005), Booij (2000, 2010), Almeida (2010), Faria(2011), Barreto (2012), Oliveira e Gonçalves (2011); Masip (1999, 2003); Iacobim (2004) e Villalba (1994, 2000, 2004, 2008, 2010, 2012). Na descrição dos processos de

formação, fundamentada na teoria de X- Barra, são analisadas as composições morfológicas e sintáticas, baseando-se no modelo de Villava (2000) e os afixos utilizados nas composições, evidenciando-se, nestes, o sentido construído e os fenômenos de homofonia e concorrência dentre eles. A influência do Grego é relevante na construção da linguagem científica; a ordem dos radicais é fixa diferentemente dos da língua comum, assim como a ligação destes se dá com maior produtividade através deconsoantes. As composições morfológicas e sintáticas apresentam arquitetura com maior complexidade do que as da língua comum. Os sufixos apresentam peculiaridades específicas de posição e apresentam concorrência e homofonia dentro da linguagem científica.

Palavras-chave: Linguagem científica; Farmácia; Influência do Grego; Formação de termos; Composição; Afixos.

ABSTRACT

In this work, we seek to converge two complementary investigations, with the objective of verifying the influence of Greek and the processes of word formation in the Pharmacy lexicon, passing through more specific objectives, such as: analyzing the etymology of the lexicon; describe the formation of compounds of Greek origin and their categorization in Portuguese; compare the processes of term formation in the Pharmacy lexicon with those of the common language; describe the architecture of morphological and syntactic compounds and analyze the morpho-semantic behavior of affixes. In the first part, the influence of Greek in the Pharmacy lexicon is analyzed, in a well-defined sample, within the universe constituted by the 1066 Pharmacy terms that make up the dictionary elaborated by Fernandes (author), in the Master's Dissertation, entitled Elements for a systematization of Pharmacy Terms: a Terminology approach, defended at the Federal University of Ceará in 1998. In the second part, the processes of term formation are analyzed, taking as *corpus* for analysis all the terms contained in the aforementioned dictionary. The analysis of the influence of the Greek language is initially based on theoretical, philosophical and historical support, addressing the construction of meaning, the Greek influence and its categorization in Portuguese, culminating in the construction of 133 etymological sheets, with which we proceeded the analysis of variation, position and linkage of radicals and semantic drift. It is supported by a literature produced by classical and contemporary philologists, grammarians and linguists, among which are highlighted Peirce (1931), Sapir-Whorf (1929), Goes (1937), Saussure (1916), Said Ali (1931-1964), Nunes (1919-1975), Antenor Nascentes (1932), Campos (1935), Streck (1994), Greimas (1973), Hernandez (1974), Cuesta e Luz (1971), Martinet (1974), Pedro Luft (1979 -2000), Cunha & Cintra (1984,1985), Scalise (1984), Hacken (1994), Sandmann (1989), Williams (1981), Warren (1990), Joseph (1998), Rocha (1998), Giannouloupoulou (2000), Pereira (2005), Baeskow (2004), Contende (2008), Preié (2008), Lüdeling (2009), Corbin (2001), Monteiro (1989,2002), Kastovsky (1982-2009), Ralli (2007,2008,2010), Brinton and Traugott (2005), Tomaszewicz (2008), Petropoulou (2009), Bauer (1988-1998-2005), Booij (2000, 2010), Almeida (2010), Faria (2011), Barreto (2012), Oliveira and Gonçalves (2011); Masip (1999, 2003); Iacobim (2004) and Villalba (1994, 2000, 2004, 2008, 2010, 2012). In the description of the formation processes, based on the theory of X-Barra, the morphological and

syntactic compositions are analyzed, based on the model by Villlava (2000) and the affixes used in the compositions, highlighting, in these, the constructed meaning and the phenomena of homophony and competition among them. The influence of Greek is relevant in the construction of scientific language; the order of the stems is fixed differently from those in the common language, as well as the linking of these with greater productivity through consonants. Morphological and syntactic compositions present architecture with greater complexity than those of common language. Suffixes have position-specific peculiarities and present competition and homophony within scientific language.

Keywords: Scientific language; Drugstore; Influence of Greek; Formation of terms; Composition; Affixes.

RESUMEN

En este trabajo, buscamos coadunar dos investigaciones complementarias, con el objetivo de verificar la influencia del griego y los procesos de formación de palabras en el léxico de farmacia, pasando por objetivos más específicos, tales como: analizar la etimología del léxico; describir la formación de compuestos de origen griego y su categorización en portugués; comparar los procesos de formación de términos en el léxico farmacéutico con los del lenguaje común; describir la arquitectura de compuestos morfológicos y sintácticos y analizar el comportamiento morfo-semántico de afijos. En la primera parte, se analiza la influencia del griego en el léxico de farmacia, en una muestra bien definida, dentro del universo constituido por los 1066 términos de farmacia que componen el diccionario elaborado por Fernandes (autor), en la Tesis de Maestría, titulada Elementos para una sistematización de términos de farmacia: un enfoque terminológico, defendido en la Universidad Federal de Ceará en 1998. En la segunda parte, se analizan los procesos de formación de términos, tomando como corpus de análisis todos los términos contenidos en el diccionario mencionado. El análisis de la influencia de la lengua griega se basa inicialmente en un soporte teórico, filosófico e histórico, abordando la construcción del significado, la influencia griega y su categorización en portugués, culminando en la construcción de 133 láminas etimológicas, con las que se procedió al análisis de variación, posición y vinculación de radicales y deriva semántica. Se sustenta en una literatura producida por filólogos, gramáticos y lingüistas clásicos y contemporáneos, entre los que se destacan Peirce (1931), Sapir-Whorf (1929), Goes (1937), Saussure (1916), Said Ali (1931-1964), Nunes (1919-1975), Antenor Nascentes (1932), Campos (1935), Streck (1994), Greimas (1973), Hernandez (1974), Cuesta e Luz (1971), Martinet (1974), Pedro Luft (1979) -2000), Cunha y Cintra (1984,1985), Scalise (1984), Hacken (1994), Sandmann (1989), Williams (1981), Warren (1990), Joseph (1998), Rocha (1998), Giannouloupoulou (2000), Pereira (2005), Baeskow (2004), Contende (2008), Preié (2008), Lüdeling (2009), Corbin (2001), Monteiro (1989,2002), Kastovsky (1982-2009), Ralli (2007), 2008,2010), Brinton y Traugott (2005), Tomaszewicz (2008), Petropoulou (2009), Bauer (1988-1998-2005), Booij (2000, 2010), Almeida (2010), Faria (2011), Barreto (2012), Oliveira y Gonçalves (2011); Masip (1999, 2003); Iacobim (2004) y Villalba (1994, 2000, 2004, 2008, 2010, 2012). En la descripción de los procesos de formación, con base en la teoría de X-Barra, se analizan las composiciones

morfológicas y sintácticas, a partir del modelo de Villava (2000) y los afijos utilizados en las composiciones, evidenciando, en estas, el significado construido y los fenómenos de homofonía y competencia entre ellos. La influencia del griego es relevante en la construcción del lenguaje científico; el orden de las raíces se fija de manera diferente a las del lenguaje común, así como la vinculación de éstas con mayor productividad a través deconsonantes. Las composiciones morfológicas y sintácticas presentan una arquitectura de mayor complejidad que las del lenguaje común. Los sufijos tienen peculiaridades específicas de la posición y presentan competencia y homofonía dentro del lenguaje científico.

Keywords: Lenguaje científico; Farmacia; Influencia del griego; Formación de términos; Composición; Afijos.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Origem dos Termos.....	60
Gráfico 2 - Posição dos radicais.....	67
Gráfico 3 - Ligação dos radicais.....	68
Gráfico 4 - Deriva semântica.....	71
Gráfico 5 - Tipologia e origem dos afixos.....	182
Gráfico 6 - Prefixos e sufixos concorrentes.....	182
Gráfico 7 - Prefixos e sufixos homófonos.....	183

LISTA DE ABREVIATURAS

adj	adjetivo
adv	advérbio
art	artigo
cl	consoante de ligação
conj	conjunção
dr	derivado, derivação
fem	feminino
fl	flexivo, flexionado
lx	lexema
masc	masculino
mr dr	morfema derivacional
mr fl	flexivo
neut	neutro
Nm	numeral
plur	plural
pn	pronome
pr	prefixo
prep	preposição
sf md	sufixo modificador
sf tr	sufixo transformador
sing	singular
subst	substantivo
vb	verbo
vl	vogal de ligação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	20
2	INFLUÊNCIA DA LÍNGUA GREGA NA CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM CIENTÍFICA DA CIÊNCIA FARMACÊUTICA: DO PENSAR AO FAZER.....	28
2.1	PERCURSO FILOSÓFICO DA LINGUAGEM PARA A CONSTRUÇÃO DO SIGNIFICADO.....	29
2.2	PERCURSO HISTÓRICO DA INFLUÊNCIA GREGA NO PORTUGUÊS.....	37
2.3	ORGANIZAÇÃO DAS FORMAÇÕES NEOCLÁSSICAS: UMA DISCUSSÃO SOBRE A CATEGORIZAÇÃO DOS CONSTITUINTES GREGOS NO PORTUGUÊS.....	43
3	FORMAÇÕES GREGAS NA CONSTRUÇÃO DO LÉXICO DA FARMÁCIA.....	60
3.1	ANÁLISE ETIMOLÓGICA DOS TERMOS: CONSTRUÇÃO DO CORPUS.....	61
3.2	VARIAÇÃO ALOMÓRFICA COM OU SEM SUPLETISMO.....	62
3.3	A POSIÇÃO DOS RADICAIS E SEUS ELEMENTOS DE LIGAÇÃO.....	66
3.4	A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NOS TERMOS DA FARMÁCIA: A DERIVA SEMÂNTICA.....	69
3.5	FICHAS ETIMOLÓGICAS.....	72
4	PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS: COMPOSIÇÃO E DERIVAÇÃO.....	125
4.1	TEORIAS LINGUÍSTICAS EM MORFOLOGIA: DO LÉXICO À SINTAXE.....	125
4.2	COMPOSIÇÃO, LEXICALIZAÇÃO E GRAMATICALIZAÇÃO.....	131
4.3	COMPOSIÇÃO MORFOLÓGICA.....	135
4.4	COMPOSIÇÃO SINTÁTICA.....	140
4.5	AFIXAÇÃO DERIVACIONAL.....	143
5	A FORMAÇÃO DOS TERMOS DA FARMÁCIA: ESTENDENDO O MODELO E ANALISANDO O <i>CORPUS</i>.....	154
5.1	OS COMPOSTOS MORFOLÓGICOS.....	154
5.2	OS COMPOSTOS SINTÁTICOS.....	157
5.3	OS COMPOSTOS MORFOSSINTÁTICOS.....	163

5.4	OS AFIXOS DERIVACIONAIS.....	164
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	184
	REFERÊNCIAS.....	188
	ANEXO A – CORPUS PARA ANÁLISE.....	199

Figura 1 - Mosaico Grego



Fonte: <https://joanapachecodesingcomvis.blogspot.com/2011/03/tipografia-ao-longo-dos-tempos.html>

1 INTRODUÇÃO

O percurso das línguas naturais, desde os primórdios da humanidade, contempla um fazer dialético de construções de palavras e termos que vêm atender à dinâmica da comunicação humana nos universos dos saberes que permeiam a própria existência do homem e esta em relação aos mundos que o cercam. As descobertas, diante das necessidades e evolução humana, científica e tecnológica fazem emergir novos conceitos, novas técnicas, novos procedimentos, novos aparelhos, novos instrumentos, que só se estabelecem quando nomeados e, assim, vão-se criando, a partir de instrumentos lexicais e gramaticais, novas entradas no léxico das línguas, assimilando, também, novos significados. “(...) A capacidade natural de renovação do léxico de uma língua pela criação, importação e reutilização de palavras já existentes, atribuindo-lhe novos significados, é comum a todas as línguas vivas e ocorre privilegiadamente nas linguagens especializadas como resultado de necessidade denominativas” (ANTUNES & CORREIA, no prelo, apud COLETI, 2012).

Nas diversas esferas discursivas, repertórios vocabulares circulam, dando referência aos significados e aos sentidos construídos no interior dessas esferas e na sua relação com o mundo. Nas esferas discursivas das ciências e das tecnologias, como os léxicos das especialidades não compõem uma língua artificial, mas integram à língua natural e geral, o material linguístico é condicionado ao contexto de comunicação, sócio-históricos situados.

Na esfera das terminologias científicas, as escolas pioneiras de Terminologia deram um tratamento cognitivista ao fenômeno terminológico somente a partir da década de 50, quando os estudos deixam de ser instrumento de normalização para ser instrumento de comunicação, consolidando, assim, a ciência como disciplina autônoma, com teoria e metodologias próprias, gerando produtos terminológicos de atestada qualidade científica. Se a Terminologia é “A ciência que estuda a estrutura, a formação, o desenvolvimento, o uso e a gestão das terminologias em diferentes domínios” (ISO 1087,2000), lança-se a novos olhos de análise, abrindo perspectivas para um estudo multidisciplinar através da Morfologia, uma vez que é atravessado pelas unidades morfológicas, sintáticas e semânticas, desaguando no âmbito da construção de sentido.

A Teoria Comunicativa da Terminologia-TCT se estabelece por romper com os procedimentos prescritivos de análise, cedendo espaço para um tratamento descritivo, ao inserir o léxico como elemento natural das línguas naturais, o que confere maior relevância à comunicação em detrimento da normalização terminológica, centrada “na compreensão de que as unidades terminológicas formam parte da língua natural e da gramática das línguas” (KRIEGER & FINATTO, 2004, p. 63).

Segundo Cabré (1999), a Terminologia deve ser capaz de explicar a interdisciplinaridade e multidimensionalidade dos termos, considerando que um conceito pode participar da estrutura conceitual de disciplinas distintas, conservando, alterando ou matizando suas características e, conseqüentemente, a diversidade de visões que os especialistas envolvidos têm desses termos. Para a autora, a Terminologia, como ciência interdisciplinar, contempla na sua constituição a Teoria do Conhecimento, a Teoria da Comunicação e a Teoria da Linguagem. Enquanto a primeira explica como se conceitualiza a realidade, a segunda descreve os tipos de situações em que são produzidas as unidades do conhecimento especializado e a Teoria da Linguagem dá conta das unidades terminológicas dentro da linguagem, singularizando seu caráter terminológico, explicando como se ativa esse caráter na comunicação. A Teoria da Linguagem, ao explorar as vertentes das Unidades Terminológicas-UT's, descreve as características gramaticais, semânticas, textuais e pragmáticas, analisando o uso que os especialistas fazem dessas UT's, como as situações de uso e o valor que adquirem, bem como a aquisição da linguagem em geral e das terminologias em particular, ou seja, como o falante aprende uma especialidade e como adquire o conhecimento especializado e suas respectivas unidades de expressão e comunicação (COLETI, 2012).

O ponto de intercessão da Morfologia com a Terminologia se estabelece no léxico, mais especificamente na unidade lexical, e se evidencia pelo surgimento de novas unidades, visto que os neologismos constituem tema central dos estudos da Terminologia e da Morfologia. Como a unidade mínima significativa da Morfologia são os morfemas, estas estruturas e combinações morfemáticas transpõem para os registros linguísticos de especialidades, permitindo-nos encontrar, além de termos que têm como base unidades da língua corrente, mecanismos de construção de palavras das línguas correntes, também nas unidades terminológicas. “Assim como as unidades léxicas e os morfemas se interceptam, também as palavras e os termos. (...) E esta constatação levou-me a explicar os termos e palavras a partir de uma mesma

teoria das unidades léxicas, sem negar a especificidade dos termos, basicamente nos aspectos relativos a sua semântica e seu uso” (CABRÉ, 2005, p.88). Foi com a integração da Terminologia e da Morfologia que se obteve maior entendimento da neologia terminológica, visto que (...) a terminologia também se caracteriza pelas estruturas morfológicas dos termos que a compõem” (CORREIA, 2006, p. 42). “O conhecimento morfológico sobre terminologia levou a um melhor e mais amplo entendimento de suas significações como também auxilia na identificação das terminologias(...)” (COLETI, 2012, p. 38).

Numa abordagem gerativa da Morfologia, Rocha (1998), baseando-se em Basílio (1987), postula que a utilização e a criação de vocábulos nas línguas dependem de fatores do sistema linguístico, da escolha do sujeito falante e do papel das funções semânticas, definindo três funções básicas na criação de novas palavras: a de mudança categorial; a expressiva de avaliação ou discursiva; e a de denominação ou rotulação. A função de mudança de classe permite uma adequação sintática e inserção de novos significados a partir de afixos que geram produtos diferentes da base. A função expressiva de avaliação ou discursiva contempla a função subjetiva e a textual, onde se estabelece uma estreita relação entre texto e morfologia, evidenciando-se as funções cognitivo-discursivas dos processos de formação de palavras.

Basílio (2004) afirma que nos processos de formação de palavras, onde há mudança de classe, geralmente, há intervenção de duas funções nas operações morfológicas, a função sintática e a textual. Segundo a autora, é de grande relevância analisar o funcionamento das palavras no contexto em que estão inseridas, a fim de que se tenha uma análise consistente, pois é no plano textual que as informações morfossemânticas atingem o nível máximo de funcionalidade e significância.

Os processos de formação de palavras, quer por composição, derivação ou outros, enquanto fenômenos que envolvem processos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos constroem e reconstroem os objetos da linguagem. Dessa forma, a terminologia, como subárea da lexicologia, trabalha com o mesmo objeto de análise, a palavra. Se o lexicólogo analisa as palavras da “língua comum”, usual nas relações primárias da sociedade, o terminólogo, ao trabalhar com palavra construída dentro de uma esfera de atividade humana, também lida com os mesmos processos de formação de palavras, com neologismos, com empréstimos, com processos

morfológicos inerentes à língua, uma vez que os termos especializados pertencem da mesma forma ao inventário das línguas naturais.

Nessa perspectiva de análise, é que se debruça sobre a Morfologia, uma vez que é esta a área de descrição que se ocupa dos elementos que compõem as palavras, da organização desses elementos em constituintes hierárquicos de diferentes tipos e de como as diversas línguas naturais podem encapsular diferentes informações dentro das palavras dessas línguas, notadamente nas línguas de especialidades.

A ciência farmacêutica, por ser uma ciência que data quase que concomitante com a origem do homem, quando procura na natureza substâncias para a cura das doenças, através de combinações de elementos químicos e biológicos, bem como procedimentos físicos, tem origem nas civilizações antigas e traz com ela influência linguística destas civilizações clássicas, como o grego e o latim, além de um léxico construído a partir de processos que concatenam radicais e afixos sob diversas formas de combinação para encapsular o mais possível de informações. Observando-se a complexidade da formação do léxico da farmácia configurada nos processos de composição e afixação, a presente investigação tem como objeto o léxico da farmácia, fundados nas seguintes questões: a) como a língua grega interfere na construção do léxico da farmácia? b) os componentes neoclássicos, radicais e afixos, mantêm as mesmas informações semânticas que na língua de origem? c) os processos de formação das palavras são os mesmos da língua comum, ou são acrescentados parâmetros de formação peculiares a esta área de conhecimento? Finalmente, d) os processos de composição, morfológica ou sintática, e de afixação apresentam uma arquitetura que vai além dos parâmetros das palavras da língua comum, uma vez que encapsulam maior número de informações semânticas, envolvendo, dessa forma, maior número de constituintes?

Como se vê, a hipótese aventada foca na quantidade de elementos envolvidos na formação das palavras e nas suas formas de combinação. No que tange ao processo de afixação, parte-se da ideia de que os sufixos, assim como na língua comum, podem ser núcleo e selecionar outras categorias, determinando a mudança ou não de categoria gramatical e de conteúdo semântico, ou seja, que os afixos mantêm ou não o mesmo significado que têm na língua comum.

Nesse sentido é que a pesquisa tem como objetivo geral investigar a influência do grego e os processos de formação de palavras no léxico da Farmácia, através dos seguintes objetivos específicos:

- a) Análise etimologia do léxico da Farmácia;
- b) Descrever a formação dos compostos neoclássicos de origem grega no léxico da Farmácia e sua categorização no Português;
- c) Comparar os processos de formação de termos no léxico da Farmácia com os das palavras da língua comum;
- d) Descrever a arquitetura dos compostos morfológicos e sintáticos no léxico da Farmácia;
- e) Analisar o comportamento morfo-semântico dos afixos na constituição do léxico da Farmácia

A presente investigação se justifica por atender o objetivo dos estudos da linguagem humana que é descrever os parâmetros das línguas, como opções específicas de uso dentro de uma determinada língua particular ou, como o objeto de estudo desta pesquisa, a língua de especialidade da Farmácia, dentro do universo dos princípios que regem o funcionamento geral das línguas. Dessa forma, essa pesquisa, à medida que se alimenta dos princípios universais das línguas, vem retroalimentar esses princípios, uma vez que descreve novos parâmetros para serem incorporados por aqueles.

A partir da observação de que a linguagem científica sofre uma forte influência do grego, entende-se que o estudo desse processo diacrônico precede a descrição dos processos sincrônicos de formação de palavras no interior da esfera farmacêutica, uma vez que os compostos neoclássicos muito configuram os padrões de formação nas linguagens de especialidade. Esses procedimentos metodológicos irão dialogar do começo ao fim deste trabalho.

Pautado pelos objetivos traçados, faz-se uma análise exaustiva do universo da pesquisa, estabelecendo-se como o *corpus*, que corresponde a todos os verbetes constantes no dicionário de termos científicos da Farmácia, compreendido por 1066 entradas lexicais, elaborado por Fernandes (autor), por ocasião da Dissertação de Mestrado, intitulada *Elementos para uma sistematização dos Termos da Farmácia: uma abordagem Terminológica*, defendida na Universidade Federal do Ceará (1998).

Nesse diapasão metodológico, se evidenciam as vertentes gerativistas, cujas correntes debatem o lugar da formação de palavras: as abordagens lexicalistas e as

abordagens não lexicalistas. As propostas de base não lexicalista rejeitam o léxico como componente gerativo, evidenciando a sintaxe como o território em que tanto as palavras quanto as sentenças são formadas. A ideia defendida é que o léxico não é um componente formador de estruturas complexas, mas apenas um lugar de armazenamento de primitivos, constituindo-se como um modelo sintático de análise morfológica, denominada como Morfologia Distribuída-MD.

Dessa forma, desenvolvida no interior da Teoria Gerativa, a Morfologia Distribuída (MD), formulada por Marantz (1997), adota a versão não-lexicalista, ou seja, parte do princípio de que as palavras são geradas por um processo sintático, no qual os morfemas são os instrumentos de entrada da sintaxe. Assim é que Halle e Marantz (1993) fundamentam que a Morfologia não se fixa em um só lugar, mas que devaga por outros ambientes da gramática, distribuindo-se nos diversos componentes que a compõe, mantendo, assim, a integração entre a Fonologia, a Sintaxe e a Semântica.

Nesta perspectiva, adota-se uma postura metodológica que parte da releitura da filosofia que suporta o conhecimento da construção de sentido na linguagem, avançando para a história do Grego e sua interferência nas línguas, com a descrição dos compostos neoclássicos e sua categorização, através dos trabalhos de Marcos Matines Hernandez(1974); Cuesta e Luz (1971; ten Hacken (1994); Giannouloupoulou (2000); Pereira(2005); Baeskow (2004); Lüdeling (2009); Corbin (2001); Tomaszewicz (2008); Petropoulou (2009); Oliveira e Gonçalves (2011); Vicente Masip (1999, 2003).

Para a segunda parte da pesquisa, se buscou os fundamentos para definir o procedimento de descrição do processo de formação de palavras no vocabulário científico da Farmácia, resgatando gramáticos e linguistas como Cunha e Cintra(1984,1985); PedroLuft (1979;2000); Peirce (1931); Sapir-Whorf(1929); Goes (1937); Saussure(1916); Greimas(1973);Martinet(1974); Said Ali (1931-1964); Nunes (1919-1975); Antenor Nascentes (1932); Campos (1935); Câmara Jr. (1989).Como efeito, a tese está dividida em duas partes.

A Parte I está constituída por dois capítulos, o segundo e o terceiro capítulos , respectivamente, uma vez que a introdução é considerada o primeiro capítulo, onde são mencionadas as questões problema, as hipótese, a justificativa, os objetivos e a metodologia de análise, evidenciando as referências teóricas e os procedimentos de análise. O segundo capítulo trata da influência da língua grega na construção da

linguagem da ciência farmacêutica, com uma aborgagem filosófica da linguagem para a construção do significado, seguido de uma triagem histórica da influência grega no português e da organização das formações neoclássicas, onde se faz uma discussão sobre a categorização dos constituintes gregos no português. No terceiro capítulo, procede-se uma análise etimológica dos termos da Farmácia, onde, concomitantemente, se constói o *corpus*, através de 133 fichas etimológicas que trazem informações sobre a categoria, a origem, a gênese do vocábulo, a produção resultante e o verbete que consta no dicionário, oferecendo assim os dados necessários para a análise da interferência de radicais gregos, das variações desses radicais, bem como da mudança e construção de novos sentidos, quando apropriados na linguagem científica da Farmácia.

A Parte II, também constituída por dois capítulos, investiga as questões relativas aos processos de Formação de Palavras.

No quarto capítulo são abordadas as teorias linguísticas da Morfologia de linha gerativista, dicotomizando a abordagem lexicalista e não lexicalista e analisados os processos de composição e afixação derivacional, onde dialogam pensamentos divergentes sobre a categorização dos formativos, como prefixos e radicais e, conseqüentemente, dos respectivos processos. O tratamento gerativo da análise teórica culmina com a arquitetura dos compostos morfológicos e sintáticos, bem como da descrição dos afixos derivacionais, no que tange à tipologia, origem, categoria da base e sentido e função do produto, o que fomenta os fenômenos fono-semânticos da homofonia e da concorrência.

No quinto capítulo, faz-se a análise e descrição das regras de formação dos termos da Farmácia, evidenciando a composição morfológica e a composição sintática, onde são traçadas as arquiteturas dessas composições e comparadas com as regras e arquiteturas propostas pelos teóricos, no quarto capítulo. Para contemplar a arquitetura das composições mais complexas, específicas do léxico da Farmácia, adotou-se o termo composição morfossintática, para categorizar as composições que incorporam características das duas tipologias de composição, já descritas na literatura linguística.

Na seção 5.3, são construídas 49 fichas com os afixos (prefixos e sufixos) contemplados pelo léxico da Farmácia no *corpus* previamente definido. Cada ficha analisa o formativo quanto ao tipo (prefixo ou sufixo); a sua caracterização, evidenciando o caráter transformador e categorial; a sua origem; as ocorrências

no *corpus*; o sentido convencional e o sentido específico. Analisa-se ainda a ocorrência de sufixos e prefixos homófonos e concorrentes. Para se definir a homofonia e a concorrência, precisou-se distinguir a esfera de comunicação onde se estabelece o afixo, se na língua comum ou na língua de especialidade. Para isso, foram adotados os termos sentido convencional, sentido específico, homófonos externos e internos, e concorrentes externos e internos. Concebeu-se como sentido convencional dos afixos, o sentido que está explicitado nas gramáticas e trabalhos acadêmicos que lidam com a língua comum. O sentido específico remete ao sentido que o sufixo assume quando utilizado dentro da linguagem farmacêutica. Com a mesma ideia, denominou-se homófonos externos, os afixos que mantêm a mesma informação fonológica quando se adjunge a uma base de mesma categoria gramatical, mas que apresentam sentidos diferentes, dentro da língua comum. Por sua vez, os homófonos internos ocorrem quando o fenômeno se estabelece na linguagem específica da Farmácia. A mesma linhagem de pensamento se aplica para a terminologia dos afixos concorrentes externos e internos. Quando os sufixos apresentam bases fonológicas diferentes e sentidos iguais e se adjungem à base de mesma categoria gramatical, na língua comum, diz-se concorrentes externos e, quando isso ocorre na esfera da linguagem farmacêutica, diz-se concorrentes internos.

Por fim, o resultado da pesquisa se acomoda nas considerações finais, onde se compilam os parâmetros de formação do léxico da farmácia, evidenciando a significativa interferência da língua grega, as regras que expressam a arquitetura da composição e da afixação derivacional na referida linguagem científica, com características peculiares que a diferencia das da linguagem comum ou linguagem geral.

2 INFLUÊNCIA DA LÍNGUA GREGA NA CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM CIENTÍFICA DA CIÊNCIA FARMACÊUTICA: DO PENSAR AO FAZER

O percurso de investigação sobre a interferência do grego na construção da linguagem científica da farmácia conclama uma análise sobre a relação pensamento e linguagem, uma vez que o processo cognitivo opera com o significado que, por sua vez, é construído através do amálgama destas duas instâncias da vida psíquica. Nesse território se inscrevem operações semânticas, fonológicas, morfológicas e sintáticas para o estabelecimento da linguagem nos seus diversos momentos de realização, situada no tempo e em contextos específicos.

Nesse sentido é que Martin Heidegger ao escrever sobre *Sein und Zeit* (Ser e Tempo), na revista de Husserl *Jahrbuch f. Phil. Und phänomelog. Forschung* (1927), apud Cardoso (1998), foca sua reflexão sobre o homem e o sentido do ser, para desvendar o processo de compreensão do ser em geral, através das relações entre o homem, o mundo e as coisas. Suas reflexões centradas no ser, na verdade e na linguagem, fundamentam que a linguagem não pode ser vista como uma construção humana de sinais convencionais; mas como a casa do ser, através da qual se percebe e se concebe o mundo, inserindo-se nele e, apropriando-se das suas realidades. Na sua obra *Invocação ao meu corpo*, Vergílio Ferreira, (1969) recita que

É pela palavra que nos conhecemos e conhecemos o mundo. É pela palavra que refletimos sobre a palavra e sobre o seu valor. É pela palavra, enfim, que se inicia o sortilégio, o encanto e o mistério que é o uso e o conhecimento da língua (VERGÍLIO FERREIRA, 1969).

O pensamento de Vergílio Ferreira, com teor poético, traz para os estudos da linguagem humana o fundamento essencial da relação língua, linguagem, pensamento e mundo; ou seja, quando adentramos nas estruturas da palavra, conhecemos o valor dessas estruturas para a composificação da língua que, por sua vez, serve como base estrutural da linguagem na sua dimensão macro, comportando os sentidos construídos nas diversas esferas de comunicação que compõem o mundo e seus pensamentos.

2.1 PERCURSO FILOSÓFICO DA LINGUAGEM PARA A CONSTRUÇÃO DO SIGNIFICADO

Crátilo foi a primeira obra sobre filosofia da linguagem, escrita por Platão no ano 388 a.C., onde se inserem, além de Sócrates, Hermógenes, representando os sofistas, e Crátilo, representando Heráclito, que junto de Parmênides discutem acerca do *Sere* do *Pensare* do *logus*, em detrimento do *mythos* (STRECK, 1999).

Tratando sobre questões da linguagem, no que tange à semântica, Crátilo defende o naturalismo, enquanto Hermógenes enxerga a arbitrariedade do signo linguístico; ou seja, de um lado, é defendida a tese de que o significado das palavras é motivado; já, do outro, não há relação entre o significante e o significado, o que denota uma mera convenção entre as palavras e as coisas a que se referem. Essa dicotomia fundamenta o *oimobilismo* defendido por Parmênides e o *devir*, por Heráclito, embora os dois converjam para a ideia do enigma e do silêncio. Argumenta Parmênides que, como a palavra é enigma, é também logos; ela se desdobra como palavra e como coisa e, dessa forma, nomeia o devir e o ser do devir. Para ele, “palavras e coisas são como enigmas, precisam ser decifradas” (STRECK, 1999, p.98). O ser, segundo ele, só acontece quando vier para a palavra. A palavra enquanto *logus* recolhida na coletividade só acontece quando se estabelece socialmente.

Crátilo é uma resistência de Platão à sofística, que fundamenta o caráter convencional da linguagem e, portanto, não está condicionada às leis naturais nem divinas.

Nesse diapasão, Sócrates fundamenta como as palavras são construídas numa determinada esfera de conhecimento ou de um fazer humano, que é de autoria de um legislador, ou seja, nomeia o ser a partir do devir, relacionando não arbitrariamente a palavra ao objeto. Dessa forma, o filósofo converge a ideia da arbitrariedade dos sofistas com a da motivação defendida por Crátilo. Platão, para dialogar com as duas visões, omite o *ser*, entendendo que é possível conhecer a coisa sem o uso da linguagem, ou seja, a palavra é tomada como representação da coisa e que é criada a partir de um modelo ideal inato, motivado pelas leis naturais, portanto, transcendentais. A grande contribuição epistemológica de Platão é fundamentar que o conhecimento da realidade independe da linguagem, colocando-a numa posição secundária para se estabelecer o conhecimento. Ele fundamenta a tese partindo do princípio de que as coisas já falam delas mesmas, que as diferenças de significante

nas diversas línguas carregam em si a mesma essência, que são abstraídas pelo criador da palavra a partir de suas sensibilidades fonológicas, que para ele são divinas.

A filosofia de Platão foi fortemente contrariada por Aristóteles que, embora fosse seu discípulo, discordou da sua abordagem metafísica no que tange ao dualismo no mundo das ideias, equacionada na relação entre o mundo inteligível e o mundo sensível, discordando também dos sofistas que defendiam que, a partir da linguagem, podia se dizer qualquer coisa, vendo no discurso possibilidades ilimitadas. Embora discordando de Platão, via na linguagem a sua condição secundária, entendendo que “as palavras só possuíam um sentido porque as palavras possuíam uma essência” (STRECK, 1999, p.103) e que “É a essência das coisas que confere às palavras a possibilidade de sentidos” (STRECK, 1999, p.103). Nessa perspectiva, o autor fundamenta que:

A permanência da essência é pressuposta como fundamento da unidade do sentido: é porque as coisas têm uma essência que as palavras têm sentido. Isso porque as palavras são para ele símbolos dos estados de espírito, o que nos levaria a subordinar a proposição ao juízo, a palavra ao pensamento, a linguagem ao espírito, ratificando, dessa forma, a afirmação de ser uma ontologia (STRECK, 1999, p.104).

Fundamenta Streck (1999) que a visão metafísica no ocidente faz uma análise simplista de que o processo se dá do olhar ao objeto, traçando uma semelhança entre o pensamento e a coisa, desvendando a essência inerente às coisas, acarretando a ideia de que o conhecimento se dá entre o intelecto e a coisa visada, sendo a linguagem apenas instrumento de comunicação que veicula as essências à realidade.

Nesse sentido, fundamenta Streck (1999) que: “a tradição de pensamento sempre pressupôs uma isomorfia entre realidade e linguagem, porque há uma essência comum a um determinado tipo de objetos que possuem essa essência” (STRECK, 1999, p.105). E acrescenta que “as palavras têm sentido porque há objetos que elas designam: coisas singulares ou essências” (STRECK, 1999, p.106).

Contrariando as ideias transcendentalistas de Platão e universalistas de Aristóteles, os estoicos, assim como os sofistas, desenvolvem uma teoria do discurso, como em Crísipo, onde a dialética diz respeito às palavras e ao que elas significam, através da sua atualização no discurso, no qual as possibilidades de significação são expressas. Nesse sentido, Jakobson relata o esquecimento dos linguistas quando

atribuem a Saussure a dicotomização entre significante e significado, uma vez que já havia sido tratado pelos estoicos como entidades sensíveis e inteligíveis, respectivamente.

As teorias de Santo Agostinho, embora bebam na fonte do pensamento filosófico grego, antecipam por mais de um milênio as teorias linguísticas modernas, não referendando a teoria platônica que trata a palavra como um ícone, mas para ele, elas próprias são signos e não remetem a coisas, mas a outros signos, “formando um sistema fechado no qual a significação ao invés de se fazer pela articulação signo-coisa, faz-se pela articulação signo-signo” (STRECK, 1999, p.107).

Streck (1999) cita Garcia-Roza que relaciona a teoria agostiniana com a teoria do inconsciente estruturado como linguagem, de Lacan. Para Lacan, a verdade não está na linguagem, mas na interioridade do sujeito que possibilita a linguagem. Nesse sentido, Agostinho comunga com as ideias de Lacan, endossando que a função significante da palavra não se faz pela relação que ela possa ter com a coisa significada, mas sim pela relação que elas têm com as outras palavras.

Já no século XVI, Ockham, em antítese ao pensamento aristotélico universalista/individualista, assume que os nomes dados as mesmas coisas não têm nada em comum, a não ser os sons evocados, pois para ele só há individuais particulares, valorizando, dessa forma, a linguagem com uma postura antimetafísica. Ele converge o nominalismo com o conceitualismo, entendendo que o universal é um termo que corresponde a um conceito; o termo não é uma palavra, mas, sim, um conceito. E o conceito é um correlato mental por meio do qual é feita a referência.

Reconhecido como o pai da semiótica moderna, John Locke, dedicando-se aos estudos linguísticos, contaria a ideia de substância porque “as palavras não exprimem as coisas porque as coisas são conhecidas mediante a construção de ideias complexas através da combinação de ideias simples (STRECK, 1999, p.110); daí a arbitrariedade entre as palavras e as coisas. As ideias são signos que selecionam propriedades das coisas, mas não especifica os atributos individuais das coisas.

Nesta perspectiva, é que Streck (1999) evidencia o valor da linguagem para a formação do Estado, uma vez que é através dela, da interpretação subjetiva, que se pode cometer os maiores erros, já que oportuniza o indivíduo a expressar suas paixões. Nesse sentido é que Berkeley defende que as ideias não podem ser abstraídas das ideias particulares, mas das gerais, argumentando que abstração é essencial na concepção universalista, tendo em vista que “palavras se tornam gerais

ao serem feitas os signos das ideias gerais, e ideias se tornam gerais ao se separarem delas as circunstâncias de tempo e de lugar...” (STRECK,1999, p.112).

No século XVIII, outro pensamento antimetafísico se estabelece, com a filosofia de Hume, que nega a realidade objetiva da causalidade, do mundo e do sujeito, classificando tudo que se dá a conhecer como impressões e ideias. As impressões são dados fornecidos pelos sentidos e as idéias são representações da memória e da imaginação e resultam das impressões como suas cópias modificadas (STRECK,1999, p.113).

Immanuel Kant discorda de teoria de Hume, que concebe a linguagem como intermediária das impressões e das ideias, assumindo que a linguagem não tem uma função específica nos processos de conhecimento, porque “as classes de juízos são o fio condutor que permitem a dedução transcendental das categorias do entendimento” (STRECK, 1999, p.115). Segundo Kant, a palavra, como signo, não possui relação natural com o significado, uma vez que é graças ao conceito que o signo linguístico completa seu ciclo significativo.

Streck(1999) analisa que o pensamento de Kant foi desconstruído com a intervenção de Nietzsche, quando faz uma ruptura com o paradigma metafísico-essencialista do Ocidente, que defende a relação entre o conhecimento e as coisas, ao argumentar que as diversas línguas, se comparadas, evidencia que uma palavra jamais é usada por todas as línguas; pois, se assim fosse, não existiriam tantas línguas. Cardoso(1998) poeticamente define que “A língua é algo de íntimo que a palavra molda e metamorfoseia na nossa alma e, por isso, é pátria, mas também espírito que conhece e se conhece na interação sortilêga entre a linguagem, a língua e o verbo”. Nesse sentido a linguagem interfaceia o sistema sonoro, semiótico aos sistemas culturais que dá ao homem a faculdade de criar símbolos para se comunicar. Como atividade comunicativa, a linguagem verbal é intencional e se estrutura através de um conjunto de sinais orientados a cumprir funções comunicativas e, conseqüentemente, outras funções correlatas, como realizar conhecimento e saber, organizando cognitivamente o mundo. Dessa forma, evidencia-se o caráter social, dialógico, antropológico da linguagem manifesto na interação dos sujeitos situados em contextos sociais, culturais e especializados.

Jurij Lotman, como representante da Escola Soviética de Semiótica, ao propor reformulações no interior do Formalismo Russo, notadamente nas teorias de Peirce, Saussure e Charles Morris, elabora o conceito de sistema modelizante do mundo,

como o conjunto estruturado dos elementos e das regras que se encontra em relação de analogia com o conjunto dos objetos no plano do conhecimento, da tomada de consciência e da atividade normativa. Nesse diapasão, se insere a língua, uma vez que permite ao homem organizar estruturalmente as funções gnosiológicas comunicativas e pragmáticas do mundo, com um fazer reflexivo da origem, natureza e limites do ato cognitivo, alçando a cultura como um gerador de estruturalidade e um feixe de sistemas semióticos (SILVA e AGUIAR, 1983).

Nesse *continuum* de pensamento, Sapir-Whorf(1929) considera que a representação do mundo e a cultura de uma comunidade se organizam alinhadas à língua dessa comunidade. Dessa forma, as línguas naturais, como sistemas semióticos universais com função primordial, constituem os sistemas modelizantes primários.

De origem grega, a Semiótica<*semeiotiké*>, é concebida como a arte dos sinais ou a ciência geral dos signos e da semiose que estuda todos os fenômenos culturais como sistemas sígnicos, ou seja, sistemas de significação. Contemplando todos os processos de significação ou representação da natureza e da cultura, a semiótica vai além da Linguística; pois, enquanto essa limita-se ao estudo dos signos linguísticos, aquela atravessa todos os sistemas sígnicos, das artes visuais, da música, da fotografia, do cinema, da culinária, da religião, da ciência, dos vestuários, dos gestos etc.

A semiótica, como um saber muito antigo, estuda os modos como o homem significa o que o rodeia, constituindo-se como a ciência das relações das funções dos signos, ou seja, significação e geração de interpretantes. Na Grécia, utilizava-se o verbo *Semaîno* para significar a revelação dos deuses no tempo e no espaço. No *Timaeus* de Platão refere-se à coisa dita e à visão que ela provoca na mente. Santo Agostinho concebe a semiótica como processo cognitivo para a interpretação dos signos enviados por deuses, que, por sua vez, eram instrumentos de mediação entre o conhecimento ilimitado dos deuses e o conhecimento limitado dos homens, já que, para ele, os deuses não falavam a mesma linguagem dos homens; os sons das palavras podiam ser humanos, mas os significados situavam-se nas esferas divinas.

Com a invenção da escrita prática da medicina a partir do modelo semiótico de conhecimento, Platão diferencia a teoria dos signos, no âmbito da percepção, e a teoria da linguagem, no âmbito da nomeação. Para Aristóteles, a teoria da linguagem

contempla o mundo verbal em sua expressão linguística; já a teoria dos signos se respalda nos silogismos de caráter lógico e epistemológico.

Os Estoicos (300 aC - 200 dC) postularam a noção do triângulo semiótico, configurando a relação entre a linguagem, o pensamento e o objeto exterior. Contrariando esse modelo triádico dos Estoicos, os epicuristas desconsideraram o significado material do signo.

As obras *De Magistro* (389), *De Doctrina Christiana* (397), *Principia Dialecticae* (384), escritas por Santo Agostinho (354-430) fê-lo reconhecido como o fundador da semiótica, formulando as definições do signo. Na obra *De Doctrina Christiana*, Agostinho analisa o signo como uma coisa que, além da impressão que produz nos sentidos, faz com que outra coisa venha à mente como consequência de si mesmo. Em *De Magistro*, afirma que a linguagem é um sistema de representação mediada pela mente, a partir da qual uma diversidade de sistemas de signos pode ser gerada. Nesse sentido, a linguagem desempenha a função informativa, já que o signo, em si, não é capaz de produzir a informação.

Na Idade Média e no Renascimento, a semiótica fez parte das três ciências escolásticas: *Philosophia Naturalis*, *Philosophia Moralis* e *Scientia de Signis*, onde o signo era concebido como instrumento cognitivo e de comunicação.

No século XX, na Europa, surge o termo semiologia no *Cours de Linguistique Générale* (1916) de Ferdinand de Saussure, como a ciência ou discurso que estuda os sistemas de signos, que concorreu com o termo semiótica no mundo anglo-saxônico, com os estudos de Charles Sanders Peirce (1931).

Saussure postulava uma teoria geral dos signos, onde se evidenciava a linguística, mas que também contemplava os códigos paralinguísticos, formados pelos sistemas que reforçam e auxiliam a linguagem verbal, como os *códigos cinésicos* - gestuais, *proxêmicos* - relacionados com a gestão do espaço entre emissor e receptor, *prosódicos* – entoacionais; os códigos epistemológicos, constituídos por códigos científicos e artes de adivinhação; os códigos estéticos, de onde surgiram estudos sobre a semiótica da narrativa e da literatura, a semiótica dos mitos, semiótica do cinema etc; e os códigos sociais que denotavam a interpretação dos signos de identidade, signos de cortesia, códigos associados à moda e ao jogo, entre outros. Quando Saussure concebe a língua como um sistema de signos que exprimem ideias no seio da vida social está colocando a linguagem e a linguística na linha de frente da semiologia. A sua concepção binária do signo linguístico retrata as duas faces de uma

entidade psíquica que se estabelece mediante uma imagem acústica e uma imagem mental, que são construídas socioculturalmente. Assim sendo, a propriedade arbitrária dos signos linguísticos denuncia uma motivação puramente convencional e coletiva. Por sua vez, E. Benveniste (1902-1976), em sua obra, *Problemas de Linguística Geral*, contraria o princípio da arbitrariedade do signo postulado por Saussure, fundamentando que a arbitrariedade se estabelece na relação do signo com o seu referente e não entre as instâncias constituintes do signo, já que para o falante de uma determinada língua as imagens acústica e mental estão intrinsecamente associadas.

A teoria de Charles Sanders Peirce (1839-1914), que tem como objeto de análise o signo e a semiose, define o signo como “qualquer coisa que está para quem quer que seja no lugar de qualquer coisa em certas circunstâncias”. Essa definição contempla as associações e representações de algo para alguém, sob certos aspectos e em certa medida, evidenciando, dessa forma, a relação do signo com o objeto e com o seu interpretante. A ação do signo no processo de geração de interpretantes constituiria, no entanto, a semiose. Essa lógica triádica de Peirce inclui no signo as categorias da significação, da objetivação e da interpretação. A primeira categoria, a da significação, trata da relação do signo consigo mesmo, que interioriza a natureza do seu fundamento e da sua capacidade de funcionar como tal, e a sua existência concreta ou seu caráter de lei, de onde provém a teoria das potencialidades e limites de significação. A propriedade da objetivação trata da relação do signo com o objeto, com aquilo que determina o signo, ou seja, aquilo que o signo representa e ao qual se aplica. A teoria da objetivação analisa, portanto, as questões referentes à denotação, à realidade de referência. A terceira e última propriedade, a da interpretação, trata da relação do fundamento com o interpretante, com as implicações e efeitos sobre o intérprete, individual ou coletivo.

Algirdas Julien Greimas (1917-1992), um dos maiores representantes da Escola de Paris, traça o quadro semiótico constituído da relação opositiva elementar entre termos semânticos; da figurativização; das relações lógicas de complementaridade e contrariedade e das isotopias.

O estudo das relações entre sistemas de signos da cultura em sua capacidade de comunicação foi largamente desenvolvido pela Escola de Tártu-Moscou, reconhecida como Semiótica da cultura, observando o sistema de signos como construção de linguagem desenvolvido por códigos, cujas relações com a cultura se

dá por processos de modelização. Os sistemas modelizantes são os sistemas que foram construídos sobre a língua natural e, portanto, são secundários em relação a ela, uma vez que são sistemas de linguagens culturais.

A interface entre língua, sociedade, história e cultura se dá através de um sujeito que percebe os conteúdos significantes e que calcula e projeta os valores sobre eles; da mesma forma, na função semiótica fundamental, tanto na relação lógica quanto na relação de pressuposição recíproca entre Plano da Expressão- PE e Plano do Conteúdo-PC implica uma intervenção ao menos implícita de um operador (FONTANILLE, 2011). Segundo Greimas (1973. p.15) é esse “corpo cognitivo” (operador) que desafia a semiótica a assumir esse “lugar não linguístico onde se situa a apreensão da significação”. Nesse diapasão é que se estabelece a semiótica cognitiva, que se ocupa fundamentalmente da percepção que constitui uma espécie de “metassentido” ao explicar a formação do sentido.

O diálogo entre as teorias da semiótica fundamenta que a linguagem é um sistema de signos socializado, histórico e culturalmente adquirido, já que a cultura é a soma dos reportórios dos comportamentos codificados, realizados e interpretados pelos membros da organização social em situações comunicativas (E. BENVENISTE, op cit). Nesses moldes, a interpretação se encaminha à percepção do sujeito mediante suas bases sensoriais, para a construção do sentido. Hjelmslev (1975) parece contemplar essa convergência de fatores na construção da linguagem, quando afirma que “o desenvolvimento da linguagem está tão inextrincavelmente ligado ao da personalidade de cada indivíduo, do país natal, da nação, da humanidade, da própria vida, que podemos perguntar se ele não será um simples reflexo ou se não é tudo isso: a própria fonte do seu desenvolvimento”.

A compreensão da construção do português na linguagem cotidiana ou nas línguas de especialidades, técnico científicas, perpassa pela busca da interferência da língua grega, de forma direta ou indiretamente através do latim, fazendo peregrinar o sortilégio da língua, a epifania da cultura, mas também submetida a compreensões dos sujeitos que são assujeitados a novos contextos sociais, culturais, históricos e, porque não pragmáticos, para estabelecer as comunicações necessárias em todas as esferas de atuação humana.

2.2 PERCURSO HISTÓRICO DA INFLUÊNCIA GREGA NO PORTUGUÊS

O grego é uma língua com raízes nas línguas indo-europeias, que constituem uma família de línguas que apresentam traços comuns e que sofreram sucessivas alterações. Embora seja uma língua hipotética, por não ter documentos que comprovem sua existência, o Indo-Europeu é uma reconstituição elaborada a partir de estudos comparativos das diversas línguas indo-europeias, onde foram analisadas as línguas cognatas, principalmente o sânscrito, o grego e o latim, o que permitiu a construção da tese de que teriam origem comum. O Indo-europeu, que corresponde à língua falada desde a Europa Central até às estepes siberianas por volta de 5.000 anos a.C, dissemina-se na atualidade com suas heranças linguísticas por todos os continentes, excetuando, nessa família, o turco, o finlandês, o húngaro e o basco, para além das línguas esquimós.

Como ramificação do Indo-Europeu, o grego se diferencia pelo caráter dialetal registrado nos seus textos antigos, que denunciam diferenças significativas, principalmente nos aspectos fonéticos, justificadas por razões históricas, políticas, geográficas e influência de invasores. Os seguintes dialetos estabilizados e perenes representam o poder político da Grécia Antiga: o Jónico-ático, que se divide em Ático (falado na Ática) e jónico (falado na Eubeia, em parte das Cíclades e no sudoeste da Ásia Menor; o Acaico, integrando o arcádico, o cíprio e o panfílico; o Eólico, utilizado na parte setentrional da costa da Anatólia, em Lesbos, na Tessália, na Beócia e no noroeste da Ásia Menor; e o Grupo Ocidental, compreendendo o dórico (Lacónia, Messénia, Argos, Creta, Rodes, Cíclades meridionais, Corinto e suas colónias) e falares do Noroeste (Epiro, Fócida, Etólia, Acarnânia, Lócrida). O dialeto Ático se destacou e absorveu outros dialetos que culminou numa língua falada pela maioria dos Gregos, tornando-se a língua de prestígio falada durante o Império Romano até ao período bizantino.

A escrita grega foi iniciada no III.º milénio a.C., na zona oriental do Mediterrâneo, através de escavações arqueológicas em Creta, pelo Sir Arthur Evans, que a denominou, na área geográfica grega, Linear A, e apresentava estrutura silábica. Posteriormente, entre os anos de 1450 em Creta e de 1475 no continente, essa língua foi readaptada pelos Gregos à escrita dos Minóicos, denominada Linear B, constituindo um estado do Grego arcaico, com 88 símbolos que foram decifrados em 1953 pelo arquiteto inglês M. Ventris e pelo filólogo J. Chadwick.

No decorrer da história, o grego, embora tenha passado por mudanças linguísticas de ordem fonológica, morfológica, léxica, ortográfica e de prosódia, mas assentada em um só alfabeto, tem se mantido como um verdadeiro símbolo da unidade helênica, que se manifesta através dos textos Homéricos, notadamente a *Ilíada*, que narra a expedição de todos os Aqueus contra Tróia. As obras de Homero eram textos norteadores da educação em toda a Grécia Antiga, uma vez que constituíam base para argumentação de toda a ordem, fundadores da unidade na diversidade, onde convergia diversas épocas dos dialetos iónico, eólico, arcado-cipriota e ático, constituindo uma língua artificial que, muito provavelmente, não foi falada por nenhum povo. Contemplando diversos domínios, as obras homéricas abordavam religião, poesia, língua, costumes e ideias, sendo um paradigma que ultrapassava as barreiras linguísticas e se inseria na coesão cultural e espiritual.

A unidade na Grécia se funda basicamente pela língua que determinou a separação dos Gregos e os não-Gregos, dicotomizando Gregos/Bárbaros no segundo quartel do século V., não só por questões linguísticas, mas também culturais, passando a distinguir quem possuía ou não a cultura helênica.

A civilização ocidental, como uma fiel herdeira da cultura clássica, desde a língua ao pensamento, das artes ao discurso, revitaliza na cultura moderna a cultura greco-latina. Dessa forma, a língua e a cultura portuguesa bebe na fonte do mundo clássico, de onde traz a sua marca neolatina, fruto do processo de romanização, manifestando em um grande número de palavras e expressões da linguagem comum, da língua literária e também da linguagem científica, provinda, geralmente, da mitologia grega, presente, por exemplo, na esfera da Psicanálise que recuperou inúmeros mitos, como o Complexo de Édipo, Complexo de Electra, Complexo de Zeus, Complexo de Prometeu, Complexo de Narciso, Complexo de Fedra, Complexo de Faetonte, etc.

Na construção dos termos das ciências médicas, como nos da anatomia, o termo *cardio*, utilizado desde a Grécia Antiga com o mesmo significado de coração, cuja origem remonta o radical *kerd*, do Idioma Indo-Europeu, também é encontrado nos épicos de Homero como um sinônimo de *cardio*. Na Grécia Antiga, além de órgão físico, era entendido também como órgão do sentimento, pois os gregos acreditavam que a parte central do intelecto humano se encontrava no coração, já que é o órgão que responde prontamente a toda emoção forte, como alegria, dor, medo, ódio, ternura, etc (BEZAS & WERNECK, 2012). Da mesma forma, *artéria*,

considerada pelos antigos como “condutores de ar, aeir + thirón”, já que não se encontrava sangue nas artérias após a morte. Um significado primitivo foi “traquéia”, na época de Aristóteles foi chamada de trachea- artéria (BEZAS & WERNECK, 2012).

A língua grega antecede todas as línguas românicas, através de empréstimos feitos pelo latim, pelo contato com a Hélade na expansão territorial Romana durante os séculos III e II a.C., bem como através de subsequentes empréstimos que se lexicalizaram a partir da evolução científico-tecnológica, nos dois últimos séculos. Não é surpreendente afirmar que o léxico português tenha base no latim que, por sua vez, recebeu influência de outras línguas, mediante o contato em relações políticas e culturais a partir da expansão territorial do império romano entre os séculos III e II a. C.

Relatos da obra de Helmut Lüdtke, traduzida ao espanhol por Marcos Martinez Hernandez (1974), registra que o latim emerge de dialeto à língua a partir do século VIII a.C., adotando o alfabeto grego, com algumas alterações gráficas, além de palavras gregas que foram absorvidas pelo povo romano, quando em contato com colônias gregas no sul da Itália. A expansão do império promoveu uma culturalização românica aos moldes gregos, manifestado no teatro, que levou a adoção de fórmulas gregas na confecção de enredo e distinção de gênero como comédias (*komoidía*) e tragédias (*tragoidía*), bem como influenciando às formas da poesia lírica (*lirikós*) e poemas épicos (*epikós*). Esse diapasão favoreceu mais ainda a fixação de palavras gregas na língua romana. Outro fato de relevância foi o advento do cristianismo que, tendo necessidade de sua propagação, propiciou a elaboração de livros narrativos sobre os feitos de Jesus e seus discípulos em grego vulgar (*koiné*), língua que ocupava o segundo lugar em uso no Império Romano. Fundamentado nesses dados é que Hemult, traduzido por Marcos Matines Hernandez (1974) assegura que “o maior número de empréstimos de vocábulos que o latim recebeu é, sem dúvida, oriundo do grego. Em todas as épocas de sua história, o grego transmitiu ao latim um grande número de palavras, tanto ao latim falado como ao latim codificado, mais tarde” (HERNANDEZ, 1974).

Os empréstimos de bases morfológicas gregas para nomeação de artefatos passaram a ser bastante produtivas, a partir do século XIX, com a grande evolução tecnológica e científica que aí se iniciou, tendo maior progressão no século XX. Os elementos gregos se expressam, geralmente, no processo de afixação (prefixação e sufixação) ou de composição, com bases presas, como são tratadas por Rocha

(1998). Outro processo bastante produtivo no léxico científico é o que é tratado pela tradição gramatical como hibridismo, onde se adjungem bases de línguas diferentes, como conceitua Evanildo Bechara (2007): “formação de palavras com elementos de idiomas diferentes”, ressaltando ainda que “São comuns os hibridismos constituídos da combinação de elemento grego com outro latino ou românico”.

Segundo Antenor Nacentes, nos seu Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (1932), dos 140.000 vocábulos da língua portuguesa, 16.079 são palavras de origem grega, sendo o restante bem representado pelos arcaísmos, provincianismos e exotismos no Brasil, África e Oceânia (40.000) e palavras de origem europeia (2.083), asiática (949), africana (47), americana (102), oceânicas (37), com predominância de palavras de origem latina (80.703). Vale ressaltar que com quase um século depois, a língua tem se apropriado de inúmeros helenismos por via erudita, embora a maioria tenha evoluído para o português por via popular através do latim vulgar, por mediação árabe ou provieram diretamente do grego, por intermédio das línguas românicas, francês, espanhol e italiano.

Embora muito presente na língua cotidiana, a grande parte das raízes gregas encontra-se em vocábulos de carácter científico que se referem a seres, fenômenos ou conceitos científicos da física, química, biologia, farmácia, medicina e cirurgia, geografia, mineralogia, que tem nos tempos modernos desenvolvidos novos termos em consequência de novas criações na ciência e na técnica que apresentam a mesma origem helênica.

Nesse processo, um grande número de unidades morfolexicais, bases e afixos, de origem grega, como por exemplo, *nevr*-algia, *biblio*-teca, *morfo*-logia; a(n)-, *arqui*-, *metá*-, *pará*-, -ia-, -iz, convivem com unidades autóctones, sofrendo alternâncias morfolexicais de natureza morfológica como fonológica, visto tanto numa perspectiva diacrônica como sincrônica. Como essas unidades provindas do grego são, geralmente, formas presas, formam palavras derivadas ou compostos eruditos. Essas formações são acometidas por alomorfias que têm origem na reinterpretação ou reanálise dos constituintes morfolexicais. A esse respeito, exemplifica Joseph (1998, p.353-354), citado por Pereira (2005), que no grego a terminação de genitivo -os (com a variante -es), própria de nomes terminados em -ma, (*ónoma* ‘nome’), sofreu algumas alteração pelo acréscimo de um -t-, que originou um novo alomorfe de genitivo do singular -tos (*onóma*-tos), e se estabeleceu por expansão paradigmática, dando origem formas como *onómati* de dativo do singular. Por um processo de

relexicalização, como é tratado por Joseph (op cit.), esse termo assimila uma forma de base diferente, *onomat-*, voltando-se a reconstituir a terminação de genitivo novamente como *-os* para esta classe de nomes *onomat-os*. Consequentemente, as formas terminadas em *-ma*, no grego, passaram a ter dois alomorfes *onoma* e *onomat-*, sendo mantidas no português, como em *clima*, *aroma*, *dogma*, *drama*, *esquema*, quando usadas como formas autônomas; mas quando usadas como bases de derivação tomam uma forma acrescentada de um *-t-*, respectivamente, *climat-*, *aromat-*, *dogmat-*, *dramat-*, *esquemat-*, etc (PEREIRA, 2005, p.87).

A língua grega percorre longitudinalmente toda a história da língua portuguesa, sobretudo a partir do Renascimento e do Classicismo, por uma forte tendência à imitação da cultura clássica. No vocabulário técnico-científico, ocorre com maior incidência a partir do século XVIII, através do empréstimo de bases não-autônomas, (cf. *oftalm(o)-*, *estomat(o)-*, *log(o/ia)*, *psic(o)-*, *somát(ico)*, *ot(o)-rrin(o)*, *dérm(ico)*, etc.), provenientes diretamente do grego ou por intermédio do latim, como bem fundamenta Cuesta e Luz (1971):

No século XVIII a renovação do vocábulo científico exigida pelo incremento que sofrem nesta época a maior parte das ciências experimentais determina a introdução em português não só de latinismos, mas também de numerosos helenismos. Durante o Renascimento tinha-se dado a entrada por via latina de palavras novas no léxico lusitano. Agora, é a França que adapta à sua ortografia os sons do idioma da Hélada – criando inclusivamente termos novos com elementos soltos existentes nele – para os transmitir logo às outras línguas românicas (CUESTA E LUZ, 1971, p.263).

Fundamenta Pereira (2005) que, além de palavras complexas, afixos e processos lexicogenéticos foram importados do grego, viabilizando a produção de novas palavras que coexistem com as formas já estabelecidas em diversos estados linguísticos, ao longo de vários séculos. Cita como exemplo o sufixo *-os(o/a)*, bastante produtivo em palavras complexas em português ou em produtos com base latina ou latiniforme, como *piloso*, *aquoso*, *arenoso*. Dessa forma, alguns grecismos se cristalizam como fósseis morfofonológicos, uma vez que, diante de outros produtos lexicogenéticos sincrônicos similares, não apresentam o mesmo grau de regularidade ou transparência no que tange à estrutura formal e semântica.

A variação alomórfica, que se dá pela perda parcial ou total da motivação ou transparência morfo-semântica dos itens morfológicamente complexos, comprometendo a análise e interpretação dos respectivos constituintes morfolexicais,

acarreta, com o passar do tempo, a mudança de significado e/ou da forma dos itens lexicais e, conseqüentemente, a perda de previsibilidade a partir da forma da base nos seus constituintes e das regras de formação de palavras que os derivam, ou seja, vão perdendo gradualmente a relação morfo-semântica que os relaciona aos seus constituintes primários. Esse processo lexicogenético denominado lexicalização ou idiomatização ocorre de forma gradativa tanto sincrônico como diacronicamente. Argumenta Joseph (1998) que o percurso diacrônico é caracterizado por um tipo de “erosão” morfofonológica e semântica, tendo como consequência a perda total de motivação ou transparência morfo-semântica, uma vez que com as mudanças no significante, algumas formas lexicais omitem a sua relação com outras em um estado mais antigo da língua. Muitos itens lexicais antes relacionados ou relacionáveis derivacionalmente perderam qualquer traço de conexão, exceto para os falantes que aprenderam secundariamente o conhecimento dessa relação (Joseph 1998, p. 356-357). Nessa perspectiva, fundamenta Kastovsky (1982):

Lexicalization is obviously a gradual phenomenon, both diachronically and synchronically. Diachronically, a word-formation syntagma may gradually progress further and further towards total idiomatization. Synchronically, word-formation, in general, is characterized by the fact that there is a scale, reaching from total motivation (...) via progressive idiomatization (...) to complete loss of motivation (...). Each word-formation syntagma is located somewhere along this scale, and only those located at the totally motivated end can be explained exclusively on the basis of the meanings of their constituents and the underlying pattern. And even among these patterns, one will probably have to distinguish degrees of semantic transparency [...] (KASTOVSKY, 1982, p. 190-191).¹

A influência do grego presente no percurso diacrônico do português manifesta-se na formação de novas palavras através de elementos gramaticais, como constituintes morfolexicais (bases e afixos) e paradigmas lexicogenéticos, fixando-se na sincronia atual como bases autóctones ou como bases importadas, entre as quais se estabelecem relações de distribuição morfológica complementar, onde as

¹ A lexicalização é obviamente um fenômeno gradual, tanto diacronicamente quanto sincronicamente. Diacronicamente, um sintagma de formação de palavras pode progredir gradualmente mais e mais em direção à idiomatização total. Sincronicamente, a formação de palavras, em geral, é caracterizada pelo fato de haver uma escala, que vai desde a motivação total (...) passando pela idiomatização progressiva (...) até a perda total da motivação (...). Cada sintagma de formação de palavras está localizado em algum lugar ao longo dessa escala, e apenas aqueles localizados na extremidade totalmente motivada podem ser explicados exclusivamente com base nos significados de seus constituintes e no padrão subjacente. E mesmo entre esses padrões, provavelmente será necessário distinguir graus de transparência semântica [...] (Kastovsky 1982: 190-191).

variantes [+eruditas] são ativadas em processos de afixação ou composição.

Dessa forma, algumas palavras possuem duas ou mais formas alomórficas: uma forma vulgar, nativa ou autóctone, resultante do processo natural de evolução linguística, e uma ou mais formas eruditas, não-nativas, tomadas de empréstimo de outras línguas, principalmente do grego e do latim (ex. *mão/manual*, *ouro/áureo*, *mês/mensal*, *fogo/ígneo*, *pedra/sáxio*, *prata/argênteo*, etc.) (PEREIRA, 2005).

Esses alomorfes são, portanto, variantes sincrônicas que encapsulam a variação diacrônica fonológica e/ou morfológica sofrida por essas palavras durante o seu percurso histórico ou exibem a relação entre elementos autóctones com outros elementos sinônimos que entraram na língua como empréstimos de outras línguas.

2.3 ORGANIZAÇÃO DAS FORMAÇÕES NEOCLÁSSICAS: UMA DISCUSSÃO SOBRE A CATEGORIZAÇÃO DOS CONSTITUINTES GREGOS NO PORTUGUÊS

O vocabulário técnico-científico sedia formações neoclássicas com bases presas do Grego, recorrentes em muitas línguas europeias, notadamente nas formas que caracterizam um vocabulário universal técnico-científico, cujos elementos constitutivos pertencem a diversos estatutos, como radicais, afixos ou fósseis linguísticos, que assumem diversas posições no interior do vocábulo, atendendo a restrições combinatórias. Segundo Lüdeling (2009) o que caracteriza uma palavra ou um elemento neoclássico não é simplesmente ter etimologia latina ou grega, mas que sejam utilizados nas estruturas morfológicas de uma língua sem que sejam totalmente assimilados por ela (CORBIN, 2001). Esse processo tomou grande produtividade nos séculos XVII e XVIII, principalmente, com um movimento de retomada do latim como língua franca e com a evolução das ciências, nos séculos XIX e XX, que fomentou o desenvolvimento da terminologia “que combina elementos clássicos para nomear entidades que facilitem a internacionalização conceptual e temática entre instituições e especialistas de diferentes países” (CONTENTE, 2008, p.32).

Nesse sentido, endossa Ralli (2010, p.03) que internacionalismo refere-se à “descrição pragmática de palavras morfofonologicamente semelhantes em diferentes línguas, que, formadas com elementos do grego e do latim, expressam o mesmo conceito”.

Tomaszewicz (2008) elege como questões fundamentais para análise morfológica, o *status* dos elementos neoclássicos, a natureza de sua combinação e a questão da produtividade. No território da composição neoclássica, se instaura uma controvérsia quanto à incorporação do sistema de formação de palavras pelas línguas receptoras, uma vez que, constituindo um novo modelo no interior do sistema, provindo de relações históricas, pode se estabelecer como fenômeno marginal ou como um mecanismo produtivo para a criação de vocabulário na língua comum e na linguagem técnico-científica.

O estudo da composição neoclássica tem se evidenciado nas últimas décadas pela motivação das relevantes pesquisas sobre as fronteiras das operações morfológicas (Bauer, 2005; Booij, 2010).

Analisa Bauer(2005) que a própria terminologia denuncia a dificuldade de categorizar as formas, visto que se inserem em um território árido que abriga a fronteira entre radical e afixo (Bauer,2005). Esses elementos assumem comportamentos eventuais no processo de composição, enquanto raízes neoclássicas ou raízes de fronteiras, ou no processo de derivação como afixos, confixos, afíxides, ou ainda papéis mais neutros, como formas combinatórias ou arqueoconstituintes.

Cunha & Cintra (1985) diferenciam os radicais neoclássicos e pseudoprefixos a partir da análise de que aqueles apresentam uma “deriva semântica”, evidenciada no processamento da recomposição, quando “os elementos ingressam em outras formações com sentido diverso do etimológico” (CUNHA e CINTRA, 1985,p.112). Embora os radicais adquiram nova carga semântica, mantêm o sentido global dos vocábulos de que antes eram constituintes, sendo empregado com o significado etimológico em numerosas construções morfológicas do português. Para Martinet (1979) a deriva semântica consiste em um processo de recomposição, uma vez que não se enquadra como processo de composição, muito menos de derivação. Segundo Cunha e Cintra(1985, p 113), o que se observa é que alguns radicais apresentam um relevante grau de independência, possuem uma significação definida que, assimilada pelo falante, constroi um significado do todo a que pertence como um conceito complexo, configurando-se, dessa forma, como um sintagma, e apresentam menor produtividade que os prefixos propriamente ditos. Com essa percepção, os autores tratam a recomposição contemplada pela composição,

entendendo que constitui “mecanismo formador de novas palavras em que apenas uma parte do composto passa a valer pelo todo e depois se liga a outra base, produzindo uma nova composição”(CUNHA e CINTRA, 1985, p.113).

Nessa mesma linhagem, Monteiro (2002, p. 191) analisa que radicais como *auto-*, *tele-* e *foto-* não mantêm mais os seus significados etimológicos “de/por si próprio”, “ao longe” e “luz, radiação magnética”, respectivamente, uma vez que esses radicais veiculam o significado dos compostos neoclássicos *automóvel*, *televisão/telefone* e *fotografia* e, ao se unirem a outras bases, formam, por exemplo, *autódromo* (lugar de corrida de carros); *telecine* (filmes de cinema exibidos pela televisão) e *fotomontagem*, (montagem feita de fotografias). Fundamenta o autor que a formação *autódromo* se relaciona semanticamente com *automóvel*, não mais com o elemento grego *auto-* que aparece em exemplos como *autorretrato* e *autodidata*, veiculando a ideia “de/por si próprio” (MONTEIRO, 2002, p. 192).

No âmbito da terminologia técnico-científica são encontrados termos desconhecidos pelos falantes, uma vez que são unidades morfológicas utilizadas em um domínio de especialidade e empregadas em situações de comunicação somente pelos especialistas. Nesse sentido, analisa Cano (1998) que os termos técnico-científicos podem migrar para a linguagem cotidiana, principalmente através dos meios de comunicação em massa, resultando em mudança ou extensão de sentido, o que ela denomina de “vulgarização lexical”. Argumenta a autora que “quando o termo passa para a língua geral, pode adquirir vários outros significados que se juntam ao significado original ou o substituem”. Nesse mesmo território, Gonçalves (2011.b,p.15) entende que no processo de recomposição “parte de uma palavra complexa é encurtada e adquire novo significado especializado ao se adjungir sistematicamente a formas com livre curso na língua”; por isso, defende que, por conta do comportamento multifuncional dos compostos neoclássicos, torna-se inviável sua classificação em uma categoria própria.

Oliveira e Gonçalves (2011, p.180) endossam que a recomposição é o processo pelo qual há o encurtamento de uma palavra, outrora um composto neoclássico, em que o arqueoconstituente, nos termos de Corbin (2000), adquire o significado do composto erudito com alta relevância cultural. Adjungindo-se a uma forma livre da língua, o radical encurtado e desprendido do seu sentido etimológico, forma uma nova palavra, com menos teor formal, através da evocação a uma palavra tomada como referência.

Em Morfologia, o termo neoclássico remete à composição com bases gregas e latinas, a exemplo das que ocorre no internacionalismo, o qual, segundo Ralli (2010, p. 03), é a “descrição pragmática de palavras morfofonologicamente semelhantes em diferentes línguas, que, formadas com elementos do grego e do latim, expressam o mesmo conceito”, como bem exemplifica Cano (1998) que um pseudoprefixo, radical neoclássico ressemantizado, como tele-, “não exerce a função de preposição nem de advérbio próprias do prefixo e também não se enquadra entre os radicais em razão da deriva semântica e da alta produtividade”.

Nesta perspectiva, instauram-se as implicações das diversas designações para os elementos constituintes dessas formações.

Quando tomamos a categorização de afixos de Bauer (1979) e Williams (1981), os nomeamos de prefixos, elementos como micro-, aero-, odonto-, auto- e hidro-, e sufixos, elementos como -grafo, -logo, -crata e -pata. Ao tomarmos a designação de ten Hacken (1994) e Baeskow (2004), que categoriza como raiz presa, se instaura novos elementos afixais que se adjungem com algumas dessas raízes de forma frequente e sistemática, sofrendo alomorfias e provocando alomorfias naquelas. Outra possibilidade é concebê-las como formas combinatórias(*combiningform*) que também ocupam posições iniciais ou finais, dicotomizando, também, em dois grupos de formas combinatórias, as iniciais e as finais, que evidenciam, por sua vez, serem possuidores de restrições contextuais, assemelhando-se, assim, aos prefixos e sufixos, que são definidos pela posição pre-determinada na estrutura da palavra.

Nesse diapasão, Petropoulou (2009) relaciona diversas críticas formuladas por teóricos sobre as respectivas designações. No que tange à designação de afixos, formulou-se um pertinente argumento de que, um mesmo elemento não poderia assumir a posição prefixal e sufixal, dependendo da palavra, como é observado por Scalise (1984), ao apontar que muitos deles aparecem tanto na posição inicial quanto na posição final, como se pode constatar nos pares:

fonética/telefonía
democrata/epidemia
falópode/microcéfalo
morfologia/metamorfo
filósofo/pedofilia

grafotécnico/caligrafia
morfologia/metamorfo
filósofo/pedofilia
grafotécnico/caligrafia
cronômetro/anacrônico
poliglota/glottologia
antropônimo/filantropia

Outro argumento que faz contrariar essa categorização é que se são afixos, deveriam sempre anteceder ou suceder a um radical, pois são elementos que se adjungem à uma base para construir a palavra; e não assumirem a condição de base, como na palavra biógrafo, onde os afixos *bio-* e *-grafo* se adjungem sem a presença de um radical, sendo eles mesmos as bases de formação da palavra. Além do mais, que esses elementos recebem outros sufixos, como em biografia, *bio-*, *-grafo*, *-ia*. Scalise (1984) intervém com um argumento de relevante consistência ao comprovar que esses elementos têm maior densidade semântica que um afixo mais prototípico, colocando-os numa diferente categoria de entidades morfológicas (SCALISE, 1984).

Martinet (1979, p.143) propõe a denominação de confixos, para esses “elementos que gradualmente adquirem característica de afixo, mas, em decorrência da oscilação posicional, formam uma categoria à parte”. Argumenta, Gonçalves(2011) que o inconveniente para essa categorização é que a maioria dos formativos de origem clássica não apresentam mobilidade posicional, aparecendo sempre numa borda pré-determinada na estrutura da palavra, o que parece, assim, uma categorização desnecessária e de pouca aplicabilidade nos estudos morfológicos.

Por fim, o termo forma combinatória que, de acordo com Kastovsky (2009, p.02), foi amplamente utilizado na literatura morfológica nas últimas décadas do século passado, com possível origem no *Oxford English Dictionary*, para “nomear parte de empréstimos do grego e do latim ou formações do inglês que não se utilizam propriamente de palavras nem são identificáveis facilmente com afixos”; ou seja, é usado para contemplar formas encontradas em diferentes posições, como ‘antropo’ (‘filantropia’; ‘antropólogo’); porções fonológicas oriundas de encurtamentos (*clippings*), como euro- e choco-; e itens morfológicos resultantes de mesclas lexicais, como desconfiômetro, biocombustível, geodiversidade. Lehrer (1998) considera a terminologia adequada para a situação dos compostos

neoclássicos, já que regularmente aparecem não apenas em combinações entre si, mas também com formas nativas livres.

Notável também é a apreciação feita por Giannouloupoulou (2000), baseando-se na abordagem de Jespersen (1925), que, em grego moderno, vários radicais eruditos do grego clássico foram perdendo o estatuto de lexemas e progressivamente assumindo comportamento de afixos, quando parte de uma palavra complexa é encurtada e adquire novo significado especializado ao se adjungir sistematicamente a formas com livre-curso na língua. O autor trata também das formas iniciais e finais de combinação do grego moderno, denominando-os de confixo, participando, dessa forma, do processo de derivação e não de composição.

No Português, os elementos neoclássicos aparecem tanto em combinações entre si quanto com formas nativas, assim como ocorre no inglês, o que inviabilizaria a classificação dos compostos neoclássicos em uma única categoria. Nesse sentido, reforça Petropoulou (2009), que esse tipo de formação contempla problemas da mesma natureza, como aparecer nos limites entre palavras nativas e não nativas, em formas simples e complexas e em formas abreviadas e não abreviadas.

Diante das discussões teóricas, Gonçalves (2011) em consonância com teóricos como Ralli (2010) e Kastovsky (2009), considera inoportuno tratar os compostos neoclássicos da mesma forma que os *slimpters*, embora apresentem semelhanças em alguns aspectos, mas apresentam diferenças semânticas e formais, já que *splinters* são pedaços de palavras utilizados com fins lexicais e geralmente resultam de processos de fusão vocabular, decorrente de cruzamentos ou substituições sublexicais, como ocorre no português do Brasil, em *-trocínio*, *-asta* e *-lândia*, que aparecem em várias formações do tipo *mãetrocínio*, *titrocínio*; *madrasta*, *cineasta*, *videasta*; *brizolândia*, *cracolândia* e *empregolândia*, atualizando o significado de *patrocínado por*, *produzido por*, e *lugar*, respectivamente.

Adverte Gonçalves (2011) que nivelar os constituintes da composição neoclássica com os provenientes de encurtamentos ou fusões lexicais torna-se uma conduta inconsistente pelo fato de que os formativos considerados eruditos nem sempre aparecem em novas formações evocando o significado

das formas de onde se originaram, como acontece com a recomposição e o cruzamento vocabular, como se pode observar nos exemplos de encurtamento, como *chocolícia*, *chocomania*; *eurocopa*, *euroturismo*; *moto-táxi*, *moto-ladrão*; e de cruzamento vocabulares, como *mãetrocinio*, *sorvetone*, *iogurtone*, *sacolê* e *sucolé*, cujos significados das formas novas evocam o da construção de origem, apresentando maior grau de dependência das formas plenas de origem, atualizando seus significados lexicais. Já em situações como *olhômetro*, *impostômetro*, *tiotrocínio*, *bodódromo*, *fumódromo*, *mulherólogo*, *achólogo*, os elementos da margem direita apresentam significados mais genéricos, cuja interpretação do produto independe da vinculação à palavra-matriz específica.

Petropoulou (2009) e Ralli (2010) argumentam que ao se considerar de maneira generalista como formas combinatórias, estar-se desconsiderando as características específicas das palavras formadas com elementos de línguas clássicas, as quais podem constituir uma classe própria, denominada de compostos. Adotada essa classificação, as autoras os denominam de constituintes de *raízes de fronteira*, fundando-se no argumento de que, no grego moderno, tais elementos de fato formam compostos.

Tendo em vista que os compostos neoclássicos são estruturados a partir de bases de origem greco-latina que, geralmente, não aparecem como elementos livres na língua tomadora, apresentam as seguintes propriedades:

- a) Lexematicidade na língua de origem: no grego ou no latim, as formas que eram geralmente lexemas livres, recebendo, inclusive, marcas flexionais, passam para as línguas formadoras como formas presas, ou seja, sem livre-curso (Petropoulou, 2009);
- b) Ausência de realização sintática na língua-alvo: nas línguas modernas, como no português, inglês, francês, alemão etc, essas formas tendem a funcionar apenas como elementos morfológicos, não correspondendo a palavras (Ralli, 2010);
- c) Formação de vocabulário específico: as formas complexas em que aparecem pertencem a um vocabulário formalmente aprendido, usado em campos científicos ou técnicos, como a medicina, *laparoscopia*, *eletroencefalograma*, *hematócrito*; a biologia *omnívoro*, *zootécnico*, *micróbio*, *protozoário*, a geografia *litosfera*, *monolítico* e a física *barômetro*, *eletromagnético*, entre tantos outros (Bauer, 1988);
- d) Atualização de significado concreto: “carregam um significado concreto, em comparação com os sufixos que têm papel mais funcional (categorial ou relacional), ou possuem significado mais abstrato” (Ralli, 2010),

comportando-se, pela natureza do significado, “mais como morfemas lexicais que como morfemas gramaticais” (Ralli, 2010, p.11).

e) Presença de uma vogal de ligação entre os componentes: geralmente, os compostos neoclássicos apresentam vogal de ligação entre seus constituintes (Corbin, 2001; Scalise, 1984; Bauer, 1998). A vogal -i- está relacionada às formas oriundas do latim, como *fungicida* e *herbívoro*, e a vogal -o-, às formas provenientes do grego, como *cosmonauta* e *biblioteca*.

Observa Gonçalves (2011) que em uma fronteira morfológica do tipo /...C_F+C_I.../, onde C representa consoante e F e I, final e inicial, respectivamente, é sistemática a presença de uma vogal, o que é considerada, pela maior parte dos estudiosos (Kehdi, 1989; Sandmann, 1989; Laroca, 1994), uma espécie de “cola morfológica” entre as duas bases. Em português, a vogal de ligação -o- é bem mais comum que -i-, por aparecer, em hibridismos, quando um dos componentes é de origem grega, a exemplo de *equofagia* (latim + grego, “ato de comer cavalos”) e *agronomia* (latim + grego, “ciência que pesquisa elementos agrícolas”) (GONÇALVES, 2011).

Bauer (1998) acrescenta que o comportamento dos radicais gregos e latinos não são uniformes dentro de uma mesma língua, configurando uma espécie de gradação entre a esfera da composição ou da derivação.

Especificamente no português, os radicais gregos e latinos, baseando-se nas gramáticas brasileiras de Cunha (1975), Cunha & Cintra (1985), Luft (1979) e Bechara (2000) não diferenciam a composição vernácula da neoclássica, mas é relevante o número de radicais eruditos utilizados na formação de compostos. No seu estudo sobre o estatuto morfológico de formativos gregos, mais especificamente *-logo*, *-latra*, *-grafo*, *-metro* e *-dromo*, Gonçalves (2011) resgata a tradição gramatical para endossar a postura de que o processo de formação de palavra utilizado é a composição. De acordo com Cunha e Cintra (1985, p.107-110), as palavras formadas com esses elementos gregos são composições eruditas constituídas por duas bases através de um processo morfossintático e que, no caso desses elementos, ocorrem geralmente na segunda posição. Na mesma linhagem, Campos (1935) mostra que a nomenclatura científica, técnica e literária é basicamente constituída de palavras formadas pelo modelo de composição greco-latina, no qual o primeiro radical é determinante do segundo que, por sua vez, são cabeças lexicais, como em *pneumólogo*, *geógrafo*, *hipnólatra*, *hipódromo*, *cronômetro*.

De acordo com Gonçalves (2011) encontram-se nas gramáticas clássicas do português cerca de 130 radicais de origem grega e 80 de origem latina, com natureza diferente e com variados graus de incorporação ao sistema morfológico da língua.

Nesse sentido, Almeida (2010) e Faria (2011) verifica que, em português, a composição prototípica, de base livre, tem, quase categoricamente, núcleo à esquerda, seja no padrão N+N (*bolsa-escola*, *sapo-boi*) ou nos padrões N+A (criado- mudo, secretária-eletrônica), V+N (*porta-celular*, *guarda-roupa*) e N-de-N (*bolsa-de- estudos*, *copo-de-leite*).

Baseando-se em Bauer (1988), os radicais gregos são divididos em dois grandes conjuntos: o de elementos que se fixaram na primeira posição e o de formas que ocorrem predominantemente na segunda posição, embora alguns desses possam se comportar como confixos, na acepção dada por Martinet (1979).

1ª posição	antropo; cromo; crono; datilo; deca; acro; aero; agro; andro; arqueio; astro; auto; biblio; bio; caco; cardio; cito; cosmo; cefalo; demo; dermatio; di; eco; etno; etio; fisio; foto; fono; gastro; geo; gene; gineco; helio; hemo; hepato; hetero; hidro; hipno; hipo; homo; icono; iso; megalo; mono; morfo; necro; neo; neuro; odonto; oftalmo; orto; oto; paleo; pneumo; proto; pseudo; psico; quiro; rino; rizo; sismo; tecno; tele; teo; termo; topo; xeno; zoo.
2ª posição	agogo; arqu(ia); crac(ia); dromo; fago; filo; fono; fobo; gamo; grafo; latra; logo; manc(ia); metro; nimo; nomo; pata; ped(ia); pole(is); scopio; sofo; teca.

Adequação do quadro apresentado por Gonçalves (2011)

Analisa Gonçalves (2011) que os elementos de 1ª posição, quando combinados com palavras, aparecem em estruturas de recomposição, a qual se entende como o mecanismo pelo qual se cria um composto a partir do truncamento de outro, que, por sua vez, assimila o significado do composto de base presa de onde se desgarrou. Esses elementos são também utilizados sozinhos em referência a todo o composto de onde foram extraídos, adquirindo,

com isso, estatuto de palavra, sendo passível da flexão de número, como nas construções: Ele fez dois eletros na mesma clínica; Meu sobrinho faz odonto; Comprei dois *micros*; Tem dois *oftalmos na cidade que são excelentes*; Ela fez duas *ultras antes da cirurgia*; No Departamento só tem três *retros*. Diante das análises, Gonçalves (2011) faz a seguinte constatação:

(...) Dessa relação, constam formas que (a) sofrem *clipping* (eletro-,oftalmo-) e, com isso, ganham estatuto de palavra, (b) se especializam semanticamente e constroem recompostos (homo-, eco-), (c) apenas se combinam com outras formas presas(cismo-,cito-,caco),aparecendo em palavras mais antigas (empréstimos) e de estruturação interna com maior opacidade ('cismógrafo', 'citoplasma','cacoépia').Outras, no entanto,podem se combinar com palavras, preservando o significado etimológico(...) (GONÇALVES, 2011.p.20).

Encontramos ainda formações recompostas a partir dos truncamentos que, constituindo palavras, numa relação de metonímia formal, adquire o significado do composto original e atualiza o conteúdo especializado, já bastante diferenciado do etimológico, na combinação com palavras, o que foi denominado de compactação ou zipagem, que corresponde ao termo inglês, usado por Warren (1990), *secretion*. (Gonçalves,2011). O autor toma como exemplo o elemento *foto-* em formações como '*foto-montagem*' e '*foto-novela*'que, tendo como referência *fotografia*, não atualiza o primeiro sentido de "luz","radiação magnética"(GONÇALVES, 2011).

No que tange aos elementos de segunda posição, o autor evidencia a presença de formas fossilizadas, como *-agogo* (*pedagogo,demagogo*), *-nomo*(*agrônomo,autônomo*);*fero*(*calorífero,odorífero*); *cola*(*agrícola,silvícola*) e *-fico*(*maléfico, benéfico*), que aparecem num pequeno número de palavras importadas, e outras em formações relativamente recentes, a exemplo de *-cida*, *-teca* e *-voro*, como em *germicida, inseticida, raticida, baraticida, biblioteca, cedeoteca, discoteca, fototeca, herbívoro, carnívoro, frutívoro* etc (GONÇALVES, 2011).

Observa, porém, Gonçalves (2011) que muitas das formas encontradas nas gramáticas são basicamente utilizadas em construções derivadas, não estruturando, pois, formações compostas, como em: *beli* (*bélico, belicista*); *frig(i)* (*frigidez, frigorífico*); *genito* (*genitor*); *igni* (*ignição, ígneo*); *frater* (*fraterno, fratricida*); *ocul(i)* (*oculista, oculiforme*); *popul(o)*(*populoso, populismo*); *sacar*

(*sacarose, sacarina*); *telur* (*telúrico, telurismo*). Alguns autores de diferentes correntes teóricas como Goés(1937), Bueno(1988), Sandmann(1989) e Monteiro(1989) analisam que esses elementos se comportam como prefixos, em formações do tipo: *bi*(*bisavô*); *mini*(*minissaia*); *multi*(*multissecular*); *pluri*(*pluricelular*); *vice*(*vicepresidente*); *macro*(*macrobiótica*); *poli*(*poligamia*); *micro*(*microcomputador*); *mega*(*megaevento*).

Cunha e Cintra (1985) faz também alusão ao critério posição, quando distingue os formativos *metro-*, *grafo-* e *logo-*, que aparecem à esquerda, de *-dromo* e *-latra*, que aparecem à direita, como em *métrico*, *grafema* e *lógico*; e *autódromo* e *alcóolatra*.

A análise de Gonçalves (2011) leva ao entendimento de que essas formações apresentam propriedades típicas da derivação, pelo fato de a cabeça lexical sempre figurar à direita, notadamente, *-logo*, *-latra* e *-dromo*, que são, naturalmente, formas presas, caracterizando a derivação. No entanto, o formativo *-metro-*, que pode ocupar a primeira e a segunda posição, como em *metrificar* e *parâmetro*, corresponde a uma palavra, o substantivo ‘metro’ “unidade de medida” tendo, por isso mesmo, estatuto maior de lexema (GONÇALVES, 2011).

Dessa forma, a posição da cabeça parece, *a priori*, definir os casos mais gerais de derivação no português; mas a questão não se encerra por aqui, uma vez que a complexidade das estruturas e dos processos de funcionamento inviabiliza, pois, uma assentada terminológica simplista, que contemple toda diversidade de fenômenos envolvidos.

Em meio a esse conflito teórico, alguns autores se apropriam da ideia de gramaticalização para justificar o fato de alguns afixos assumirem a condição de radical, evidenciando uma mudança do estatuto morfológico, como Iorgu & Manoliu (1980), Joseph (1998) e Amiot e Dal (2007) que, apoiando-se em argumentos históricos, mostram a ocorrência de “sufixo” aparecendo na posição de radical, como em *metragem*, *logomania* e *grafema*.

Com uma análise totalmente contrária a esses argumentos, Ralli (2007, 2008, 2010) evidencia propriedades formais e funcionais que inviabiliza um olhar sobre esses itens como sufixos, ao constatar que, em grego, formas como *-logo* e *-grafo*: servem como bases para palavras derivadas prefixadas, como nos

exemplos citados pelo próprio autor: *ipo-loyos* ('responsável por suas ações') e *iper-maxos* ('defensor'), sendo, portanto, radicais. Outra propriedade é que esses elementos carregam um significado concreto, em comparação com os sufixos propriamente ditos, que têm papel mais funcional (categorial ou relacional) ou possuem significado mais abstrato (Ralli, 2008,p.156); e, ainda que, ao contrário dos sufixos, carregam informação de valência, trazendo, assim, informações peculiares a complementos de verbos; o que lhes confere a estrutura de argumento para suas construções, herdada da base verbal subjacente" (Ralli, 2008,p.157); ou seja, nas construções que formam, a margem esquerda nominal serve como complemento do verbo.

Com a mesma concepção, Pretropoulou (2009) verifica que nas palavras em que aparecem são identificadas pelo elemento de *ligação* -o-, que constitui indicador de composto em grego moderno, bem como pela recursividade que apresentam em suas estruturas, como em, *[[kinoni]-o[yloss-o-loyos]]* ("sociolinguista"),sendo essa última uma característica comum dos compostos em grego (Ralli, 2008,p.158; Petropoulou,2009,p.44). Nesse sentido, fundamenta Petropoulou (2009,p.44) que a vogal não é considerada como um elemento de ligação, não fazendo parte de nenhum dos componentes. Acrescenta que no grego clássico, "esse segmento correspondia a uma vogal temática, que, mais tarde, evoluiu para marcador de compostos neoclássicos e de compostos, em geral" (PETROPOLOU,2009,p. 46).

Na tentativa de aplicar ao português as propriedades do grego, apresentadas por Ralli (2008), Gonçalves (2011) analisa que todas parecem inaplicáveis, uma vez que as formas portuguesas, por serem presas, de modo algum se combinam com prefixos (**indromo,*relatra*); bem como, não há, em nossa língua, um formativo que explicitamente funcione como índice de composição como um todo,seja ela de base livre ou presa, o que desestabiliza o argumento quanto à recursividade da vogal de ligação, pois não são muito comuns compostos neoclássicos constituídos por mais de duas bases,como *oto-rino-laringo-log-ista,neuro-fisio-logia e sócio-psico-lingu-ista*, embora a vogal -o- sempre apareça (Gonçalves, 2011). Diante dos argumentos que enfraquecem a hipótese da recursividade da vogal, no português, outras análises se estabelecem para analisar a pertinência da vogal de ligação a um ou outro

radical.

Os trabalhos de Bauer (1983; 1988; 1998) sugerem que essa vogal pertença ao radical mais à esquerda, por sempre aparecer em processos de *clipping*, como ocorre sempre no português, onde essa vogal sempre se atualiza no truncamento, como se vê em *foto(grafia)*, *cardio(logista)*, *pólio(mielite)*, *video(cassete)*, *gastro(enterologista)*, *hetero(sexual)*, *homo(sexual)*, *psico(logia)*, *eletro(doméstico)*, *gineco(logista)*, *oftalmo(logista)*, *micro(ondas)*, *quilo(grama)*, *auto(móvel)*, *fono(audiologia)* (BELCHOR, 2009). Além da ocorrência da vogal nos truncamentos, é observado ainda a ocorrência de -o- nas formações híbridas formadas por formas nativas livres e radicais presos de origem clássica, o que é uma marca peculiar dessas ocorrências em português, onde o -o- ocorre entre as duas bases: *ovniologia*, *cartografia*, *bacteriometria*, *umbandolatria*.

Analisa Gonçalves (2011) que com a situação encontrada nas formações híbridas, a vogal parece não pertencer à primeira base, mas simplesmente uma vogal de ligação, como nos compostos neoclássicos, ou que possam pertencer ao segundo elemento. Buscando uma resposta ao questionamento, Sandmann(1989) analisa os compostos copulativos que formam adjetivos a partir de bases livres não encurtada e traça a relação de coordenação ou adjunção simétrica, como é tratada por Villalva (2000). Assim, comprova que é sistemático o uso de -o- na primeira palavra, mesmo que a segunda sofra flexão de gênero e/ou número, como mostra nos exemplos: *(aspectos)léxicos-gramaticias*; *(ações)médico-hospitalar*; *(intervenções) clínico-cirúrgicas*; *(metas)político-partidárias*; *(experiências) físico-químicas*. (SANDMANN, 1989).

Os critérios estabelecidos por Kastovsky (2009) para diferenciar afixos de radicais e formas combinatórias baseiam-se nos seguintes parâmetros empregados por Préié (2008): expansão de inventários²; forma distinta³;

² O critério de expansão de inventários fundamenta a ideia de que afixos pertencem a um conjunto (relativamente) fechado de unidades gramaticais e, em decorrência, novos elementos raramente são admitidos; formas combinatórias, ao contrário, pertencem a um conjunto (relativamente) aberto de unidades léxico-gramaticais e, por isso mesmo, novos itens são admitidos.

³ O critério forma distinta coloca como elemento diferenciador entre os afixos e as formas combinatórias que os afixos apresentam formas fonéticas diferentes, enquanto Formas Combinatórias, dependendo da análise, terminam ('astro', 'bio') ou iniciam num mesmo segmento ('ólogo', 'ódromo', 'ólatra') (Préié, 2008: 320).

restrições de co-ocorrência⁴; função sintática⁵; relação cabeça-modificador⁶; natureza do significado⁷; padrão morfossemântico e produtividade⁸.

A literatura analisada constata que os compostos neoclássicos em português não sintetizam uma classe homogênea de elementos morfológicos, pois, como vimos, os formativos de origem clássica não apresentam as mesmas limitações posicionais; uns assumem somente a posição inicial, outros, somente a posição final e outros, as duas posições. Isso nos leva a darmos tratamento diferenciado, uma vez que participam de estatutos diferentes. É relevante considerar que as composições neoclássicas sofrem variação de língua para língua de acordo com o modelo de análise utilizado ou os critérios considerados, como a natureza dos elementos, suas possibilidades de posição, tipo de significado que assimilam, quer seja lexical ou gramatical, suas propriedades fonológicas e suas restrições de combinação.

A instabilidade posicional dos elementos nas formações neoclássicas, segundo Amiot & Dal (2007) leva a analisá-los enquanto afixos, radicais, radicais ou afixos, dependendo da situação, ou nem um nem outro.

Scalise (1984) distingue os afixos dos elementos neoclássicos, tratando-os como radicais de fronteiras; já Corbin (2001) considera-os arqueoconstituintes e baseia-se em critério semântico, diferenciando o significado descritivo destes em oposição ao sentido de instrução expresso pelos afixos, uma vez que são operadores.

Com uma visão totalmente diferente, Warren (1990) entende que a composição com formas gregas e latinas não envolve radicais porque os

⁴ O critério de restrições de co-ocorrência, que toma como referência o tipo de constituinte morfológico que se combina com o elemento em análise, favorece o entendimento de que todas seriam sufixos, uma vez que se adjungem, do mesmo modo que sufixos ditos legítimos, tanto a formas com livre-curso ('impostômetro', 'sapatólatra'; 'faringite', 'preguicite') quanto a radicais presos ('cronômetro', 'termômetro'; 'bursite', 'otite') (GONÇALVES, 2011).

⁵⁻⁶ Os critérios de função sintática e relação cabeça-modificador se referem ao tipo de relação que se estabelece entre os constituintes núcleo(cabeça/*determinatum*) e subordinado (modificador/ determinante). Dessa forma, elementos como -logo, -grafo, -metro, -latra e -dromo são cabeças das construções que participam, uma vez que determinam tanto o gênero quanto a categoria lexical do produto, sendo, assim, interpretados como sufixos.

⁷ O critério natureza do significado leva à análise da densidade semântica dos elementos morfológicos, constatando que os afixos têm, em geral, significados menos densos, enquanto FCs e radicais, segundo Préié (2008: 322), são "semanticamente mais ricos, quaisquer que sejam seus significados".

⁸ O critério densidade semântica apontado por Préié (2008) tem significativa contribuição para distinguir prefixos de sufixos ou de formas combinatórias, mas para a distinção entre sufixos e formas combinatórias parece não ser tão suficiente, uma vez que os sufixos expressam significados que vão desde os que mudam classes e pouco contribuem para o significado da forma resultante até os que veiculam noções bastante especializadas.

constituintes não correspondem a palavras, muito embora tanto radicais quanto elementos neoclássicos tenham conteúdo lexical. Ele considera que a composição neoclássica opera com formativos irreduzíveis a categorias de outros sistemas de formação de palavras. Por sua vez, Amiot e Dal (2007) sugerem que, para tratar da relação entre a composição neoclássica e a composição nativa, deve-se levar em consideração o fato de os compostos neoclássicos terem propriedades formais (combinatórias e fonológicas, como a presença da vogal de ligação entre os dois elementos) que os distinguem dos outros tipos de compostos, bem como evidenciar as semelhanças com outros compostos ou com outros processos de formação de palavra a exemplo do cruzamento vocabular, do truncamento e da recomposição, como elucidados nos trabalhos de Bauer (1998), Iacobini (2004) ou Lüdeling *et al.* (2002) .

A esse respeito, constata Ralli (2010, p.5) que, no grego moderno, “radicais de fronteira obedecem a uma série de restrições que não afetam os compostos regulares”.

Bauer (1998, p.419-420) considera composição neoclássica como o termo para demarcar “uma subdivisão relativamente (mas não completamente) arbitrária da esfera da criação de palavras e deve ser visto como um protótipo”. Para ele a criação de palavras é um território tridimensional, cujos parâmetros de análise se instauram na pertença ao léxico patrimonial (nativo *versus* estrangeiro), no tipo de formação (simples / composta / derivada) e nos graus de encurtamento (plena / encurtada).

Diferentemente de Lüdeling *et al.* (2002, p.253) que concebem como um *continuum* a relação entre os compostos neoclássicos e os compostos nativos, “porque não há propriedades fonológicas nem diferenças na combinabilidade ou na produtividade desses elementos que possam ser usadas para distingui-los de formas nativas”. Ralli (2010) enxerga um *continuum* nas categorias morfológicas – afixos, radicais e palavras, determinado por propriedades como a natureza do significado e a dependência estrutural do constituinte. Para ela, afixos e palavras ocupam os dois polos, que são intermediados por radicais e radicais fronteira que, por sua vez, ocupam a posição entre os radicais e afixos. Nesse *continuum* as categorias compartilham semelhanças, como, por exemplo, o fato de afixos e radicais de fronteira serem formas presas.

A problemática de relevância para Kastovsky (2009, p.11) é a demarcação entre a composição e a afixação que, segundo ele, “não parece existir

sincronicamente” e, dessa forma, desconsidera a categoria de forma combinatória, elegendo suficientes para a análise das formações de palavras, apenas as categorias de palavra, radical, afixo, afixoide, truncamento e *blend*.

Com essa concepção, Kastovsky (2009, p.12) sugere que composição, afixação, truncamento e cruzamento vocabular sejam consideradas padrões prototípicos dispostos em uma escala de constituintes progressivamente menos independentes, variando da palavra à sigla, passando por categorias como radicais, afixoides e *splinters*, que são componentes de *blends*. A escala proposta por Kastovsky (2009) apresenta a seguinte disposição:

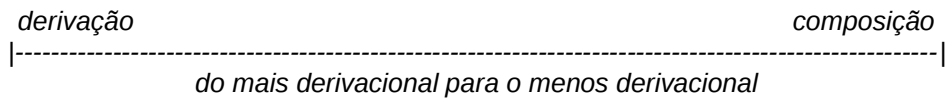
[composição (palavra) → composição de base presa (radical) → afixoides
 → afixação propriamente dita (baseada em radical ou palavra)
 → compostos truncados (encurtamento de palavras/radicais)
 → fusão vocabular → splinters → acronímia].

Essa escala proposta por Kastovsky (2009:12) dialoga com a heterogeneidade tipológica do sistema de formação de palavras das línguas, como no português, que contempla tanto palavras quanto radicais como entrada para processos de formação de palavras.

A proposta de Bauer (2005) é também de natureza escalar, porém enxerga esse *continuum*, não entre categorias morfológicas ou processos de formação de palavras, mas entre composição e derivação, como explicita no seu trabalho:

O problema não está na distinção entre composição e derivação – definidas a partir da oposição palavras/afixos obrigatoriamente presos; isso está OK. O problema está em certos elementos terem ou deixarem de ter estatuto compatível com uma outra categoria: formas que ocorrem na segunda posição em compostos, preposições / advérbios que se comportam como prefixos, morfemas únicos em processo de independência, pedaços de palavras ascendendo ao status de afixo. BAUER (2005, p. 107).

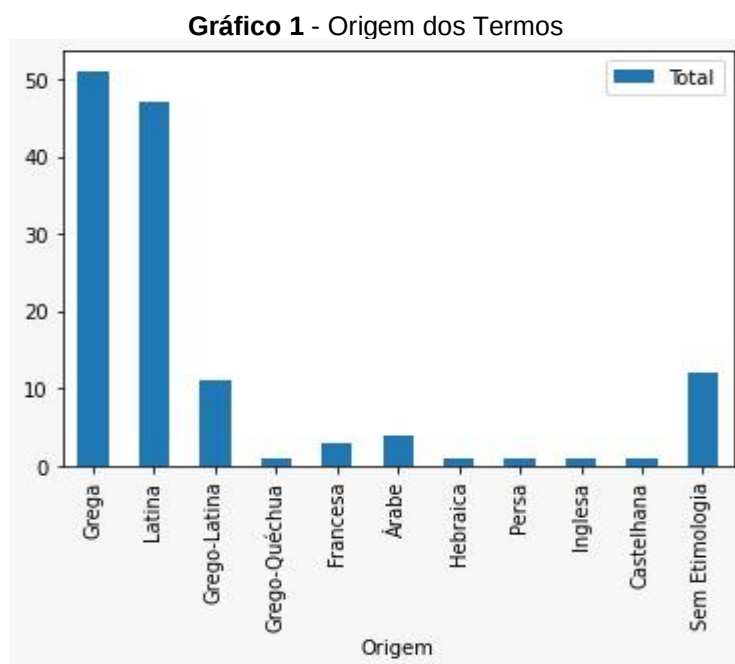
O autor deixa bem evidenciado a estreita relação entre composição e derivação, embora se insiram ali ou aqui diferentes unidades de análise. Gonçalves (2011), esboça graficamente esse *continuum* das operações morfológicas como pólos prototípicos de uma escala, deixando explícito que há, nessa linha, além da composição e da derivação, outros casos mais difusos que transitam nesse intervalo.



O percurso das discussões terminológicas e categoriais dentro do universo denominado formações clássicas encaminha a tomada de uma postura de análise das formações neoclássicas, mais especificamente, formadas por elementos gregos no léxico da farmácia, objeto dessa investigação.

3 FORMAÇÕES GREGAS NA CONSTRUÇÃO DO LÉXICO DA FARMÁCIA

O universo utilizado para a análise da interferência do grego na formação da linguagem científica da farmácia, extraídos das 1066 entradas contidas no trabalho de mestrado de Fernandes (autor), intitulado *Elementos para uma sistematização dos Termos da Farmácia: uma abordagem Terminológica*, defendida na Universidade Federal do Ceará em 1998, apresentou um número significativo de elementos gregos constituídos por bases autônomas, bases presas e sufixos gregos, para a formação de termos técnicos-científicos na referida ciência, que se estabeleceram no português através de processos lexicogenéticos, denominados lexicalização ou idiomatização, e de formações neoclássicas, constituídas de elementos gregos e latinos com elementos nativos do português. Dessa forma, constituímos o *corpus* selecionando os vocábulos, alternando as letras do alfabeto, elegendo, assim, os vocábulos iniciados por A C E G I K M O Q S U X Z, com as seguintes características: substantivos comuns, concretos, individuais (não coletivos), simples (contendo um lexema) ou compostos (contendo mais de um lexema, mas de registro ortográfico único e contínuo) e primitivos (sem morfemas derivacionais) ou derivados (com morfemas derivacionais), perfazendo um total de 133 termos, representando 12,47% das 1066 entradas.



Fonte: autor

No Gráfico 1, é demonstrado a origem dos termos que compõem a amostra. Dos 133 termos, 51 são de origem grega; 47, de origem latina; 11, de origem grego latina; 01, de origem greco-quíchua; 03 de origem francesa, 04 de origem árabe, 01 de origem habraica, 01 de origem persa, 01 de origem inglesa; 01 de origem castelhana e 12 sem etimologia. Como só interessa para a pesquisa os termos de origem grega e latina, tem-se um total de 110 termos; dentre eles 63 são de origem grega, representando, assim, 57,25% da amostra, o que comprova que o grego é a língua que mais contribui para a formação de termos científicos da Farmácia.

3.1 ANÁLISE ETIMOLÓGICA DOS TERMOS: CONSTRUÇÃO DO CORPUS

Nessa primeira análise, em que construímos o corpus para efetuarmos outros níveis de análise morfo-semântica, apresentamos um modelo de análise, através de uma ficha etimológica, que contempla a caracterização do substantivo (I), seguido da especificação da origem (II); e a gênese no vocábulo (III), onde são evidenciados os lexemas e morfemas derivacionais e flexionais; o produto resultante (IV), com exposição das dimensões sintagmáticas e paradigmáticas. No final, acrescenta-se o verbete (V), retirado do dicionário constante no trabalho de mestrado, constituído de informações gramaticais, metalinguísticas e referenciais, segundo o modelo.

Modelo de ficha etimológica

N	TERMO	
I	CATEGORIA (caract.)	
II	ORIGEM	
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	Lx = L Mr dr (caraterização)
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: b) Dimensão sintagmática: núcleo denotativo: margens conotativas: margens vazias: -----
V	VERBETE	

Fonte: autor

3.2 VARIAÇÃO ALOMÓRFICA COM OU SEM SUPLETISMO

No processo de idiomatização do grego no português, mais especificamente nas línguas de especificidade, é perceptível a presença de variação alomórfica com supletismo ou não supletismo, na qual ocorrem a perda total ou parcial de transparência morfo-semântica dos elementos da língua grega, quando tomadas pelo português, o que afeta o significante de algumas unidades lexicais, no âmbito do léxico ou da fonologia.

De acordo com Dressler (1985), Carstairs (1990), Mel'čuk (2000), que adotam o termo supletivismo para as variações alomórficas, distinguem o *supletivismo* fraco ou parcial do supletivismo forte ou total, o que corresponde à alomorfia não supletiva e supletiva, respectivamente. Para Booij (2000, p. 336) a alomorfia é dita supletiva quando a similaridade formal é nula ou quase ausente, como encontramos na amostra do corpus em análise, no Grupo 1:

ptarmiké, és = planta que faz espirrar; espirro (arnica)

Como podemos observar no caso acima, onde ocorreu alomorfia supletiva, a unidade morfolexical é variantealomórfica com distribuição complementar sem partilharrepresentações fonológicas em nenhum nível, ou seja, distribuição não é governada fonologicamente, mas de acordo com fatores morfológicos, gramaticais ou lexicais (Corbin,1985; Carstairs, 1990, p.19). No entanto, Booij (1998, p. 37) analisa que esse tipo de alomorfia muitas vezes reflete a história fonológica de uma língua, mas que não fica transparente sincronicamente. Corbin (op cit) considera adequado o conceito de alomorfia somente para a variação que apresenta sincronicamente uma certa regularidade; portanto, no caso analisado acima, ele atribui o conceito de mudança. Kastovsky (1982) assevera que este fenômeno ocorre no seu percurso diacrônico, em que os produtos lexicogenéticos sofrem frequentemente processos de “erosão” morfofonológica e semântica, ocasionando a perda total de motivação ou transparência morfo-semântica. Consequentemente, pelas mudanças no significante, algumas formas lexicais que eram percebidas como relacionadas num estado mais antigo da língua deixam de o ser pelos falantes de um estado mais recente (PEREIRA,2005).

Nos casos de alomorfia não-supletiva, onde são mantidos certos traços morfo-fonológicos dos elementos clássicos, ocorre uma certa regularidade formal entre as formas alternantes, assumindo a existência de uma forma fonológica básica, para cada morfema, a partir da qual as diferentes formas fonéticas são processadas através de regras fonológicas, com ou sem elementos derivacionais, como nos seguintes termos reunidos nos Grupo 2:

acetum, aceti = vinagre; ácido, estar azedo (acetona, cetona)
renes, renum = rins (*adrenalina*)
alumina = alumínio (*alumina*)
amarantus, i = amargo (amarante)
mýle, es = pedra molar, mó (amido)
amylum, i > mýle, es (amilo, amilose)
scrofulae, arum = doença, tumefação (antiescrufuloso)
álgos, ous = dor (analgésico)
flogistós, é, on = inflamado (antiflogístico)
oxýs, éia, ú = vivo, rápido (antioxidante)
spasmós, ou = convulsão, espasmo (antipasmódico)
ánthrax, axos = carvão, carbúnculo (antraceno)
capsula, ae = caixinha (capsulina)
carmin = tonalidade de cor vermelha (carmin)
kataplastós, ýos = emplastro (cataplasma)
kefalé, és = cabeça (cefalina)
kerotós, é, on = medicamento a base de óleo e cera (cerato, ceroto)
khólix, ikos = intestino, tripas (colchicina)
kollýrion, ou = unguento para os olhos (colírio)
compressus, a, um = estreito, apertado (compressa)
comprimo > comprimidus = apertado, pressionado (comprimido)
gluten, inis = cola, goma (conglutina)
kópros, ou = excremento, sujeira (compraol)
color, oris = cor (corante)
crama, ae = creme, unguento (creme)
cribrum, i = crivo, peneira, joeira (crivo)
edulcorare = adoçar (edulcorante)
emolliens, tis = tornar mole, amolecer, abrandar (emoliente)
émplastron, ou = emplastro (emplastro)
emulgens, entis = ordenhar (emulgente)
énema, atos = injeção, clister (enema)
enérgeia, as = trabalho (energeteno)
óinos, ou > oeno = vinho (enóleo)
erythrós, é, ón = vermelho (eritrosina)
sparadrapu = tira, faixa (esparadrapo)
stereós, á, ón = sólido, maciço (esterol)
styptérios, e, on = adstringente (estíptico)
aithér, éros = éter, região superior, ar (éter, etanol)
excipio > excipiens, entis = fazer exceção, excetuar (excipiente)
gelatus, a, um = gelar, congelar (gelatina, gel, gelose)

glykerós, á, on = de sabor doce (glicerídeo, glicerina, glicíreo, glicerolado, glicídio, glicosídio)

Já no Grupo 3, a seguir, encontramos alomorfia não supletiva em compostos constituídos por bases presas derivadas ou não, que se originaram de bases autônomas do grego acrescidas de sufixos grego, uma vez que estas, quando são tomadas pelo português, quase na sua totalidade, se transformam em bases presas:

aeros = ar + *sol* = solução (aerossol)

alos = outro, diferente, restante + *purin* = fogo (*alopurinol*)

amylum = amilo + *pectós* = coagulado (amilopectina)

mýo = fechar-se + *dare* = doar (amiodarona)

ánthrax, axos = carvão, carbúnculo + *kina* = casca de onde se extrai o ácido quinídico (antraquinona)

cera, ae = cera + *ilia, ilium* = entranhas (cerídio)

kýanos, ou = mineral azul + *génos, eos* = origem (cianogênio)

kýklos, ou = círculo, circunferência + *fós, fotos* = luz + *famí* = dizer (ciclofosfamida)

khlorós, ou = verde + *fílos, e, on* = amado, querido (clorofila)

khlorós, ou = verde + *formo* = formar, produzir (clorofórmio)

khlorós, ou = verde + *kinéo* = mover, remover, agitar (cloroquina)

aithér, éros = éter + *óleum, i* = óleo, azeite de oliva (eteróleo)

aithér, éros = éter + *ýle* = matéria + *glykýs, éia, ú* = doce, agradável, delicioso (etilenoglicol)

eu = bem, bom + *pépsis, eos* = digestão (eupéptico)

gelo = gelar, congelar + *tubus, i* = conduto, cano (gelotubo)

glykerós, á, on = de sabor doce + *oleum, i* = óleo, azeite de oliva (gliceróleo)

glykýs, éia, ú: adv grego = de sabor doce + *féro* = levar (glicoférol)

globulus, i = glóbulo, pequena bola, pílula (glóbulo)

granulum, i = pequeno grão (grânulo)

ichthýs, ýos = peixe (ictol)

indicus, a, um = procedente da Índia (indigotina)

infusio, nis: subst. fem latino = injeção, clister (infusão, infuso)

magdália, as: = massa, miolo de pão, qualquer pasta (magdaleão)

mácula, ae = mancha, *malha*, laçada (malha)

medicamentum, i = medicamento, remédio (medicamento)

mella, ae = mel (melito)

mollians, antis = tornar mole, amolecer (molhante)

mundus, a, um = limpo (monda)

oleum, i = óleo, azeite (óleo, oleóleo)

ópion, ou = ópio (ópio)

opodeldoc = linimento (opodeldoque)

ósos, e, on = quão grande, tão grande como (ose, oside)

ovulum, i = ovo pequeno (ovo pequeno) S

sapo, nis = sabão (sabão, saponina)

sákkhar, aros = açúcar, sacarina (sacarose)

salix, icis = salgueiro, árvore (salicilato, salicismo)

salveo = estar de boa saúde, passar bem (*salvis*)
soleo = ter por costume, costumar (*soles*)
solvens, tis = desagregar, dissolver, derreter (*solvente*)
sorbítio, onis = absorção, beberagem, caldo, papa (*sorbitol*)
sugo = sugar, chupar (*suco*)
suppositorius, a, um = que se coloca por debaixo de (*supositório*)
suspensus, a, um = suspenso, elevado, pendurado (*suspensão*)
urina, ae = urina + *sýro* = arrastar (*uricosírico*)
théo = correr, disputar + *lithos* = pedra (*zeolite*)

Embora não muito comum, encontramos formações não supletivas em que a base autônoma do grego se mantém autônoma no português, geralmente, quando na segunda posição, mas que ocorre também nas duas posições, como vemos no Grupo 4, a seguir:

Spérma, atos: subs neut grego = semente, grão, esperma; no latim medieval existia a locução *sperma ceti* = semente de cetáceo.

No grupo 5, apresentado abaixo, os termos da farmácia são unidades morfolexicais compostas, provenientes de formas autônomas ou presas do grego, que convivem com unidades autóctones ou nativas, ou de origem latina, que podem ou não ocorrer como palavras autônomas; usadas como bases em palavras derivadas e/ou em compostos “eruditos”:

azo: pr (origem desconhecida) + *rubor, oris*: subst masc latino = vermelhidão, cor vermelha + *in*; sf latino = atividade (*azorrubina*)
cantus, us: subst. masc latino; derivado = canto de homem ou de aves + *xanthós, é, ón*: adj grego = amarelo + *in*; sf latino = atividade (*Cantaxantina*)
carbo, onis = carvão, brasa + *oxýs, éia, ú*: = vivo, rápido + *méthu, us* = bebida fermentada + *cellula, ae*: cela, pequeno compartimento + *osis*: sf grego; matiz de ação, condição ou estado (*Carboximetilcelulose*)
kýklos, ou = círculo, circunferência + *sporá, ás* = semente + *ina*: sf. latino: atividade (ciclosporina)
chróma, atos, ou = cor, pigmentação, matiz + *grafé, és* = escrita, escritura + *ia*: sf de origem grega = referente a (cromatografia)
sfingo = condensar + *myelós, óu* = medula + *in* (esfingomielina)
kéras, atos = chifre de animal + *lithos, ou* = pedra + *lkós*: sf grego = referente a (queratolítico)
kéras, atos = chifre de animal + *plastikós, é, ón* = modelador (queratoplástico)

3.3 A POSIÇÃO DOS RADICAIS E SEUS ELEMENTOS DE LIGAÇÃO

As discussões sobre os elementos neoclássicos feitas na unidade 2.3 do segundo capítulo, baseadas nos trabalhos de Tomaszewicz (2008), Bauer (2005), Booij (2010), corroboram a análise de como esses elementos se comportam como raízes neoclássicas ou raízes de fronteiras no processo de composição. Adotando a designação de ten Hacken (1994) e Baeskow (2004), que categoriza como raiz presa, que se adjunge a outras raízes e elementos afixais, sofrendo ou não alomorfias. Da mesma forma, Gonçalves (2011) e Cunha & Cintra (1985) afirmam que as palavras formadas com esses elementos gregos são composições eruditas constituídas por duas bases através de um processo morfossintático e que, no caso desses elementos, ocorrem geralmente na segunda posição. Embora Campos (1935) tenha mostrado que a nomenclatura científica, técnica e literária seja basicamente constituída de palavras formadas pelo modelo de composição greco-latina, onde o primeiro radical é determinante do segundo que, por sua vez, são cabeças lexicais, pode-se constatar no *corpus*, a ocorrência de 19 (dezenove) raízes que ocupam somente a 1ª posição do composto, e 21 (vinte e uma) raízes que ocupam a 2ª posição, conforme o quadro, com combinações que caracterizam a recomposição. Resgatando a ideia de recomposição com Cunha & Cintra (1985), como processo de composição que apresenta uma “deriva semântica”, em que os elementos ingressam em outras formações com sentido diverso do etimológico.

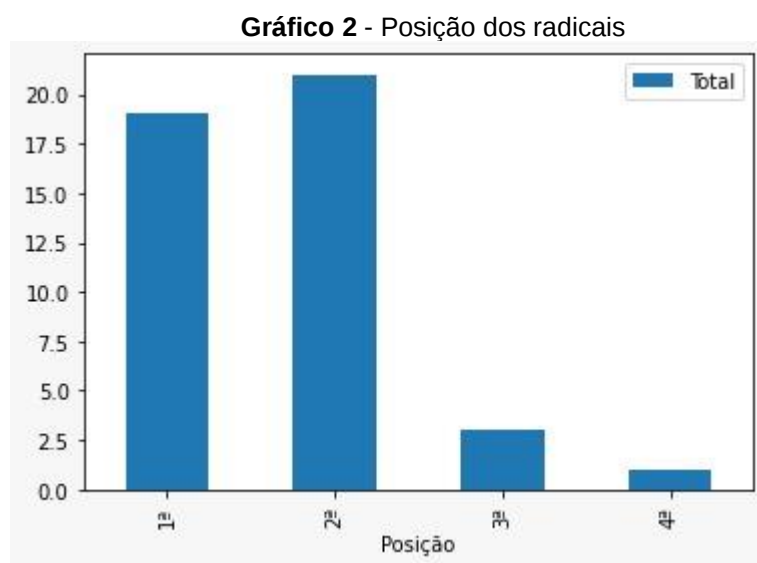
Posição dos radicais no léxico da Farmácia

1ª posição	2ª posição	3ª posição	4ª posição
aero-, amilo-, mio-, antra-, canta carbo- cera-, ciano-, ciclo-, cloro-, eno-, éter- ,eu-, esfingo, gelo, glicerio-, glico-, querato-, zeo-	-sol, -pecti-, -ose, dare, - quina-, -xanto-, -oxi, ideo, -genio, -fosfo, -espor, -filo, -formio, -oleo, -mielo-, -ileno, -pepti, -tubo-, -fero-, -lito, -plasto.	-meti- -fami- -glico-	-celula-

Fonte: autor

No *corpus* em análise, o que se observa é que a grande maioria dos compostos formados pela combinação dos radicais de 1ª e 2ª posições, em que se somam aos significados etimológicos de cada constituinte, informações semânticas

específicas da área científica da Farmácia. Dessa forma, embora os elementos tenham sua posição específica, sem que tramitem para outra posição, com apenas uma exceção, no caso do radical *glico* que assume, além da 1ª posição, nos compostos *glicosídeo* (*glicos+ ídeo*), *glicoferol* (*glico-ferol*), a 3ª posição na composição *etilenoglicol* (*etil+eno+ glicol*), constata-se que não há uma relação de subordinação entre os elementos de 1ª e 2ª posições. No Gráfico 2, se demonstra essa definição de posição dos radicais, evidenciando-se um fato peculiar da linguagem científica, que é a ocupação de radicais em 3ª e 4ª posições que, embora seja de um número diminuto na amostra, torna-se um dado relevante para apesquisa.



Fonte: autor

No que remete aos elementos de ligação, observa-se que a junção dos radicais se dá por intermédio de consoantes e ou vogais de ligação ou por adjunção de elementos sufixais. No vocabulário analisado, a relevância se dá à intervenção de consoantes de ligação, que ocorreram com maior frequência do que as vogais de ligação, como preveem Scalise (1984); Bauer (1998); Corbin (2001), para atender às propriedades fonológicas das fronteiras dos radicais ou entre estes e os elementos sufixais. Essas consoantes são as dentais /t/, /d/, /n/ e as laterais // e /r/, como se verifica no quadro abaixo:

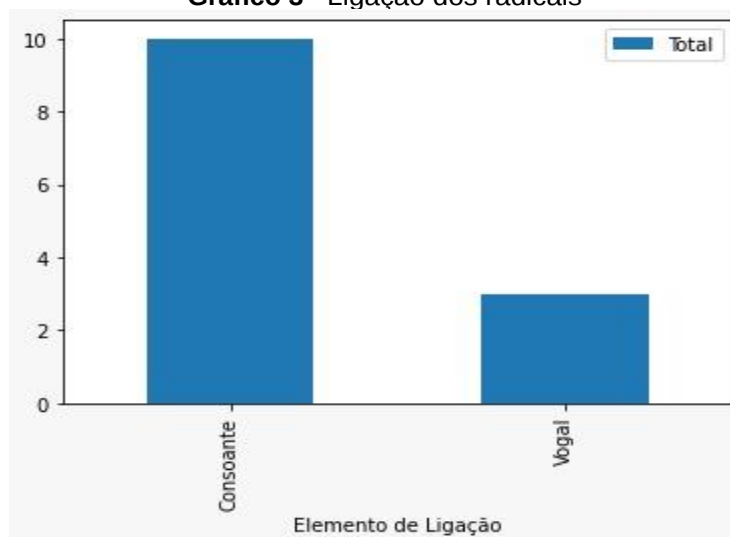
Elementos de ligação dos radicais no léxico da farmácia

Consoante de ligação	Vogal de ligação
-d-: quini+ d+ ina	-a-: et + a + n+ ol
ciclos+ fami+ d+ a	adren + a + l+ ina
anti+pasmo+ d+ ico	-o-: amil+ o + pect+ ina
anti+oxi+ d+ ante	
-t-: Índigo+ t+ ina	
energe+ t+ eno	
-n- et +a + n+ ol	
-l- eno + l+ eo	
adren+a + l+ ina	
-r- azo + r+ rub+ ina	

Fonte: autor

No que tange às vogais de ligação, na amostra foram encontradas apenas 03 (três) ocorrências, com a vogal -a-, como elemento de ligação do radical com sufixo e com a vogal -o-, ligando radicais, o que reitera a visão de Pretropoulou (2009) de que o elemento de ligação -o- se estabelece como indicador de composto em grego moderno, não fazendo parte de nenhum dos componentes, já que no grego clássico, “esse segmento correspondia a uma vogal temática, que, mais tarde, evoluiu para marcador de compostos neoclássicos e de compostos, em geral” (PETROPOLOU,2009, p.46), conforme de demonstra do Gráfico 3, a seguir:

Gráfico 3 - Ligação dos radicais



Fonte:autor

3.4 A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NOS TERMOS DA FARMÁCIA: A DERIVA SEMÂNTICA

Segundo os estudos já realizados e analisados nas seções anteriores, a variação alomórfica se estabelece como um processo de perda parcial ou total da motivação ou transparência morfo-semântica dos itens morfológicamente complexos, que chega a comprometer a interpretação dos respectivos constituintes morfolexicais, e, conseqüentemente, com o passar do tempo, a mudança de significado que inibe a previsibilidade da formação, bem como a relação morfo - semântica com os constituintes primários.

Na seção 2.3, foram analisadas as variações supletivas ou não supletivas, onde foram constatadas perdas totais ou parciais das informações morfo-fonológicas dos elementos da língua grega, quando tomadas pelo português, para a formação dos termos técnicos e científicos da Farmácia, descaracterizando o significante de algumas unidades lexicais, quando comparados com as estruturas que lhe deram origem.

Nessa unidade, é analisada a erosão semântica, como é tratada por Joseph (1998), quando remete ao processo lexicogenético de lexicalização ou idiomatização, com perda total ou parcial das informações semânticas. A análise dos termos de origem greco-latina no *corpus*, objeto da presente pesquisa, evidencia que na formação dos termos da farmácia, os radicais da língua grega e latina, quando apropriados para a constituição do léxico especializado da farmácia, na sua grande maioria, passam por acomodações de sentido para atender a comunicação interna da referida ciência; alguns com mudança total de significado, outras com mudanças que podem ser apresentadas numa gradação de mais ou menos mudança, que é representada na seguinte linha de continuidade crescente de mudança de sentido:

N⁰-----N¹-----N²-----N³ -----N⁴

Onde:

N⁰: contempla os termos constituídos por radicais que sozinhos ou combinados com outro radical ou elemento sufixal mantém o mesmo significado da língua de origem: *antiflogístico*, *carmin*, *enóleo*, *eteróleo*, *eupéptico*, *gliceróleo*, *magdaleão*,

medicamento, melito, molhante, óleo, oleóleo, sacarose, salicilato, salicismo, solvente, supositório.

N¹: contempla os termos constituídos por (02) dois radicais, em que há mudança ou acréscimo de informação semântica somente no primeiro radical, e o segundo radical mantém as mesmas informações semânticas, em relação ao radical da língua de origem: *cantaxantina*.

N²: contempla os termos constituídos por (02) radicais, em que há mudança ou acréscimo de informação semântica somente no segundo radical, e o primeiro radical mantém as mesmas informações semânticas em relação ao radical da língua de origem: *aerosol, amilopectina, amilose, antraquinona, clorofila, gelotube, queratolítico, queratoplástico.*

N³: contempla os termos constituídos por apenas (01) radical em que há acréscimo de informação semântica em relação ao radical de origem: *acetona, adrenalina, alopurinol, amarante, antiescrufuloso, antioxidante, antipasmódico, antraceno, azorrubina, capsulina, cataplasma, cerídio, cerato, ceroto, cetona, comprimido, congutina, edulcorante, emplastro, emulgente, enema, energenteno, eritrosina, esfingomielina, esparadrapo, estíptico, gelatina, gel, gelose, glicerídeo, glicerina, glicírio, glicerolado, glóbulo, grânulo, ictiol, malha, monda, muleta, ópio, óvulo, sabão, saponina, sorbitol, suco, suspensão, uricosírico.*

N⁴: contempla os termos constituídos por radicais que sozinhos ou combinados com outros radicais ou elemento sufixal mudam totalmente o significado em relação ao radical da língua de origem: *alumina, amido, amilo, amiodarona, arnica, carboximetilcelulose, cefalina, cianogênio, ciclosfamida, ciclosporina, clorofórmio, cloroquina, colchicina, compressa, copraol, cromatografia, espermacete, esterol, etanol, etilenoglicol, excipiente, glicídio, glicosídeo, glicoférol, indigotina, infusão, infuso, ose, oside, salvís, soles, zeolite.*

Na amostra, pode-se perceber que os radicais apresentam alto grau de mudança de sentido quando incorporados pela linguagem científica, pois na gradação do *contínuum* traçado na linha acima, demonstra-se a crescente mudança de sentido de N⁰ a N⁴. Nos níveis N³ e N⁴, concentram-se 79 radicais que sofrem acréscimo de significação (47) ou mudança total (32), representando 79% dos radicais; já no N⁰, onde se mantém o sentido original dos radicais, tem-se apenas 20% dos radicais (22). Relevante considerar que nos termos compostos por mais de

um radical, a mudança semântica se dá com mais frequência no radical de 2ª posição (08), conforme se visualiza no Gráfico 4, a seguir:



Fonte: autor

A criação de novos significados para os radicais gregos e latinos no léxico da Farmácia pode ser compreendida quando se visita as teorias que partem da relação entre a linguagem/mundo e sociedade/cognição, uma vez que “o significado não é uma entidade” e sim “uma relação”, no dizer de Borges Neto apud Marcuschi (2004), ou seja, não é a pura relação entre o léxico e o objeto do mundo, mas também a relação entre o linguístico e o não-linguístico, o que atravessa o objeto do discurso. Por essa razão, são os discursos das diversas áreas de atuação humana que vão construindo novos sentidos e significados, uma vez que nas diversas esferas discursivas, repertórios vocabulares circulam, dando referência aos significados e aos sentidos construídos no interior dessas esferas e na sua relação com o mundo. Nas esferas discursivas das ciências e das tecnologias, os léxicos das especialidades não compõem uma língua artificial, mas integram à língua natural e geral, onde o material linguístico é condicionado ao contexto de comunicação que, por sua vez, está sócio e historicamente situado. Nesse sentido, fundamenta Marcuschi (2004) que nem o mundo nem a linguagem tem uma estabilidade *a priori* e se nenhum dos dois está previamente discretizado de modo definitivo, essa estabilização e essa discretização decorrem de um trabalho social e histórico. Dessa forma, “a linguagem não tem uma semântica imanente, mas ela é um sistema de símbolos indeterminados em vários níveis (sintático, semântico, morfológico e pragmático)” (MARCUSCHI, 2004).

O tratamento da gradação de mais ou menos mudança de sentido expressa na continuidade da linha de N⁰ a N⁴ acomoda análises que corroboram a especificidade da formação dos termos da Farmácia, no que se refere à relação morfo-sintática e semântica.

A mudança parcial ou total de significado é presente na formação dos termos na área da Farmácia, quando na passagem do grego ou latim para o português e está condicionada à estrutura morfo-sintática, pois o maior número de termos que sofrem mudança semântica são os do N³, que contempla os termos constituídos por apenas (01) um radical em que há acréscimo de informação semântica em relação ao radical de origem. Os termos escalados no N⁴, que contempla os termos constituídos por radicais que sozinhos ou combinados com outros radicais ou elemento sufixal mudam totalmente o significado, em relação ao radical da língua de origem, apresentam uma maioria de termos constituídos apenas por (01) radical.

Os termos constituídos por mais de 01 radical também ocupam posição no N⁴, em que ambos os radicais perdem totalmente a sua significação da língua de origem. Constata-se que os radicais de 1ª posição apresentam maior estabilidade semântica que os de 2ª posição, como se pode verificar que no N³, onde se concentram os termos constituídos por (02) dois radicais, em que há mudança ou acréscimo de informação semântica somente no segundo radical; já em N², há apenas uma ocorrência em que a mudança semântica ocorre no radical da primeira posição.

Com a presente pesquisa, comprova-se que a posição ocupada pelo radical é uma característica dos compostos neoclássicos, como já analisados pelos teóricos já citados em 2.3, como Bauer (1998), dentre outros, determinando, assim, mudanças de ordem morfológica e também semântica.

3.5 FICHAS ETIMOLÓGICAS

Conforme já descritas na secção 3.1, nessa unidade são construídas as 133 fichas etimológicas, descrevendo as características morfossemânticas e sintáticas dos termos que constituem a amostra para investigação dessa primeira parte da pesquisa.

01	Acetona	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst. (comum, concreto, individual, simples, derivado) fem.
II	ORIGEM	Origem latina: <i>acetum</i> , <i>aceti</i> , subst neut = vinagre; derivado, por sua vez, do vb. <i>aceo</i> = ser ácido, estar azedo.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>acet</i> : lx = ácido. <i>on</i> : mr dr sf tr; “um” é substituído por “on” por apofonia. <i>a</i> : mr fl fem sing.

IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>acet+on+a</i> = Principal membro da classe das cetonas (consultar verbete); produto químico ácido, inflamável. b) Dimensão sintagmática: - núcleo denotativo: <i>acet</i>. - margens conotativas: <i>on+a</i>. - margens vazias: ----
V	ACETONA s.f. substância líquida, solvente, incolor, não aquosa, miscível com água, álcool, éter, clorofórmio e óleos essenciais utilizada em certas fórmulas para a preparação do Colódio Elástico, em substituição do éter sulfúrico (p.29).	

02	Adrenalina:	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado), fem.
II	ORIGEM	Origem latina: <i>ad</i>: prep latina de acusativo = matiz de aproximação ou contiguidade. <i>renes, renum</i>: subst latino masc uninumérico (só se declina no plural) = rins
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>ad</i>: mr dr nx; prep = junto a. <i>ren</i>: lx = rins. <i>al</i>: mr dr sf tr (referente a local) <i>in</i>: mr dr sf tr = matiz de atividade. <i>a</i>: mr fl fem sing.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>ad+ren+al+in+a</i> = substância ativa, produzida pelos rins. b) Dimensão sintagmática: - núcleo denotativo: <i>ren</i>. - margens conotativas: <i>ad+al+ in+a</i>, - margem vazia:-----
V	ADRENALINA s.f. Substância simpaticomimética, utilizada internamente como vasoconstritor e hemostático e estimulante cardíaco-vascular. Sin: levorreína (VER) (p.31).	

03	Aerosol	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, composto, derivado), masc.
II	ORIGEM	Origem greco-latina: <i>aeros</i>: genitivo singular do subst masc grego <i>aér, aéros</i> = ar. <i>sol</i>: derivado, por apócope, da subst latino <i>solutio, solutionis</i> = solução; derivado, por sua vez, do verbo <i>solvere</i> = soltar, liberar.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	Palavra resultante da junção de dois lexemas, por contração; adveio ao português através do francês <i>aerosol</i> .
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>aero+sol</i> = solução de ar. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>aero+sol</i>. - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----
V	AEROSOL s.m. Substância de suspensão de finas partículas sólidas ou líquidas no seio do ar ou de gases.	

	NE: Citam-se como exemplos os fumos de cigarros ou de pós antiasmáticos, as dispersões de vitamina B12 aplicadas na mucosa nasal, as diversas inalações e vaporizações (p. 31).
--	---

04	Alopurinol	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst.(comum, concreto, individual, composto, derivado), masc.
II	ORIGEM	Origem grega: <i>alos</i> : derivado do adj <i>állos</i> , e, <i>on</i> = outro, diferente, restante. <i>purinos</i> , e, <i>on</i> = inflamado; derivado, por sua vez, do subst neutro grego <i>púr</i> , <i>purós</i> = fogo.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	Gênese do vocábulo: <i>alo</i> : mr dr pr, apocopado (perda de "s") = substância diferente. <i>purin</i> : lx = inflamação. <i>ol</i> :mr dr sf tr característico de produtos químicos = indica presença de álcool na composição.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>alo+purin+ol</i> = Substância cristalina usada para combater o excesso de ácido úrico (que provoca inflamação) no organismo. b) Dimensão sintagmática: - núcleo denotativo: <i>púr</i> . - margens conotativas: <i>alo+ol</i> . - margens vazias: -----
V	ALOPURINOL s.m. Droga, que tem como princípio a redução da síntese de ácido úrico através da inibição da xantina-oxidase, usado para o tratamento da gota. NE: O resultado da ação da droga é a redução da concentração dos uratos e ácido úrico insolúveis nos tecidos, plasma e urina, enquanto a concentração das xantinas e hipoxantinas aumenta (p. 94).	

05	Alumina	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst. (comum, concreto, individual, simples, primitivo), fem.
II	ORIGEM	Origem latina. <i>alumina</i> : nominativo plur do subst neutro latino <i>alumen</i> , <i>aluminis</i> alumina.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	Trata-se de uma transposição do termo latino para o português, sem nenhum tipo de derivação.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>alumina</i> = óxido de alumínio. b) Dimensão sintagmática: - núcleo denotativo: <i>alumina</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	ALUMINA s.f. Espécie de filtro preparado com óxido de alumínio sob a forma granular(p.38)	

06	Amarante	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst. (comum, concreto, individual, simples, derivado), masc.

II	ORIGEM	Origem latina. <i>amarantus</i> , <i>i</i> : subst masc = amaranto; derivado, por sua vez, do adj, também latino, <i>amarus</i> , <i>a</i> , <i>um</i> = amargo.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>amarant</i> : transposição léxica = grão amargo. <i>e</i> : mf fl masc sing; permuta vocálica por apofonia.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>amarant</i> + <i>e</i> (existem duas grafias em português: amaranto e amarante) = tipo de grão comestível, rico em fibras. b) Dimensão sintagmática: - núcleo denotativo: <i>amarant</i> . - margem conotativa: <i>e</i> . - margens vazias: -----
V	AMARANTE: s.m. Substância orgânica sintética formado por sal trissódico do ácido 3 hidroxí - 4 - (4 sulfonafto -1 - cl - azo) naftalino - 2,7 - dissulfônico, usada como corante (p.38).	

07	Amido	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst. (comum, concreto, individual, simples, derivado), masc.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>a</i> : <i>pr</i> = não, sem. <i>mýle</i> , <i>es</i> : subst fem = pedra molar, mó.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>a</i> : mr dr prefixo de negação = sem (ausência de). <i>mid</i> : acomodação léxica do radical grego mediante uma dupla permuta: 1 vocálica por apofonia ("i" em lugar da ypsilon grega); 2 consonantal ("d" em lugar da lambda grega), também por apofonia. <i>o</i> : mr fx masc sing. (Relevante considerar que o amido é um derivado do trigo que dispensa a moenda do grão; daí o significado da palavra grega; "sem mó").
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	Produção resultante: a) Dimensão paradigmática: <i>a+mid+o</i> = amido, goma de amido b) Dimensão sintagmática: - núcleo denotativo: <i>mid</i> . - margens conotativas: <i>a+o</i> . - margens vazias: -----
V	AMIDO s.m. Espécie de <i>amilo</i> ou polvilho obtido de cereais, existentes em diversos vegetais utilizados na alimentação humana e empregado nas preparações farmacêuticas e cosméticas, e vários tipos de cola. NE: Encontrado no trigo, arroz, milho e batata (p. 39).	

08	Amilo	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst. (comum, concreto, individual, simples, derivado), masc.
II	ORIGEM	Origem greco-latina. <i>amylum</i> , <i>i</i> : subs neut latino, advindo, por sua vez, do substantivo feminino grego <i>mýle</i> , <i>es</i> (cf. amido).
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>amil</i> : lx original latino, contendo uma permuta (i em lugar de y) por apofonia = amido. <i>o</i> : mr fl masc sing; redução (<i>um>o</i>) por apócope.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>amil</i> + <i>o</i> = amido, goma de amido. b) Dimensão sintagmática: - núcleo denotativo: <i>amil</i> . - margem conotativa: <i>o</i> . - margens vazias: -----
V	AMILO	

	s.m. Espécie de <i>glicídio</i> da classe dos poliholósides que se forma nos vegetais a partir do Anidrido Carbônico. NE: É absorvido pelas plantas sob a ação da clorofila e passa aos órgãos dos vegetais como substâncias construtivas e, nos grandes períodos de assimilação, se acumula nas raízes, tubérculos e sementes. Fórmula química (C₆H₁₀O₅)_n (p.39).
--	--

09	Amilopectina	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst. (comum, concreto, individual, composto, derivado), fem.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>amylum</i> (cf. amilo). <i>pectós</i>, é, <i>ón</i>: adj grego, derivado, por sua vez, do particípio do verbo <i>pégnymi</i> = fixado, cravado compacto, ajustado espesso, coagulado. <i>in</i>; sf latino = atividade.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>amil</i>: lx original grego = amido. <i>o</i>: mr dr vogal de ligação; redução (<i>um</i>><i>o</i>) por apócope (vazio de significado) <i>pect</i>: lx original grego = espesso, coagulado. <i>in</i>: mr dr sf tr = matiz de atividade. <i>a</i>: mr fl fm sing.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>amil+o+pect+in+a</i> = amido, goma de amido coagulada. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>amil+pect</i>. - margens conotativas: <i>in+a</i>. - margem vazia: <i>o</i>.
V	AMILOPECTINA s.f. Parte externa dos grãos de <i>amilo</i>, formada por condensação da glicose. NE: Na sua maioria é ligada por uniões alfa 1:4, havendo também uniões 1:6, conferindo-lhe forma ramificada, de peso molecular de 60.000 a 100.000 (p. 40).	

10	Amilose	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst. (comum, concreto, individual, simples, derivado), fem.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>amylum</i> (cf. amilo) = amido. <i>osis</i>: sf grego; matiz de ação, condição ou estado.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>amil</i>: lx original latino, contendo uma permuta (i em lugar de y) por apofonia; elisão ou queda de <i>um</i> por apócope. <i>ose</i>: mr dr sf tr; derivação do sufixo grego por apócope (perda de s) e permuta vocálica por apofonia (i > e).
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>amil+ose</i> = molécula formada por resíduos de glicose. b) Dimensão sintagmática: - núcleo denotativo: <i>amil</i>. - margem conotativa: <i>ose</i>. - margem vazia: -----.
V	AMILOSE s.f. Parte interna dos grãos de <i>amilo</i>, formada por condensação da glicose. NE: Ligada por uniões alfa 1:4 glicorídica, sob a forma de unidades de maltose, de cadeia retilínica e helicoidal, e apresenta peso molecular aproximado de 10.000 a 60.000 (p. 40).	

11	Amiodarona	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst. (comum, concreto, individual, composto, derivado), fem.
II	ORIGEM	Origem greco-latina.

		<i>a</i> : <i>pr</i> = não, sem. <i>mýo</i> : vb grego = fechar-se, estar fechado. <i>dare</i> : infinitivo do vb latino <i>do</i> = doar.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>a</i> : prefixo de negação = sem (ausência de). <i>mio</i> : transposição do lx grego = estar fechado. <i>dar</i> : lx latino transposto, apocopado (perda de “e”). <i>on</i> : mr dr sf md, aumentativo = grande poder. <i>a</i> : mr fl fm sing.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>a+mio+dar+on+a</i> = fármaco do grupo dos antiarrítmicos da classe III, de amplo espectro, potente vasodilatador. b) Dimensão sintagmática: - núcleo denotativo: <i>mio+dar</i> . - margens conotativas: <i>a+on+a</i> . - margem vazia: -----.
V	AMIODARONA s.f. Medicamento cardiotônico cuja ação é aumentar o período refratário do músculo cardíaco e suprimir os ritmos reentrantes atriais e ventriculares (p.105).	

12	Amrinona	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst. (comum, concreto, individual, composto, derivado), fem.
II	ORIGEM	Desconhecido
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	Desconhecido
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	Medicamento inibidor da piridina fosfodiesterase 3, utilizado no tratamento da insuficiência cardíaca congestiva. Etimologia desconhecida.
V	AMRINONA : s.f. Medicamento cardiotônico de ação curta, adequada apenas para administração intravenosa, útil no tratamento da insuficiência cardíaca aguda grave, resistente a outras drogas.	

13	Analgésico	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst. (comum, concreto, individual, simples, derivado), masc.
II	ORIGEM	<u>Origem grega.</u> <i>ana</i> : preposição grega = sobre, encima de. <i>álgos, ous</i> : subst. neut grego = dor. <i>ic</i> : sufixo latino que forma adjetivos de substantivos = relação, procedência ou referência.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>an</i> : prep. grega apocopada (perda de “a”) formando sinalefa com a vogal seguinte <i>alges</i> : lx grego transposto, com permuta vocálica (o > e) <i>ic</i> : mr dr sf tr, latino. <i>o</i> : mr fl masc sing.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>an+algés+ic+o</i> = medicamento que diminui ou interrompe as vias de transmissão nervosa, reduzindo a percepção de dor (<u>nocicepção</u>). b) Dimensão sintagmática: - núcleo denotativo: <i>alges</i> . - margem conotativa: <i>an+al+ic+o</i> . - margem vazia: -----.
V	ANALGÉSICO : s.m. medicamento que diminui ou interrompe as vias de transmissão nervosa, reduzindo a percepção de dor (<u>nocicepção</u>).	

	N.E.As drogas analgésicas incluem os <u>antiinflamatórios não-esteróides</u> (AINE), tais como os <u>salicilatos</u> , drogas <u>narcóticas</u> como a <u>morfina</u> e drogas sintéticas com propriedades narcóticas, como o <u>tramadol</u> e o <u>demerol</u> .
--	--

14	Antiescrufuloso	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst. (comum, concreto, individual, simples, derivado), masc.
II	ORIGEM	Origem latina. <i>anti</i> : preposição grega que se usa com genitivo = em lugar de igual a tanto como em troca de em comparação de. <i>scrofulae, arum</i> : subst fem pl uninumérico latino; derivado, por sua vez, do subs fem <i>scrofa</i> , ae (porca) = doença(tumefação). <i>os</i> : sufixo <i>osis</i> , de origem grega, assimilado pelo latim mediante apócope = matiz de ação, condição ou estado.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>anti</i> : mr dr nx prefixo = ação contrária. <i>scroful>scruful</i> : permuta o/u por apofonia. <i>os</i> ; mr dr sf tr = matiz de ação. <i>o</i> : mr fl fm sing.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>anti+escruful+os+o</i> = substância que combate a tumefação fria dos gânglios linfáticos. b) Dimensão sintagmática: - núcleo denotativo: <i>escruful</i> . - margens conotativas: <i>anti+os+o</i> . - margem vazia: -----.
V	ANTI-ESCRUFULOSO adj. Diz-se de medicamento que evita a falta de resistência, a tuberculose, eczema e catarrhos respiratórios (p.105)	

15	Antiflogístico	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst. (comum, concreto, individual, simples, derivado), masc.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>anti</i> : preposição grega que se usa com genitivo = em lugar de igual a tanto como em troca de em comparação de. <i>flogistós, é, on</i> : adj grego, derivado, por sua vez, do verbo <i>flégo</i> (inflamar) = inflamado. <i>ic</i> : sufixo latino que forma adjetivos de substantivos = relação, procedência ou referência.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>anti</i> : mr dr nx prefixo = ação contrária. <i>flogist</i> : transposição léxica = inflamado. <i>ic</i> : mr dr sf tr = referente a. <i>o</i> : mr fl masc sing.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>anti+flogist+ic+o</i> = substância que combate a inflamação; anti-inflamatório. b) Dimensão sintagmática: - núcleo denotativo: <i>flogist</i> . - margens conotativas: <i>anti+ic+o</i> . - margem vazia: -----.
V	ANTIFLOGÍSTICO s.m. Grupo de medicamentos tópicos capazes de modificarem o estado de inflamação de uma região do corpo. NE: Tais medicamentos atuam por favorecerem o desaparecimento dos edemas, desidratando os tecidos tumefactos, que por ativação da circulação local, quer por vasoconstrição na zona de aplicação ou por coagulação das albuminas tissulares; são considerações em duas categorias distintas: adstringentes e emolientes.	

	Sin: anti-inflamatório (VER) (p.106).
--	---------------------------------------

16	Antioxidante	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst. (comum, concreto, individual, simples, derivado), masc.
II	ORIGEM	Origem greco-latina. <i>anti</i> : preposição grega que se usa com genitivo = em lugar de igual a tanto como em troca de em comparação de. <i>oxýs, éia, ú</i> : adjetivo = agudo penetrante veemente vivo, rápido. <i>ant</i> : sufixo latino = ação.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>anti</i> : mr dr nx prefixado = ação contrária. <i>oxi</i> : lx = vivo. <i>d</i> : mr dr consoante de ligação = (sem significação). <i>ant</i> : mr dr sf tr = que age. <i>e</i> : mr fl masc sing.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>anti+oxi+d+ant+e</i> : molécula capaz (que age) de inibir (mediante ação contrária) a oxidação (ação viva) de outras moléculas. b) Dimensão sintagmática: - núcleo denotativo: <i>oxi</i> . - margens conotativas: <i>anti+ant+e</i> . - margem vazia: <i>d</i> .
V	ANTIOXIDANTE s.m. Espécie de adjuvante para <i>supositório</i> que protege do <i>ranço poroxidação</i> os excipientes lipossolúveis. NE: Citam-se como exemplo o ácido-por-di-hidroguaiarético, butil-hidroxianisol, galhatos de octilo e de propilo, alfa-tocoferol (p. 106).	

17	Antipasmódico	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst. (comum, concreto, individual, simples, derivado), masc.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>anti</i> : preposição grega que se usa com genitivo = em lugar de igual a tanto como em troca de em comparação de. <i>spasmós, oú</i> : subs masc = convulsão, espasmo; derivado, por sua vez, do verbo <i>spáo</i> = retirar, extrair arrastar atrair para si. <i>ic</i> : sufixo latino = relação, procedência ou referência.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>anti</i> : mr dr nx prefixado = ação contrária. <i>spasmo</i> : lx apocopado = convulsão, espasmo. <i>d</i> : consoante de ligação = (vazio de significado). <i>ic</i> : mr dr sf tr = referente a. <i>o</i> : mr fl masc sing
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>anti+spasmo+d+ic+o</i> = substância referente ao combate das convulsões. b) Dimensão sintagmática: - núcleo denotativo: <i>spasmos</i> . - margens conotativas: <i>anti+ic+o</i> . - margem vazia: <i>d</i> .
V	ANTIPASMÓDICO adj. Diz-se de medicamentos que facilita a digestão. Sin: eupéptico (VER) (p.106).	

18	Antraceno	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst. (comum, concreto, individual, simples, derivado), masc.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>ánthrax</i> , <i>axos</i> : subst masc grego = carvão, carbúnculo.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>antra</i> ; lx = carvão. c: mr dr cl; permuta x > c por apofonia (vazio de significado). <i>eno</i> : mr dr sf tr próprio da química, que indica tipo de átomo de composição química por ligação dupla
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>antra+c+eno</i> = Hidrocarboneto cristalino policíclico (C ₁₄ H ₁₀), com fluorescência violeta, quando puro, obtido do alcatrão de hulha. b) Dimensão sintagmática: - núcleo denotativo: <i>antra</i> . - margem conotativa: <i>eno</i> . - margem vazia: <i>c</i> .
V	ANTRACENO s.m. Substância cristalizada, incolor, com leve fluorescência, obtida a partir do alcatrão de hulha. NE: Fórmula química C ₁₄ H ₁₀ (p. 40).	

19	Antraquinona	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst. (comum, concreto, individual, composto, derivado), masc
II	ORIGEM	Origem grega + quéchua. <i>ánthrax</i> , <i>axos</i> : subst masc grego = carvão, carbúnculo. <i>kina</i> : subst. <i>quéchua</i> : casca (de onde se extrai o ácido quinídico) <i>on</i> : sf latino = composição.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	Gênese do vocábulo: <i>antra</i> ; lx apocopado= carvão. <i>quin</i> : lx que sofreu uma permuta, por apofonia (k > qu) para se adequar à grafia portuguesa = casca. <i>ona</i> : mr dr sf tr = composição. <i>a</i> : mr fl fem sing.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>antra+quin+ ona</i> = Sólido rosáceo, sublimável, sua nitração ou sua sulfonação fornecem intermediários para a síntese dos corantes antraquinônicos. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>antra+quin</i> . - margem conotativa: <i>ona</i> . - margem vazia: -----.
V	ANTRAQUINONA s.f. Substância química cristalina, amarelo pálida, resultante da oxidação do antraceno; usada na obtenção de corantes e apresenta ação purgativa. NE: É encontrada nas folhas de sene (p.41)	

20	AQUAST.	
I	CATEGORIA (caract.)	
II	ORIGEM	Etimologia desconhecida
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	

IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	
V	VERBETE	

21	Arnica	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst. (comum, concreto, individual, simples, derivado, fem.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>ptarmiké</i> , és: subst masc grego = planta que faz espirrar; derivado, por sua vez, do subst masc igualmente grego <i>ptarmós</i> , oú = espirro.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	Gênese do vocábulo: <i>arnic</i> : o lx original grego passou ao latim como <i>armica</i> e se consolidou no francês como <i>arnique</i> , língua através da qual chegou ao português, mediante a permuta, por apofonia, <i>qu</i> > <i>c</i> . <i>a</i> : mr fl fem sing.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>arnica</i> = planta (Arnica montana) da família das compostas, nativa das regiões montanhosas do norte europeu, com capítulos de flores amarelas ou alaranjadas, cultivada no Brasil pelo valor ornamental e medicinal, mas sobretudo pela raiz e pelos capítulos, ricos em arnicina (resina extraída do capítulo floral da arnica). b) Dimensão sintagmática: - núcleo denotativo: <i>arnic</i> . - margem conotativa: <i>a</i> . - margem vazia: -----.
V	ARNICA s.f. Droga rica em esteróides, empregada como anti-inflamatória, especialmente para as equimoses (p.94).	

22	Azorrubina	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst. (comum, concreto, individual, simples, derivado), fem.
II	ORIGEM	Origem latina. <i>azo</i> : pr (origem desconhecida). <i>rubor</i> , <i>oris</i> : subst masc latino = vermelhidão, cor vermelha. <i>in</i> ; sf latino = atividade.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>azo</i> : mr dr pr (origem desconhecida). <i>r</i> : consoante de ligação; acréscimo consonantal para compor o vocábulo em português <i>rub</i> : o lx original latino sofreu apócope = substância vermelha. <i>in</i> : mr dr sf tr= matiz de atividade. <i>a</i> : mr fl fem sing
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão sintagmática: <i>azo+r+rub+in+a</i> = corante sintético alimentar; o lx <i>rub</i> denota a cor vermelha que normalmente apresenta este tipo de corante. b) Dimensão paradigmática: - núcleo denotativo: <i>rub</i> . - margens conotativas: <i>azo+in+a</i> . - margem vazia: <i>r</i> .

V	AZORRUBINA:s.f. Substância orgânica sintética formado por sal dissódico do ácido 2 (4 - sulfo -1 - naftilazo) -1 - naftol - 4 - sulfônico, usada como corante (p.41).	

23	Azotioprina	
I	CATEGORIA (caract.)	Trata-se de um termo farmacêutico que não admite abordagem etimológica.
II	ORIGEM	
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	
V	AZOTIOPRINA s.m. Droga citotóxica usada para imunossupressão e controle da rejeição tecidual em cirurgia de transplante. NE: Esta droga é metabolizada para produzir mercaptopurina, um análogo da purina que inibe a síntese de DNA (p.94).	

24	Azuleno	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst. (comum, concreto, individual, simples, derivado), masc.
II	ORIGEM	Origem árabe. <i>lazurd</i> : subst. árabe vulgar; derivado, por sua vez, da voz árabe clássica <i>lazawárd</i> que evoluiu do persa <i>lapislázuli</i> = substância de cor azul. <i>en</i> : sufixo latino =origem, procedência.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	Gênese do vocábulo: <i>l</i> : perda por elisão. <i>azul</i> : lx; substituição <i>rd > l</i> por apofonia = tipo de cor; foi incorporado ao português a través do espanhol. <i>eno</i> : mr dr sf tr próprio do química, que indica tipo de átomo de composição química por ligação dupla.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão sintagmática: <i>azul+en+o</i> = composto orgânico e o isômero do naftaleno. Enquanto o naftaleno é incolor, <i>azuleno</i> é azul escuro. b) Dimensão paradigmática: - núcleo denotativo: <i>azul</i> . - margens conotativas: <i>eno</i> . - margem vazia: -----.
V	AZULENO s.m. Droga constituída pelos hidrocarbonetos de cor azul, encontrada em numerosas plantas, empregada como anti-inflamatória (p.94).	

25	Cantaxantina	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst. (comum, concreto, individual, composto, derivado), fem.
II	ORIGEM	Origem greco-latina. <i>cantus, us</i> : subst. masc latino; derivado, por sua vez, do verbo <i>cano</i> (cantar) = canto de homem ou de aves. <i>xanthós, é, ón</i> : adj grego = amarelo amarelento de um vermelho dourado. <i>in</i> ; sf latino = atividade.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>canta</i> : lx; permuta vocálica por apofonia (u > a) <i>xant</i> : lx apocopado = vermelho dourado. <i>in</i> ; mr dr sf tr = atividade. <i>a</i> : mr fl fem sing.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>canta+xant+in+a</i> : pigmento avermelhado, encontrado na natureza em frutas e alguns crustáceos, especialmente usado para o alimento de canários, com o objetivo de aumentar a sua pigmentação vermelha; o fato de <i>cantar</i> e <i>canário</i> possuírem o mesmo lexema, talvez explique o primeiro lexema do termo. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>canta+xant</i> . - margem conotativa: <i>in+a</i> . - margem vazia: -----.
V	CANTAXANTINA s.f. Substância orgânica, de cor alaranjada, do grupo das xantofilas, extraído de substâncias animais ou vegetais ou obtidos por síntese, usada como corante (p.42).	

26	Capsulina	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst. (comum, concreto, individual, simples, derivado), fem.
II	ORIGEM	Origem latina. <i>capsula, ae</i> : subst fem latino; diminutivo de <i>capsa, ae</i> = caixinha. <i>in</i> ; sf latino = atividade.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	Gênese do vocábulo: <i>capsul</i> : lx apocopado <i>in</i> ; mr dr sf tr = atividade. <i>a</i> : mr fl fem sing.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>capsul+in+a</i> : composto natural, fonte de fibras e vitaminas, para suplementar a alimentação diária. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>capsul</i> . - margem conotativa: <i>in+a</i> . - margem vazia: -----.
V	CAPSULINA s.f. Espécie de cápsula mole, pequena, de forma não esférica, que contém cerca de 0,2 a 0,25 de princípios medicamentosos sólidos ou líquidos (p. 108).	

27	Carbitol	
I	CATEGORIA (caract.)	Trata-se de um nome comercial, sem referências etimológicas.
II	ORIGEM	
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	

IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	
V	CARBITOL s.m. substância constituída do monoetiléter, líquida, incolor, de sabor adocicado, higroscópico, miscível com água, acetona, benzeno, álcool e éter, utilizada como solvente dos ésteres da celulose (p.42).	

28	Carbowaxe	
I	CATEGORIA (caract.)	Trata-se de um nome comercial para designar o polietilenoglicol, um polímero derivado do petróleo a partir do etileno glicol).
II	ORIGEM	
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	
V	CARBOWAXE s.m. Espécie de agente emulsivo empregado em preparações de aplicação externa ou interna (p. 43).	

29	Carboximetilcelulose	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst. (comum, concreto, individual, composto, derivado), fem.
II	ORIGEM	Origem greco-latina. <i>carbo, onis</i> : subst masc latino = carvão, brasa cinza. <i>oxýs, éia, ú</i> : adjetivo grego = agudo penetrante veemente vivo, rápido; constrói-se, normalmente com o subst. neut grego <i>génos, eos</i> = origem, formando a palavra <i>oxigênio</i> . <i>méthu, us</i> : subst neut grego = bebida fermentada vinho cerveja. <i>cellula, ae</i> : subst fem latino, diminutivo de <i>cella, ae</i> : cela, pequeno compartimento. <i>osis</i> : sf grego; matiz de ação, condição ou estado.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>carb</i> : lx, apocopado do nominativo latino original. <i>oxi</i> : lx, apocopado do nominativo grego original, com permuta vocálica por apofonia (y > i) e elisão de "s" <i>metil</i> : lx original grego, com permuta (hu > i) e acréscimo de "l". <i>celul</i> : lx original latino, com elisão de "l" e "a" <i>os</i> : mr dr sf tr = matriz de ação. <i>e</i> : mr fl fem sing.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>carb+oxi+metil+celul+os+e</i> : substância complexa que se obtém por meio da ação do derivado sólido do ácido cloroacético sobre a celulose alcalina. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>carb+oxi+metil+celul</i> - margem conotativa: <i>os+e</i> . - margem vazia: -----
V	CARBOXIMETILCELULOSE s.m. Substância composta pelo sal sódico de ésteres carboximetílicos da celulose; utilizada como <i>agente espessante</i> hidrófilo e estabilizante das <i>emulsões</i> óleo/água (p.43).	

30	Carmin	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst. (comum, concreto, individual, simples, derivado), masc.
II	ORIGEM	Origem francesa. <i>Carmin</i> : subst masc francês = tonalidade de cor vermelha.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>Carmin</i> : lx. Transposição literal do termo francês.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	Produção resultante: a) Dimensão paradigmática: <i>carmin</i> : substância corante, vermelho vivo, extraída da cochonilha-do-carmim (<i>Dactylopius coccus</i> , parente do pulgão). Por extensão, carmin é também considerada uma cor, muito próxima ao magenta. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>carmin</i> . - margem conotativa: -----. - margem vazia: -----.
V	CARMIN s.f. Substância orgânica natural de cor vermelha; antraquinônico extraído da cachonilha, usada como corante (p.43).	

31	Cataplasma	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst. (comum, concreto, individual, simples, derivado), fem.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>kataplastós, ýos</i> : subst. fem grego; derivado, por sua vez, do vergo grego <i>katapláссо</i> = emplastro. <i>cataplasmas, i</i> : subst masc latino, derivado da voz grega = cataplasma.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>cataplasma</i> : lx original latino, apocopado. <i>a</i> : <i>mr fl fm sing</i> .
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>cataplasma+a</i> : Massa medicamentosa, feita com farinhas (fubá, farinha de trigo, de mandioca etc.), folhas, polpas de frutos e raízes em pó que se aplica diretamente, ou distribuída entre dois panos, sobre a pele de regiões do corpo doloridas, feridas ou inflamadas. b) Dimensão sintagmática: - núcleo denotativo: <i>cataplasma</i> . - margem conotativa: <i>a</i> . - margem vazia: -----.
V	CATAPLASMA s.f. Espécie de forma farmacêutica constituída por massas úmidas e moles de matérias sólidos, que se destinam à aplicação cutânea, para reduzir as inflamações ou desempenhar ação revulsiva (p.108).	

32	Catéquica/Catequínico	
I	CATEGORIA (caract.)	adj relativo a ou que possui propriedades da catequina (do francês <i>catéchine</i>), flavonoide encontrado em plantas lenhosas.
II	ORIGEM	
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	

V	CATÉQUICA s.m. Substância não hidrossolúvel que produz flabenos quando fervidos em HCL, adquire cor verde com solução de cloreto férrico e precipita com solução de bromo (p.43).	

33	Cefalina	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst. (comum, concreto, individual, simples, derivado), fem.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>kefalé</i> , és: subst fem grego = cabeça. <i>in</i> ; sf latino = atividade.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>cefal</i> : lx original grego, apocopado e com permuta consonantal (k > c) <i>in</i> ; mr dr sf tr = atividade. <i>a</i> : mr fl fem sing.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>cefal+in+a</i> : medicamento composto de dipirona, isometepteno e cafeína, indicado para combater a dor de cabeça. b) Dimensão sintagmática: - núcleo denotativo: <i>cefal</i> . - margem conotativa: <i>in+a</i> . - margem vazia: -----.
V	CEFALINA s.f. Substância constituinte do tecido nervoso formado pelo ácido glicerofosfórico, esterificado com ácidos graxos de longas cadeias e etanolamina (p.44).	

34	Cerato	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst. (comum, concreto, individual, simples, derivado), masc.
II	ORIGEM	II-Origem grega. <i>Cerotum</i> : subst neut latino, derivado, por sua vez, de <i>cera</i> , <i>ae</i> , subst fem latino, e do adjetivo grego <i>kerotós</i> , <i>é</i> , <i>on</i> = medicamento a base de óleo e cera.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>cerat</i> : lx latino transposto e apocopado, que sofreu uma permuta vocálica (a > o) por apofonia. <i>o</i> : mr fl masc sing.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>cerat+o</i> : preparação farmacêutica, baseada em uma mistura de cera e óleo, que difere da pomada em não conter resinas. b) Dimensão sintagmática: - núcleo denotativo: <i>cerat</i> . - margem conotativa: <i>o</i> . - margem vazia: -----.
V	CERATO s.m. Espécie de pomada constituída por uma elevada porcentagem de ceras. Sin: ceroto (VER) (p.44).	

35	Cerídio	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst. (comum, concreto, individual, composto, derivado), masc.
II	ORIGEM	Origem latina. <i>cera</i> , <i>ae</i> : subst neut latino = cera. <i>ilia</i> , <i>ilium</i> : subst neut plur latino = entranhas.

III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>cer</i> : lx latino apocopado. <i>idi</i> : lx latino apocopado e evoluído, resultado de uma permuta (i > d). <i>o</i> : mr fl masc sing
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>cer+idi+o</i> : cerídios, ou cerídeos, são ésteres formados pela união de um ácido graxo superior e de um álcool graxo superior; substâncias que têm “cera nas entranhas”. b) Dimensão sintagmática: - núcleo denotativo: <i>cer+idi</i> . - margem conotativa: <i>o</i> . - margem vazia: -----.
V	CERA s.f. Substância de origem vegetal ou animal encontrada nas partes externas periféricas das folhas, talos e frutos com a função de protegê-los contra a transpiração excessiva, constituída do palmito, cerotinato de cetilo ou de merísilo, usada como <i>agente emulsivo</i> do tipo água/óleo. Sin: cerídio (VER). CERÍDIO s.m. Ver: cera (p. 44).	

36	Ceroto	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst. (comum, concreto, individual, simples, derivado), masc.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>Cerotum</i> : subst neut latino, derivado, por sua vez, de <i>cera</i> , <i>ae</i> , subst fem latino, e do do adjetivo grego <i>kerotós</i> , <i>é</i> , <i>on</i> = medicamento a base de óleo e cera.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	Gênese do vocábulo: <i>cerot</i> : lx latino transposto, apocopado. <i>o</i> : mr fl masc sing.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	Produção resultante: a) Dimensão paradigmática: <i>cerot+o</i> = sujeira na pele por falta de banho. b) Dimensão sintagmática: - núcleo denotativo: <i>cerot</i> . - margem conotativa: <i>o</i> . - margem vazia: -----.
V	CERATO s.m. Espécie de pomada constituída por uma elevada porcentagem de ceras. Sin: ceroto (VER). CEROTO s.m. Ver: cerato (p. 108).	

37	Cetona	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) fem.
II	ORIGEM	Origem latina. <i>acetum</i> , <i>aceti</i> , subst neut = vinagre; derivado, por sua vez, do vb. <i>aceo</i> = ser ácido, estar azedo.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>cet</i> : lx, apocopado = ácido. <i>on</i> : mr dr sf tr; “um” é substituído por “on” por apofonia. <i>a</i> : mr fl fem sing.

IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>cet+on+a</i> = é todo composto orgânico que possui o grupo carbonila (C = O) em um carbono secundário da cadeia; a acetona (consultar verbete) é o principal membro da classe das cetonas. b) Dimensão sintagmática: - núcleo denotativo: <i>cet.</i> - margens conotativas: <i>on+a.</i> - margens vazias: -----.
V	CETONA s.f. Substância orgânica constituída por uma oxigênio ligado a um carbono secundário (p.108).	

38	Cianogênio	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst. (comum, concreto, individual, composto, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>kýanos</i>, ou: subst. masc grego = substância de cor azul escura mineral azul cor azul. <i>génos</i>, eos: subst neut grego = nascimento origem, raça, gênero, espécie família, parentela geração, idade.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>cianogênio</i> : composição dos dois lx gregos por transposição literal; apenas houve uma permuta vocálica (e > i) por apofonia.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>ciano+gênio</i> = composto químico com a fórmula (CN)₂. É uma molécula pseudo-halogênia. As moléculas de cianogênio consistem em dois grupos CN-análogos às moléculas halógenas diatômicas, como Cl₂, mas muito menos oxidantes. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>ciano+ gênio.</i> - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	CIANOGENÍO s.m. Substância gasosa incolor, com cheiro característico de amêndoas amargas, muito venenosa. NE: Fórmula química: C ₂ N ₂ .(p. 44)	

39	Ciclofosfamida	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, composto, derivado) fem.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>kýklos</i>, ou: subst. masc grego = círculo, circunferência. <i>fós</i>, <i>fotos</i>: subst. neut grego = luz. <i>famí</i>: variante do vb grego <i>femí</i> = dizer.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>ciclo</i>: lx grego transposto. <i>fos</i>: lx grego transposto. <i>famí</i>: lx grego transposto. <i>d</i>: cl. <i>a</i>: mrfl fm sing.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>ciclo+fos+fami+d+a</i> = remédio usado no tratamento do câncer que atua impedindo a multiplicação e ação das células malignas no organismo. É também muito usado no tratamento de doenças autoimunes por ter propriedades imunossupressoras que diminuem o processo inflamatório no corpo. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>ciclo+fos+fami.</i>

		- margens conotativas: <i>a</i> . - margens vazias: <i>d</i> .
V	CICLOFOSFAMIDA s.f. Droga citotóxica com ação imunossupressora, usada como agente alquilante (p.96)	

40	Ciclosporina	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, composto, derivado) fem.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>kýklos</i> , ou: subst. masc grego = círculo, circunferência. <i>sporá</i> , ás: subst. fem grego, derivado, por sua vez, do vb grego <i>spéiro</i> (semear) = semente. <i>In</i> : sf latino = atividade.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>ciclo</i> : lx grego transposto e apocopado, com perda do "s" final.. <i>spor</i> :lx grego transposto, apocopado, com perda do "a" final. <i>in</i> : mr dr sf tr; trata-se de um sufixo muito comum em compostos químicos. <i>a</i> : mrfl fm sing.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	IV-Produção resultante: a) Dimensão paradigmática: <i>ciclo+spor+ in+a</i> = Substância (C ₆₂ H ₁₁₁ N ₁₁ O ₁₂) extraída do fungo <i>Tolypocladium inflatum</i> e usada como imunossupressor, notadamente para prevenir a rejeição de órgãos transplantados. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>ciclo+spor</i> . - margens conotativas: <i>in, a</i> . - margens vazias: -----.
V	CICLOSPORINA s.f. Droga formada por peptídeos fúngicos que tem potente atividade imunossupressora com efeitos seletivos sobre os linfócitos. NE: A ciclosporina revolucionou o campo de transplante de órgãos, reduzindo a morbidade e a incidência de rejeição (p.96).	

41	Clorambial	
I	CATEGORIA (caract.)	
II	ORIGEM	Termo com etimologia desconhecida
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	
V	CLORAMBIAL s.m. Droga citotóxica alquilante, usada para imunossupressão com efeitos semelhantes à da ciclofosfamida (p.96).	

42	Clorofila	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, composto, derivado) fem.

II	ORIGEM	Origem grega. <i>khlorós, ou:</i> subst. masc grego = verde. <i>fílos, e, on :</i> adj grego = amado, querido.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>cloro:</i> lx grego transposto, apocopado (perda de "s"). <i>fil:</i> lx grego transposto, apocopado (perda de "os"). <i>a:</i> mrfl fm sing.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>cloro+fil+a</i> = designação de um grupo de pigmentos fotossintéticos presente nos cloroplastos das plantas (em sentido geral, incluindo também as algas, cianofíceas e diversos protistas anteriormente considerados "algas" ou "plantas", como as algas vermelhas ou castanhas). b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>cloro+fil</i> . - margens conotativas: <i>a</i> . - margens vazias: -----.
V	CLOROFILA s.f. Substância constituída pelo pigmento verde da folha, através da qual realiza sua função essencial de fotossíntese (p.44).	

43	Clorofórmio	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, composto, derivado) fem.
II	ORIGEM	Origem greco-latina. <i>khlorós, ou:</i> subst. masc grego = verde. <i>formo:</i> verbo latino = formar, produzir.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>cloro:</i> lx grego transposto, apocopado (perda de "s"). <i>formio:</i> origem francesa, derivada do latim; designação dada em 1834 por Alexandre Dumas (cf. Machado).
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>cloro+fórmio</i> = composto pertencente ao grupo dos haletos orgânicos. Ele é na realidade o composto triclorometano (CHCl ₃). b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>cloro+fórmio</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	CLOROFÓRMIO s.m. Substância líquida, incolor, móvel, de sabor adocicado, volátil, não inflamável..., utilizada como <i>veículo</i> para obtenção de extratos de várias drogas, que impedem ou minimiza o desenvolvimento microbiano e decomposição de ordem enzimática (p. 45).	

44	Clorohexidena ou clorexidina	
I	CATEGORIA (caract.)	
II	ORIGEM	A hesitação terminológica impede uma abordagem etimológica.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	
V	CLOROHEXIDENA s.f. Substância derivada da guanidrina, utilizado como conservante oftálmico sob a forma de cloreto, acetato ou gluconato (p.45).	

45	Cloroquina	
----	-------------------	--

I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, composto, derivado) fem.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>khlorós, ou</i> : subst. masc grego = verde. <i>kinéo</i> : verbo grego = mover, remover, agitar.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>cloro</i> : lx grego transposto, apocopado (perda de "s"). <i>quin</i> : lx grego, adaptado à ortografia portuguesa e apocopado (perda de "eo") <i>a</i> : mr fl fem sing.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>cloro+quin+a</i> = A cloroquina é indicada para profilaxia e tratamento de ataque agudo de malária causado por <i>Plasmodium vivax</i> , P. ovale e P. malarie. Também está indicada no tratamento de amebíase hepática. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>cloro+quin</i> . - margens conotativas: <i>a</i> . - margens vazias: -----.
V	CLOROQUINA s.f. Droga derivada da 4 - aminoquinolina, usada no tratamento da malária como também na artrite reumatóide, lupus eritematoso sistêmico e discoide (p.97)	

46	Colchicina	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, composto, derivado) fem.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>khólix, ikos</i> : subst fem grego = intestino, tripas.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>colchic</i> : lx grego transposto, adaptado à ortografia portuguesa mediante a introdução de duas consoantes de ligação (ch). <i>in</i> : mr dr sf tr; trata-se de um sufixo muito comum em compostos químicos. <i>a</i> : mrfl fm sing.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>colchic+in+a</i> = alcalóide altamente venenoso, originalmente extraído das plantas <i>Colchicum autumnale</i> . b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>colchic</i> . - margens conotativas: <i>in+a</i> . - margens vazias: -----.
V	COLCHICINA s.f. Droga cujo mecanismo de ação está ligado à turbilina, provocando a sua dispolimerização, usada no tratamento da gota (p.97)	

47	Colírio	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, primitivo) masc.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>kollyrion, ou</i> : subst neut grego = pasta para lacrar, emplastro unguento para os olhos, colírio.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>colírio</i> : lx grego transposto, apocopado (perda de "l" e "n").
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>colírio</i> = líquido medicamentoso que se aplica diretamente sobre o globo ocular, usado para diversos fins. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>colírio</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.

V	COLÍRIO s.m. Espécie de medicamento que se aplica na mucosa ocular e que atua como anti-inflamatório, miótico, anestésico local, vasoconstrictor, vasodilatador e anti- infeccioso (p.110).
---	---

48	Compressa	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, primitivo) fem.
II	ORIGEM	Origem latina. <i>Compressus, a, um</i> : particípio do vb latino <i>comprimo</i> = estreito, apertado.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>Compressa</i> : lx latino, transposto.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>compressa</i> = Pequena almofada ou gaze esterilizada, dobrada várias vezes e embebida em água ou medicamento, e que se aplica sobre ferida. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>compressa</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	COMPRESSA s.f. Espécie de artigo de gaze, cortado com determinadas dimensões, destinado a aplicar-se sobre feridas de que absorvem os exsudatos (p.111)	

49	Comprimido	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, primitivo) fem.
II	ORIGEM	Origem latina. <i>comprimo</i> : vb latino = apertar, pressionar; o particípio clássico do verbo <i>compressus, a, um</i> , cristalizou no latim vulgar como <i>comprimidus, a, um</i> = apertado, pressionado
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>comprimid</i> : lx latino vulgar, transposto, com apócope (perda de "s") e permuta vocálica (u > o) por apofonia. o: mr fl masc, sinf.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>comprimido</i> = Substância medicamentosa, em forma de pastilha. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>comprimid</i> . - margens conotativas: o. - margens vazias: -----.
V	COMPRIMIDO s.m. Espécie de preparação farmacêutica de consistência sólida e forma variada, geralmente cilíndrica ou lenticular, obtida, agregando, por meio de pressão, várias substâncias medicamentosas secas. Sin: drágea (VER) (p.111).	

50	Conglutina	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) fem.
II	ORIGEM	Origem latina. <i>cum</i> : prep latina, prefixada. <i>gluten, inis</i> : subs neut latino = cola, goma.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>con</i> : transposição do prefixo latino, com duas permutas (u > o; m > n) <i>glutin</i> : transposição do lx do genitivo latino, com elisão de "is". a:mr fl fem sing.

IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>com+glutin+a</i> = Proteína pegadiça, viscosa semelhante à caseína, existente em várias sementes, especialmente na amêndoa. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>glutin</i> = - margens conotativas: <i>com, o</i> . - margens vazias: -----.
V	CONGLUTÍNA s.f. Substância de natureza protéica, constituinte das amêndoas, usada como emulgente (p. 46).	

51	Copraol	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>kópros, ou:</i> subst masc grego = excremento, sujeira.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>copra:</i> lx grego transposto, adaptado à ortografia portuguesa, com acréscimo de “a” <i>ol:</i> mr dr sx tr, que, na nomenclatura química, exprime a ideia de álcool.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>copra+ol</i> = Substância oleosa que se extrai da copra e que é utilizada na fabricação de sabão, supositórios, velas etc. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>copra</i> . - margens conotativas: <i>ol</i> . - margens vazias: -----.
V	COPRAOL s.m. Substância semelhante ao óleo de coco especial, do qual foram retirados os glicerídeos de ponto de fusão mais baixo, constituída dos ácidos palmíticos, mirístico e láurico, com predominância de triéteres saturados (p. 47).	

52	Corante	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem latina. <i>Color, oris:</i> subst. masc latino = cor <i>Ante:</i> sufixo latino com matiz de ação.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>cor:</i> lx transposto do latim, do caso genitivo, que sofreu haplogia (elisão de uma sílaba inteira no corpo do vocábulo [<i>coloris</i> > <i>coris</i>]) e apócope (perda de “is”). <i>ante:</i> mr dr sf tr.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>cor+ante</i> = substância que, se adicionada a outra substância, altera a cor desta. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>cor</i> . - margens conotativas: <i>ante</i> . - margens vazias: -----.
V	CORANTE s.m. Substância empregada para dar coloração aos comprimidos para torná-los mais atrativos e evitar confusões com comprimidos tóxicos. NE: No Brasil usam-se doze corantes; vermelhos (eritrosina, bordéus s, Poncean 4R, Poncean 6R, Escarlata GN, azorrulina); alaranjado (amarelo-laranja S); amarelo (Tartrazina e amarelo de quinoleína); Azuis (indigotina azul de endantreno); (negro brilhante BN) (p.47).	

53	Creme
----	--------------

I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem latina. crama, ae: subst masc popular latino (Machado) = creme, unguento.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	creme: lx transposto do latim, por intermédio do francês crème, mediante dupla permuta vocálica (a. e).
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: creme = creme, unguento, nata. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: creme. - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	CREME s.m. Espécie de pomada preparada com excipiente emulsivo do tipo óleo em água ou água em óleo (p.112)	

54	Crivo	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem latina. <i>Cribrum, i</i> : subst neut latino = crivo, peneira, joeira.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>criv</i> : lx transposto do latim, com elisão de “r”, permuta consonantal (b > v) e apócope de “um”. <i>o</i> : mr fl masc sing.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>criv+o</i> = utensílio com o fundo perfurado e que se usa para separar fragmentos, grãos, pedras preciosas e congêneres, de acordo com o volume e a espessura; joeira, peneira. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>criv</i> . - margens conotativas: <i>o</i> . - margens vazias: -----.
V	CRIVO s.m Espécie de fios de ferro que servem para a preparação de tecidos de malhas largas usados na fabricação de tamisis (p.141).	

55	Cromatografia	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, composto, derivado) fem.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>khroma, atos, ou</i> : subst neut grego = cor, pigmentação, matiz. <i>grafé, és</i> : subst. fem grego, derivado, por sua vez, do verbo <i>grafo</i> (escrever) = escrita, escritura. <i>ia</i> : sf de origem grega = referente a
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>cromato</i> : lx grego transposto do genitivo; perda do “s” por apócope. <i>graf</i> : lx grego transposto; perda de “es” por apócope. <i>ia</i> : mr dr sf tr.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>cromato+graf+ia</i> = processo de separação e identificação de componentes de uma mistura. Essa técnica é baseada na migração dos compostos da mistura, os quais apresentam diferentes interações através de duas fases. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>cromato+graf</i> . - margens conotativas: <i>ia</i> - margens vazias: -----.
V	CROMATOGRAFIA	

	s.f. Processo analítico para separar, identificar e determinar as substâncias encontradas numa mistura (p. 141).
--	--

56	Curcumina	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) fem
II	ORIGEM	Origem árabe/persa/sânscrito. <i>kurkum</i> : subst. árabe, derivado, por sua vez, do persa <i>kurkam</i> , procedente do sânscrito <i>kurkumani</i> .
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>curcumina</i> : lx sânscrito, adaptado à ortografia portuguesa; o vocábulo sofreu uma metátese (ani > ina).
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>curcumina</i> = A curcumina é a substância ativa da cúrcuma, uma planta muito utilizada na culinária indiana, sendo famosa por sua cor amarelo-ouro e seu sabor picante. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>curcumina</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	CURCUMINA s.f. Substância orgânica natural de cor amarela, extraída da cúrcuma e constituído pela 1,7 - bis (4 - hidróxi - 3 - metoxifenil) - 1,6 - heptadreno - 3,5 - diona - 6,7 - dimetil - 9 (D - 1 - ribiti) isoceloxazina, usada como corante (p. 47).	

57	Edulcorante	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem latina. <i>edulcorare</i> : vb latino tardio (Machado) = adoçar <i>ante</i> : suf latino = matiz de ação.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>edulcor</i> : lx transposto do latim, com elisão da terminação "are". <i>ante</i> : mr dr sf tr.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>edulcor+ante</i> = substância adoçante b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>edulcor</i> . - margens conotativas: <i>ante</i> . - margens vazias: -----.
V	EDULCORANTE s.m. Grupo de substâncias empregadas para corrigir o gosto de uma dada preparação. NE: Citam-se como exemplos, açúcares, sacarina, sacarinato de sódio, ciclamatos de sódio e de cálcio (p.49).	

58	Emoliente	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, primitivo) masc.
II	ORIGEM	Origem latina. <i>Emolliens, tis</i> : particípio presente do vb latino <i>emollio</i> = tornar mole, amolecer, abrandar.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>Emoliente</i> : transposição literal do caso ablativo do particípio latino citado, com elisão de um "i".

IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>emoliente</i> = substância que abranda ou amolece; formulação semissólida, viscosa e monofásica, que detém combinações de água, óleos e gorduras, destinadas a ajudar a hidratar a pele e restaurar a oleosidade perdida devido ao ressecamento da pele. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>emoliente</i>. - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	DEMULCENTE	s.m. Grupo de medicamentos de uso interno local que apresentam propriedades de amolecerem as mucosas inflamadas do trato digestivo ou do aparelho respiratório, como o <i>xarope de alteia</i> e o de <i>avenca</i>. Sin: emoliente (VER) (p.113)

59	Emplastro	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, composto, primitivo) fem.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>émplastron</i>, ou: subst neut grego = emplastro.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>emplastro</i> : lx transposto literalmente do caso nominativo grego, com apócope (supressão de “n”)
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>emplastro</i> = medicamento de uso externo que, sob a ação de calor suave, amolece levemente, aderindo à pele. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>emplastro</i>. - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	EMPLASTRO	s.m. Espécie de droga em forma de massa plástica, empregada com fim de proteção ou como <i>excipiente</i> de <i>princípios ativos</i> para a pele (p.99).

60	Emulgente	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, primitivo) masc.
II	ORIGEM	Origem latina. <i>emulgens</i>, <i>entis</i>: particípio presente do vb latino <i>emulgeo</i> = ordenhar.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>emulgente</i> : transposição literal do caso ablativo do particípio latino citado.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>emulgente</i> = agente que realiza um processo purificante ou esvaziador. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>emulgente</i>. - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	AGENTE EMULSIVO	s.m. Substância composta por elementos dotados de propriedades para originarem um filine absorvido à superfície das duas fases da <i>emulsão</i> usado na emulsificação para estabilizar emulsões. Sin: emulgente (VER) (p. 49).

61	Enema	
----	--------------	--

I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, primitivo) fem.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>énema, atos</i> : subs neut grego = injeção, clister.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>enema</i> : lx transposto literalmente do caso nominativo grego, com diástole (deslocamento do acento em direção ao fim do vocábulo).
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>enema</i> = procedimento que consiste na colocação de um pequeno tubo pelo ânus, no qual é introduzida água ou alguma outra substância com o objetivo de lavar o intestino, sendo normalmente indicado nos casos de prisão de ventre, para aliviar o desconforto e facilitar a saída das fezes. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>enema</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	ENEMA s.m. Ver: clister. CLISTER s.m. Espécie de forma medicamentosa, de <i>veículo</i> fluido, destinada a ser injetada no reto, com absorção local ou no cólons, que constitui os evacuantes ou purgativos, anti-helmínticos, hemolientes, <i>adstringentes</i> e carminativos ou clisteres alimentares com base em glicose, leite e peptona. Sin: enema (VER) (p. 113)	

62	Energeteno	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, primitivo) fem.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>enérgia, as</i> : subst fem grego (energia, eficácia, virtude), derivado, por sua vez, do adjetivo, também grego, <i>energés, é, on</i> (ativo, eficaz), derivado do subst neut <i>érgon, ou</i> = trabalho.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>energe</i> : lx grego. <i>t</i> : mr dr cl. <i>eno</i> : mr dr sf tr: indica ligação dupla de átomos de composto químico.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>energe+t+eno</i> : substância química usada na fabricação de bebidas energéticas. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>energe</i> . - margens conotativas: <i>eno</i> -. - margens vazias: <i>t</i> .
V	ENERGETENO s.m. Preparação líquida obtida por extração de vegetais frescos com dissolventes neutros, constituindo medicamentos especializados (p. 99).	

63	Enóleo	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem greco-latina. <i>óinos, ou</i> : subst masc grego, que derivou para <i>oen</i> (pronunciado “eno” no latim vulgar) = vinho.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>eno</i> : lx grego, que sofreu permutas vocálicas (oi > e) e elisão de “s” na sua passagem pelo latim, antes de se consolidar no português. <i>l</i> : cl.

		eo; mr dr sf tr = sufixo químico, indicador de composição.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>eno+I+eo</i> = medicamento preparado com vinho. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>eno</i> . - margens conotativas: <i>eo</i> . - margens vazias: <i>I</i> .
V	ENÓLEO s.m. Espécie de droga elaborada obtida por dissolução de princípios medicamentosos em vinhos (p.99).	

64	Eritrosina	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) fem.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>erythrós</i> , é, ón: adj grego (vermelho), derivado, por sua vez, do vb, também grego, <i>eréytho</i> (avermelhar, ruborizar) = vermelho.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>eritros</i> : lx transposto literalmente do caso nominativo masculino do adj grego, com adaptações ortográficas ao português. <i>in</i> : mr dr sf tr; trata-se de um sufixo muito comum em compostos químicos. <i>a</i> : mr fl fem sing.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>eritos+in+a</i> : corante rosa-cereja, cuja fórmula química é $C_{20}H_{14}O_5$, especificamente, um derivado da fluorona. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>eritros</i> . - margens conotativas: <i>in+a</i> . - margens vazias: -----.
V	ERITROSINA s.f. Substância constituída por sal dissódico ou dipobásico da 2 : 4 : 5 : 7 : tetraiodofluoresceína (p.50).	

65	Esfingomielina	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, composto, derivado) fem.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>sfingo</i> : vb grego = abraçar, apertar condensar. <i>myelós</i> , óu: subs masc grego = medula.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>esfingo</i> : lx transposto literalmente do grego, com acréscimo vocálico (e) por prótese. <i>miel</i> : lx transposto literalmente do grego, com apócope (elisão de "os"). <i>in</i> : mr dr sf tr; trata-se de um sufixo muito comum em compostos químicos. <i>a</i> : mr fl fem sing.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>esfingo+miel+in+a</i> : Cada um de um grupo de fosfátides cristalinos, extraídos especialmente de tecido nervoso, dos quais, por hidrólise, se obtém esfingosina ou seus derivados diídricos, colina e ácido fosfórico. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>esfingo+miel</i> . - margens conotativas: <i>in+a</i> . - margens vazias: -----.

V	ESFINGOMIELINA s.f. Substância constituída de tecido nervoso, formada pela esfingosina ligada ao ácido fosfórico esterificado com a colina (p.175).
---	--

66	Esparadrapo	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, primitivo) masc.
II	ORIGEM	Origem latina. <i>sparadrapu</i> : voz latina medieval, de origem escura (Machado) = tira, faixa.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>esparadrapo</i> : lx transposto literalmente do latim, com acréscimo vocálico (e) por prótese e permuta (u > o)
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>esparadrapo</i> = produto desenvolvido com tecido em algodão e resina acrílica impermeável, para que o ferimento entre em contato com a água. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>esparadrapo</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----
V	ESPARADRAPO s.m. Espécie de preparação farmacêutica constituída por tecidos espessos de algodão, pelica, papel, oleado, recoberta numa de suas faces por uma camada delgada, homogênea e adesiva de material emplástico (p.113).	

67	Espermacete	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, composto, primitivo) fem.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>Spérma, atos</i> : subs neut grego = semente, grão, esperma; no latim medieval existia a locução <i>sperma ceti</i> = semente de cetáceo.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>espermacete</i> : lx transposto literalmente da locução medieval latina, com acréscimo vocálico (e), por prótese, e permuta vocálica (i > e).
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>espermacet+e</i> : mistura de substâncias gordurosas extraídas da cabeça de baleias, constituída especialmente de <i>palmitato de cetila</i> e usado em cremes, ceras, emulsões, na fabricação de velas, sabões, emolientes etc. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>espermacet</i> - margens conotativas: <i>e</i> . - margens vazias: -----.
V	ESPERMACETE s.m. Substância cerosa obtida da cabeça do chocolate, contendo palmitato de cetilo, usada como agente espessante lipófilo e estabilizante para as emulsões óleo/água (p. 50).	

68	Esterol	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, primitivo) masc.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>stereós, á, ón</i> : adj grego = firme, duro vigoroso, robusto sólido, maciço duro, cruel obstinado, testarudo.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>ester</i> : lx transposto literalmente do grego, com acréscimo vocálico (e), por prótese, e elisão de "eos". <i>ol</i> : mr dr sf tr: sufixo que, em produtos químicos, indica presença de álcool.

IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>ester+ol</i> = Substância orgânica com vários ciclos de átomos de carbono e uma função de álcool (ex.: o colesterol). (Os esteróis entram na composição de vários hormônios e vitaminas.) b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>ester</i> - margens conotativas: <i>ol</i>. - margens vazias: -----.
V	ESTEROL s.m. Espécie de lipídios encontrados em sementes oleaginosas, como o trigo e o arroz, pertencentes ao núcleo cíclico de peso molecular elevado que se acham no estado livre ou esterificado com ácidos graxos, formando colesterolídios. NE: Para a farmacognosia tem maior importância o ergosterol, que por irradiação, dá calciferol ou vitamina D (p.51).	

69	Estíptico	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, primitivo) masc.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>Styptérios</i>, <i>e</i>, <i>on</i>: adj grego = adstringente. <i>Ikós</i>: sf grego = próprio de.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>estipt</i>: lx transposto literalmente do grego, com acréscimo vocálico (e), por prótese, e elisão de “erios”. <i>ico</i>: mr dr sf tr: matiz de característica marcante e permanente.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>estipt+ico</i> = Substância ou fármaco adstringente e/ou hemostático devido às suas propriedades físicas ou químicas (gelo, nitrato de prata, ácido tânico, sulfato de cobre, certos venenos de cobra, sulfato de zinco, etc.). b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>estipt</i> - margens conotativas: <i>ico</i>. - margens vazias: -----.
V	ESTÍPTICO s.m. Ver: adstringente (p. 113) ADSTRINGENTE s.m. Grupo de anti-inflamatório que provoca a constrição das superfícies mucosas, pele, vasos sanguíneos ou tecidos diversos, diminuindo as secreções e os corrimentos, atuando por vasoconstrição local e coagulação local das albuminas, levando à absorção dos edemas. NE: Os adstringentes são aplicados em soluções aquosas, <i>pomadas</i>, <i>supositórios</i>, <i>óvulos</i> e <i>emplastros</i>. Sin: estíptico. (VER).	

70	Etanol	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>Aithér</i>, <i>éros</i>: sust unigenérico grego = éter, região superior, ar; derivado, por sua vez, do verbo <i>áitho</i> = acender, queimar, alumiar.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>et</i>: lx transposto literalmente do grego, com permuta vocálica (ai > e), e elisão de “er”, adaptado à ortografia portuguesa. <i>an</i>: vl + cl. <i>ol</i>: mr dr sf tr: sufixo que, em produtos químicos, indica presença de álcool

IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>et+an+ol</i> = Álcool etílico; substância líquida, incolor e volátil que se obtém a partir da fermentação de açúcares ou de substâncias orgânicas (fórmula: C₂ H₅OH). b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>et</i> - margens conotativas: <i>ol</i>. - margens vazias: <i>an</i>.
V	ETANOL s.m. Espécie de <i>veículo</i> para preparação injetável de efeito vasodilatador e taquicardizante (p.51).	

71	Éter	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, primitivo) masc.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>aithér, éros</i>: sust unigenérico grego = éter, região superior, ar; derivado, por sua vez, do verbo <i>áitho</i> = acender, queimar, alumiar.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>éter</i> : lx transposto literalmente do grego, com permuta vocálica (ai > e), adaptado à ortografia portuguesa.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>éter</i> = Nome comum do óxido de etilo (C₂H₅)₂O, líquido muito volátil e inflamável, bom solvente; éter sulfúrico. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>et</i> - margens conotativas: <i>ol</i>. - margens vazias: <i>an</i>.
V	ETANOL s.m. Espécie de <i>veículo</i> para preparação injetável de efeito vasodilatador e taquicardizante (p. 51).	

72	Eteróleo	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, composto, primitivo) masc.
II	ORIGEM	Origem greco-latina. <i>aithér, éros</i>: sust unigenérico grego = éter, região superior, ar; derivado, por sua vez, do verbo <i>áitho</i> = acender, queimar, alumiar. <i>óleo, i</i>: subst. neut latino = óleo, azeite de oliva.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>éter</i>: lx transposto literalmente do grego, com permuta vocálica (ai > e), adaptado à ortografia portuguesa. <i>óleo</i>: lx transposto literalmente do latim, com permuta vocálica (um > o).
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>éter+óleo</i> = Medicamento que se obtém pela solução direta de dada substância no éter. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>éter+óleo</i> - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	ETERÓLEO s.m. Espécie de droga elaborada, cujo <i>veículo</i> é o éter sulfúrico, obtida por dissolução simples ou extrativa (p. 100).	

73	. Etilenoglicol	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, composto, derivado) masc.

II	ORIGEM	Origem grega. <i>aithér, éros</i>: sust unigenérico grego = éter, região superior, ar; derivado, por sua vez, do verbo <i>áitho</i> = acender, queimar, alumiar. <i>ýle, es</i>: subst. fem grego = matéria. <i>glykýs, éia, ú</i>: adj grego = de sabor doce doce, agradável, delicioso.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>et</i>: lx transposto literalmente do grego, com permuta vocálica (ai > e), adaptado à ortografia portuguesa. <i>il</i>: lx transposto literalmente do grego, com apócope de é. <i>eno</i>: mr fl dr tr que, em química, indica tipo de átomo por ligação dupla. <i>glic</i>: lx transposto literalmente do grego, apocopado (perda de "ys") e adaptado à ortografia portuguesa. <i>ol</i>: mr dr sf tr: sufixo que, em produtos químicos, indica presença de álcool.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>ét+il+eno+glicol</i> = álcool com dois grupos -OH (grupo hidroxil ou hidroxila). É um composto químico largamente utilizado como anticongelante automotivo. Na sua forma pura, é um composto inodoro, incolor, xaroposo líquido com sabor doce. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>et+il+glicol</i> - margens conotativas: <i>eno-</i>. - margens vazias: -----.
V	ETILENOGLICOL	s.m. Substância incolor, inodora, com propriedades intermédia entre as da água e da <i>glicerina</i>, utilizada na indústria como solvente e na preparação de soluções injetáveis de determinados sais de bismuto. NE: Fórmula química: CH₂OHCH₂OH (p.52).

74	Eupéptico	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>Eu</i>: adv grego = bem, bom. <i>pépsis, eos</i>: sust fem grego = digestão; derivado, por sua vez, do vb grego, derivado, por sua vez, do vb grego <i>péssō</i>, cujo particípio é <i>péptika</i> = cozer.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>eu</i>: lx transposto literalmente do grego. <i>péptico</i>: lx transposto literalmente do particípio grego, com permuta vocálica (a > o), adaptado à língua portuguesa.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	Produção resultante: a) Dimensão paradigmática: <i>eu+peptico</i> = Substância que facilita a digestão. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>eu+péptico</i> - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	EUPÉPTICO adj. Ver: antipasmódico (p. 113) ANTIPASMÓDICO adj. Diz-se de medicamentos que facilita a digestão. Sin: eupéptico (VER).	

75	Excipiente	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, primitivo) masc.
II	ORIGEM	Origem latina.

		<i>excipio</i> : vb latino = fazer exceção, excetuar, cujo particípio presente é <i>excipiens, entis</i> .
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>excipiente</i> : lx transposto literalmente do caso ablativo do particípio presente do verbo <i>excipio</i> .
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>excipiente</i> = substância inerte incorporada como veículo a certos medicamentos. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>excipiente</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	EXCIPIENTE s.m. Substância líquida ou mole usada para ligar, dissolver ou modificar o gosto de outra que serve de medicamento. Sin: intermédio (VER) (p. 52).	

76	Gaze	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, primitivo) fem.
II	ORIGEM	Origem hindustani-persa. <i>gazi</i> : subst hindustani-persa = vara para medir fazenda.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>gaze</i> : lx transposto literalmente, com permuta vocálica (i > e)
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>gaze</i> = Bandagem de algodão com trama aberta (tela), muito usada em curativos, compressas, ataduras; gaza. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>gaze</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	GAZE s.f. Substância formada por compressas de gases hidrófila que servem de veículo a substâncias anti-sépticas e exercem sobre as feridas funções absorventes e desinfetantes (p. 56).	

77	Gelatina	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) fem.
II	ORIGEM	Origem latina. <i>Gelatus, a, um</i> : particípio do verbo <i>gelo</i> = gelar, congelar.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>gelat</i> : lx transposto literalmente, com apócope de "us". <i>in</i> : mr dr sf tr; trata-se de um sufixo muito comum em compostos químicos. <i>a</i> : mr fl fem sing.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	Produção resultante: a) Dimensão paradigmática: <i>gelat+in+a</i> = substância translúcida, incolor ou amarelada obtida pela fervura de partes de tecido conectivo de animais, como ossos e pele. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>gelat</i> . - margens conotativas: <i>in+a</i> . - margens vazias: -----.
V	GELATINA s.f. Substância utilizada como <i>agente emulsivo</i> natural que origina emulsões do tipo óleo/água, usada em preparações farmacêuticas e alimentares (p.56).	

78	Gele ou Gel	
----	--------------------	--

I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, primitivo) fem.
II	ORIGEM	Origem latina. <i>gelo</i> : vb <i>gelo</i> = gelar, congelar.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>gel</i> : lx transposto literalmente, com apócope de “o”.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>gel</i> = sólido aparentemente, de material gelatinoso formado de uma dispersão coloidal, em que o meio disperso apresenta-se no estado sólido, e o meio dispersante no estado líquido. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>gel</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	GELE s.m. Substância resultante da desidratação parcial dos soles liófilos que passam do estado semi-sólido sem líquido sobrenadante, formada pela precipitação de soluções na forma de massa gelatinosa, por alteração da temperatura ou por adição de um dissolvente ao sole liófilo (p. 57).	

79	Gelose	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) fem.
II	ORIGEM	Origem greco-latina. <i>gelo</i> : vb <i>gelo</i> = gelar, congelar. <i>osis</i> : sf grego = matiz de duração (doenças crônicas).
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>gel</i> : lx transposto literalmente, com apócope de “o”. <i>ose</i> : mr dr sf tr, transposto do grego, com permuta vocálica (i > e)
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>gel+ose</i> = Geleia extraída de uma alga, e que se utiliza em bacteriologia, farmácia e na indústria b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>gel</i> . - margens conotativas: <i>ose</i> . - margens vazias: -----.
V	GELOSE s.m. Substância retirada de algas, conteúdo sulfato de poligalactose, usada como agente hidrófilo espessante e estabilizante de <i>emulsões</i> óleo/água (p. 57).	

80	Gelotubo	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, composto, primitivo) masc.
II	ORIGEM	Origem latina. <i>gelo</i> : vb <i>gelo</i> = gelar, congelar. <i>tubus, i</i> : subst masc = conduto, cano.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>gelo</i> : lx transposto literalmente. <i>tubo</i> : lx transposto literalmente do caso ablativo.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>gelo+tubo</i> = equipamento com diversas funções terapêuticas. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>gelo+tubo</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	GELOTUBO s.m. Ver: cápsula dura (p. 114) CÁPSULA DE ENCAIXE s.f. Cápsula cujo invólucro é constituído apenas por gelatina hidratada. Sin: cápsula dura, cápsula operculada, gelotubo (VER).	

	CÁPSULA DURA s.f. Ver: cápsula de encaixe
--	--

81	Glicerídeo	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>glykerós, á, on:</i> adv grego = doce, de sabor doce.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>glicer:</i> lx grego transposto literalmente, com elisão de “os” e adaptação à ortografia portuguesa. <i>ídeo:</i> mr dr sf tr do âmbito da química, que indica determinada função.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>glíce+r+ídeo</i> =lipídeo encontrados em maior quantidade nos alimentos, representados pelo óleo e gordura. Os glicerídeos fazem parte de um dos quatro grupos dos lipídeos e consistem em moléculas de glicerol (C ₃ H ₈ O ₃) unidas a uma, duas ou três moléculas de ácidos graxos. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>glicer</i> . - margens conotativas: <i>ídeo</i> . - margens vazias: -----.
V	GLICERÍDEO s.m. Grupo de ésteres de ácidos carboxílicos que se derivam de álcool, encontrados no óleo de semente de milho e de algodão, no cebo, na banha e na manteiga (p. 57).	

82	Glicerina	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) fem.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>glykerós, á, on:</i> adv grego = doce, de sabor doce.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>glicer:</i> lx grego transposto literalmente, com elisão de “os” e adaptação à ortografia portuguesa. <i>in:</i> mr dr sf tr do âmbito da química, que indica determinada função. <i>a:</i> mr fl fem sing
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>glicer+ín+a</i> = b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>glicer</i> - margens conotativas: <i>ín+a</i> . - margens vazias: -----.
V	GLICERINA s.f. Substância líquida, viscosa, higroscópica, incolor, inodora de sabor doce, utilizada na técnica farmacêutica como solvente na preparação de soluções para uso tópico. NE: O seu emprego como veículo injetável produz hemoglobínúria, hipertensão e alterações nervosas. Sin: propanotriol (VER) (p.57).	

83	Glicireo	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) fem.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>glykerós, á, on:</i> adv grego = doce, de sabor doce. <i>ivu:</i> sufixo latino tardio (O latim clássico carecia de “v”.); ideia de “coletividade” ou “qualidade”.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>glicer:</i> lx grego transposto literalmente, com elisão de “os” e adaptado à ortografia portuguesa.

		<i>io</i> : mr dr sf tr, transposto do latim, com elisão de “v” e permuta (u > o)
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>glicér+io</i> = Núcleo trivalente, isômero do alilo. [Farmácia] Designativo de qualquer medicamento cuja base seja a glicerina. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>glicer</i> - margens conotativas: <i>io</i> . - margens vazias: -----.
V	GLICÍREO s.m. Ver: glicerolado. s.m. Espécie de droga elaborada, viscosa, de grande adesividade, usada na aplicação de fármacos que atuam na mucosa bucal (p.103).	

84	Glicerolado	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) fem.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>glykerós</i> , á, on: adv grego = doce, de sabor doce. at: sufixo latino que caracteriza as formas de particípio da primeira conjugação latina.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>glicer</i> : lx grego transposto literalmente, com elisão de “os” e adaptação à ortografia portuguesa. <i>ol</i> : mr dr sf tr do âmbito da química, que indica presença de álcool. <i>ad</i> : mr dr sf tr, que marca as formas de particípio verbal da primeira conjugação portuguesa; derivado do latim, com permuta (t > d). <i>o</i> : mr fl masc sing.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>glicer+ol+ad+o</i> = variação de Glicério b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>glicer</i> - margens conotativas: <i>ol+ad+o</i> . - margens vazias: -----.
V	GLICEROLADO s.m. Espécie de droga elaborada, viscosa, de grande adesividade, usada na aplicação de fármacos que atuam na mucosa bucal. Sin: glicíreo (VER) (p.103)	

85	Gliceróleo	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, composto, derivado) fem.
II	ORIGEM	Origem greco-latina. <i>glykerós</i> , á, on: adv grego = doce, de sabor doce. <i>oleum</i> , i: subst. neut latino = óleo, azeite de oliva.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>glicer</i> : lx grego transposto literalmente, com elisão de “os” e adaptação à ortografia portuguesa. <i>óleo</i> : lx transposto literalmente do latim, com permuta vocálica (um > o).
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>glicer+óleo</i> = variação de glicério. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>glicer. óleo</i> - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	GLICERÓLEO s.m. Espécie de droga elaborada líquida cujo <i>veículo</i> é a glicerina (p. 103).	

86	Glicídio	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>glykýs, éia, ú:</i> adv grego = doce, de sabor doce. <i>ídios, a, on:</i> adjetivo grego = próprio, particular.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>glic:</i> lx grego transposto literalmente, com elisão de “ys” e adaptado à ortografia portuguesa. <i>ídio:</i> mr dr sf tr, transposto do grego, com elisão de “s”, que indica determinada particularidade ou propriedade.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>glic+ídio</i> = substância que fornece energia para muitos tipos de seres vivos por meio da alimentação; composto dos quais são feitos muitos membros e órgãos de animais. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>glic</i> . - margens conotativas: <i>ídio</i> . - margens vazias: -----.
V	GLICÍDIO s.m. Substância formada por um composto ternário constituído de C, H, O, sintetizado pelo conteúdo clorofiliano das plantas através do dióxido, água e luz. NE: São hidrolisáveis dando como resultado OSES ou outras substâncias não osídicas (p. 58)	

87	Glicosídeo	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>glykýs, éia, ú:</i> adv grego = doce, de sabor doce. <i>ídios, a, on:</i> adjetivo grego = próprio, particular.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>glicos:</i> lx grego transposto literalmente, com permuta (y > o), e adaptado à ortografia portuguesa. <i>ídio:</i> mr dr sf tr, grego, com elisão de “s”, que indica determinada particularidade ou propriedade.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>glicos+ídio</i> = Nome genérico dado a diversos compostos naturais encontrados nos vegetais e que, por hidrólise, dão origem à glicose. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>glicos</i> . - margens conotativas: <i>ídio</i> . - margens vazias: -----.
V	GLICOSÍDIO s.m. Grupo de glicídio que caracteriza os heterósides (p.58).	

88	Glicoferol	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>glykýs, éia, ú:</i> adv grego = doce, de sabor doce. <i>féro:</i> vb grego = levar.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>glico:</i> lx grego transposto literalmente, com permuta (y > o), e adaptado à ortografia portuguesa. <i>fer:</i> lx grego transporto, com elisão de “o”, que forma sinalefa com o sufixo contíguo. <i>ol:</i> mr dr sf tr do âmbito da química, que indica presença de álcool.

IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>glico+fer+ol</i> = também chamado glicerol ou glicerina, é um composto orgânico pertencente ao grupo dos alcóois (função orgânica que apresenta um grupo OH ligado a um carbono saturado). De acordo com a regra de nomenclatura estabelecida pela União Internacional da Química Pura e Aplicada (IUPAC), esse composto é chamado de propan-1,2,3-triol. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>glico+fer</i>. - margens conotativas: <i>ol</i>. - margens vazias: -----.
V	GLIGLOFEROL s.m. Espécie de Éter obtido pela condensação do álcool tetra-hidrofurfurílico com um polioxutilenoglicol, empregado como dissolvente de fármacos hidrolisáveis (p. 114).	

89	Glóbulo	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, composto, primitivo) masc.
II	ORIGEM	Origem latina. <i>Globulus, i</i>: diminutivo do subst masc latino <i>globus, i</i> = glóbulo, pequena bola, pílula.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>glóbulo</i> : lx transposto literalmente do caso ablativo do vocábulo latino em foco.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>glóbulo</i> = pequeno globo elemento que se encontra em suspensão em certos líquidos orgânicos, como sangue, linfa ou leite. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>glóbulo</i>. - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	GLÓBULO s.m. Espécie de grandes cápsulas moles contendo quantidades de princípios medicamentosos sólidos ou líquidos, superiores a 0,5g (p.114).	

90	Glutubo	
I	CATEGORIA (caract.)	
II	ORIGEM	Termo de etimologia desconhecida.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	
V	GLUTUBO s.m. Espécie de forma medicamentosa constituída do glúten para preparação de cápsulas duras.	

91	Grânulo	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, primitivo) masc.
II	ORIGEM	Origem latina. <i>granulum, i</i>: diminutivo do subst neut latino <i>granum, i</i> = pequeno grão.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>grânulo</i> : lx transposto literalmente do caso ablativo do vocábulo latino em foco.

IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>grânulo</i> = Pequena pílula com uma quantidade diminuta de substância medicamentosa muito ativa e cujo excipiente é em geral constituído de açúcar. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>grânulo</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	GRÂNULO s.m. Espécie de forma farmacêutica semelhante às <i>pílulas</i> , compostas por fármacos muito ativos administrados em fração de mg; cujo <i>excipiente</i> é constituído por uma mistura de lactose com <i>goma arábica</i> adicionada de água, de <i>xarope</i> ou de melito simples (p.59).	

92	Ictiol	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>ichthýs, ýos</i> : subs masc grego = peixe.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>icti</i> : lx grego transposto literalmente, com permuta vocálica (y > i) e apócope de “s”, adaptado à ortografia portuguesa. <i>ol</i> : mr dr sf tr do âmbito da química, que indica presença de álcool
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>icti+ol</i> = Óleo sulfuroso empregado no tratamento de diversas doenças da pele. A pomada de ictiol, remédio antigo e poderoso no tratamento de assaduras, aliviando completamente a dor que esse tipo de abscesso causa. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>icti</i> . - margens conotativas: <i>ol</i> . - margens vazias: -----.
V	ICTIOL s.m. Substância <i>queratoplástica</i> redutora, proveniente do tratamento de xistos betaminosos do Terol, utilizada em pomadas, em óvulos e em mistura com o talco (p.60).	

93	Indigotina	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem latina. <i>indicus, a, um</i> : adj latino = procedente da Índia.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>índigo</i> : lx transposto literalmente do caso ablativo do adjetivo latino em foco, cujo “c” se transformou em “g” por um processo de sonorização. <i>t</i> : mr dr cl <i>in</i> : mr dr sf tr do âmbito da química, que indica determinada função. <i>a</i> : mr fl fem sing
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>índigo+ in+a</i> = denominación tradicional das variedades obscuras e profundas da color azul; b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>índigo</i> . - margens conotativas: <i>in+a</i> . - margens vazias: <i>t</i> .
V	INDIGOTINA s.m. Espécie de corante orgânico sintético constituído do 3,3 - dioxo - 2,2 bis - indolinderno - 5,5 - dissulfonado dissódico (p. 155).	

94	Infusão	
----	----------------	--

I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, primitivo) masc.
II	ORIGEM	Origem latina. <i>infusio, nis</i> : subst. fem latino = ação de verter, infusão injeção, clister.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>infus</i> : lx transposto literalmente do caso ablativo do adjetivo latino em foco, cujo “c” se transformou em “g” por um processo de sonorização. <i>ão</i> : mr dr sf tr: matiz de ação.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>ínfus</i> + <i>ão</i> : processo de elaboração de bebidas, em geral, pela imersão de uma substância aromática em água fria, quente ou a ferver. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>infus</i> . - margens conotativas: <i>ão</i> . - margens vazias: -----.
V	INFUSÃO s.f Processo extrativo que consiste em lançar sobre uma droga água fervente, mantendo o sólido e o líquido por algum tempo num vaso fechado, aplicado para substâncias brandas, constituídas de tecidos moles (p. 61).	

95	Infuso	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, primitivo) masc.
II	ORIGEM	Origem latina. <i>infusio, nis</i> : subst. fem latino = ação de verter, infusão injeção, clister.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>Ínfus</i> : lx transposto literalmente do caso ablativo do adjetivo latino em foco, cujo “c” se transformou em “g” por um processo de sonorização. <i>o</i> : mr fl masc sing.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>ínfus</i> + <i>o</i> : que se derramou; infundido, vertido, espalhado. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>infus</i> . - margens conotativas: <i>o</i> . - margens vazias: -----.
V	INFUSO s.m. Substância extrativa obtida através de uma droga lançada em água aquecida durante algum tempo em um vaso fechado (p. 115).	

96	Kondatest	
I	CATEGORIA (caract.)	
II	ORIGEM	Vocábulo de origem anglo-saxônica, não dicionarizado, que designa um equipamento farmacêutico; não admite abordagem etimológica
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	
V	V-KONTADEST	

	s.m. Espécie de destilador de vidro com alimentação de água, composto por um balão no qual a água é elevada a ebulição por uma chama de gás (p.182).
--	--

97	Magdaleão ou Magdalião	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>magdália</i> , as: subs fem grego = massa, miolo de pão, qualquer pasta.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>magdale</i> : lx grego transposto literalmente, com permuta vocálica (i > e) no português do Brasil. ão: mr dr sf tr: matiz de ação.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>magdale</i> +ão = Medicamento, enrolado cilíndricamente. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>magdale</i> - margens conotativas: <i>ão</i> . - margens vazias: -----.
V	MAGDALEÃO s.m. Espécie de pequenos cilindros de massa pilular, que são divididos em porções menores para preparar as pílulas (p. 183).	

98	Malha	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) fem.
II	ORIGEM	Origem latina (Etimologia diversa) <i>mácula</i> , ae subs fem grego = mancha <i>malha</i> = laçada (provincianismo português) 3ª pessoa do singular do verbo português <i>malhar</i> = exercitar <i>magalia</i> , ae: subst fem lat = choça, cabana.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>malha</i> : transposição de <i>macula</i> ou <i>magalia</i> , com diversos processos de acomodação ao português
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>malha</i> = tecido bem maleável, que estica bastante e não amassa. Com excelente elasticidade e flexibilidade, adapta aos movimentos ... b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>malha</i> - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	MALHA s.f. Parte fundamental dos tamises que representa a unidade constitutiva de um determinado tecido (p.183).	

99	Maná	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) fem.
II	ORIGEM	Origem hebraica <i>Man</i> : subst. hebraico = manjar milagroso; evoluiu para o subs neut indeclinável grego <i>man</i> e para o subs neut indeclinável latino <i>manna</i> .
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>man</i> : lx transposto do hebraico, á: mr fl masc sing.

IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>maná</i> = substância provida milagrosamente por Deus que serviu como principal alimento dos israelitas durante a peregrinação no deserto. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>maná</i> - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	MANÁ s.m. Espécie de suco concreto obtido por incisões da casca do "Fraxinus Ornus" e do "Fraxinus excelsior" (p. 63).	

100	Manesty	
I	CATEGORIA (caract.)	
II	ORIGEM	Marca de um equipamento, compressor de comprimidos; dispensa abordagem etimológica.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	
V	MANESTY s.m. Espécie de destilador aquecido a gás, gasolina, vapor ou eletricamente, usado na preparação de água destilada (p. 183).	

101	Medicamento	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, primitivo) masc.
II	ORIGEM	Origem latina <i>medicamentum</i> , <i>i</i> : subs neut lat = medicamento, remédio unguento matéria orante, tintura, cosmético veneno beberagem pez; derivado, por sua vez do verbo depoente <i>medicor</i> = curar alguém.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>medicamento</i> : transposição literal do caso ablativo do vocábulo.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>medicamento</i> = remédio, medicamento. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>medicamento</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	-MEDICAMENTO s.m. Substância simples ou composta que, administrada convenientemente ao organismo doente, pode aliviar ou curar um estado patológico (p. 117).	

102	Melito	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	-Origem latina <i>mella</i> , <i>ae</i> : subst fem lat = mel. <i>Ittu</i> : sf diminutivo de origem latina.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>melito</i> : junção do lexema e do mr dr sf md dm, com adaptação à ortografia portuguesa

IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>melito</i> = designação genérica de medicamentos que contenham mel preparado (um xarope, p.ex.) no qual o açúcar é substituído por mel. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>melito</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	MELITO s.m. Espécie de preparação farmacêutica líquida, com consistência xaroposa, preparado por dissolução do mel em água ou em solução aquosa, seguida de clarificação, adjuvando-se com adsorventes como caulino, carbonato de magnésio ou carbonato de cálcio (p.118).	

103	Mexiletina	
I	CATEGORIA (caract.)	
II	ORIGEM	Termo de etimologia desconhecida; nome de medicamento indicado para estabilizar o ritmo cardíaco.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	
V	MEXILETINA s.f. Medicamento com composição e ação análoga a lignocaína (p. 118).	

104	Molhante	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem latina <i>mollians, antis</i> : particípio de presente do verbo <i>mollio</i> = torna flexível, tornar mole diminuir, facilitar amolecer.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>molhante</i> : lx latino transposto literalmente do caso ablativo do particípio do verbo em foco, com permuta consonantal (ll > lh) para acomodação no português.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>molhante</i> = também chamado de umectante, é um tipo de adjuvante que atrasa a evaporação da calda, fazendo com que elas fiquem por mais tempo umedecida. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>molhante</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	MOLHANTE s.m. Substância com propriedades tensioativas, usada na fabricação de comprimidos, para aumentar a velocidade de desagregação dos mesmos, que se embolam facilmente pela água (p.159).	

105	Monda	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, primitivo) fem.
II	ORIGEM	Origem latina <i>mundus, a, um</i> : adj latino = limpo; derivado, por sua vez, do vb <i>mundo</i> = limpar

III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>monda</i> : lx latino transposto literalmente do caso nominativo do adj latino, com permuta vocálica (u > o) para acomodação no português.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>monda</i> = <i>stricto sensu</i> , arranque, ou outro processo de eliminação, das ervas nocivas às sementeiras; <i>lato sensu</i> , qualquer tipo de limpeza ou profilaxia. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>monda</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----
V	MONDA s.f. Processo mecânico que se pratica para separar as partes inertes das drogas de origem vegetal e para diminuir suas atividades farmacológicas por diluição. Sin: triagem (VER) (p. 159).	

106	Muleta	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, primitivo) fem.
II	ORIGEM	Origem castelhana <i>muleta</i> : subst. fem = bengala, bastão de apoio.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>muleta</i> : lx castelhano trasposto literalmente ao português.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>muleta</i> = bordão com uma travessa na extremidade superior, na qual se apoiam as axilas, que serve de auxílio àqueles que apresentam alguma dificuldade para anda. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>muleta</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----
V	MULETA s.f. Espécie de pilão utilizado para se fazer a <i>porfirização</i> das drogas(p.185).	

107	Óleo	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc
II	ORIGEM	Origem latina <i>oleum</i> , <i>i</i> : subst neut lat = óleo, azeite.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>óleo</i> : lx latino, transposto literalmente do caso ablativo do vocábulo em foco.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>óleo</i> = substância no estado líquido viscoso nas condições ambientes (temperatura e pressão ao nível do mar); Tecnicamente é um lípido ou ácido graxo, formado por triglicerídeo que possui radicais insaturados, ou lipídios formados pela união de três moléculas de ácidos graxos e uma molécula de glicerol (composto pertencente à função álcool). b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>óleo</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----
V	ÓLEO s.m. Substância dissolvente de diversos substâncias insolúveis na água, empregada na farmácia para a preparação de soluções destinadas a aplicação externa ou interna (p. 65).	

108	Oleóleo	
-----	----------------	--

I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem latina <i>oleum, i</i> : subst neut lat = óleo, azeite.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>oleóleo</i> : reduplicação do lx latino, transposto literalmente do caso ablativo do vocábulo em foco, com sinalefa, que resulta na contração do “o”.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>oleóleo</i> = forma ou composto farmacêutico de diversas procedências, elaborado com fins terapêuticos, visando a saúde epidérmica. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>óleo+óleo</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	OLEÓLEO s.m. Espécie de forma farmacêutica obtida por dissolução simples ou extrativa de princípios medicamentosos num óleo fixo. Sin: óleo medicinal (VER) (p.118).	

109	Ópio	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, primitivo) masc.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>ópion, ou</i> : subs neut grego = ópio.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>ópio</i> : lx grego transposto literalmente do dativo do vocábulo em foco, através do latim <i>opium</i> .
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>ópio</i> = mistura de alcaloides extraídos de uma espécie de papoula (<i>Papaver somniferum</i>), de ação analgésica, narcótica e hipnótica. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>ópio</i> - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	ÓPIO s.m. Espécie de suco concreto constituído de alcalóides ferratiênicos e isoquinoleicos, resmias, gorduras, mucilagens, materiais corantes e odoríferas, sais minerais e ácidos orgânicos (p.67).	

110	Opodeldoque	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem inglesa. <i>opodeldoc</i> : subst masc inglês = linimento.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>ópodeldoque</i> : lx grego transposto literalmente do inglês, adaptado à ortografia portuguesa.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>ópodeldoque</i> = linimento à base de sabão, amoníaco, cânfora, álcool e essências, usado contra dores. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>opodeldoque</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	OPODELDOQUE s.m. Espécie de <i>linimento</i> constituído de <i>sabão animal</i> , cânfora, amônia, essência de alfazema e álcool de 85°, utilizado com funções rubefacientes (p. 119).	

111	Ose	
-----	------------	--

I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>ósos, e, on:</i> adj grego = quão grande, tão grande como.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>ose:</i> lx, transposto do nominativo feminino do adjetivo grego.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>ose</i> = glucídio que só tem uma cadeia carbonada sem ramificação; monossacarídeo. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>ose</i> - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	OSE s.f. Espécie de monossacarídeo hidrolisável, insolúvel no álcool, utilizado como redutor (p. 68).	

112	Oside	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>ósos, e, on:</i> adj grego = quão grande, tão grande como
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>oside:</i> lx, transposto do nominativo feminino do adjetivo grego, com elisão de “os” e acréscimo do sufixo grego <i>ideo</i> , apocopado (perda de “o”).
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>ose</i> = glucídio que só tem uma cadeia carbonada sem ramificação; monossacarídeo. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>oside</i> = polímero de <i>oses</i> entre os quais se distinguem os heterósidos cuja hidrólise produz compostos <i>ose</i> e não carboidratos e os holósidos que são polímeros exclusivamente de <i>oses</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	OSIDE s.m. Espécie de polissacarídeo formado por mais de uma <i>ose</i> ou por uma <i>ose</i> e outra parte não osídica (p.119).	

113	Óvulo	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, primitivo) masc.
II	ORIGEM	Origem latina <i>ovulum, i:</i> diminutivo do subst neut lat <i>ovum, i</i> = ovo pequeno.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>óvulo:</i> transposição literal do caso ablativo do lx latino em foco.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>óvulo</i> = célula sexual feminina (gâmeta feminino) que, depois de fertilizada por um gâmeta masculino, dá origem ao zigoto, durante o processo da reprodução sexuada. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>óvulo</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	ÓVULO s.m. Espécie de preparação farmacêutica de forma ovóide, de consistência sólida, destinada a ser introduzida na vagina.	

	NE: Sob a forma de óvulo contam-se o mercúrio cromo (anti-séptico); o tanino, alúmen e sulfato de zinco (adstringentes); os iodetos de potássio e de mercúrio resolutivos; o ópio e derivados da beladona (calmantes); a antipirina e o extrato de cravagem de centeio (anti-hemorrágico); a alantoína (cicatrizante); o ictiol e o tumenol (queratoplásticos); as penicilinas e sulfatmidas (bactericidas e bacteriotásticos); a nistacina e o roxo de genciana (molicidas); o viofórmio e o glicolilarsanilato de bismuto (tricomonicidas) e certas hormonas (p.160).
--	---

114	Queratolítico	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, composto, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>kéras, atos</i> : subst. neut grego = chifre de animal. <i>lithos, ou</i> : subst masd grego = pedra. <i>Ikós</i> : sf grego = referente a.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>querato</i> : lx proveniente do genitivo sing apocopado por perda de "s" e adaptado à ortografia portuguesa. <i>lit</i> : lx apocopado, por perda de "os". <i>ico</i> : sufixo apocopado por perda de "s".
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>querato+lit+ico</i> = substância que dissolve ou destrói a camada córnea da pele. É usado no tratamento para eliminar as verrugas e outras lesões em que a epiderme produz excesso de pele. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>querato+lit</i> . - margens conotativas: <i>ico</i> . - margens vazias: -----
V	QUERATOLÍTICO s.m. Grupo de medicamentos capazes de dissolver as formações queratínicas, empregados para corrigir ou eliminar cicatrizes ou infiltrações crônicas (p. 121).	

115	Queratoplástico	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, composto, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem grega. <i>kéras, atos</i> : subst. neut grego = chifre de animal. <i>plastikós, é, ón</i> : adj grego = modelador, que serve para modelar.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>querato</i> : lx transposto do genitivo sing apocopado por perda de "s" e adaptado à ortografia portuguesa. <i>plástico</i> : lx transposto do nominativo grego, apocopado, com perda de "s" e adaptado à ortografia portuguesa.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>querato+plástico</i> = produto que intensifica a queratinização dos epitélios promovendo a regeneração da camada córnea, que corresponde à zona celular mais extensa da pele. A sua espessura varia nas diferentes partes do corpo. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>querato+plástico</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	QUERATOPLÁSTICO s.m. Grupo de medicamentos que intensificam a queratinização dos epitélios, regenerando a camada córnea (p.121).	

116	Quinidina	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.

II	ORIGEM	Origem árabe. <i>qinna</i> : subst. masc árabe = gálbano, tipo de planta.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>quini</i> : lx transposto do árabe com elisão de “n” e “a” e adaptado à ortografia portuguesa <i>d</i> : mr dr cl. <i>in</i> : mr dr sf tr do âmbito da química, que indica determinada função. <i>a</i> : mr fl fem sing.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>quini+d+in+a</i> = medicamento que actua a nível do coração como agente antiarrítmico da classe I e, químicamente, é um estereoisómero da quinina. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>quini</i> . - margens conotativas: <i>ina</i> . - margens vazias: <i>d</i> .
V	QUINIDINA s.f. Medicamento que constitui um isômero da quinina, usado para o tratamento de taquicardia e malária (p. 121).	

117	Sabão	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem latina <i>Sapo, nis</i> : subst. masc lat = sabão.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>Sabão</i> : lx latino transposto, com sonorização (p > b), e adaptação à ortografia portuguesa
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>sabão</i> : substância detergente, obtida pela mistura de sais de sódio e de potássio com ácidos graxos, e us. com água para lavagem. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>sabão</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	SABÃO s.m. Espécie de sal de ácido gordo, de origem vegetal ou animal, utilizado como excipientes pilulares, emulgentes, desinfetantes e com fins medicinais (p. 76).	

118	Sacarose	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem grega <i>sákkhar, aros</i> : subst neut grego = açúcar, sacarina.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>sacar</i> : lx grego transposto, adaptado à ortografia portuguesa <i>osis</i> : sf grego com permuta (is > e) = matiz de duração.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>sacar+ose</i> : tipo de glicídio, formado por uma molécula de glicose (C ₆ H ₁₂ O ₆), produzida pela planta ao realizar o processo de fotossíntese, e uma de frutose. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>sacar</i> . - margens conotativas: <i>ose</i> . - margens vazias: -----.
V	SACAROSE s.f. Espécie de açúcar formado pela união de uma molécula de glucose com uma de levulose, que se apresenta em cristais monoclinicos, doces e higroscópicos, obtido por extração da cana-de-açúcar e da beterraba, usado como principal componente na fabricação dos xaropes (p. 77).	

119	Salicilato	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem latina <i>salix, icis</i> : subst. fem lat = salgueiro (árvore). <i>atu</i> ; sf latino para composição de participios de vb da 1ª conjugação.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>salicil</i> : lx latino, transposto do genitivo da voz em foco e adaptado à ortografia portuguesa. <i>ato</i> ; mr dr sf tr, oriundo do latim, com permuta vocálica (u > o): usado em compostos químicos e farmacêuticos, para indicar sais.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>salicil+ato</i> : grupo de fármacos que atuam devido ao seu conteúdo de ácido salicílico, comumente utilizados na inflamação, antipirese, analgesia e artrite reumatoide. São ésteres dos ácidos salicílicos ou os ésteres salicilatos de um ácido orgânico b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>salicil</i> . - margens conotativas: <i>ato</i> . - margens vazias: -----.
V	SALICILATO s.m. Grupo de medicamento que contém precursores do ácido salicílico, como casca de salgueiro e óleo de gaultheria, usado para o tratamento de reumatismo. NE: Deste grupo, o ácido salicílico e o ácido acetilsalicílico (aspirina) foram as primeiras drogas sintetizadas (p.122).	

120	Salicilismo	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc
II	ORIGEM	Origem latina <i>salix, icis</i> : subst. fem lat = salgueiro (árvore). <i>ismos</i> : sf. grego (<i>ismos</i> em latim), caracteriza a ocorrência de certos fenômenos.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>salicil</i> : lx latino, transposto do genitivo da voz em foco, e adaptado à ortografia portuguesa. <i>ismo</i> ; mr dr sf tr,
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>salicil+ismo</i> : nome que recebe a intoxicação que pode provocar alterações predominantemente do sistema nervoso central. Além de perda de potássio, hipoglicemia, erupções da pele e hemorragia gastrointestinal, em casos mais simples, os sintomas podem incluir zumbido, náuseas, vômitos, distúrbios visuais e auditivos, tontura etc b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>salicil</i> . - margens conotativas: <i>ismo</i> . - margens vazias: -----.
V	SALICILISMO s.m. Processo de intoxicação moderada crônica, que ocorre com a ingestão repetida de doses grandes de Salicilato, caracterizada por zumbido, tontura, redução de audição, náuseas e vômitos (p. 123).	

121	Salvis	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem latina <i>salveo</i> : verbo lat = estar de boa saúde, passar bem.

III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>salvis</i> : 2ª pessoa do sing do pres do indicativo (<i>salves</i>) do verbo <i>salveo</i> , que sofreu permuta vocálica (e > i).
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>salvis</i> = Analgésico anti-inflamatório com protetor gástrico. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>salicil</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	SALVIS s.m. Aparelho feito de <i>vidro</i> , com aquecimento elétrico exterior, constituído por um balão alimentado por água decanalização e um segundo, pela água destilada que sai do primeiro, usado para produção de <i>água</i> bidestilada (p.78).	

122	Saponina	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem latina <i>sapo, nis</i> : subst. masc lat = sabão
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>sapon</i> : lx latino transposto literalmente do latim. <i>in</i> : mr dr sf md, diminutivo. <i>a</i> : mr fl fem sing.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>sapon+in+a</i> : b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>sapon</i> . - margens conotativas: <i>in+a</i> . - margens vazias: -----.
V	V-SAPONINA s.f. Substância venenosa, extraída de vegetais que provoca a formação abundante de espuma ao agitar-se com a água, aumenta a permeabilidade da parede celular, provocando espirros, vômitos e diarreia, usada como expectorante. NE: Citam-se como exemplo a salsaparrulha, discorea, polígola, <i>alcaçuz</i> , cabacinha e juazeiro (p.78).	

123	Soles	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem latina <i>soleo</i> : vb lat = ter por costume, costumar.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>soles</i> : 2ª pessoa do singular do verbo <i>soleo</i> .
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>soles</i> = Haste de madeira a que se atrelam duas ou mais juntas de bois. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>soles</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----
V	SOLES s.m. Espécie de dispersão condai cuja fase externa é líquida (p. 79).	

124	Solvente	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, primitivo) masc.
II	ORIGEM	Origem latina

		<i>solvens, tis</i> : particípio de presente do verbo latino <i>solvo</i> = desagregar, dissolver, derreter.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>solvente</i> : lx transposto do ablativo singular do particípio do presente ded <i>sólveo</i> .
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>solvente</i> = substância que dissolve um soluto (um líquido quimicamente distinto, sólido ou gasoso), resultando em uma solução. São geralmente líquidos, mas também podem ser um sólido, um gás ou um fluido supercrítico. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>solvente</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	V-SOLVENTE <i>s.m. Parte líquida de uma solução.</i> <i>NE: Do ponto de vista teórico, admite-se a existência de soluções cujo solvente é um sólido ou um gás (p. 84).</i>	

125	Sorbitol	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem latina <i>sorbítio, onis</i> : subst fem latino = absorção, beberagem, caldo, papa; derivado do vb latino <i>sorbeo</i> = engolir, tragar, absorver
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>sorbit</i> : lx latino transposto, apocopado (elisão de “io”) <i>ol</i> : mr dr sf tr, que indica presença de álcool
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>sorbit+ol</i> = poliálcool, também chamado de glucitol. É encontrado naturalmente em diversas frutas, tais como a maçã e a ameixa. Pode ser obtido a partir da hidrogenação da glicose. O seu poder de adoçar é 50% menor que o da sacarose, b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>sorbit</i> . - margens conotativas: <i>ol</i> . - margens vazias: -----.
V	SORBITOL <i>s.m. Substância sólida de ponto de fusão entre 110° a 112°C, usada como edulcorante e humectante (p. 167).</i>	

126	Seurol	
I	CATEGORIA (caract.)	
II	ORIGEM	Termo de significado e etimologia desconhecidos.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	
V	SEUROL <i>s.m. Espécie de excipiente utilizado em supositórios que contém fármacos em suspensão (p. 78).</i>	

127	Suco	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem latina <i>sugo</i> : vb latino = sugar, chupar.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>suco</i> : lx latino transposto, com permuta (g > c).
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>suco</i> = bebida produzida do líquido extraído de frutos. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>suco</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	SUCO s.m. <i>Espécie de solução extrativa sólida, líquida ou pastosa, retirada das células animais ou por operações mecânicas, como a incisão, a decantação, a expressão, a centrifugação e a filtração (p. 85).</i>	

128	Sulfasalazina	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) fem
II	ORIGEM	Origem francesa <i>Sulfasalazine</i> : subst francês = medicamento anti-inflamatório, derivado de sulfamida.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>sulfasalazina</i> : lx francês transposto, com permuta vocálica (e > a).
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>sulfasalazina</i> = anti-inflamatório intestinal com ação antibiótica e imunossupressora que alivia os sintomas das doenças inflamatórias do intestino b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>sulfasalazina</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	SULFASALAZINA s.f. Droga constituída pela associação de sulfonamida com um salicilato, usada na produção de remissão da artrite reumatóide ativa (p. 188)	

129	Supositório	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, primitivo) masc.
II	ORIGEM	Origem latina <i>suppositorius</i> , a, um; adj. latino = que se coloca por debaixo de; derivado, por sua vez do verbo <i>suppono</i> (sub+pono) = pôr, colocar de baixo.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>supositório</i> : lx latino, transposto do ablativo singular do adjetivo em foco; elisão de um "p" para adaptação à ortografia portuguesa.
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>supositório</i> = forma farmacêutica, destinada à inserção em orifícios corporais (esp. no ânus, na vagina ou na uretra) nos quais amolecem, se dissolvem e exercem efeitos sistêmicos ou localizados. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>supositório</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	CÁPSULA RETAL	

	s.f. Cápsula sólida, de forma e peso adequados, que se destina a ser introduzido no reto, onde deve fundir, dissolver ou emulsionar-se, ou por qualquer processo, desagregar. Sin: Supositório (VER) (p.123).
--	--

130	Suspensão	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.
II	ORIGEM	Origem latina <i>suspensus</i> , a, um: particípio latino do vb. <i>suspendo</i> = suspenso, elevado, pendurado.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>suspensão</i> : lx latino, transposto do ablativo singular do adjetivo em foco, substantivado; permuta (us > ão).
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>suspensão</i> = estado das substâncias sólidas que se mantêm dispersas no seio de um líquido ou gás sem nele se dissolverem b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>suspensão</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	SUSPENSÃO: s.f. Espécie de preparação heterogênea em que a fase externa ou continua é líquida ou semi-sólida e a fase interna ou dispersa é constituída por partículas sólidas insolúveis no meio utilizado. NE: Em Farmácia, as suspensões são utilizadas com três finalidade principais: para uso oral, para aplicação tópica na pele e nas mucosas ou para administração parenteral (p. 124).	

131	Uricosúrico	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) fem.
II	ORIGEM	Origem grega <i>urina</i> , ae: subst. fem latino = urina. <i>sýro</i> : vb grego = arrastar.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>urico</i> : lx lgrego transposto, adaptado à ortografia portuguesa <i>súrico</i> : subst. masc grego com permuta (os > e) = pedra, adaptado à ortografia portuguesa
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>úrico+súrico</i> = medicamento que aumenta a eliminação de ácido úrico pela urina, utilizado no tratamento da gota. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>úrico+súrico</i> - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	URICOSÍRICO s.m. Grupo de drogas que aumenta a excreção do ácido úrico por ação direta sobre o tubulo renal, usado no tratamento da gota. NE: Pertencem a este grupo a probenecida, a sulfipirasona e as classes de diuréticos uricosíricos derivados do ácido etacrínico (p. 104).	

132	Xarope	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) masc.

II	ORIGEM	Origem árabe <i>charab</i> : subst masc árabe = bebida, poção.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>xarope</i> : lx árabe transposto, com sonorização (p > b) e acréscimo de “e” adaptado à ortografia portuguesa
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>xarope</i> = formulação farmacêutica que contém grande quantidade de açúcares, fazendo com que o líquido fique “viscoso”, “meio grosso” (“xaroposo”). Neste veículo ou líquido coloca-se então a substância medicamentosa que vai trazer o efeito benéfico desejado pelo médico que a receitou. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>xarope</i> . - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	V-XAROPE s.m. Espécie de preparação farmacêutica, aquosa, límpida, que contém um açúcar como a saca rose, em concentração próxima de saturação, caracterizada pela elevada viscosidade que atenua o aparecimento de turvações ou precipitações ocasionadas por reação ou pela fraca solubilidade dos fármacos que contém (p.125).	

133	Zeolite	
I	CATEGORIA (caract.)	Subst (comum, concreto, individual, simples, derivado) fem.
II	ORIGEM	Origem grega <i>théo</i> : verbo grego grego = correr, disputar. <i>lithos</i> : subst. masc grego = pedra.
III	GÊNESE DO VOCÁBULO	<i>zeo</i> : lx lgrego transposto, adaptado à ortografia portuguesa <i>lite</i> : subst. masc grego com permuta (os > e) = pedra, adaptado à ortografia portuguesa
IV	PRODUÇÃO RESULTANTE	a) Dimensão paradigmática: <i>zeolite</i> = mineral de estrutura porosa. b) Dimensão sintagmática: - núcleos denotativos: <i>zeo+lite</i> - margens conotativas: -----. - margens vazias: -----.
V	V-ZEOLITE s.m. Substância constituída de silicato de alumínio e sódio. NE: Comercializado com a designação de permutite. Fórmula química: Na ₂₀ Al ₂₀₃ 2 SiO ₂ 6H ₂ O (p. 93).	

4 PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS: COMPOSIÇÃO E DERIVAÇÃO

Os processos de formação de palavras nas línguas naturais são abordados sob diversos aspectos, desde os etimológicos, diacrônicos, aos sincrônicos, quando se interessa por um dado momento do processo evolutivo de uma certa língua, analisando, nessas perspectivas, as relações semânticas que se estabelecem entre palavras diferentes de uma mesma família, ou ainda sobre questões concernentes à sua estrutura interna. Nesse território, as teorias sobre os processos de formação de palavras e o seu estatuto na gramática têm sido objeto de controvérsias na literatura linguística, o que muito interessa a presente investigação, para que seja delineada a análise dos termos científicos à luz das teorias que suportam o referido objetivo de estudo.

4.1 TEORIAS LINGUÍSTICAS EM MORFOLOGIA: DO LÉXICO À SINTAXE

Entendendo-se com Halle (1997) que a Morfologia se ocupa dos elementos que compõem as palavras, da organização desses elementos em constituintes hierárquicos de diferentes tipos e de como as diversas línguas naturais podem encapsular diferentes informações dentro das palavras dessas línguas, descarta-se a descrição normativa que aborda o fenômeno de forma simplista e isolada dos componentes gramaticais envolvidos no léxico, e evidencia-se as vertentes gerativistas, cujas correntes debatem o lugar da formação de palavras: as abordagens lexicalistas e as abordagens não lexicalistas.

As propostas de base lexicalista defendem a possibilidade de que estruturas complexas do nível da palavra sejam formadas no componente lexical, onde a categoria é assumida como uma espécie de etiqueta atribuída às formações no léxico. Nesse fenômeno se inscrevem unidades menores para a formação de um objeto linguístico complexo, contemplando, dessa forma, o território do léxico e da sintaxe. Contrariamente, as propostas de base não lexicalista rejeitam o léxico como componente gerativo e defendem que tanto as palavras quanto as sentenças são formadas na sintaxe, e que o léxico não é um componente formador de estruturas

complexas, mas apenas um lugar de armazenamento de primitivos, constituindo-se como um modelo sintático de análise morfológica, nomeada Morfologia Distribuída-MD⁹.

Nessa perspectiva, as abordagens não lexicalistas entendem que a categoria é o resultado da organização de elementos no interior do componente sintático e não mais como um rótulo estabelecido no componente lexical, já que o mesmo item pode aparecer em diferentes categorias. A proposta é embasada no pressuposto de que a categoria parece ser evidenciada não pela palavra em si, mas pela relação que ela estabelece com outros elementos no interior da sentença, ou seja, a teoria incorpora o léxico na sintaxe.

A Teoria Lexicalista inscrita no Programa Minimalista de Chomsky (1993-1995) funda-se no princípio de que as palavras são fixadas e armazenadas no léxico formando uma lista, dentro do qual funcionam como unidades atômicas que carregam informações formais, fonológicas e semânticas; ou seja, as palavras são formadas por um processo computacional no interior do léxico, de onde saem prontas para as operações sintáticas de juntar, copiar e mover¹⁰.

No interior dessa Teoria se postulam dois modos de formar estruturas, um atuando no léxico, e outro, gerativo, na sintaxe, onde os traços semânticos das palavras são capazes de projetar estruturas sintáticas; ou seja, as propriedades

⁹ A Morfologia Distribuída foi um modelo de morfologia postulado por Halle e Marantz (1993) que se estabeleceu como um modelo de gramática que compartilha com a Teoria de Princípios e Parâmetros de uma série de ideias sobre a organização da gramática, mas apresenta um conjunto de propriedades particulares que os diferenciam (SCHER, 2015, p.18). Como a MD não elege componentes linguísticos específicos para formações derivacionais ou flexionais, também não identifica operações específicas para cada tipo de formação de palavras, uma vez que toda formação é sintática, ou seja, é resultado de operações combinatórias que se dão no Sistema Computacional. Considera Scher (2015) que a grande contribuição da MD não é somente a eliminação do léxico como componente gerativo, mas é por apresentar sugestão de uma nova forma de organizar e definir os primitivos linguísticos que devem ser armazenados. Segundo Halle e Marantz (1993), a Morfologia não pode concentrar-se em um só lugar, assumindo um caráter imutável, mas que deve distribuir-se nos diversos componentes da gramática, ou seja, essa distribuição reproduz uma ideia antiga nos estudos linguísticos, de que a Morfologia não pode ser tratada isoladamente, sem levar em conta a integração que mantém com a Fonologia, a Sintaxe e a Semântica (SCHER, 2015, p.20).

¹⁰ De acordo com Marantz (1997), a Morfologia Distribuída contempla três listas, a das características morfossintáticas, a do vocabulário e a da enciclopédia. A primeira lista, a das características morfossintáticas, é constituída por um léxico reduzido que contém os primitivos e traços abstratos funcionais, como nominalizador, adjetivador, verbalizador, raiz, tempo, número etc, desprovidos de conteúdo fonológico; aproximando-se, dessa forma, do modelo minimalista de Chomsky. Segundo Scher (2015), esses feixes de traços contemplam os diversos locais em que as raízes podem ser inseridas, bem como são responsáveis pela categorização dessas raízes, de acordo com as camadas funcionais que as dominam, como verbos, nomes, adjetivos, etc.

semânticas influenciam o componente sintático. A esse respeito, argumenta Marantz (1997):

Lexicalismo: palavras são criadas no Léxico, por processos distintos dos processos sintáticos de juntar morfemas/palavras. Algumas conexões fonológicas e estruturais/de significado são derivadas no Léxico, enquanto outros aspectos das relações fonológicas, estruturais e de significados são derivados na (e depois da) sintaxe. (Tradução do autor)¹¹.

A ideia de *palavra* está impregnada na mente de qualquer usuário de qualquer língua, uma vez que é um conceito do qual a criança se apropria desde que adquire a consciência da linguagem, bem antes de ingressar na escola e percorre toda experiência e uso da linguagem humana por toda a vida. Na experiência acadêmica, ocupa um lugar de reflexão sobre a gramática da língua, principalmente, após o desenvolvimento da análise linguística pós-saussureana, quando *palavra* passa a ser a unidade mais frequentemente posta em causa. Um procedimento que tem encontrado bastante adesão dos teóricos é a comparação entre línguas, através da qual se procura definições que contemplem a diversidade de formações que as múltiplas tradições linguísticas chamam *palavra*.

Como já foi descrito anteriormente, os critérios para identificação das palavras passam pelo domínio da fonologia, da morfologia e da sintaxe, quando se mantêm as diversas constatações: a) as palavras são um domínio de acentuação; b) as palavras exibem um padrão de acentuação regular e distinto do de outras unidades; c) a afixação só ocorre no interior do domínio de uma palavra; d) as palavras podem ser movidas ou extraídas na frase, os seus constituintes não; e e) a menor unidade que pode constituir uma frase é uma palavra (VILLALVA, 2012, p.128).

Com a coleta de abordagens teóricas que suscita a Morfologia Distribuída, Villalva (2012) defende uma definição de *palavra* enquanto unidade morfológica que não se sobrepõe à sua definição nem na sintaxe, nem na fonologia, nem na Semântica (VILLALVA, 2012, p.129). De forma geral, a autora define *palavra*, enquanto unidade morfológica, como projeções máximas de um radical, obtidas por especificação

¹¹ Lexicalism: words are created in the Lexicon, by processes distinct from the syntactic processes of putting morphemes/words together. Some phonology and some structure/meaning connections are derived in the lexicon, while other aspects of phonology and other aspects of structure/meaning relations are derived in (and after) the syntax." (MARANTZ, 1997, p. 201).

morfológica, realizada por um constituinte temático, e, por especificação morfossintática, realizada pela flexão morfológica, mesmo que, atendendo a parâmetros particulares, estas posições estruturais possam estar vazias (VILLALVA, 2012, p.129):

[[[X] radical [Y] constituinte temático] tema [Z] flexão] palavra

Como se pode constatar, de acordo com Villalva (2012, p.129), a estrutura morfológica das palavras complexas é obtida por ramificação do radical, uma vez que as palavras complexas são, na verdade, radicais complexos nos quais se pode acomodar uma estrutura de derivação (por sufixação), de modificação (por prefixação ou sufixação) ou de composição (de radicais), expressa das seguintes formas:

[[[X base [W] sufixo derivacional] radical derivado [Y] constituinte temático] tema [Z] flexão] palavra

[[[X base [W] sufixo modificador] radical modificado [Y] constituinte temático] tema [Z] flexão] palavra

[[[[W] prefixo modificador X base] radical modificado [Y] constituinte temático] tema [Z] flexão] palavra

[[[X radical [[n] vogal de ligação W] radical] radical composto [Y] constituinte temático] tema [Z] flexão] palavra

Referindo-se particularmente ao português, a definição de *palavra* é acometida também por problemas de ordem fonológica, morfológica e sintática, como analisa Villalva (2012), quando admite as seguintes possibilidades:

- a. os clíticos são um problema, mas podem ser analisados como afixos, ou então considera-se que a palavra que é um domínio de acentuação é distinta da palavra que é uma unidade sintática;
- b. há palavras, como as que contêm sufixos z-avaliativos e os advérbios em –mente, que exibem padrões acentuais distintos do padrão canônico, mas a admissão de que as palavras fonológicas são distintas das unidades sintáticas terminais também resolve este problema;
- c. os z-avaliativos e os advérbios em –mente são palavras formadas por sufixação a palavras, mas essa é uma possibilidade que as propriedades de seleção dos afixos provavelmente admitem; também há que resolver a coordenação de prefixos (cf. pré e pós-parto) e a coordenação de advérbios em –mente (cf. lenta e progressivamente), o que pode sugerir que a análise dos clíticos como afixos deve ser uma hipótese a considerar num quadro mais alargado;
- d. não conheço contraexemplos de movimento ou extração de constituintes de palavras, pelo que este parece ser um critério sólido;
- e. só alguns tipos de palavras (i. e. nomes, verbos, adjetivos, advérbios – mas nem sequer todas as palavras destas categorias) podem ocorrer em

holófrase, o que deixa por resolver o problema de como tratar as palavras que não podem ocorrer neste tipo de frases (VILLALVA, 2012, p 128).

Nessa perspectiva de análise, os compostos são identificados como unidades morfológicas constituídas por um número mínimo de duas variáveis lexicais concatenadas, ou seja, radicais ou palavras, enquanto os processos de afixação consistem na concatenação de uma constante e uma variável, como demonstrado por Villalva (2000, p. 297):

- a. COMPOSIÇÃO: [[x] [y]]
- b. AFIXAÇÃO: [a [x]] (prefixação)
[[x] a] (sufixação)

A definição elaborada pela autora viabiliza a distinção dos processos de afixação dos processos de composição, muito embora não seja suficiente para abarcar a diversidade de estruturas pelas quais são formadas os compostos, pois a identificação da categoria morfológica, radical ou palavra, de cada um dos seus constituintes e a análise da sua estrutura interna denunciam a heterogeneidade do processo, como se pode observar nos exemplos, a seguir:

- a. *antropófago, ortografia, sócio- cultural*
- b. *guarda-jóias, homem-rã, surdo-mudo*

A tradição gramatical da língua portuguesa não é unânime em considerar as formações do tipo *antropófago, ortografia, sócio cultural* como compostos. Gramáticos como Said Ali, Nunes, Cunha e Cintra têm conduta divergentes para a análise dessas formações. Enquanto Said Ali (1931, 1964, p. 229-258) entende que a composição consiste na criação de palavras pela combinação de palavras existentes que se fundem semanticamente, excetuando apenas as que são formadas “por homens eruditos com material puramente grego ou latino para suprir a falta de denominações apropriadas a certos conceitos modernos”, Cunha e Cintra (1984, 1990, p. 109) classificam-nos como compostos eruditos, formados pelo modelo de composição greco-latina, em que o determinado é precedido pelo determinante. Observam os gramáticos que esse tipo de compostos é comum em terminologias científicas ou técnicas e a sua estrutura, com núcleo à direita e vogal de ligação entre constituintes, evidenciando estreita similaridade com os processos de composição em Grego Antigo

e em Latim. Já Nunes (1919, 1975, p. 398-404), mesmo concebendo-os como compostos, diferencia dos demais, por se tratar de formações literárias e não populares.

A descrição dos compostos apresentada pela gramática tradicional portuguesa torna-se inconsistente por privilegiar demasiadamente os aspectos semânticos, o que inviabiliza a elaboração de uma definição fiável para este tipo de unidades morfológicas, bem como a identificação das estruturas que as caracterizam. Ademais, utiliza categorias de natureza diacrônica para tentar dar conta de distinções formais sincrônicas.

Quando a tradição normativa define a composição como um processo de formação de palavras que representam “sempre uma ideia única e autônoma, muitas vezes dissociada das noções expressas pelos seus componentes”, gera deficiência de análise, uma vez que o conceito de “ideia única e autônoma” não permite identificar, com rigor, nenhuma unidade gramatical, dado que é, em si próprio, passível de múltiplas interpretações (Cunha e Cintra e Cintra, 1984,1991, p 106-107). Segundo os gramáticos, o fato de interpretar os compostos dissociando-se das noções expressas pelos seus componentes pode levar a confusões com outras unidades morfológicas complexas, pois a perda de composicionalidade semântica resulta de processos de lexicalização e está relacionado com fenômenos de polissemia que podem afetar qualquer unidade lexical.

Villalva (2000, p.295) analisa que, se admitindo a referida definição, ter-se-á divergência de classificação de formações que apresentam formas estruturalmente idênticas, como *pés de galinha* e *pernas de galinha*, ou ainda, *amor perfeito* e *amor platônico*, cujas estruturas são iguais, e, assim, somente a ocorrência de lexicalização semântica, nos primeiros exemplos das sequências justifica a sua integração na categoria de palavras compostas, como se pode constatar, com a análise da própria autora:

- a) $[[pés]_N [[de]_P [galinha]_N]_{SN}]_{SP}]_{SN}$
 $[[pernas]_N [[de]_P [galinha]_N]_{SN}]_{SP}]_{SN}$
- b) $[[amor]_N [perfeito]_{ADJ}]_{SADJ}]_{SN}$
 $[[amor]_N [platónico]_{ADJ}]_{SADJ}]_{SN}$

4.2 COMPOSIÇÃO, LEXICALIZAÇÃO E GRAMATICALIZAÇÃO

A indistinção entre composição e lexicalização concebida pela tradição gramatical se estabelece como uma incoerência metodológica, uma vez que restringe a descrição dos compostos à descrição dos compostos lexicalizados; além do que o conceito de lexicalização divaga em territórios áridos, dando espaço a confusões na classificação de algumas estruturas como compostos ou como estruturas sintáticas, ou seja, gramaticalizadas.

A esse respeito, Brinton e Traugott (2005, p.31) defendem que, embora haja semelhanças entre os processos de gramaticalização e lexicalização, por serem processos graduais, por levarem em conta o contexto de uso e promoverem a perda de fronteiras e de composicionalidade, estes são fenômenos distintos, uma vez que contemplam categorias distintas e, conseqüentemente, geram resultados diferentes na língua. Na visão de Brinton e Traugott (2005), a lexicalização é definida como um processo de mudança linguística que ocorre em contextos específicos, como assim fundamentam:

(...)os falantes utilizam uma construção sintática ou processos de formação de palavras como uma nova forma significativa, contendo propriedades formais e semânticas que não são completamente deriváveis ou previsíveis a partir dos constituintes da construção ou do padrão da formação de palavras. Através do tempo, pode ocorrer mais perda da constituição interna e o item pode se tornar mais lexical (BRINTON e TRAUGOTT, 2005, p. 96).

Lehmann (1995, 1982, p. 6) atribui a Jakobson a formular a primeira oposição entre os processos de lexicalização e gramaticalização, caracterizando a lexicalização como um processo opcional e a gramaticalização como um processo obrigatório. Segundo ele, a lexicalização limita-se ao processo segundo o qual uma forma linguística se torna lexical, isto é, passa a pertencer ao inventário de uma língua, tornando-se holística. Nessa perspectiva, para entender a lexicalização ou a gramaticalização ver a necessidade de levantar hipóteses, não só acerca da gramática e da sua relação com o léxico, mas também acerca da dinâmica da mudança linguística. Para isso, define a gramática como constituída por signos formados regularmente que podem ser tratados analiticamente e o léxico como constituído de signos que são formados irregularmente e tratados holisticamente. Como componente sincrônico da faculdade da linguagem, o léxico abrange uma lista

finita de formas (itens lexicais), e as várias possibilidades de combinação dessas formas, as quais, pertencendo ao acervo linguístico do falante, podem ser usadas em qualquer oportunidade. O léxico contém irregularidades e distingue-se da gramática, que obedece a um conjunto de regras fonológicas, morfológicas e sintáticas (BARRETO, 2012, p.407-408).

Lehmann (1995, 1982, p.7) distingue o que é lexical do que é gramatical, atribuindo ao primeiro ter um sentido concreto específico e pertencer ao inventário de palavras de uma língua; enquanto o gramatical refere-se a estar em conformidade com as regras da gramática e ter um sentido abstrato e funcional. Dessa forma, a lexicalização é o processo de adoção de um determinado termo pelo léxico de uma língua, como uma formação usual, constitucionalizada, uma vez que o léxico é entendido como o inventário de formas lexicais e gramaticais, já que a adoção pode ser do léxico, da morfologia ou da sintaxe (BARRETO, 2012, p.408).

Para o autor, todas as mudanças no inventário de formas da língua, tanto as provenientes de um processo de lexicalização, como as que se originam de um processo de gramaticalização, são formas adotadas pelo léxico. Assim, sendo, se a lexicalização se refere à adoção de termos pelo léxico de uma língua, então todos os empréstimos e processos de formação de itens lexicais poderiam ser considerados processos de lexicalização: a composição, a derivação, a elipse, e outros processos (BARRETO, 2012, p.408). Brinton e Traugott (2005, p. 33) citam ainda o processo de conversão, definindo-o como a mudança funcional de uma categoria para outra: *N > Adj*; *V > N*, o que ocorre quase sempre por um processo metonímico.

Como já foi mencionado, a principal divergência entre gramaticalização e lexicalização está no resultado dos processos, pois enquanto aquele gera elementos mais funcionais, abstratos e não-referenciais; este resulta em elementos de caráter representacional e de alto grau de idiomatidade. Assim, expressões idiomáticas são consideradas resultantes do processo de lexicalização, como por exemplo: *olho de sogra* (doce), *colher de chá* (mais uma chance), *mal estar* (incômodo) etc (CAMPOS, 2016, p.5).

Com uma percepção contrária a de Lehmann (1995), Brinton e Traugott (2005) ressaltam que não se pode confundir a lexicalização com os processos comuns de formação de palavras como derivação, composição e conversão, pois estes são processos instantâneos de formar novas palavras e não graduais, em que as formas em questão sofrem pressões diacrônicas e vão assumindo novos valores semânticos

ao longo do tempo, incluindo perda de composicionalidade e de fronteiras. Outro argumento que fundamenta a distinção em pauta é elucidado por Ramat (2012), quando assevera que a lexicalização não ocasiona impacto no sistema morfológico das línguas. Como penhor da sua afirmação, o autor toma como exemplo os itens lexicais *oggi*, no italiano, e *hoy*, no espanhol, alegando que esses itens foram formados gradativamente, sofreram univerbação e perderam a composicionalidade; enquanto as formas de futuro no inglês *will* e *shall* serviram como meio de agrupamento para constituir uma forma gramatical no paradigma verbal desta língua (CAMPOS, 2016, p.5).

Por fim, para referendar a distinção dos mecanismos de gramaticalização e lexicalização, analise-se como blindam Brinton e Traugott (2005):

(...) em que dizem estes são processos paralelos, porém operam em níveis diferentes da língua. Ao passo que a lexicalização envolve um sintagma que se torna mais lexical (ex: mother-in-law), a gramaticalização envolve um sintagma que se torna mais gramatical (ex: be going to; in front of). No nível semântico, quando um sintagma ou vocábulo sofre lexicalização, um componente semântico específico é adicionado, mas quando um termo é gramaticalizado “um componente semântico específico é perdido e um significado operacional ou categorial é gerado” (BRINTON e TRAUGOTT, 2005, p. 68).

Nesse diapasão teórico e metodológico, a distinção dos processos de justaposição e aglutinação também ficam comprometidos se considerados como um processo de lexicalização, por não abarcar os modos de realização do processo, mas somente como tipos de lexicalização. A esse respeito, considerando que a aglutinação é o processo geral de composição em português, fundamenta Nunes (1919, 1975):

(...) a composição perfeita (aglutinação) dá origem a uma palavra «com um só acento e sempre com uma ideia singular» (exs. morcego, vinagre), enquanto que a composição imperfeita (justaposição) forma compostos a que chama ideológicos, como papafigos, verde-mar, cabra-cega, pontapé, clarabóia, alçapão, cujos constituintes conservam a sua acentuação própria. O que, na verdade, se constata é que os compostos por justaposição sofrem apenas uma lexicalização semântica, enquanto que, nos compostos por aglutinação, a lexicalização é não só semântica, mas também formal, ou seja, a estrutura morfológica do composto é perdida (NUNES, 1919,1975, p.388-389).

A adoção da definição de composição como lexicalização é tão evidente pelo autor, que ele chega a afirmar que não existe diferença entre um nome composto e um simples, pois, se aquele fundiu numa só diversas ideias, dando preferência à que

entre as outras sobressaía por forma tão visível que para o nosso espírito tomou a primazia, também este teve a sua origem na mesma circunstância, isto é, nasceu da preferência que demos a um dos variados aspectos sob que o objeto se nos apresentava ou foi por nós encarado (NUNES,1919, 1975, p.389).

Por sua vez, Said Ali (1931, 1964, p. 260), discorda parcialmente da análise de Nunes (op cit) por entender que a composição numa dada língua não deve considerar “palavras compostas pré-existentes à formação do dito idioma, ou importadas de outra língua, dando a impressão de palavras simples”. O autor toma a forma *vinagre*, que no DELP – Dicionário Essencial de Língua Portuguesa, é registado como um empréstimo do Catalão, já que no português não existe o adjetivo *agre* e que a consoante nasal não é uma palatal (cf. *vinacre, *vinhagre). Assim, pode-se concluir que a distinção entre aglutinação e justaposição pode ser estabelecida pela oposição entre compostos lexicalizados e não-lexicalizados, ou seja, entre os compostos que perderam e aqueles que preservam a sua estrutura interna e uma interpretação semântica composicional (VILLALVA, 2000, p.296).

Como outras línguas românicas, o português assimilou o processo de composição na sua gramática morfológica, para formar neologismos como *manifestódromo*, e diferenciando-o de outras formações, cujos constituintes são radicais, denominados, portanto, como compostos morfológicos, diferenciando-se dos compostos sintáticos, como *guarda-joias*, *homem-rã*, *surdo-mudo*, que a descrição tradicional limita-se a enumerar as combinações de categorias sintáticas atestadas, onde o determinado, em regra, precede o determinante (CUNHA e CINTRA, 1984,1991,p.107).

Retomando ao modelo de Villalva (2000), que defende que a identificação da categoria sintática dos constituintes de compostos é essencial, mas não suficiente, uma vez que estes compostos são formados obrigatoriamente por palavras que integram estruturas sintáticas que ocorrem paralelas aos processos de composição morfológica, e que o que os diferencia não são elementos extralinguísticos, mas, sim, suas propriedades formais, como se configura nos exemplos retirados da própria autora:

- a. CM: *herbívoro* = X que come ervas
CS: *papa-formigas* = X que come formigas
- b. CM: *biblioteca* = depósito de livros
CS: *guarda-jóias* = depósito de jóias

- c. *CM: luso-brasileiro*
CS: surdo-mudo

O paralelismo entre os compostos morfológicos e sintáticos faz constatar que a criação morfológica se dá no âmbito da sintaxe e é armazenada no léxico, como forma de encapsulamento, como se pode verificar nas análises seguintes.

4.3 COMPOSIÇÃO MORFOLÓGICA

De acordo com Villalva (2000, p. 299), em Português, os compostos morfológicos são estruturas resultantes de um processo de concatenação de radicais simples ou complexos, autonomamente existentes na língua, ou não, por intermédio de uma vogal de ligação, como ilustrado pela autora:

- a. $[[rat]_{RN} [i]_{VL} [cid]_{RN}]_{RN} a$
 b. $[[lus]_{RADJ} [o]_{VL} [[brasil]_{RN} [eir]_{SufADJ}]_{RADJ}]_{RADJ} o$

Como já se referiu no Cap.1, estas formas são consideradas empréstimos gregos ou latinos e não palavras geradas por um processo produtivo, sendo particularmente frequentes no domínio das terminologias técnicas e científicas, denominadas de compostos neo-clássicos. No entanto, esta designação é redutora, uma vez que a combinação de radicais neo-clássicos de origem grega com outros de origem latina nos chamados compostos híbridos. Nunes (1919, 1975, p 404) mostra que estas formas não podem ser consideradas empréstimos de uma ou de outra destas línguas, como a autora exemplifica:

- $[aut] [+gr] o [móvel] [+lat]$
 $[cent] [+lat] i [metr] [+gr] o$
 $[german] [+lat] ó [fil] [+gr] o$
 $[ne] [+gr] o [latin] [+lat] o$

Da mesma forma, há compostos morfológicos onde se combinam formas de origem grega ou latina com formas vernáculas do Português, e outros que são constituídos exclusivamente por formas portuguesas, ou, ainda, por uma combinação de empréstimos latinos ou gregos e empréstimos de outras línguas. A existência dessas formas disponíveis no português tanto na língua comum, como nas línguas de

especialidades, como aventadas no Cap. 1, demonstra que a concatenação de radicais é um processo morfológico de formação de compostos, como se configuram nos exemplos, citados pela autora:

- a) [aut] [+gr] o [carr] o
[partid] o [crac] [+gr] ia
[rat] i [cid] [+lat] a
- b) luso-brasileiro
moçambicano-português
- c) decalcomania
skatódromo

Os radicais neo-clássicos coexistem, por vezes, com cognatos mais antigos no Português (*cf. pisc-/peix-; herb-/erv-; bibli-/livr-; megal-/grand-*) que, ocorrem nos compostos morfológicos, enquanto os radicais vernáculos ocorrem em palavras simples e são selecionados pelos sufixos derivacionais, como *peixe, peixaria, peixeira, piscicultura; erva, ervanário, herbívoro; livro, livraria, livreiro; biblioteca; grande grandeza, megalomania*.

Embora comprometa a identificação dos constituintes dos compostos morfológicos como prefixos ou sufixos, é relevante considerar que a principal característica da composição morfológica é a concatenação de radicais, uma vez que estes podem ocupar a primeira ou a última posição na estrutura composta, como se observa nos exemplos (a) e (b), respectivamente:

- a. [antrop]ologia [cron]ómetro [dactil]ografia [dem]ocracia [fil]osofia [fon]ologia [graf]ologia [morf]ologia [tecn]ologia [ton]ometria.
- b. fil[antrop]ia iso[cron]ia ptero[dáctil]o epi[dem]ia biblió[fil]o tele[fon]ia lexico[graf]ia poli[morf]ia zoo[tecn]ia mono[ton]ia.

Observa Villalva (2000, p.356) que esse paradigma não ocorre com os afixos, uma vez que prefixos e sufixos nunca geram sequências gramaticais, e que estes não podem permutar posições, como se comprova em:

- a. [re] fazer, [des] fazer, [re] [des] fazer, *[re] [des] fiá [vel, fia [bil] [idade], *[bil] [idade], [re] organizar, organiza [ção], [re] organiza [ção], *[re] [ção]
- b. [des] fazer *fazer [des] organiza [ção] *[ção] organiza.

Diante do confronto que se estabelece, Villlva (2000, p.357) conclui que são compostos morfológicos as formações do primeiro grupo, já que nenhum dos seus elementos se configuram como afixos, e faz a relevante consideração:

(...) Deve, no entanto, notar-se que a distinção entre radicais e prefixos nem sempre é fácil de estabelecer. Com efeito, sendo muitos dos radicais que integram os compostos morfológicos formas que não ocorrem em palavras simples (cf. *antrop / homem; *cron / tempo; *dactil / dedo; *dem / povo, etc.) e cujo conteúdo semântico é frequentemente desconhecido (ou mal conhecido) pela generalidade dos falantes, é difícil atribuir-lhes uma categoria sintáctica (excepto por recurso à etimologia). Ora, como é sabido, ainda que, por vezes, sejam formalmente idênticos a preposições (cf. contra-ataque, sobrecasaca) ou advérbios (cf. benfeitor, maldizer, não-violência) existentes em Português, ou em Latim (cf. inter-relação, predestinar), os prefixos não possuem informação relativamente à categoria sintáctica (visto que não podem percolar essa informação) (VILLALVA, 2000, p.357).

As similaridades entre prefixos e radicais é que levam a tradição gramatical portuguesa a considerar a prefixação um tipo de composição, já que alguns prefixos são designados por prefixóides ou pseudo-prefixos, "por apresentarem um acentuado grau de independência" e possuírem "uma significação mais ou menos delimitada e presente à consciência dos falantes, de tal modo que o significado do todo a que pertencem se aproxima de um conceito complexo, e portanto de um sintagma" (CARVALHO, 1967,1984, p. 554).

Nesse diapasão de embate categorial, Villlva (2000) parte da hipótese de que, diferentemente da prefixação, a composição morfológica opera por intermédio de um elemento de ligação. Porém, considerando os processos de modificação, percebe-se que tanto a prefixação como um certo tipo de composição morfológica ali se inserem, recaindo, pois, numa fronteira de difícil delimitação, onde radicais e prefixos parecem ocupar o mesmo território.

Como já se analisou no capítulo 2, com Bauer (1983; 1988; 1998) Ralli (2008), Gonçalves (2011) sobre a vogal de ligação nos compostos neoclássicos, Villlva (2000), endossando que a composição morfológica é um processo de concatenação de radicais, evidencia que a vogal que ocorre à direita de cada um dos constituintes não-finais é um elemento autônomo, quer em relação à forma que o precede, quer em relação à forma que se encontra à sua direita, estabelecendo, portanto, como um elemento de ligação entre radicais (VILLALVA, 2000, p. 358).

Outra análise realizada pela autora é relativo ao último constituinte do composto em formações do tipo biblioteca, bibliotecas, cronômetro, cronometrar, se se

estabelece como radical (tec, metr), como tema (teca, metro, metra), ou ainda como uma forma flexionada independentemente existente teca, tecas, metro, metrar). De acordo com Villava (2000), a ideia de constituir tema ou forma flexionada pressupõe que a identificação da classe morfológica da palavra tem escopo apenas sobre o constituinte da direita e não sobre a totalidade do composto, conforme assim representado: *biblio* [[[tec]_{RN} [a]_{IT}]_{TN} [s]_[+plu]]_{N[+plu]}. No entanto, uma hipótese configurada nesse novo diagrama [[[[bibli]_[o] [tec]]_{RN} [a]_{IT}]_{TN} [s]_[+pl]]_{N[+plu]} evidencia que tanto o constituinte temático, como a flexão têm escopo sobre a totalidade da estrutura composta. Outro argumento é que o radical que ocorre à direita pode também ocorrer em posição não-final. Os argumentos levam, pois, a concluir que a composição morfológica é um processo que opera exclusivamente sobre radicais (VILLALVA, 2000, p 359-360).

Analisando a possibilidade da composição morfológica integrar formas complexas, com afixação, Villalva (2000, p.361) apresenta as seguintes hipóteses de formação:

- a. [[RAD1] [[RAD2] [SUF]]]
- b. [[[RAD1] [RAD2]] [SUF]]
- c. [[[PREF] [RAD1]] [RAD2]]
- d. [[PREF] [[RAD1] [RAD2]]]

Nesse processo, se instaura um novo problema, quando se investiga o escopo que o afixo tem sobre o composto morfológico; ou seja, se o sufixo à direita do último radical tem escopo apenas sobre esse constituinte e ou sobre todo o composto, e se o prefixo que precede o primeiro radical pode ter escopo apenas sobre esse constituinte e ou sobre todo o composto. A autora constata que, em Português, todas as hipóteses são comprovadas, quando se tem formações do tipo *sócio-econômico* (hipótese a); *luso-africanidade* (hipótese b); *inverdadocracia*, *atípico-sistemático* (hipótese c); *x-tóxico-dependente*, *ex-luso-brasileiro* (hipótese d) (VILLALVA, 2000, p.361).

De acordo com a autora, são comuns as formas em que os afixos têm escopo apenas sobre o radical adjacente, dado que os sufixos associados a constituintes não-finais (em a) e os prefixos associados a constituintes não iniciais (em b) só podem ter escopo sobre o radical adjacente à esquerda, no primeiro caso, e à direita no segundo,

e que este tipo de afixação gera sequências bem-formadas (VILLALVA, 2000, p. 363), como nos exemplos:

- a. [[[preside] [nt]] ocracia] [[[histór] [ic]] o-social]
- b. [atípico [[im] [previsível]]] [pseudo [[des] [encontro]]]

Esse panorama de formações referenda a hipótese de que a composição morfológica pode operar sobre radicais derivados por sufixação ou por prefixação. No entanto, se inscreve mais um problema na composição morfológica em que o sufixo se encontra à direita do último radical, sendo este constituinte o núcleo do composto, do tipo: *tóxico-dependente* e *macro-economista*. A esse respeito, analisa Villalva (2000, p.364):

(...) que as propriedades de seleção dos sufixos derivacionais que integram estas formas são satisfeitas, quer o sufixo esteja associado ao último radical (...), quer o esteja a todo o composto (...), mas só esta última estrutura permite, por um lado, relacionar entre si formas como *tóxico-dependente* e *tóxico-dependência*, ou *macro-economia*, *macroeconomista* e *macro-económico*, e, por outro, explicar a não-aceitabilidade de formas como **catalogico*, **teologista* ou **dialogia*, face à boa-formação de *ecológico*, *oftalmologista* ou *homologia*.

Outra peculiaridade relevante nesse processo se observa em compostos morfológicos cujos radicais compostos ocorrerem apenas como bases de processos de sufixação derivacional, sendo agramaticais as formas simples correspondentes, como se pode constatar através dos seguintes exemplos analisados por Villalva (2000, p. 365-366):

- a. *norte-americano* // **Norte-américa* // *América do Norte* // *americano do norte*
**[América do nortenho]* _{ADJ}
- b. *sul-africano* // **Sul-áfrica* // *África do Sul* // *africano do sul* // **[África do sulista]*
_{ADJ}
- c. *luso-descendente* // *luso-descendência* // **luso-descender* *descender de portugueses* // *descendente de portugueses* // *descendência de portugueses* / *portuguesa*
- d. *tóxico-dependente* // *tóxico-dependência* // **tóxico-depender* // *depende de tóxico* // *dependente de tóxico* // *dependência de tóxicos*

Constata-se que os compostos sintáticos do tipo *América do Norte* não permitem a formação derivacional de adjetivos relacionais, que assim se justifica: se o sufixo é associado ao núcleo da construção sintática, não tem escopo sobre o outro

constituente (razão pela qual *americano-do-norte* - *natural do norte da América* - e *norte-americano* - *natural da América do Norte*-não são sinônimos); se o sufixo é associado à direita do último constituinte, não tem escopo sobre o núcleo sintático e não pode aceder à posição de núcleo da construção; conseqüentemente, *sul-africano* e *áfrica-do-sulista* têm diferente categoria sintática e não podem ser sinônimos (VILLALVA, 2000, p 366).

Por fim, a autora culmina com a ideia geral de que a composição morfológica é um processo de concatenação de radicais, por intermédio de uma vogal de ligação, que não regista contrastes de género ou flexão que afete apenas um dos seus constituintes e, portanto, pode ser representada através da seguinte regra geral:

[[[[RAD] [VL] [RAD]] RADICAL COMPOSTO [CT]] TEMA FM] PALAVRA

Ou por regras específicas, onde se evidenciam as formas derivadas por prefixação ou por sufixação, cujos processos derivacionais podem seleccionar radicais compostos:

- a) [[[[PREFIXO] [RAD]] RADICAL DERIVADO [VL] [RAD]] RADICAL COMPOSTO
ex: inverdadocracia
- b) [[RAD] [VL] [[PREFIXO] [RAD]] RADICAL DERIVADO] RADICAL COMPOSTO
ex: pseudo-desencontro
- c) [[[[RAD] [SUFIXO]] RADICAL DERIVADO [VL] [RAD]] RADICAL COMPOSTO
ex: histórico-social
- d) [[RAD] [VL] [[RAD] [SUFIXO]] RADICAL DERIVADO] RADICAL COMPOSTO
ex: sócio-económico
- e) [[PREFIXO] [[RAD] [VL] [RAD]] RADICAL COMPOSTO] RADICAL DERIVADO
ex: ex-tóxico-dependente
- f) [[[[RAD] [VL] [RAD]] RADICAL COMPOSTO [SUFIXO]] RADICAL DERIVADO
ex: luso-africanidade

4.4 COMPOSIÇÃO SINTÁTICA

Os compostos sintáticos são estruturas formadas por um mínimo de duas variáveis, porém, diferentemente dos compostos morfológicos, as variáveis são palavras que integram expressões sintáticas. Para sistematizar as possibilidades de formações, Villalva (1992, 2000) apresenta os seguintes tipos de estruturas:

- a. $[N_{\text{núcleo}} N]_N$ ex. *governo-sombra*
- b. $[ADJ_{TC1} ADJ_{TC2}]_{ADJ}$ ex. *surdo-mudo*
 $[N_{TC1} N_{TC2}]_N$ ex. *saia-casaco*
- c. $[V_{Compl}]_N$ ex. *porta-voz*
 $[V_{TC1} V_{TC2}]_V$ ex. *vaivém*

Villalva (1992, 2000) considera que embora esses compostos tenham uma estrutura sintática, eles ocorrem em posições X^0 e que podem ser sintática e morfologicamente opaca ou transparente, o que condiciona o seu comportamento. Para a autora, os compostos sintáticos são gerados quando a categoria do núcleo sintático é distinta da categoria do composto, e por adjunção de X^0 a X^0 quando a categoria do núcleo sintático é idêntica à do composto, em formações do tipo: *governo-sombra*, *surdo-mudo*, *saia-casaco*. Essa constatação conduz a autora a analisar formas como *ministro da educação*, *curto-circuito* e *fita magnética* como expressões sintáticas lexicalizadas e não como compostos.

De acordo com Villalva (2000), a ordem dos constituintes e o modo como flexionam e como realizam contrastes de gênero são os dois argumentos que sustentam a análise de que os compostos sintáticos são palavras geradas a partir de expressões sintáticas.

No que tange à ordem dos constituintes, Villalva (2000, p. 391) analisa como compostos sintáticos:

- a) As formações com núcleo à esquerda e modificador à direita, desde que não seja um sufixo, mas sim, uma variável lexical, como em *bomba-relógio* e *peixe-espada*.

O argumento que sustenta a análise é que a distinção entre variável lexical e sufixo no elemento da direita é suficientemente relevante, uma vez que sendo o sufixo uma constante registrada no léxico como um modificador, a sua presença na estrutura não pode gerar ambiguidade, ou seja, um sufixo avaliativo nunca pode ser núcleo da estrutura que o integra. Por sua vez, os constituintes dos compostos são variáveis e o léxico, embora registre as suas propriedades idiossincráticas, não pode registrar a sua função estrutural. Assim, a função é determinada pela posição que o constituinte ocupa na estrutura, como se pode ver alternada a palavra *bomba* em compostos como *bomba-relógio* e *notícia-bomba* (VILLALVA, 2000, p.391-392). Característica esta que

não se aplica aos compostos morfológicos, cuja estrutura de modificação é sempre modificador-núcleo, e nunca a inversa.

b) As formações com núcleo à esquerda e complemento à direita, como em guarda-joias e papa-jantares.

Nesses casos, a análise encontra fundamento no argumento de que a ordem núcleo complemento é inaplicável em estruturas morfológicas, uma vez que os derivacionais, que subcategorizam um complemento, ocorrem em posição final; e em formas cujo primeiro constituinte é um argumento da forma de base do segundo, a ordem é complemento-núcleo, como em *tóxico-dependência* (VILLALVA, 2000, p.392).

Ao comprovar que a ordem de constituintes dos compostos sintáticos não correspondem a ordem de constituintes das estruturas morfológicas, a autora comprova que a ordem dos constituintes dos compostos sintáticos é compatível com a ordem de constituintes das estruturas sintáticas, ou seja, o núcleo precede o complemento, e pode preceder ou ser precedido por um modificador, quando relaciona a estrutura sintática das frases com a estrutura sintática dos compostos, a seguir:

- a) As bombas que contêm um relógio eletrônico foram recebidas ontem
(= bomba-relógio);
- b) Os peixes que têm a forma de uma espada são pescados à noite
(= peixe-espada);
- c) Nesta caixa, a Joana só guarda as joias de ouro
(= porta-joias);
- d) A osga papa as formigas todas
(= papa-formigas).

Dessa forma, como se constata que os compostos sintáticos preservam a mesma ordem dos constituintes das estruturas sintáticas, se comprova que os compostos sintáticos têm uma estrutura sintática.

Por fim, analisa Villava (2000) que embora os compostos sintáticos tenham uma estrutura sintática, eles ocupam posição X^0 . A autora, considerando a diversidade de estruturas que atestam que não existe um único processo de formação de compostos sintáticos, dado que o grau de visibilidade da estrutura sintática

relativamente aos processos sintáticos e morfológicos não é homogêneo, distingue três tipos de expressões sintáticas em posições X^0 (VILLALVA, 2000, p. 411):

- a. [V Compl], [V_{TC1} V_{TC2}]
- b. [N Núcleo N], [ADJ_{TC1} ADJ_{TC2}], [N_{TC1} N_{TC2}]
- c. [N SP], [ADJ N], [N ADJ]

Apropriando-se dessas constatações, no capítulo seguinte, será feita a análise da composição morfológica e sintática dos termos científicos da farmácia, aplicando, adequando e ampliando as regras de descrição já construídas pela teoria.

4.5 AFIXAÇÃO DERIVACIONAL

No capítulo 3, seção 3, foram questionadas à luz de diversos teóricos como Bauer (1981), Ten Hacken (1994), Baescow, Scalise (1984), Martinet (1979), Ralli(2007), Sandamann (1989) e Kastovsky (2009) questões acerca da similaridade morfológica e sintática entre os radicais e os afixos derivacionais, levando a uma discordância na literatura sobre a categorização desses elementos, que deságua numa confusão entre os processos de composição e de derivação. Diversos critérios de natureza morfológica, lexical, sintática, semântica, morfossemântico e de produtividade foram utilizados para diferenciar afixos de radicais. Embora a tradição gramatical trate essa questão de forma muito simplista, elegendo uma lista de prefixos e sufixos de origem grega e latina que se estabeleceram no português com sentido invariável, linguistas preocupados com a Morfologia da Língua Portuguesa, como Joaquim Mattoso Camara Jr, Margarida Maria de Paula Basílio, Cacilda de Oliveira Camargo, Antônio José Sandmann, Valter Khedi, Graça Maria de Oliveira e Silva Rio-Torto, Luiz Carlos de Assis Rocha, Alina Villalva, realizaram estudos que ora convergentes, ora divergentes, muito tem colaborado com a literatura e com os métodos de investigação na área e dos quais se apropria a presente investigação, para construir o seu modelo próprio de análise.

Mattoso Câmara, em sua obra *Princípios de Lingüística Geral* (1980 [1941, 1 ed.]), aborda a questão dos afixos, em relação à posição ocupada em

referência ao semantema, e classifica-os em sufixo, infixo e prefixo, sendo o sufixo a forma recorrente nas línguas indo-européias. Mattoso Camara (1980, p. 100) divide os sufixos em dois subgrupos: a) sufixos lexicais, que servem para caracterizar a categoria lexical do “derivado” e criar novas palavras, ditas derivadas, e os sufixos flexionais, que servem para “flexionar”, isto é, “fletir” ou “dobrar” uma palavra para uma aplicação particular, estabelecendo um quadro de variações vocabulares, o paradigma. Nessa perspectiva, distingue o processo de composição do processo de derivação, observando que na composição dá-se uma associação significativa e formal entre duas palavras, resultando uma nova, enquanto na derivação, a parte final de uma palavra passa a ser aplicada a outras, originando novas estruturas léxicas, mantendo inalterada a significação básica da palavra de que derivam. Fundamenta o autor que a derivação é um mecanismo discreto em latim clássico, mas que teve grande produtividade no latim vulgar:

Ampliou-se [em latim vulgar] a utilização dos sufixos que já funcionavam, outros foram remodelados, e novos se introduziram por combinações, dentro da língua, ou por empréstimo a outra língua, como especialmente ao grego. (CAMARA Jr., 1979, p. 215).

Quanto aos prefixos, esses são tratados mais uniformemente pelos gramáticos e linguistas. Said Ali (2001), Cunha e Cintra (1985), Faraco (2000), Bechara (2001) e Rocha Lima (1998) definem essas estruturas como afixos, formas presas, recorrentes, que se antepõem a um radical para lhe adicionar significados específicos. Para Camara Jr. (1971, p. 39), a prefixação é um processo que tem a função de criar novos vocábulos formais e, por isso, entende que este processo deva ser considerado uma composição, já que os prefixos são elementos vocabulares com valor significativo de preposições, embora vários deles não se usem como preposições (des-, re- etc), outros sejam alomorfes de preposições (in-/en-, super-/sobre-), e outros ainda funcionem tanto como prefixos quanto como preposições (com, de, em). Para esse teórico, “o genuíno mecanismo da composição em português, abrangendo a criação de nomes e de verbos é o da prefixação...” (1976, p.214). Do ponto de vista fonológico, as palavras formadas por prefixação podem ser aglutinadas ou justapostas. Quando em justaposição, o autor (1976, p.228) argumenta que “o prefixo possui um acento secundário e se de mais de uma sílaba

apresenta a pauta vocálica de posição átona final na última sílaba”.

Câmara Jr. evidencia dois aspectos da natureza estrutural do sufixo, a variabilidade do limite entre sufixo e o radical, uma vez que os sufixos se ampliam ou se reduzem, no curso da história da língua e, às vezes, incorporam um fonema do radical ou destacam de si o que era um seu fonema inicial. Para Câmara Jr., a sufixação enquadra-se na derivação, ao contrário da prefixação que é classificada como composição.

Com uma abordagem gerativa, Basílio (1980) desenvolve estudo da morfologia derivacional, destacando os conceitos de competência e de bloqueio. Para a autora, a competência remete ao conhecimento que o falante tem de sua língua enquanto falante nativo, contemplando, assim: a) o conhecimento de uma lista de entradas lexicais; b) o conhecimento da estrutura interna dos itens lexicais e das relações entre os vários itens; c) o conhecimento subjacente à capacidade de formar entradas lexicais gramaticais novas, assim como, naturalmente, de rejeitar entradas agramaticais. No que tange ao bloqueio, assim se posiciona:

[...] altamente relevante para a determinação da classe de palavras possíveis no léxico de uma língua, na medida em que esta noção prevê o bloqueio de operações de regras produtivas em bases cujas possíveis contrapartes não seriam necessárias ao léxico. (BASÍLIO, 1980, p. 37).

Para Basílio (1998, p. 50), os prefixos têm a mesma função semântica dos adjetivos, explicitando o sentido da base a que se adjunge através do uso de elementos fixos, com ideias e conceitos ilimitados.

Embora não faça um estudo específico sobre sufixo, Basílio evidencia a questão da produtividade dos sufixos, entendendo que esta está condicionada tanto a fatores sociais, como ao registro, se falado ou escrito (Basílio, 1989, p. 72). Em consonância com outros autores, Basílio reconhece a sufixação propriamente dita, na expressão de grau (função expressiva), na sufixação avaliativa, aquela em que se utilizam sufixos avaliativos, e na formação de nomes de agentes denominais.

Camargo (1986), centrando-se na questão do sentido, critica os gramáticos por limitarem-se a listar sufixos, a dividi-los em nominais, verbais e adverbial e atribuir-lhes um sentido fixo e imutável. Para ela, um sentido é

buscado no uso da palavra e dele decorrente e, não, o sentido primeiro oriundo da classificação da referência e, conseqüentemente, ponto de partida para a criação lexical. Tal procedimento implica mudança no sentido do lexema, unidade da língua que se diferencia da unidade do discurso (CAMARGO, 1986, p. 03).

Sufixos são morfemas utilizados na reinserção de bases léxicas. Não podem ser vistos como formas distintas das bases porque estas não têm realidade funcional e lingüística senão por meio daqueles. A recíproca é verdadeira, isto é, os sufixos não têm existência senão através das bases. Como operadores de inserção lexical os sufixos são utilizados na transposição homossintagmática de bases em função heterossintagmática (CAMARGO, 1986, p. 55).

A relevante contribuição da autora, nessa empreitada, é definir que o sufixo é o transpositor de uma constante ou de um elemento determinado da função heterossintagmática para a função homossintagmática, posicionando-se nesta após a variável do elemento determinante, invertendo a relação determinado-determinante presente na função heterossintagmática para a relação determinante-determinado na função homossintagmática, como exemplifica a autora:

Função heterossintagmática		
Constante	preposição	variável
<i>dirigente</i>	<i>de</i>	<i>casa</i>
		<i>fazenda</i>
		<i>hotel</i>
		<i>copa</i>
		<i>banco</i>

Transpondo-se para a função homossintagmática, tem-se, respectivamente, caseiro, fazendeiro, hoteleiro, copeiro, banqueiro (CAMARGO, 1986, p. 56).

As matrizes sintático-semânticas construídas pela autora contempla minuciosamente cada sufixo utilizado em português. Nos seus estudos, ela mostra como o processo de sufixação permite a formação de dois paradigmas de derivação; um em série e outro em leque. No paradigma em série, onde há acúmulo de marcas sufixais, sempre ocorre variação da classe funcional obtida a partir da base léxica, como se observa no exemplo citado pela própria autora:

selo > selar > selagem
 subst.> verbo> subst. verbal abstrato, onde se evidencia uma seqüência ordenada de matrizes sintático-semânticas:

selo> pôr selo = selar
 ato de selar = selagem

Já no paradigma em leque, não há acúmulo sucessivo de marcas sufixais; pois apenas uma marca sufixal se registra, como se verifica a seguir:

leite > leiteiro, leiteira, leiteria.
 sapato > sapatilha, sapatão
 prato > pratinho, pratão, prataço, pratarraz

Embora não haja mudança de classe gramatical, ocorre subcategorização da base léxica, gradação de base e indicação de diferença específica da base, como se verifica nos pares, respectivamente:

- i) granada (substantivo concreto inanimado)
 granadeiro (substantivo concreto humano)
- ii) gradação de base: o traço categorial grau é acrescentado à base léxica
 casa (substantivo concreto, inanimado, feminino)
 casona (substantivo concreto, inanimado, feminino, aumentativo)
- iii) mala (substantivo concreto, inanimado, contável, feminino)
 maleta (substantivo concreto, inanimado, contável, feminino)

Em i) constata-se mudança de traços classemáticos; em ii) o traço categorial grau é acrescentado à base léxica e em iii), não há mudança nenhuma de traço sintático-categorial, há apenas inclusão na base de traço semântico diferença específica.

Sandmann considera que prefixos e sufixos são afixos e que se distinguem da base a que se unem porque são elementos presos, ou seja, não têm curso livre na frase, expressando, além do mais, idéias gerais e prestando-se, como tais, a formações em série (SANDMANN, 1991, p. 70). Mesmo adotando a posição como diferenciador entre prefixo e sufixo, entende que não é suficiente para distinguir essas categorias. Segundo ele, outros aspectos são mais determinantes dessa diferença, tais como:

a) Localização em relação à base:

PREFIXOS: aparecem antes da base.

SUFIXOS: Aparecem depois da base.

b) Do ponto de vista sintático:

PREFIXOS: Identificam-se mais com os adjetivos (superpacote), advérbios (hiperativo) e preposições (antianúncio), etc

SUFIXOS: Apresentam, exceto o sufixo de grau, função claramente adjetiva: (pacotaço) ou de advérbio (pertinho = bem perto)

c) Aspecto estrutural ou sintático:

PREFIXOS: São sempre o determinante (DT), o adjunto ou elemento subordinado ou secundário da estrutura vocabular: oficial – não-oficial

SUFIXOS: os sufixos são sempre o núcleo ou determinado (DM), o elemento principal ou subordinante, com exceção dos sufixos de grau, que têm, com sua natureza adjetiva ou adverbial, função secundária. O sufixo é determinado ou núcleo da palavra, devido à função sintática de mudar a classe da palavra (SANDMANN, 1992, p. 38).

d) Aspecto semântico: com a mudança da classe de palavra da base, os sufixos acrescentam à base novos semas ou traços semânticos. O sufixo é sempre um elemento preso e sinsemântico, isto é, tem sentido juntamente com a base, como se constata em caju-cajueiro, onde cajueiro é a “árvore que dá caju”.

O autor evidencia como diferença fundamental que a prefixação tem função primordialmente semântica e a sufixação principalmente sintática, uma vez que, excetuando-se o sufixo de grau, constitui o núcleo da palavra complexa produzida, e o prefixo, o adjunto (SANDMANN, 1992, p. 40). Ele afirma que o fator principal para distinguir prefixo de base presa é a função de expressar sempre idéias gerais (Sandmann, 1997b, p. 37). Para o autor (1997a), o prefixo é sempre o determinante (DT), o adjunto, o elemento subordinado ou secundário da estrutura vocabular, por isso se identifica com os adjetivos, atuando como qualificativo; com os advérbios, adicionando o sentido de “modo”, “maneira”; e com as preposições, acrescentando a idéia de oposição ou de locativo.

Khedi analisa que a diferença entre prefixo e sufixo não é meramente distribucional: os prefixos colocados à esquerda da base e os sufixos, à direita da mesma. Em conformidade com outros teóricos, ele ressalta também que os sufixos contribuem para a mudança da classe gramatical do radical, que é uma característica peculiar, não acometendo os prefixos que, por sua vez, só se agregam a verbos e a adjetivos, como uma espécie de vocábulo associado ao verbo, ao contrário do que ocorrem com os sufixos. O autor também analisa que nos verbos parassintéticos, o prefixo e o sufixo estão em relação de

solidariedade formal e semântica, e constituem, portanto, um exemplo de C.I. descontínuos, separados pelo radical; não só poderemos excluir o prefixo ou o sufixo, como, via de regra, o sentido do prefixo é dinâmico, reforçando, dessa forma, o sentido do sufixo: em apedrejar (–a + pedra + –ejar), o prefixo exprime a idéia de movimento, direção, em reforço da noção freqüentativa do sufixo (KHEDI, 2005, p. 16.). Dessa forma, ele argumenta que uma das características da derivação é a existência de uma regularidade subjacente nesse processo de formação de palavras, revelada pela análise em constituintes imediatos (C.I.): o vocábulo é sempre constituído de camadas binárias de uma mesma estrutura, ou seja, um elemento nuclear (radical) e um periférico (afixos, desinências) (1992, p. 53).

Rio-torto, no que tange aos estatutos dos sufixos, afirma que:

A ausência de parâmetros homogêneos de identificação do valor funcional de cada afixo repercute-se negativamente na determinação do seu estatuto morfo-lexical, e manifesta-se pela incapacidade de estabelecermos diferentes conjuntos de operadores isofuncionais que compõem o sistema de formação de palavras numa língua e as diferentes funções que uma mesma forma afixal pode desempenhar nesse sistema (RIO-TORTO, 1993, p. 37).

No que se refere à semântica dos sufixos, a autora observa que as significações de cada um dos afixos não se sobrepõem, nem são comutáveis, pois produzem alterações semânticas distintivas, já que os afixos desempenham diferentes funções significativas que, em princípio, corresponderão a categorias semântico-derivacionais relevantes dentro do sistema da língua como em: *ligação* (ação), *papelaria* (local de (e/ou) atividade), *papeleira* (objeto continente), *papelada* (quantidade); *papelão* (aumento). Segundo a autora, quando não são verificadas tais condições, deve-se ao fato de não haver alteração categorial entre base e derivado, o que compromete a interpretação das formas afixais (RIO-TORTO, 1993, p. 58- 59).

Uma relevante contribuição da autora é encontrar uma relação de variação livre entre sufixos e entre prefixos, quando eles mantêm entre si os mesmos valores semânticos num mesmo contexto distribucional. Nesse caso, estamos perante duas variantes livres de uma mesma entidade sufixal e não ocorre qualquer alteração semântica relevante, como se presencia nos pares:

papel-ório e papel-ucho; afer-i-ção e afer-i-mento; e congel-a-ção e congel-a-mento.

Rocha, no seu conceito de sufixo, essencialmente gerativista, baseando-se na Teoria Morfológica de Aronoff (1976)¹², recorre a critérios sintáticos e semânticos, reconhecendo-o como uma forma presa recorrente, que se coloca à direita da base, caracterizando assim uma palavra derivada (Rocha, 1998, p.108). Segundo o autor, o sufixo se distingue de uma base por não apresentar significação e/ou função (S/F) própria, autônoma, independente, que é informação constitutiva das RFP's – Regra de Formação de Palavra¹³. No entanto essa S/F só será explicitada na RFP se o sufixo estiver anexado a uma base, por isso deve-se falar na S/F do produto e não na S/F do sufixo, como argumenta que *florista* é a pessoa que vende flores, não é o *-ista* que vende flores. O autor também reconhece a relação homonímica entre os sufixos, considerando sufixos homônimos quando dois ou mais sufixos distintos que apresentam coincidência sob o ponto de vista fonético [...]", cuja terminologia correta deveria ser a seu ver "sufixos homófonos". Em relação a esses últimos, assim os define: Sufixos homófonos são portanto, sufixos que apresentam a mesma seqüência fonética, mas sentidos e/ou funções diferentes, como *-al*¹ e *-al*², de laranja e de semanal, respectivamente (ROCHA, 1998, p. 110).

¹² A Teoria Morfológica de Aronoff (1976) configura-se como uma síntese das propostas de Halle (1973), Siegel (1974, 1979) e Jackendoff (1975), com reformulações ainda que propõem a existência de uma morfologia autônoma, no quadro da hipótese lexicalista, embora se evidenciem as suas relações com a sintaxe e com a fonologia. Esse modelo de análise pressupõe a existência de uma lista de palavras, de regras de formação de palavras e de regras de reajustamento. A lista de palavras contempla todas as palavras existentes, simples ou complexas, desde que não sejam geradas por processos regulares e produtivos, pois, segundo Aronoff (1976, p.45), as palavras geradas por processos inteiramente produtivos não são registadas no léxico.

¹³ As RFP's previstas por Aronoff, por especificarem o conjunto das unidades lexicais sobre as quais podem operar, obedecem à Hipótese de Base-Palavra, ou seja, tem de reconhecer essa base como uma palavra pertencente a uma categoria principal (ADJ, ADV, N ou V) e são sensíveis às informações fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas que estão contidas na base que selecionam. No entanto, como são regras lexicais, não podem referir regras sintáticas, fonológicas ou semânticas que operam posteriormente (ARONOFF, 1976, p.46), mas especificam a categoria sintática e a estrutura de subcategorização da nova palavra, bem como o seu significado, que é função do significado da base. Os afixos não se estabelecem como unidades lexicais, mas elementos constitutivos das regras de formação de palavras- RFP, que exibem tanto a forma fonológica como a posição relativa à base. Para o teórico, as RFP's são transformações, dado que contemplam uma operação fonológica através da adjunção de um afixo a uma base (ARONOFF, 1976: 68). No que tange à natureza semântica, Aronoff (1976: 71) conclui que a única informação constante sobre o significado das palavras derivadas é a da sua categoria sintática, porque essa é a única informação que nunca é afetada pelas condições morfológicas que afetam a base e determinam a produtividade. O modelo proposto de representação das RFP's especifica a categoria sintática da base e a do derivado, sendo a base representada por uma variável (X), como se vê: [X]V -> [+ [X]V + ção] N.

Diferentemente dos sufixos homônimos, Rocha (1998) também reconhece a existência de sufixos concorrentes, que são aqueles que, distintos sob o ponto de vista fonético, apresentam o mesmo sentido e/ou função e cujas bases e os produtos precisam pertencer à mesma categoria lexical, como os sufixos *-ista* e *-eiro*, que formam substantivos agentivos a partir de substantivos. E encerra a sua classificação, com os sufixos alomorfêmicos, que são aqueles que apresentam variação de morfema em função do contexto.

Já, no que se refere exclusivamente aos prefixos, Rocha (1999), reconhece que eles apresentam, em regra, uma identidade fonológica, uma identidade semântica e uma identidade funcional. Caracterizam-se, principalmente, pelo fato de serem sempre formas presas e não bases presas, podem unir-se a bases livres; não mudam a classe de palavras da base a que se anexam e são usados para formações em série, isto é, as idéias presentes em um prefixo repetem-se em várias palavras da língua. Assim como comprova a existência de sufixos homófonos, comprova também a homofonia entre os prefixos, analisando, por exemplo, dentre tantos outros, o formativo *re-*: *re*¹- “idéia de repetição”: reler, rever, reinventar etc.; *re*²-: “idéia de movimento para trás”: regredir, recuar, recolher, regressar, retrair etc; *re*³-: “sentido de movimento contrário”: reagir, revidar, rebater, repelir, rechaçar etc.

Villalva, fundamentando-se nos pressupostos e programa da Teoria Gerativa¹⁴, apresentados em Chomsky (1986, p.3-4), propõe uma distinção entre sufixos, classificando-os em derivacionais, flexionais e avaliativos. Enquanto os derivacionais são predicadores transitivos e subcategorizam obrigatoriamente um complemento (radical, tema ou palavra), os sufixos flexionais são especificadores morfo-sintáticos do tema e os sufixos avaliativos, modificadores. A análise da autora de

[...] que os sufixos se associam a radicais, temas ou palavras.” e fazem parte dos afijos e, para ela, baseada em Siegel (1974, 1979), podemos reconhecer as subclasses dos afijos, assim distribuídos: a) prefixos l; b)

¹⁴ A adoção dos princípios da Teoria X-Barra ao domínio das estruturas morfológicas leva a considerar que o núcleo de palavra é o constituinte que possui as mesmas propriedades da palavra, interpretando-o como uma instância particular do seguinte conceito geral de núcleo: *Se X e o núcleo de X são elementos selecionáveis na categoria C, então XC é núcleo de XC.* Essa função, numa estrutura morfológica bi-ramificada é atribuída ao constituinte que ocupa a posição da direita; ou seja, a função de núcleo, numa palavra morfológicamente complexa, é atribuída ao seu constituinte da direita. (Willians, 1981, p. 248) O fundamento para a Regra de Atribuição do Núcleo à Direita é que, em geral, são os sufixos que determinam a categoria sintática das palavras em que ocorrem, e não os prefixos (Villalva, 2000, p. 58).

prefixos II; c) sufixos I; d) sufixos II. Os afixos de nível I são introduzidos por “+” [fronteiras de morfema], e os afixos de nível II, por “#” [fronteiras de palavra]. VILLALVA (2000, p. 47).

converge os critérios de acentuação e categoria morfológica da base, baseando-se em Siegel¹⁵ (1979, p.153) e [...] e preconiza a perifericidade dos afixos de nível II relativamente aos afixos de nível I” e assim os esquematiza: *afixos + palavras não derivadas = afixação radicais*.

Por fim, Villalva relaciona as principais propriedades dos sufixos derivacionais, que são a prioridade e interesse dessa pesquisa:

- a) associam-se a eles significados idiossincráticos;
 - b) podem alterar a categoria da base, embora não exista essa obrigatoriedade;
 - c) podem influenciar a estrutura fonológica da base na derivação;
 - d) são menos periféricos do que os sufixos flexionais (mais periféricos);
 - e) admitem recursividade e/ou permutabilidade;
 - f) são o núcleo das construções que os integram;
 - g) realizam um conjunto de categorias (morfo-sintática e morfo-semântica);
 - h) determinam a especificação categorial dos derivados (adjetivais, nominais e verbais);
 - i) geram radicais na sufixação derivacional, o que justifica a sua não obrigatoriedade, e possibilita a sua recursividade;
 - j) dão origem à posição relativa que ocupam relativamente aos sufixos flexionais;
 - l) realizam uma ou mais categorias (morfo-sintática, morfo-semântica) ou realizam uma ou mais categorias (morfo-sintática, morfo-semântica) ou subcategorias, mas nunca exclusivamente categorias morfo-sintáticas, determinadas pela categoria sintática da base (função obrigatória e exclusiva dos sufixos flexionais);
 - m) determinam sempre o valor da categoria sintática da palavra em que ocorrem, das subcategorias morfológicas; das categorias morfo-sintáticas; e das categorias morfo-semânticas;
 - n) não podem realizar diferentes categorias morfo-semânticas (p. ex. os derivados que integram o sufixo –dor, nomes agentivos ou instrumentais); o) selecionam radicais ou temas, formando radicais.
- VILLALVA (2000, p. 211).

¹⁵ Siegel (1979, p.26-27) evidencia que é o modo de aplicação das regras de acentuação o que permite distinguir as duas classes de afixos, uma vez que as palavras derivadas por afixação de Nível I submetem-se às regras cíclicas de acentuação, enquanto que as palavras derivadas por afixação de Nível II não se submetem a essas mesmas regras, pois a sua formação é posterior. Essa distinção entre esses dois grupos separa os afixos que determinam a posição do acento, podendo receber ou provocar uma deslocação do acento da base para a direita, dos que são neutros quanto ao acento, pois não podem receber o acento nem provocam qualquer deslocação do acento da base. Siegel (1974, 1979, p.148-151) partindo das quatro subclasses de afixos (prefixos I, prefixos II, sufixos I e sufixos II), e de dois tipos de bases (radicais e palavras), traça possibilidade de oito diferentes estruturas. a. [# [PREFIXO +] [RADICAL] #] cf. imply 'implicar'

b. [# [PREFIXO #] [RADICAL] #] c. [# [RADICAL] [+ SUFIXO] #] cf. hesitant 'hesitante'

d. [# [RADICAL] [# SUFIXO] #] cf. winsome 'atraente' e. [# [PREFIXO +] [# PALAVRA #] #] cf. inequality 'desigualdade' f. [# [PREFIXO #] [# PALAVRA #] #] cf. superman 'super-homem'

g. [# [# PALAVRA #] [+ SUFIXO] #] cf. simplify 'simplificar' h. [# [# PALAVRA #] [# SUFIXO] #] cf. happiness 'felicidade'.

A coleta de abordagens teóricas de linha estruturalista e gerativista respalda a presente investigação, uma vez que, através dos estudos teórico-práticos, é elaborado um modelo para a análise do *corpus*, selecionando aspectos relevantes propostos por cada teórico.

Apoiando-se em Villalva (2000), é analisada a categoria morfológica da base a que se adjunge cada sufixo – se ao radical, ao tema ou à palavra. Através de Rocha (1998), analisa-se a relação dos prefixos e sufixos homófonos, concorrentes e alomorfêmicos. Com Sandmann (1991/1992), observa-se a função sintático-semântica do sufixo e do prefixo em relação à base. Com Rio-Torto (1993), verificam-se os prefixos e sufixos quanto à origem e a ocorrência de variação livre, o que determina a concorrência tratada por Rocha (1998). E finalmente, com Camargo e os demais já citados, a classificação dos sufixos, como nominal, verbal ou adverbial, suas mudanças de sentido e a análise do paradigma de derivação, que recai sobre as condições de adjacência, tratado por Scalise (1984).

A análise que se procede no próximo capítulo partirá do étimo de cada sufixo e dos dados semânticos apresentados pelas gramáticas relativamente aos sufixos recortados no trabalho, uma vez que se faz necessário ter um ponto de partida para verificar se houve mudanças, ou não, dos sufixos quando apropriados pela linguagem científica da Farmácia.

5 A FORMAÇÃO DOS TERMOS DA FARMÁCIA: ESTENDENDO O MODELO E ANALISANDO O *CORPUS*

Realizado todo o percurso de descrição dos processos de formação de palavras, a partir das hipóteses aventadas por Villalva (1994, 2000, 2004, 2008, 2010, 2012), para reconhecer a existência das palavras como unidades de análise linguística, discutindo, assim, a questão da atomicidade das palavras, a definição de que estas unidades possam ser de acordo com as suas especificidades, distinguindo-as das unidades frásicas que integram, bem como se distanciam das peças que as constituem, foca-se, nessa unidade, na descrição dos processos de formação de palavras na linguagem científica da farmácia.

Como já foi analisado, a adequação da Teoria X-Barra para a morfologia tem como objetivo dar o mesmo tratamento ao núcleo morfológico e ao núcleo sintático, embora distinga os ambientes das estruturas morfológicas e das estruturas sintáticas, observando as equivalências nesses dois níveis, com suas possibilidades de ramificações, como uma categoria X^0 na morfologia e uma categoria $X^{\max}$ no âmbito da sintaxe.

5.1 OS COMPOSTOS MORFOLÓGICOS

Para a análise dos processos de formação do vocabulário da farmácia, parte-se da definição de que os compostos morfológicos são estruturas que resultam de um processo de concatenação de radicais simples ou complexos, autônomos, ou não, por intermédio de uma vogal de ligação, com núcleo à direita ou à esquerda que, podem formar palavras complexas, quando acomodam junto aos radicais uma estrutura de derivação, por sufixação, de modificação, por prefixação ou sufixação, ou de composição de radicais.

Baseando-se na regra geral e nas seis regras específicas expostas por Villalva (2000) para descrever os compostos morfológicos em português, constata-se que são insuficientes para a descrição dos termos da Farmácia. A regra geral não contempla todas as possibilidades de construção dos termos científicos, uma vez que esses são

formados com maior complexidade que as palavras da língua comum, como se analisa:

[[[[RAD] [VL] [RAD]] RADICAL COMPOSTO [CT]] TEMA FM] PALAVRA

Assim como das regras específicas, apenas as regras (d) e (f) atendem a descrição de algumas formações de palavras na linguagem da Farmácia:

- a) [[[PREFIXO] [RAD]] RADICAL DERIVADO [VL] [RAD]] RADICAL COMPOSTO
- b) [[RAD] [VL] [[PREFIXO] [RAD]] RADICAL DERIVADO] RADICAL COMPOSTO
- c) [[[RAD] [SUFIXO]] RADICAL DERIVADO [VL] [RAD]] RADICAL COMPOSTO
- d) [[RAD] [VL] [[RAD] [SUFIXO]] RADICAL DERIVADO] RADICAL COMPOSTO
- e) [[PREFIXO] [[RAD] [VL] [RAD]] RADICAL COMPOSTO] RADICAL DERIVADO
- f) [[[RAD] [VL] [RAD]] RADICAL COMPOSTO [SUFIXO]] RADICAL DERIVADO

Vocábulos como *etenoglicol*, *boro-silício*, *amilopectina* são compostos morfológicos formados a partir da regra (d):

[[RAD] [VL] [[RAD] [SUFIXO]] RADICAL DERIVADO] RADICAL COMPOSTO

Eten + *o* + *glic+ol* *Et*+ *en* +*o* + *glic+ol*
Bor + *o*+ *silic+io*
Amil + *o*+ *pect+ina*

Os termos com estrutura do tipo de *ciclosporina* e *eletrosmose* se enquadra na regra (f), por atender à seguinte estrutura:

[[[RAD] [VL] [RAD]] RADICAL COMPOSTO [SUF]] RADICAL DERIVADO
Cicl + *o* + *(o)spor +Iná*
Eletr + *o* + *(o)sm + ose*

Nessa composição, além dos processos morfológicos, há aglutinação da vogal inicial do segundo radical, pelo fenômeno fonológico da crase com a vogal de ligação que concatena os dois radicais. Isso se considerando que a vogal de ligação não pertence a nenhum dos radicais. Outra hipótese é considerar que os radicais se ligam sem intervenção de vogal temática, contrariando, assim, a definição de composição morfológica proposta por Villava (2000) que parte da hipótese de que, diferentemente da prefixação, a composição morfológica opera por intermédio de um elemento de ligação. No entanto, encontram-se no vocabulário em estudo, concatenações de

radicais sem intervenção da vogal de ligação, em formações como *carboximetilcelulose* ou *ciclofosfamida* que podem se descrever a partir das regras:

- (i) [[[[RAD][RAD] [[[[RAD] [SUF]]] RADICALDERIVADO [RAD] [SUF]RADICAL DERIVADO]
 RADICAL COMPOSTO
Carb + oxi+ met + il+ celul +ose
 (ii) [[[[RAD] [VL] [[[[RAD][RAD]]] RADICAL COMPOSTO
Cicl +o+ fosf+ amida

Em (i), os dois radicais derivados são conectados sem a presença da vogal de ligação, já em (ii) a vogal de ligação conecta um radical simples a um radical composto.

Há, porém, composições morfológicas, em que a vogal de ligação concatena dois radicais derivados, como em *butilenoglicol* e *cromatografia*, diferentemente de (i), em que os dois radicais derivados se concatenam sem o elemento de ligação, como se descreve na regra:

- (iii) [[[[RAD][SUF]RADICALDERIVADO[VL][RAD][SUF]]RADICALDERIVADO]RADICALCOMPOSTO
butil + en + o + glic+ ol// but+il+ en+o+ glic+ol
crom+ at + o + graf +ia
 Ou ainda ligando radical derivado a um radical temático, como em:
 (iv) [[[[RAD] [SUF] RADICAL DERIVADO [VL][RAD] vt] RADICAL TEMÁTICO]RADICAL COMPOSTO
crom+ at+ o+ gram + a

Como já foi feita alusão, anteriormente, sobre a incorporação ao esquema básico da teoria de X-barras da possibilidade de geração de estruturas recursivas, pode-se observar nas composições morfológicas do vocabulário da Farmácia, formações onde ocorre a recursividade de prefixos selecionados pelo mesmo radical, como se vê em (v):

- (v) [[[[[PREFIX] [PREFIX] [RAD]] RADICAL DERIVADO [RAD] [RAD][RAD] [SUF]]] RADICAL COMPOSTO
di-ter-but+il – hidr+ oxi+ totu+ eno

Além da recursividade do prefixo, para a formação do primeiro radical derivado, observa-se a concatenação de três radicais sem a presença de elemento de ligação, na formação do composto.

Visto a impossibilidade de gerar uma regra que contemple todas as possibilidades de combinação de elementos constitutivos nas composições

morfológicas, acrescenta-se ainda mais três regras para abarcar todas as ocorrências no referido vocabulário científico:

- vi) [[[PREF] [RAD] [SUF] [SUF] RADICAL DERIVADO [VL][[RAD][SUF]] RADICAL DERIVADO]
] RADICAL COMPOSTO
di+et+il+en+ o+ glic+ol
vii) [[PREF] [RAD][SUF]] RADICAL DERIVADO [RAD][RAD]RADICALCOMPOSTO] RADICAL
COMPOSTO
di – met +il+ acet+ amida
viii) [[[RAD][SUF]] RADICAL DERIVADO[[RAD][SUF]] RADICAL DERIVADO [RAD]
[VL][RAD]]] RADICAL COMPOSTO
met+il +celul+ ose + met +a+ filtro
ix) [[[PREF] [[RAD] [VL][SUF]]] RADICAL COMPOSTO
ultra + filtr+a+ção

A diversidade de combinações, com recorrência de elementos como prefixos e sufixos, como se vê em (v) e (vi) são justificados pelas convenções de percolação, conforme trata Lieber (1980, p.96-101), que determina relações para a definição de núcleo morfológico, no que se refere aos prefixos que mudam a categoria da base, aos compostos de núcleo à esquerda, e aos sufixos que não são núcleos, como é o caso dos diminutivos, os quais não são encontrados na linguagem científica, por serem valorativos.

5.2 OS COMPOSTOS SINTÁTICOS

No vocabulário científico da Farmácia, encontra-se uma significativa produção de compostos sintáticos que, como estruturas formadas por um mínimo de duas variáveis, são estas palavras que integram expressões sintáticas, ou seja, os compostos têm equivalência a construções sintáticas, onde o constituinte selecionado pelo núcleo é argumento, especificador ou modificador. Como já foi revisado, Villalva (1992, 2000) visualiza as seguintes possibilidades de estrutura no português.

- a. $[N_{\text{núcleo}} N]_N$ ex. *governo-sombra*
b. $[ADJ_{TC1} ADJ_{TC2}]_{ADJ}$ ex. *surdo-mudo*
 $[N_{TC1} N_{TC2}]_N$ ex. *saia-casaco*
c. $[V_{\text{Compl}}]_N$ ex. *porta-voz*
 $[V_{TC1} V_{TC2}]_V$ ex. *vaivém*

No entanto, na construção do vocabulário científico, observa-se a ocorrência de formações mais complexas, uma vez que incorporam mais informações semânticas e, conseqüentemente, constituintes morfológicas para atender a organização implícita do pensamento, ou seja, a estrutura sintática subjacente, já que, na teoria gerativa, a sintaxe tem lugar de relevância na descrição da linguagem.

Como o objetivo da descrição é analisar a combinação de sons em palavras, palavras em sentenças para construir sentido, adota-se o caráter modular da mente, onde o Componente Articulatorio Perceptual-CAP, que dá à linguagem sua expressão externa (sonora/gestual), interage com o Componente Conceptual Intencional-CCI, responsável pela face conceitual, mediada pela sintaxe, que é entendida como um Componente Computacional-CC, responsável pela combinação dos itens lexicais em sentenças. Dessa forma são mobilizados os componentes fonológicos, semânticos e sintáticos para a compreensão e interpretação da palavra.

Produzida através da regra (a) postulada por Villava (2000), $[N_{\text{núcleo}} N]_N$, encontram-se os seguintes termos da Farmácia, com núcleo à esquerda, e o segundo constituinte como modificador, com função de adjunto, na construção sintática equivalente:

(i) $N + N = N$

a) *ação local* (= *ação localizada*)

b) *compressor – doseador* (= *compressor para dosear ou para medir em dose*)

Um segundo grupo de compostos sintáticos na linguagem da farmácia é produzido pela regra $[N_{\text{NÚCLEO}} \text{ADJ}]_N$, onde o núcleo N, à esquerda, seleciona um modificador Adj, com função de adjunto na construção sintática equivalente:

(ii) $N + \text{ADJ} = N$

a) *ácido cítrico* (= ácido que é cítrico)

b) *algodão cardado* (= algodão que é [penteado] cardado na máquina)

c) *bomba rotativa* (= bomba que faz rotação [para produção do medicamento])

d) *breu cru* (= breu [que não passou por processo de cozimento] cru)

e) *cápsula dura* (= cápsula [que passou por processo de endurecimento] dura)

f) *cápsula elástica* (= cápsula que tem elasticidade)

g) *composto sulfatado* (= composto ao qual foi adicionado sulfato)

h) *comprimido – efervescente* (= comprimido que efervesce)

i) *centrífuga resfriada* (= centrífuga que resfria)

j) *anidrido sulfuroso* (= anidrido no qual é adicionado enxofre)

k) *ácido esteárico* (= ácido que é feito de estearina)

l) *administração auricular* (= [alguém] administrar [medicamento] pela orelha)

m) *álcool cetílico* (= álcool que contém cetil na sua composição)

n) álcool benzílico (= álcool que contém benzil na sua composição)

Conforme analisou Villalva (2000), os compostos sintáticos podem equivaler a expressão sintática em posição X^0 ou X' , com a estrutura $[N_{\text{Núcleo}} SP] N$, onde o SP (argumento interno) ou (modificador), respectivamente, é selecionado pelo núcleo à direita, com função de complemento e adjunto, respectivamente, no seu equivalente sintático:

(iii) $N + SP = N$

a) adjuvante de absorção (= adjuvar à absorção)

b) adjuvante de filtração (= adjuvar à filtração)

(iv) $N + SP = N$

a) alginato de sódio (= alginato feito com sódio)

b) almofariz de bronze (= almofariz feito com bronze)

c) amilo de reserva (= amilo que fica reservado)

d) algodão - de- vidro (= algodão que fica no vidro)

e) artigo de penso (= artigo que tem função de penso)

f) balança de precisão (= balança que tem precisão)

g) bomba de difusão (= bomba para fazer difusão)

h) calor de dissolução (calor para fazer dissolução)

i) capsula de encaixe (= cápsula feita por encaixe)

j) centrifuga de cesto (=centrífuga em forma de cesto)

k) citrato de magnésio (= citrato feito com magnésio)

Os compostos sintáticos em (iii) apresentam núcleo N à direita que seleciona o SP à esquerda, como argumento interno, ou seja, com função de complemento do nome na expressão sintática equivalente; o que os diferencia dos compostos sintáticos em (iv) em que o segundo constituinte é selecionado como modificador, com função de adjunto. Já os compostos em (v) que, diferentemente dos de (iii) e (iv), cujos SP são introduzidos pelas preposições *por*, *para* e *com*, configurando uma regra de construção com recorrência do sintagma preposicional, pode ser assim expressa:

(v) $[[[N_{\text{núcleo}} SP_1] [SP_2 [SP_3 [SP_4 [SP_n]]]]] N$, que abarca os dois grupos de compostos sintáticos:

(G1)

a) administração por via bucal (=administrar [o remédio] na boca)

b) água para preparações injetáveis (= água usada [em medicamentos] que são injetados)

c) aerosol para inalação (= aerosol para ser inalado)

d) comprimido para uso externo (=comprimido que seja usado externamente)

e) estabilização pelo vapor quente (= [alguém] estabiliza [a substância] através de vapor que seja quente]

- f) adjuvante para supositórios (= adjuvar na preparação de supositórios)
- g) comprimido para mastigar (= comprimido que [alguém) mastiga
- h) comprimido para dissolver na boca (= comprimido para ser dissolvido na boca]

Em (G1) tem-se composições sintáticas com núcleo N à esquerda que seleciona um SP, modificador que, por extensão, pode selecionar um ADJ, no nível X', também como modificador, tendo como núcleo a esquerda o SP, como se analisa em (e). Em (f), onde se verifica a mesma estrutura [N núcleo SP] N, o SP é selecionado no nível X⁰, como argumento, com a função de complemento, quando se analisa a expressão sintática equivalente. Já em (G2) os compostos sintáticos são caracterizados pela recorrência de SP, selecionados pelo núcleo N à esquerda, geralmente no nível X1, como modificador, como em (a). O SP₂, selecionado pelo Núcleo SP₁ pode selecionar um SP₃ que, pode coordenar um SP₄ que, por extensão, seleciona um SP₅, argumento, com função de complemento, que tem como núcleo SP₄, como se verifica em (b), quando se analisa a sua expressão sintática equivalente. Em (c) e (d), o SP₁ seleciona um SP₂ no nível x⁰, com argumento, com função de complemento, diferentemente de (e), (f), (g), (h), (i), que a recorrência do SP se dá no nível X', como modificador e com função de adjunto.

(G2)

- a) esterilização por aquecimento a 100° (= esteriliza [o instrumental] que seja aquecido [o instrumental] em uma temperatura de 100°)
- b) esterilização por aquecimento a 100° com adição de bactericida (= esteriliza [o instrumental] que seja aquecido [o instrumental] em uma temperatura de 100° e adiciona bactericida)
- c) divisão com medidas de volume (= [alguém] fez a divisão medindo o volume [do líquido])
- d) drageificação por suspensão no ar (=fazer drágeas suspendendo [as drágeas] no ar)
- e) emulsão de óleo de fígado de bacalhau (= preparação feita com o óleo do fígado do bacalhau)
- f) estabilizador de noz de palma (= [alguém] estabiliza noz que tem forma de palma)
- g) estabilização em estufa de ar quente (= [alguém] estabiliza [a substância] em uma estufa que tem ar quente)
- h) classificação por polpa de papel (= [alguém] classifica [a substância] [utilizando] a polpa que é feita de papel)
- i) aquecimento ao rubro vermelho (= [alguém] aquece [a substância] colocando no rubro que é vermelho)

Outro grupo de compostos sintáticos encontrado no vocabulário científico da Farmácia apresenta uma estrutura morfológica e sintática bem evidentes, com um núcleo N à direita, que seleciona um ADJ, no nível X', como modificador (função de adjunto) e um SP, no nível X⁰, como argumento, com função de complemento, expressa na seguinte regra, conforme se constata nas expressões sintáticas equivalentes:

(vi) [[N núcleo ADJ] SP] N

- a) divisão geométrica do pó (= dividir o pó geométrica[mente])
- b) divisão visual do pó (= dividir o pó visual[mente])
- c) evaporação parcial do solvente (= evaporar o solvente [parcialmente])
- d) indicador biológico de esterilização (= [substância] que indica esterilização biológica)
- e) indicador químico de esterilização (= [substância] que indica esterilização química)

No entanto, com os mesmos constituintes são construídos compostos sintáticos com uma nova regra de formação, onde o ADJ e o SP são selecionados no nível X' e que, como modificador, com função de adjunto, são naturalmente intercambiáveis, como se constata nas expressões sintáticas equivalentes:

- a) extrato fluido de cola (= [substância] extraída da cola fluida)
- b) extrato fluido de cravagem de centeio (= [substância] extraída de cravagem que se origina do centeio)
- c) pó efervescente de Seidlitz (= pó de Seidlitz que efervesce)

Em (b), além da coordenação do ADJ com o SP, há, por extensão, a recorrência do SP, selecionado pelo SP₁, no nível X', como modificador, sendo, portanto, adjunto do núcleo SP (cravagem).

Assim como se dá a recorrência de SP em diversos níveis nos compostos sintáticos da farmácia, a recorrência de ADJ no nível X', selecionados pelo núcleo N à direita, como modificadores, com função de adjuntos, que não são intercambiáveis, segundo a regra:

(vii) [[[N núcleo ADJ] ADJ] nADJ]N

- a) agente emulsivo auxiliar
- b) agente emulsivo primário
- c) agente emulsivo secundário
- d) água destilada aromática

- e) análise imediata especial
- f) análise imediata geral
- g) câmara asséptica clássica
- h) catártico laxante mecânico
- i) agente emulsivo sintético aniônico
- j) amarelo alimentar n.º 13
- k) azul alimentar n.º 5
- l) azul panteteado V
- m) excipiente witepsol H12
- n) excipiente witepsol H15
- o) excipiente witepsol H19
- p) excipiente witepsol H25
- q) verde alimentar n.º 4

Observa-se que na linguagem científica da Farmácia, há uma considerável ocorrência do uso dos numerais com função adjetiva, sendo selecionado por outro ADJ e, não, pelo núcleo N, uma vez que os dois adjetivos são intercambiáveis, como se observa nos compostos (j), (k), (l), (m), (n), (o), (p) e (q).

Os compostos sintáticos que são expressos pela regra (viii) apresentam uma expressão sintática constituída de adjuntos, expresso por SP que seleciona ADJ, diferentemente dos compostos em (vi), cujo ADJ é selecionado pelo núcleo N; já nesses compostos, o ADJ é selecionado pelo SP que, por sua vez é selecionado pelo núcleo N, à esquerda, como se analisa com as expressões sintáticas equivalentes, que não são intercambiáveis.

(viii) [N núcleo [SP ADJ]]

- a) autoclave de parede dupla (= autoclave que tem duas paredes)
- b) autoclave de parede simples(=autoclave que tem uma única parede)
- c) autoclave de fluxo laminar(= autoclave que tem fluxo laminar)
- d) centrifuga de cabeça angular(=centrífuga que tem cabeça angular)
- e) centrifuga de cabeça vertical (=centrífuga que tem cabeça vertical)
- f) clarificação por coagulantes sintéticos (=processo de clarificação que se faz com coagulantes sintéticos)
- g) fio de sutura absorvível(= fio de sutura que é absorvido [pelo tecido])
- h) fio de sutura não – absorvível (=fio de sutura que não é absorvido[pelo tecido])
- i) vidro do tipo I (= vidro que tem característica fosca)
- j) vidro do tipo II(= vidro que tem característica límpida)
- k) vidro do tipo III(= vidro que tem característica fina)
- l) vidro do tipo IV (= vidro que tem característica grossa)
- m) evaporação sob pressão reduzida (= evaporação feita com redução de pressão)
- n) extração com dissolvente orgânico(=extração feita com [substância]orgânica que dissolve [outra substância])

5.3 OS COMPOSTOS MORFOSSINTÁTICOS

Não contempladas pelos trabalhos de Villalba (1994, 2000, 2004, 2008, 2010, 2012), são encontradas no léxico científico da farmácia formações compostas com estrutura mais complexa que as da língua comum, que incorporam característica de composição morfológica e composição sintática, como se analisa em (ix) e em (x):

(ix) {N núcleo ADJ [[RAD] [VL] [[RAD] [SUFIXO]] RADICAL DERIVADO] RADICAL COMPOSTO} COMPOSIÇÃO MORFOSSINTÁTICA

- a) barreira hematoencefálica (= barreira que é feita contra substância do sangue e que é essencial ao cérebro)
- b) pó citro-magnésio (=pó que é formado por cítrico e magnésio)
- c) abordagem fito –química (= abordagem que é constituída de elementos vegetais e químicos)
- d) administração intra-arterial (=administração [de medicamentos] que é feita nas artérias)
- e) administração intra-dérmica (=administração [de medicamentos] que é feita entre a derme e a epiderme)
- f) administração intra-muscular (=administração [de medicamentos] que é feita nos músculos)
- g) administração intrarraquídea (=administração [de medicamentos] que é feita entre as vértebras da coluna espinhal)
- h) administração intravenosa (=administração [de medicamentos] que é feita na veia)
- i) administração intraperitoneal (=administração [de medicamentos] que é feita entre os órgãos abdominais)
- j) administração intrapleural (=administração [de medicamentos] que é feita na pleura)
- k) administração geniturinária (=administração [de medicamentos] que é feita na uretra e vagina)
- l) administração hipodérmica (=administração [de medicamentos] que é feita no tecido subcutâneo)
- m) administração endovenosa (=administração [de medicamentos] que é feita diretamente na veia)
- n) álcool esteanílico (= álcool que é composto por ester e anil)
- o) álcool fenilético (= álcool que é composto por fenil e etil)
- p) álcool polivinílico (álcool que é composto por polímero e vinílico)

(x) {N núcleo SP [RAD][RAD] [VL] [[RAD] [SUFIXO]] RADICAL DERIVADO] RADICAL COMPOSTO} COMPOSIÇÃO MORFOSSINTÁTICA

- a) administração por via gastro-intestinal
- b) administração por via traqueopulmonar
- c) administração por via sublingual

Como os compostos reúnem a característica determinante dos compostos morfológicos, que é a concatenação de radicais através da vogal de ligação, podendo selecionar afixos (prefixos e sufixos) e a característica determinante dos compostos sintáticos, que é a concatenação de variáveis que integram expressões sintáticas, esses compostos têm características bem peculiares, muito específicas da linguagem científica, aos quais denominamos *compostos morfossintáticos* (grifo do pesquisador), onde a composição morfológica ocorre no segundo elemento do composto, como em (ix) e (x), ou ainda no núcleo N, á esquerda, como em (xi), que pode ser expresso pela seguinte regra:

(xi) {N [RAD] [VL]RAD [SUF] COMPOSTO DERIVADO} SP} COMPOSTO MORFOSSINTÁTICO

a) granulometria dos pós finos (= medida que é feita através dos grãos dos pós que são finos)

b) biotransformação do agente toxico (= transformação que é biológica do agente que é tóxico)

c) glicerídeo semi – sintético (= glicerídeo que é uma parte sintetizado [por alguém]).

5.4 OS AFIXOS DERIVACIONAIS

Fundamentando-se nas abordagens teóricas a respeito da afixação derivacional, constituída por prefixos e sufixos, conforme os teóricos estruturalistas e gerativistas mencionados no 4º capítulo, foi feita a análise dos 49 afixos que constam no universo da pesquisa, que constituiu o corpus para esse fim, extraídos das 1066 entradas contidas no trabalho de mestrado de Fernandes (autor), intitulado *Elementos para uma sistematização dos Termos da Farmácia: uma abordagem Terminológica*, defendida na Universidade Federal do Ceará em 1998. Adota-se um modelo de análise que contempla os traços caracterizadores dos afixos, quanto à sua tipologia (prefixo ou sufixo), à sua origem, classificação quanto à categoria do produto, e quanto à propriedade de transformação ou modificação e mudança categorial. A ideia de categorizar os sufixos em transformador ou modificador, deve-se a Alarcus E. (1984), em seus estudos sobre gramática funcional do Espanhol, com o objetivo de diferenciar os sufixos que expressam grau (aumentativo ou diminutivo) dos demais, que criam uma nova palavra, e não somente acrescenta a ideia de tamanho.

Para isto, foi elaborada a seguinte ficha que compila as características de cada afixo, com as ocorrências no léxico investigado. Os processos de homofonia e concorrência, tratados mais especificamente por Rocha (1998), careceu de um levantamento semântico do afixo, quanto ao sentido na linguagem comum, que consta nas gramáticas correntes da língua portuguesa e do sentido construído pelo afixo no interior da linguagem especializada, ao que denominamos de sentido convencional e sentido específico, respectivamente. A diferenciação nesses duas esferas de comunicação gerou um problema de análise no processo de homofonia e concorrência entre os afixos. Dessa forma, para definir os respectivos fenômenos fono-semânticos, utilizou-se a denominação externo e interno, respectivamente, para identificar a homofonia e a concorrência nas duas esferas de comunicação: a comunicação comum, e a comunicação especializada, conforme se apresenta na seguinte ficha:

Ficha de análise de afixo

N	formativo	Tipo e caracterização
I	ORIGEM:	
II	TERMOS	
III	SENTIDO ESPECÍFICO	
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	
V	CATEGORIA MORF.BASE	
VI	SUFIXOS HOMÓFONOS	Externos: Internos:
VII	SUFIXOS CONCORRENTES	Externos: Internos:

Fonte: autor

No total de 49 afixos, tem-se 31 sufixos e 18 prefixos, assim analisados:

01	-ol	Sufixo derivacional, nominal, transformador, categorial
I	ORIGEM:	Grega
II	TERMOS	alopurin ol , copra ol , ester ol , etan ol , etilenoglic ol , glicero l ado, glicofe ro l , ictio l , sorbito l
III	SENTIDO ESPECÍFICO	característico de produtos químicos para indicar presença de álcool na composição
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	Formador de adjetivo gentílico: Ex: espanhol.
V	CATEGORIA MORF.BASE	Radical
VI	SUFIXOS HOMÓFONOS	Externos: -ol, formador de adjetivo gentílico.Ex: espanhol Internos: -----
VII		Externos: -ense, -eiro, -ista: cearense, mineiro, paulista.

	SUFIOS CONCORRENTES	Internos: -----
--	------------------------	-----------------

02	-os> osis	Sufixo, derivacional, nominal, transformador, categorial
I	ORIGEM:	Grega
II	TERMOS	¹ antiescrupuloso, anidrido sulfuroso; ² gelose, sacarose
III	SENTIDO ESPECÍFICO	¹ matiz de ação, condição ou estado, ² matiz de duração
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	Formador de adjetivo.EX: bonsoso, fervoroso, etc.
V	CATEGORIA MORF.BASE	Radical
VI	SUFIOS HOMÓFONOS	Externo: ----- Interno: ¹ antiescrupuloso, sulfurosos= ação, condição ou estado ² gelose, sacarose= duração
VII	SUFIOS CONCORRENTES	Externo: engo, enho, -onho, etc: mulherengo, ferrenho, tristonho Interno: -----

03	- eno	Sufixo derivacional, nominal, transformador, não categorial,
I	ORIGEM:	Latina
II	TERMOS	antraceno, etilenoglicol azuleno, energeteno
III	SENTIDO ESPECÍFICO	próprio do química, que indica tipo de átomo de composição química por ligação dupla;designa <i>hidrocarboneto</i> .
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	¹ formador de adjetivo: terreno; ² gentílico: chileno
V	CATEGORIA MORF.BASE	radical e palavra
VI	SUFIOS HOMÓFONOS	Externo: ¹ formador de adjetivo: terreno; ² gentílico: chileno Interno: -----
VII	SUFIOS CONCORRENTES	Externo: ¹ -udo,-ista, -eo etc: barrigudo, capitalista, róseo ² -ense, eiro, -ano, etc: pareense, brasileiro, goiano Interno:-----

04	-ia	Sufixo derivacional, nominal, transformador, não categorial
I	ORIGEM:	Grega
II	TERMOS	cromatografia,
III	SENTIDO ESPECÍFICO	referente a, relativo a
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	¹ qualidade, defeito ou estado: alegria, cortesia, covardia, valentia ² relativa a assuntos: ciência, zoologia, camélia, begônia, magnólia. ³ profissão ou lugar:delegacia, diretoria, reitoria, advocacia.
V	CATEGORIA MORF.BASE	Radical

VI	SUFIOS HOMÓFONOS	externos: ¹ qualidade, defeito ou estado: alegria, cortesia, covardia, valentia ² relativa a assuntos: ciência, zoologia, camélia, begônia, magnólia ³ profissão ou lugar: delegacia, diretoria, reitoria, advocacia internos: -----
VII	SUFIOS CONCORRENTES	externos: -dade=qualidade ou estado: caducidade, contabilidade, crueldade, desigualdade, espontaneidade, fiscalidade, ilegalidade, lealdade, objetividade, retroatividade. Internos: -----

05	-eo	Sufixo derivacional, nominal, transformador, categorial
I	ORIGEM:	Grega
II	TERMOS	Enóleo
III	SENTIDO ESPECÍFICO	sufixo químico, indicador de composição
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	Formador de adjetivo: arbóreo, áureo, extéreo, róseo.
V	CATEGORIA MORF.BASE	Radical
VI	SUFIOS HOMÓFONOS	externos: -eo, formador de adjetivo: arbóreo, áureo, extéreo. Internos: -----
VII	SUFIOS CONCORRENTES	externo: -udo, -ista, -eo etc: barrigudo, capitalista, róseo interno: -il

06	-ideo	Sufixo derivacional, nominal, transformador, não categorial
I	ORIGEM:	Grega
II	TERMOS	glicerídeo; osídeo,
III	SENTIDO ESPECÍFICO	âmbito da química, que indica determinada função
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	família de animais: felídeos, equídeos
V	CATEGORIA MORF.BASE	Radical
VI	SUFIOS HOMÓFONOS	externos: família de animais: felídeos, equídeos internos: -----
VII	SUFIOS CONCORRENTES	externos: ----- internos: -ídeo: glicídídeo, glicosídídeo,

07	- ídio	Sufixo derivacional, nominal, transformador, não categorial
I	ORIGEM:	Grego
II	TERMOS	glicídídeo, glicosídídeo.
III	SENTIDO ESPECÍFICO	determinada particularidade ou propriedade
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	-----
V	CATEGORIA MORF.BASE	Radical

VI	SUFIXOS HOMÓFONOS	externo -----
		interno -----
VII	SUFIXOS CONCORRENTES	externo-----
		interno: -ideo: glicerídeo; oside.

08	-ikos> ico	Sufixo derivacional, nominal, transformador, categorial
I	ORIGEM:	Grego
II	TERMOS	¹ analgésico; antiflogístico, antipasmódico, queratolítico, hipodérmico, ácido cítrico. ² Agente emulsivo sintético aniônico, alcoolesteanílico, ácool feniletílico, álcool polivínico ³ estíptico, pirogênico
III	SENTIDO ESPECÍFICO	¹ forma adjetivos de substantivos; ² relação, procedência ou referência: ³ matiz de característica marcante e permanente
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	Formador de adjetivo
V	CATEGORIA MORF.BASE	Radical
VI	SUFIXOS HOMÓFONOS	externo:-----
		interno: ¹ forma adjetivos de substantivos: ¹ analgésico; antiflogístico, antipasmódico, queratolítico, hipodérmico, ácido cítrico. ² relação, procedência ou referência: ² Agente emulsivo sintético aniônico, alcoolesteanílico, ácool feniletílico, álcool polivínico ³ matiz de característica marcante e permanente: ³ estíptico, pirogênico
VII	SUFIXOS CONCORRENTES	externo: -udo, -ista, -eo etc: barrigudo, capitalista, róseo
		interno: -iv, -ente.

09	-al	Sufixo derivacional, nominal³⁻⁴/ adverbial¹⁻², transformador, categorial
I	ORIGEM:	Latina
II	TERMOS	Adrenalina
III	SENTIDO ESPECÍFICO	locativo: adrenal, renal, intestinal, anal.
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	¹ locativo: canal, jornal, mural; ² temporal: anual, mensal, semanal, matinal ³ coletivo: jabuticabal, manguezal, cafezal, laranjal ⁴ Formador de adjetivo: medicinal; mortal.
V	CATEGORIA MORF.BASE	Radical
VI	SUFIXOS HOMÓFONOS	externo: ¹ Locativo: canal, jornal, mural; ² temporal: anual, mensal, semanal. ³ coletivo: jabuticabal, manguezal, cafezal, laranjal
		Interno:-----
VII	SUFIXOS CONCORRENTES	Externo: -eiro, -aria: cinzeiro, papelaria.
		Interno:-----

10	-ant	Sufixo derivacional, nominal, transformador, categorial
I	ORIGEM:	Latina

II	TERMOS	adjuvante de absorção, adjuvante de filtração, <i>antioxidante</i> , <i>corante</i> , <i>edulcorante</i> , <i>aglutinante</i> , clarificação por coagulantes sintéticos
III	SENTIDO ESPECÍFICO	Ação
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	Agentivo
V	CATEGORIA MORF.BASE	Palavra
VI	SUFIXOS HOMÓFONOS	externo: agentivo: estudante, comandante. interno: -----
VII	SUFIXOS CONCORRENTES	externo: -or, -eiro, -ista: professor, padeiro, dentista Interno: -os; -ão: infusão, magdaleão; escrufuloso, sulfuroso

11	-ão	Sufixo derivacional, nominal, transformador, categorial
I	ORIGEM:	Latino
II	TERMOS	Infusão, magdaleão, emulsão
III	SENTIDO ESPECÍFICO	Ação
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	¹ -ão: aumentativo: meninão, brincalhão. ² -ão: avaliativo: palavrão
V	CATEGORIA MORF.BASE	Radical
VI	SUFIXOS HOMÓFONOS	externo: ¹ -ão: aumentativo: meninão, brincalhão. ² -ão: avaliativo: palavrão Interno: -----
VII	SUFIXOS CONCORRENTES	externo: -ona, inho: brincalhona, leitinho. Interno: -os, -ant: infusão, magdaleão; adjuvante <i>antioxidante</i> , <i>corante</i> , <i>edulcorante</i> , <i>aglutinante</i> , coagulantes

12	-at>ad	Sufixo derivacional, nominal, transformador, categorial
I	ORIGEM:	Latina
II	TERMOS	algodão <i>cadado</i> , composto sulfatado, centrífuga resfriada, <i>glicerolado</i> , <i>solicitato</i> , água <i>destilada</i> , <i>análise imediata</i> , <i>alginato</i> de sódio, <i>alcoolato</i> .
III	SENTIDO ESPECÍFICO	formas de participio da primeira conjugação latina sufixo nominal que, na terminologia química, designa um sal resultante de um ácido de nome terminado em - <i>ico</i> (<i>carbonato</i>))
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	¹ ideia de <i>instituição</i> , <i>dignidade</i> ou <i>pequenez</i> : <i>patronato</i> , <i>bispado</i> , <i>baronato</i> , <i>regato</i> . ² formador de adjetivo a partir do participio passado de verbos verbos de 1ª conjugação : <i>afeiçoado</i> , <i>bispado</i> , <i>professorado</i> .
V	CATEGORIA MORF.BASE	Palavra
VI	SUFIXOS HOMÓFONOS	externo: ¹ ideia de <i>instituição</i> , <i>dignidade</i> ou <i>pequenez</i> : <i>patronato</i> , <i>bispado</i> , <i>baronato</i> , <i>regato</i> . ² formador de adjetivo a partir do participio passado de verbos verbos de 1ª conjugação : <i>afeiçoado</i> , <i>bispado</i> , <i>professorado</i> interno: -----
VII	SUFIXOS CONCORRENTES	externo: ----- interno: -----

13	-izar	Sufixo derivacional, nominal, transformador, categorial
I	ORIGEM:	Grega
II	TERMOS	Esterilização
III	SENTIDO ESPECÍFICO	Ação
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	Ação
V	CATEGORIA MORF.BASE	Palavra
VI	SUFIXOS HOMÓFONOS	externo:----- interno:-----
VII	SUFIXOS CONCORRENTES	externo: -ada,-ança,ância, -ção, -ção, ença, -ez(a), -ismo, -mento, -são, -tude: caminhada, mudança, abundância, emoção, solidão, presença, sensatez, civismo, casamento, compreensão, amplitude. interno: -os -ão, -nte, -agem: infusão, magdaleão, emulsão, escrufuloso, sulfuroso, adjuvante, <i>antioxidante, corante, edulcorante</i> <i>aglutinante</i> , coagulante, cravagem, abordagem fito – química.

14	-agem	Sufixo derivacional, nominal, transformador, categorial
I	ORIGEM:	Latina
II	TERMOS	cravagem abordagem fito –química
III	SENTIDO ESPECÍFICO	processo, ação
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	¹ coletivo: folhagem, plumagem ² ação, processo ou estado: aprendizagem, vadiagem. ladroagem
V	CATEGORIA MORF.BASE	Substantivo ¹ ou verbo ²
VI	SUFIXOS HOMÓFONOS	externo: ¹ coletivo: folhagem, plumagem ² ação, processo ou estado: aprendizagem, vadiagem. ladroagem interno:-----
VII	SUFIXOS CONCORRENTES	externo: coletivo: jabuticabal, manguezal, cafezal, laranjal interno: -ao, -ant, -os, izar: infusão, magdaleão, emulsão, escrufuloso, sulfuroso, adjuvante, <i>antioxidante, corante, edulcorante, aglutinante, coagulante</i> .

15	-vel	Sufixo derivacional, nominal, transformador, categorial
I	ORIGEM:	Latina
II	TERMOS	fio de sutura absorvível água para preparação injetável
III	SENTIDO ESPECÍFICO	formador de adjetivo
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	formador de adjetivo (sofrer ou receber a ação; qualidade)

V	CATEGORIA MORF.BASE	Radical
VI	SUFIXOS HOMÓFONOS	externo:----- interno:-----
VII	SUFIXOS CONCORRENTES	externo:----- interno:-----

16	- eira	Sufixo derivacional, nominal, transformador, categorial
I	ORIGEM:	Latina
II	TERMOS	barreira hematoencefálica
III	SENTIDO ESPECÍFICO	Locativo
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	¹ atividade: barbeiro ² Lugar: tinteiro ³ Árvore:laranjeira ⁴ Objeto:pulseira ⁵ coletivo: formigueiro ⁶ intensidade: poeira
V	CATEGORIA MORF.BASE	Radical
VI	SUFIXOS HOMÓFONOS	externo: ¹ atividade: barbeiro ² Lugar: tinteiro ³ Árvore:laranjeira ⁴ Objeto:pulseira ⁵ coletivo: formigueiro ⁶ intensidade: poeira interno: -----
VII	SUFIXOS CONCORRENTES	externo: -or: professor -agem: garagem interno:-al:adrenalina

17	-ismo	Sufixo derivacional, nominal, transformador, categorial
I	ORIGEM:	Grega
II	TERMOS	Salic ismo
III	SENTIDO ESPECÍFICO	ocorrência de certos fenômenos científico
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	opinião, escola, sistema, origem: islamismo, heroísmo.
V	CATEGORIA MORF.BASE	Radical
VI	SUFIXOS HOMÓFONOS	externo: opinião, escola, sistema, origem: islamismo, heroísmo interno: -----
VII	SUFIXOS CONCORRENTES	externo: -ista: monoteísta interno: -----

18	-or	Sufixo derivacional, nominal, transformador, categorial
I	ORIGEM:	Latina
II	TERMOS	agente suspensor

III	SENTIDO ESPECÍFICO	instrumento de ação
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	¹ agente: jogador, inspetor ² instrumento de ação: compressor
V	CATEGORIA MORF.BASE	Radical
VI	SUFIOS HOMÓFONOS	externo: ¹ agente: jogador, inspetor ² instrumento de ação: compressor interno:-----
VII	SUFIOS CONCORRENTES	externo: -ante: estudante -ente: poente interno: -id.-izar.

19	-orio	Sufixo derivacional, nominal, transformador, categorial
I	ORIGEM:	Latina
II	TERMOS	Supositório
III	SENTIDO ESPECÍFICO	lugar onde se exerce a ação
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	¹ lugar onde se exerce a ação: cartório ² depreciativo: palavrório, acusatório, aleatório
V	CATEGORIA MORF.BASE	Radical
VI	SUFIOS HOMÓFONOS	externo: ¹ lugar onde se exerce a ação: cartório ² depreciativo: palavrório, acusatório, aleatório Interno: -----
VII	SUFIOS CONCORRENTES	externo: -eiro, -agem: local banheiro, garagem. interno: -----

20	-mento	Sufixo derivacional, nominal, transformador, categorial
I	ORIGEM:	Latina
II	TERMOS	Aquecimento
III	SENTIDO ESPECÍFICO	ação ou processo
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	¹ ação: acolhimento ² Instrumento: instrumento ³ noção coletiva: fardamento
V	CATEGORIA MORF.BASE	Radical
VI	SUFIOS HOMÓFONOS	externo: ¹ ação: acolhimento ² instrumento: instrumento ³ noção coletiva: fardamento interno:-----
VII	SUFIOS CONCORRENTES	externo: interno: -agem, -ão, -nte, izar

21	-il	Sufixo derivacional, nominal, transformador, categorial
----	------------	--

I	ORIGEM:	Grego
II	TERMOS	Butil, metil
III	SENTIDO ESPECÍFICO	Referente a composto químico
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	¹ Referência ou semelhança: febril, infantil ² Agente:covil
V	CATEGORIA MORF.BASE	Radical
VI	SUFIXOS HOMÓFONOS	externo: ¹ Referência ou semelhança: febril, infantil ² Agente:covil interno:-----
VII	SUFIXOS CONCORRENTES	externo: -ante, -ente, -eiro, -or, etc. interno: -eno, ídio, ideo, -eo

22	-iv	Sufixo derivacional, nominal, transformador, categorial
I	ORIGEM:	Latim
II	TERMOS	bomba rotativa, agente emulsivo
III	SENTIDO ESPECÍFICO	Formador de adjetivo (função de)
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	Formador de adjetivo (função de): nutritivo, festivo, nocivo.
V	CATEGORIA MORF.BASE	Radical
VI	SUFIXOS HOMÓFONOS	externo: ----- interno:-----
VII	SUFIXOS CONCORRENTES	externo: -eiro, ício, oso. interno: -ente, -vel.

23	-ente	Sufixo derivacional, nominal, transformador, categorial
I	ORIGEM:	Latina
II	TERMOS	comprimido efervescente, excipiente witepsol H12 adstringente
III	SENTIDO ESPECÍFICO	Adjetivo agente
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	Agente (formador de adjetivo que pode ser substantivado): poente
V	CATEGORIA MORF.BASE	Radical
VI	SUFIXOS HOMÓFONOS	externo:----- interno:-----
VII	SUFIXOS CONCORRENTES	externo: -ante, -eiro, ício. interno: -iv,

24	-ção	Sufixo derivacional, nominal, transformador, categorial
I	ORIGEM:	Latina
II	TERMOS	administração auricular, adjuvante de absorção, adjuvante de filtração, esterilização, drageificação, estabilização,

		evaporação clarificação por coagulantes sintéticos ,extração com dissolvente orgânico
III	SENTIDO ESPECÍFICO	Ação
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	Ação ou resultado de
V	CATEGORIA MORF.BASE	Palavra
VI	SUFIOS HOMÓFONOS	externo:----- interno: -----
VII	SUFIOS CONCORRENTES	externo: -mente, -dura, -ante, -ana, etc. interno: ão, -ant, -agem, -iza

25	-io	Sufixo derivacional, nominal, transformador, categorial
I	ORIGEM:	Latim
II	TERMOS	Glicério
III	SENTIDO ESPECÍFICO	referente a
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	formador de adjetivo a partir de verbo: ação, referência, modo de ser: plantio, vadio.
V	CATEGORIA MORF.BASE	Radical
VI	SUFIOS HOMÓFONOS	externo:----- interno:-----
VII	SUFIOS CONCORRENTES	externo: -ante, -vel. interno:-ia, -ico.

26	-in	Sufixo derivacional, nominal, transformador, categorial
I	ORIGEM:	Latim
II	TERMOS	¹ adrenal ina , amilopect ina , azorrub ina , cantaxat ina , capsul ina , cefal ina , eritros ina , gelat ina , glicer ina , indigot ina , quinid ina ² sapon ina ³ ciclospor ina , colchic ina , esfingomiel ina .
III	SENTIDO ESPECÍFICO	¹ atividade ² diminutivo ³ função química
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	¹ relação:platino ² origem:lonfrino ³ natureza:cristalino
V	CATEGORIA MORF.BASE	Palavra
VI	SUFIOS HOMÓFONOS	Externos: ¹ relação:platino ² origem:lonfrino ³ natureza:cristalino internos: ¹ atividade:adrenal ina , amilopect ina , azorrub ina , cantaxat ina , capsul ina , cefal ina , eritros ina , gelat ina , glicer ina , indigot ina , quinid ina ² diminutivo: sapon ina ³ função química: ciclospor ina , colchic ina , esfingomiel ina .
VII	SUFIOS CONCORRENTES	externo: -eiro, -ês, -ense. Interno:-eno, -ídio, -ideo, -il

27	-id	Sufixo derivacional, nominal, transformador, categorial
I	ORIGEM:	Latino
II	TERMOS	comprimido, anidrido
III	SENTIDO ESPECÍFICO	¹ parecer-se com: anidrido ² resultado da ação: comprimido
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	ação, resultado da ação, efeito: corrida, estalido, comida
V	CATEGORIA MORF.BASE	Radical
VI	SUFIOS HOMÓFONOS	externo:----- Interno: ¹ parecer-se com: anidrido ² resultado da ação: comprimido
VII	SUFIOS CONCORRENTES	externo: -mento, -dura, -ção Interno: -agem.

28	-dor	Sufixo derivacional, nominal, transformador, categorial
I	ORIGEM:	Latina
II	TERMOS	Estabiliz ador
III	SENTIDO ESPECÍFICO	Instrumento de ação
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	Agente, instrumento de ação: jogador, inspetor
V	CATEGORIA MORF.BASE	Palavra
VI	SUFIOS HOMÓFONOS	externos:----- Internos:-----
VII	SUFIOS CONCORRENTES	externo: -mento, -dura, -ção. Interno: -or.

29	-ar	Sufixo derivacional, nominal, transformador, categorial
I	ORIGEM:	Latina
II	TERMOS	administração auric ular
III	SENTIDO ESPECÍFICO	formador de adjetivo, referente a.
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	formador de adjetivo
V	CATEGORIA MORF.BASE	Radical
VI	SUFIOS HOMÓFONOS	Externo:----- Interno:-----
VII	SUFIOS CONCORRENTES	externo: -vel, ant. Interno: -iv, -ent.

30	-on	Sufixo derivacional, nominal, transformador, categorial
I	ORIGEM:	Latina
II	TERMOS	¹ amiodar ona ² cet ona , acet ona , antraquin ona

III	SENTIDO ESPECÍFICO	¹ grande poder, aumentativo ² composição
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	¹ aumentativo: quarentona, merendona. ² avaliativo: solteirona, burguesona
V	CATEGORIA MORF.BASE	radical
VI	SUFIOS HOMÓFONOS	extenos: ¹ aumentativo: quarentona, merendona. ² avaliativo: solteirona, burguesona Internos: ¹ grande poder, aumentativo: amiodarona ² composição: cetona, acetona, antraquinona
VII	SUFIOS CONCORRENTES	externos: ão Internos: -----

31	-aria	Sufixo derivacional, nominal, transformador, categorial
I	ORIGEM:	Latina
II	TERMOS	administração geniturinária
III	SENTIDO ESPECÍFICO	Local
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	¹ atividade, profissão: secretário, bibliotecário ² lugar: vestiário
V	CATEGORIA MORF.BASE	radical
VI	SUFIOS HOMÓFONOS	externos: ¹ atividade, profissão: secretário, bibliotecário ² lugar: vestiário Internos: -----
VII	SUFIOS CONCORRENTES	externos: -eiro, -ista, -or. internos: -ório.

32	a-	Prefixo
I	ORIGEM:	Grega
II	TERMOS	Amiodarona amido
III	SENTIDO ESPECÍFICO	negação
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	negação: amoral,
V	CATEGORIA MORF.BASE	Radical
VI	PREFIXOSHOMÓFONOS	externos: ----- internos: -----
VII	PREFIXOS CONCORRENTES	externos: des-, dis-, in-. internos: -----

33	Alo-	Prefixo
I	ORIGEM:	Grega
II	TERMOS	Alopurinol
III	SENTIDO ESPECÍFICO	diferente.
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	diferente, outro: alocentrismo.

V	CATEGORIA MORF.BASE	Radical
VI	PREFIXOS HOMÓFONOS	externos:----- internos:-----
VII	PREFIXOS CONCORRENTES	externos: hetero- internos:

34	ana-	Prefixo
I	ORIGEM:	Grega
II	TERMOS	Analgésico
III	SENTIDO ESPECÍFICO	Sobre, em cima de (gr), contra.
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	Inversão, mudança, repetição: analogia, análise, anagrama, anacrônico
V	CATEGORIA MORF.BASE	Radical
VI	PREFIXOS HOMÓFONOS	externos: ----- internos: -----
VII	PREFIXOS CONCORRENTES	externos: contra- internos: in-, contra-,

35	Anti-	Prefixo
I	ORIGEM:	Grega
II	TERMOS	antiescrupuloso, antiflogístico, antioxidante, antiplasmático
III	SENTIDO ESPECÍFICO	ação contrária
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	oposição, ação contrária: antídoto, antipatia, antagonista, antítese
V	CATEGORIA MORF.BASE	Palavra
VI	PREFIXOS HOMÓFONOS	externos:----- internos:-----
VII	PREFIXOS CONCORRENTES	externos: contra- internos: contra-

36	ad-	Prefixo
I	ORIGEM:	Latina
II	TERMOS	Adrenalina adjuvante para supositórios
III	SENTIDO ESPECÍFICO	Junto de.
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	Aproximação, movimento para junto de: adjunto, advogado, advir.
V	CATEGORIA MORF.BASE	Radical
VI	PREFIXOS HOMÓFONOS	externos:----- internos:-----
VII	PREFIXOS CONCORRENTES	externos: pros- internos: cun-

37	cun-	Prefixo
I	ORIGEM:	Latina
II	TERMOS	conglutina
III	SENTIDO ESPECÍFICO	companhia, adjunção.
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	simultaneidade, companhia: cumplice
V	CATEGORIA MORF.BASE	Palavra
VI	PREFIXOS HOMÓFONOS	externos: ----- internos: -----
VII	PREFIXOS CONCORRENTES	externos: si-, sim-. internos: -----

38	hipo-	Prefixo
I	ORIGEM:	Grega
II	TERMOS	administração hipodérmica
III	SENTIDO ESPECÍFICO	abaixo de, até três valências (química)
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	cavalo (gr), posição inferior, excaszez: hipocrisia, hipótese
V	CATEGORIA MORF.BASE	Palavra
VI	PREFIXOS HOMÓFONOS	externos: ----- internos: -----
VII	PREFIXOS CONCORRENTES	externos: sub- internos: sub-

39	Intra-	Prefixo
I	ORIGEM:	Latina
II	TERMOS	administração intra -arterial, administração intradérmica administração intramuscular , administração intrarraquídea administração intravenosa , administração intrapertoneal administração intrapleural
III	SENTIDO ESPECÍFICO	posição interior:
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	dentro de: intrassetorial, intrarregional
V	CATEGORIA MORF.BASE	Palavra
VI	PREFIXOS HOMÓFONOS	externos: ----- internos: -----
VII	PREFIXOS CONCORRENTES	externos: ----- internos: endo-

40	Semi-	Prefixo
I	ORIGEM:	Latina
II	TERMOS	glicérico semi – sintético
III	SENTIDO ESPECÍFICO	meio, metade,
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	Meio, metade, quase: semicírculo

V	CATEGORIA MORF.BASE	Palavra
VI	PREFIXOS HOMÓFONOS	externos: ----- internos: -----
VII	PREFIXOS CONCORRENTES	externos: hemi- internos: hipo-

41	sub-	Prefixo
I	ORIGEM:	Latina
II	TERMOS	administração por via sublingual adminidtração subcutânea administração subepidémica
III	SENTIDO ESPECÍFICO	posição abaixo
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	movimento de abaixo para cima: subestimar
V	CATEGORIA MORF.BASE	Palavra
VI	PREFIXOS HOMÓFONOS	externos:----- internos:-----
VII	PREFIXOS CONCORRENTES	externos: hipo- internos: hipo-

42	per-	prefixo
I	ORIGEM:	Grega
II	TERMOS	administração por via perlingual
III	SENTIDO ESPECÍFICO	Através de
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	Movimento através: percorrer, perplexo, perfurar, perverter
V	CATEGORIA MORF.BASE	Palavra
VI	PREFIXOS HOMÓFONOS	externos:----- internos: -----
VII	PREFIXOS CONCORRENTES	externos: dia-, meta-, trans-. internos: -----

43	endo-	Prefixo
I	ORIGEM:	Grega
II	TERMOS	Administração endovenosa
III	SENTIDO ESPECÍFICO	para dentro.
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	Dentro de.
V	CATEGORIA MORF.BASE	Palavra
VI	PREFIXOS HOMÓFONOS	externos:----- internos:-----
VII	PREFIXOS CONCORRENTES	externos: intra- internos: intra-

44	epi-	Prefixo
I	ORIGEM:	Grega
II	TERMOS	Administração sub epidérmica Adminidtração via epidural
III	SENTIDO ESPECÍFICO	Acima de.
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	posição superior, posteridade: epiderme, episcopal movimento para: epidemia, epitáfio
V	CATEGORIA MORF.BASE	Palavra
VI	PREFIXOS HOMÓFONOS	externos: posição superior, posteridade: epiderme, episcopal movimento para: epidemia, epitáfio internos:-----
VII	PREFIXOS CONCORRENTES	externos: super-, hiper-, supra. internos:-----

45	di-	Prefixo
I	ORIGEM:	Latina
II	TERMOS	di -ter-butil-hidroxitolueno
III	SENTIDO ESPECÍFICO	Referente a dois
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	duplicidade: dissílabo, dilema, dicotomia
V	CATEGORIA MORF.BASE	Palavra
VI	PREFIXOS HOMÓFONOS	externos:----- internos:-----
VII	PREFIXOS CONCORRENTES	externos: bi-, ambi. internos:-----

46	ter-	Prefixo
I	ORIGEM:	Latina
II	TERMOS	di- ter -butil-hidroxitolueno
III	SENTIDO ESPECÍFICO	Referente a três
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	Referente a três
V	CATEGORIA MORF.BASE	Palavra
VI	PREFIXOS HOMÓFONOS	externos:----- Internos:-----
VII	PREFIXOS CONCORRENTES	externos: tri- internos: -----

47	ultra-	Prefixo
I	ORIGEM:	Latina
II	TERMOS	ultra centrífuga, ultra filtração, ultra filtro, ultra ssom
III	SENTIDO ESPECÍFICO	além de, excessivamente
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	Além do normal.
V	CATEGORIA MORF.BASE	Palavra

VI	PREFIXOS HOMÓFONOS	externos: -----
		internos:-----
VII	PREFIXOS CONCORRENTES	externos:-----
		Internos:-----

48	en-	Prefixo
I	ORIGEM:	Grega
II	TERMOS	barreira hemato encef álica
III	SENTIDO ESPECÍFICO	posição interior
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	proximidade, introdução ou movimento para dentro: emagrecer, entediar
V	CATEGORIA MORF.BASE	Palavra
VI	PREFIXOS HOMÓFONOS	externos: -----
		Internos:-----
VII	PREFIXOS CONCORRENTES	externos:endo-, inter- intra-, para-.
		Internos:-----

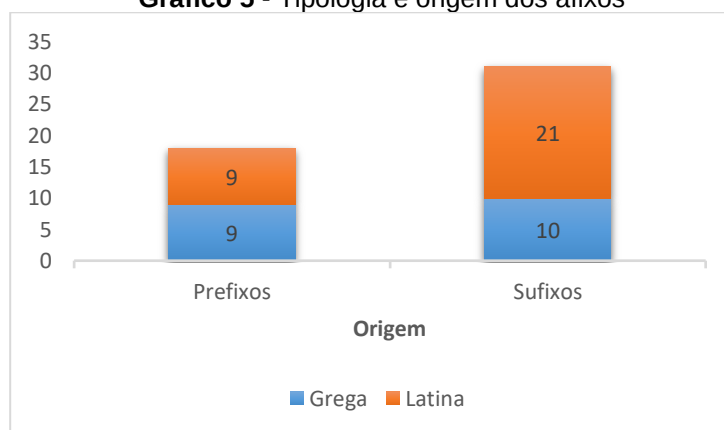
49	des-	Prefixo
I	ORIGEM:	Latina
II	TERMOS	des vitrificação
III	SENTIDO ESPECÍFICO	processo, intensidade.
IV	SENTIDO CONVENCIONAL	¹ Açãocontrária,oposição,negação:desabrigo, desamor, des harmonia, desconfiança, descortês, desleal, desproporção, dessaboroso; ² Separação, afastamento: descascar, desembolsar, desenterrar, desmascarar; ³ Aumento,reforço,intensidade:desafasta,desafastar, desalivi ar, desapartar, desferir, desinfeliz, desinquieta;
V	CATEGORIA MORF.BASE	Palavra
VI	PREFIXOS HOMÓFONOS	externos: ¹ Açãocontrária,oposição,negação:desabrigo, desamor, des harmonia, desconfiança, descortês, desleal, desproporção, dessaboroso; ² Separação, afastamento: descascar, desembolsar, desenterrar, desmascarar; ³ Aumento,reforço,intensidade:desafasta,desafastar, desalivi ar, desapartar, desferir, desinfeliz, desinquieta;
		internos:-----
VII	PREFIXOS CONCORRENTES	externos: a-, in- , contra-,anti-, etc.
		internos:-----

Para esta análise, os prefixos e sufixos foram tomados como elementos derivacionais, desprezando-se a possibilidade de constituir um elemento de composição, como foi abordado por alguns gramáticos, como Cunha e Cintra, Said Ali, dentre outros, embora tenham comportamento e efeitos específicos dentro do processo de formação dos termos. Embora a pesquisa não tenha se

detido à questão da produtividade, pode-se constatar que os sufixos apresentam um maior número na amostra, totalizando 31 sufixos, e 18 prefixos. Tanto os prefixos como os sufixos são, na maioria, de origem latina, com um número de 10 e 21, respectivamente, embora os prefixos e sufixos de origem grega também apresentem uma significativa presença na formação dos termos, em número de 09 e 10, respectivamente.

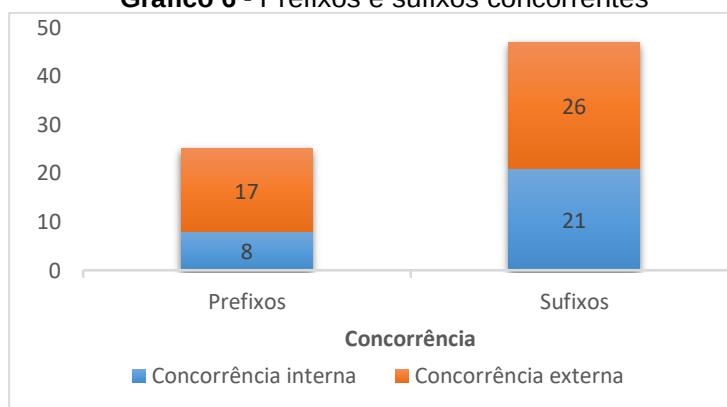
Embora a pesquisa não busque resultados quantitativos, a título de demonstração, apresentam-se, nos gráficos a seguir, os seguintes resultados, para que se possa visualizar os dados qualitativos:

Gráfico 5 - Tipologia e origem dos afixos

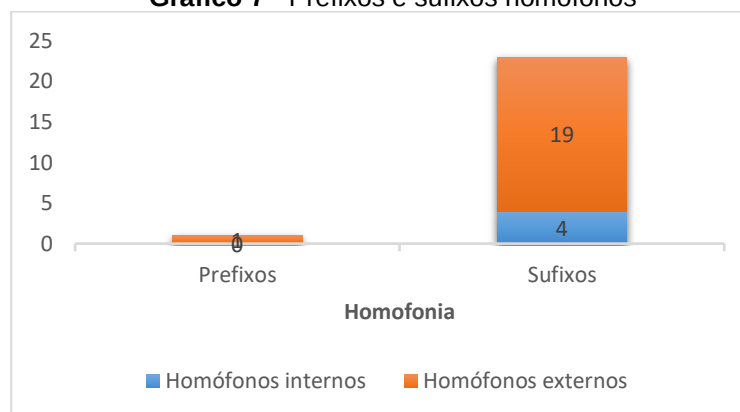


Fonte:autor

Gráfico 6 - Prefixos e sufixos concorrentes



Fonte:autor

Gráfico 7 - Prefixos e sufixos homófonos

Fonte:autor

Constata-se, portanto, que, assim como na língua comum, na língua de especialidade, ou seja, na linguagem científica da Farmácia, ocorre com maior frequência a concorrência entre os afixos, principalmente, entre os sufixos, como se pode ver na tabela, que são próximos os números de concorrentes externos e internos. Já com os prefixos, a concorrência se dá mais na linguagem comum que na linguagem de especialidade. Este fato já era previsível em função do número de prefixos, que é bem menor que o de sufixos, nas duas esferas de comunicação. Quanto à homofonia, é o fenômeno bem menos frequente, com um número de ocorrência desprezível nos prefixos e, com um número mais significativo de sufixos da língua comum ou geral.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os estudos da linguagem humana se encerram na dinamicidade do sistema linguístico em seus diversos níveis, uma vez que as línguas estão à disposição da coletividade que a utiliza para atender às mais diversas esferas de comunicação, situadas em contextos sociais, culturais, históricos, em usos plurais da língua comum ou geral, bem como das línguas de especialidades, com a finalidade maior que é a função denominativa. Essa peculiaridade das linguagens especializadas, que é nomear coisas, fenômenos, processos, ações, lhes reserva parâmetros linguísticos específicos dentro do universo de parâmetros gerais da língua natural e geral. Dessa forma, não se atribui à linguagem de especialidade uma categorização à parte, como uma língua artificial; mas como uma língua natural com parâmetros específicos para atender à esfera de comunicação, ou seja, uma área de conhecimento ou uma ciência.

Com essa percepção é que as palavras da língua comum ou geral, quando apropriada por uma determinada área especializada, se torna Termo, uma vez que, a palavra ao migrar de uma esfera para outra, se estabelece como uma forma linguística que representa uma dada noção. Assim é que palavras, radicais, afixos são assimilados nas linguagens especializadas, sofrendo transformações fonológicas, morfológicas e semânticas para satisfazer a dinamicidade da comunicação interna numa determinada esfera. Nessa metamorfose linguística se instauram convergências de disciplinas ou áreas de conhecimento que se adjungem para desvendar os fenômenos, em um fazer interdisciplinar, que aqui na pesquisa tem como ponto de intercessão a Morfologia com a Terminologia, tratando do mesmo objeto: o léxico.

A observação da complexidade do léxico especializado da Farmácia culminou com essa investigação científica motivada pelas questões específicas que geraram os objetivos já aventados na introdução dessa tese, para os quais se construíram respostas no desenvolver da pesquisa.

Para o primeiro objetivo centrado na influência da língua grega na linguagem científica da Farmácia, tem-se a constatar que, como já se evidencia na literatura clássica, o Grego como língua indo-europeia é cognata do sânscrito e do latim e, por assim ser, exerceu uma forte influência nas línguas neolatinas. Não é surpreendente

também falar que as ciências farmacêuticas, como tantas outras ciências antigas, foram bastantes motivadas pela cultura e mitologia grega, sofrendo, conseqüentemente, forte influência linguística, através de formas presas, como radicais e afixos, que formaram palavras derivadas ou compostos eruditos.

No léxico da Farmácia, a presença de formativos gregos é muito frequente, embora se possa observar que há uma significativa ocorrência de variação de natureza morfo-semântica não só palavras simples, mas, principalmente, nos compostos morfológicos mais complexos. No que tange às variações supletivas ou não supletivas, consta-se que há perdas totais ou parciais das informações morfo-fonológicas dos elementos da língua grega, quando tomadas pelo português, para a formação dos termos técnicos e científicos da Farmácia, descaracterizando o significado de algumas unidades lexicais, quando comparados com as estruturas que lhe deram origem.

Baseando-se na amostra, 57,25% dos termos da Farmácia são de origem grega, constituídos por compostos formados pela combinação dos radicais, dispostos em posições fixas, ou seja, há um grupo que ocupa somente a 1ª posição e outro grupo que ocupa somente a 2ª posição, ratificando, dessa forma, o que foi analisado por Bauer(1998), referente aos radicais da língua comum. Uma característica idiossincrática da linguagem da Farmácia é apresentar compostos com quatro radicais, sendo que os que ocupam a 3ª e 4ª posições são os que ocupam, geralmente, a 1ª posição.

No que se refere aos elementos de ligação, a linguagem científica apresenta também uma diferença do que é tratado na literatura, em relação aos compostos neoclássicos, da língua geral, pois não só as vogais de ligação -o- e -i- intermedeiam os radicais, mas, principalmente, com maior frequência, foram encontradas consoantes de ligação, como as dentais /t/, /d/, /n/ e as laterais // e /r/ para satisfazer às propriedades fonológicas das fronteiras dos radicais ou entre estes e os elementos sufixais.

A variação semântica está muito presente no léxico da Farmácia, quando na passagem dos radicais da língua comum ou geral para a linguagem científica, caracterizando uma deriva semântica.

A mudança parcial ou total de significado está condicionada à estrutura morfo-sintática, pois o maior número de termos que sofrem mudança semântica são os constituídos por apenas 01 (um) radical. Já os termos constituídos por radicais sozinhos ou

combinados com outros radicais ou elemento sufixal mudam totalmente o significado, embora se possa constatar que os radicais de 1ª posição apresentam maior estabilidade semântica que os de 2ª posição. Dessa forma, pode-se reiterar o que já foi apontado por Bauer (1998), Gonçalves (2011), Almeida (2010), Faria (2011), Cunha e Cintra (1985), Ralli (2010), dentre outros, que a posição assumida pelo radical é fator determinante das mudanças de ordem morfológica e também semântica.

Os processos de formação dos termos da Farmácia extrapolam os modelos de formação das palavras da língua comum ou geral, pela complexidade na sua arquitetura e por incorporar fenômenos morfo-fono-semânticos bem idiossincráticos. Fundamentando-se na abordagem não lexicalista, cuja ideia central é que ao léxico se origina na sintaxe e, como não se estabelece como um componente formador de estruturas complexas, é apenas um lugar de armazenamento de primitivos.

Outro aspecto de relevância que se constata na linguagem científica é o que já vem sendo defendido por teóricos como Brinton e Traugott (2005), que as composições são resultados dos processos de lexicalização e gramaticalização, uma vez que incorporam nas suas formações estruturas lexicais e sintáticas. Assim é que a Teoria X-Barra procede, dando o mesmo tratamento de análise para o núcleo morfológico e para o núcleo sintático, embora distinga os ambientes das estruturas morfológicas e das estruturas sintáticas, observando as equivalências nesses dois níveis, com suas possibilidades de ramificações, como uma categoria X^0 na morfologia e uma categoria $X^{\max}$ no âmbito da sintaxe.

Como já foi citado, a formação do léxico na linguagem científica da Farmácia vai além dos processos da formação de palavras da língua comum, apresentando, em muitos aspectos e estruturas, similaridades, mas extrapolando as regras de geração. Um dado relevante é quanto ao elemento de ligação, defendido na literatura, de que a composição morfológica opera por intermédio de um elemento de ligação; no entanto, encontram-se no vocabulário em estudo, concatenações de radicais sem intervenção da vogal de ligação; bem como, há composições morfológicas, em que a vogal de ligação concatena dois radicais derivados. A recursividade de prefixos selecionados por um mesmo radical é outra peculiaridade bem específica das composições morfológicas no vocabulário da Farmácia.

Os compostos sintáticos formados no vocabulário científico da Farmácia apresentam estruturas formadas por um mínimo de duas variáveis, que integram expressões sintáticas, ou seja, os compostos têm equivalência a

construções sintáticas, onde o constituinte selecionado pelo núcleo é argumento, especificador ou modificador. No entanto, são produzidos termos com formações de estrutura mais complexa que as da língua comum, incorporando característica de composição morfológica e de composição sintática. Concomitantemente, esses compostos reúnem a característica determinante dos compostos morfológicos, que é a concatenação de radicais, geralmente, através da vogal de ligação, podendo selecionar afixos (prefixos e sufixos) e a característica determinante dos compostos sintáticos, que é a concatenação de variáveis que integram expressões sintáticas, onde a composição morfológica ocorre no segundo elemento do composto, aos quais denominou-se composições morfossintáticas (grifo do pesquisador).

O processo de afixação derivacional na linguagem científica segue os padrões da derivação na língua comum, quanto à posição, formando prefixos e sufixos, quanto ao papel semântico, como transformador ou modificador, embora no *corpus* não tenha sido encontrado nenhum sufixo modificador, ou seja, denotando grua ou tamanho, conforme analisa Alarcos (1984). Quanto a serem categoriais ou não categoriais, a amostra também denuncia uma totalidade de sufixos categoriais, ou seja, sufixos que mudam a categoria da base (Rocha, 1998).

Assim como na língua comum, os sufixos se apresentam em um número bem superior comparando-se ao de prefixos, no léxico da Farmácia, essa produção também é similar, representando na amostra, aproximadamente, 80% a mais que os prefixos. Os afixos gregos têm uma forte influência no processo de derivação da linguagem científica, embora os afixos latinos apresentem maior produtividade.

Não diferente da língua comum, os prefixos e sufixos concorrem entre si para construir um determinado sentido, principalmente os sufixos que, internamente apresentam ocorrência significativa desse fenômeno. Já, no que se trata da homofonia, constata-se uma pequena ocorrência desse fenômeno tanto entre os prefixos e sufixos do léxico da Farmácia.

Finalmente, embora se tenha investigado a influência do grego e o processo de formação de palavras (termos) na linguagem científica através de uma amostra diminuta, se considerando o macro universo que constitui as ciências, pode-se afirmar que o grego se estabelece como uma língua bastante influente na linguagem científica; assim como que os processos de formação dos termos em parte são similares aos da língua comum, apresentando, no entanto uma complexidade idiossincrática que confere ao léxico das ciências uma arquitetura peculiar.

REFERÊNCIAS

- ALARCOS, E. 1984. *Estudios de gramática funcional del español*. Madrid: Gredos.
- ALI, M. S. *Gramática da Língua Portuguesa*. 8. ed. ver. e ampl. Por Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Companhia Melhoramentos: Brasília, DF: Editora de Brasília, 2001.
- _____. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 7. edição melhorada e aumentada de Lexicologia e Formação de Palavras (1921) e Sintaxe do Português Histórico (1923). Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.
- ALMEIDA, Ma. Lucia Leitão. *Bolsas e cabeças de todos os tipos*. Comunicação apresentada no II Seminário do NEMP. Rio de Janeiro: UFRJ, mimeo, 2010.
- AMIOT, Dany & DAL, Georgette. Integrating Neoclassical Combining Forms into a Lexeme-Based Morphology. In: Booij, G. et al. (eds.). *On-line Proceedings of the Fifth Mediterranean Morphology Meeting (MMM5)*. University of Bologna, p. 322-336, 2007.
- ANDERSON, S. *Where is Morphology?* Linguistic Inquiry, n 13. 1982.
- ARONOFF, M. *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press, 1976.
- BAESKOW, H. *Lexical Properties of Selected Non-native Morphemes of English*. Tübingen: Gunter Narr, 2004.
- BARRETO, T. Lexicalização e gramaticalização: processos independentes ou complementares? In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: Linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 407-416. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books.
- BARELLI, E. & PENNACCHIETTI S. 2001. *Dicionário das citações*. São Paulo: Martins Fontes.
- BASÍLIO, M. *Estruturas Lexicais do Português*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BASÍLIO, M. *Teoria Lexical* São Paulo: Ática. 1980.
- _____. *Produtividade e função do processo de formação de palavras do português*. Anais do Congresso Internacional da Associação de Linguísticas e Filologia da América Latina Campinas: ALFAL, 9 (1): 1-9. 1990.
- _____. *Formação e Classes de Palavras no Português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004, v. 1.
- _____. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. *A Morfologia no Brasil: indicadores e questões*. D.E.L.T.A., vol.15, n. especial, 1999.

_____. *Teoria Lexical*. Série Princípios. Ática, 2004.

BAUER, Laurie. Against Word-Based Morphology. *Linguistic Inquiry* 10/3, 1979, p. 508-509.

_____. *English Word-Formation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

_____. The Border line between Derivation and Compounding. In: Dressler, W. et al. (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, p.97-108.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. 4ª ed. Campinas: Pontes, 1995.

_____. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

BEREZIN, R. *Dicionário hebraico-português*. São Paulo: Edusp, 2003.

BEZAS, Georges and WERNECK, Alexandre Lins. Greek language: analysis of the cardiologic anatomical etymology: past and present. *Rev Bras Cir Cardiovasc* [online]. 2012, vol.27, n.2, pp.318-326. ISSN 0102-7638. <http://dx.doi.org/10.5935/1678-9741.20120050>.

BOOIJ, Geert. "Allomorphy and the Autonomy of Morphology". In: *Folia Linguistica* XXXI/1-2. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998, p. 25-56.

BOOIJ, Geert. "Morphology and Phonology". In: Geert Booij, Christian Lehmann, Joachim Mugdan (eds.), *Morphologie/Morphology: An International Handbook on Inflection and Word-formation*, Berlin/New York: Walter de Gruyter, Vol. I, 2000, p. 335-344.

_____. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Lisa, 1988.

CABRÉ, M. T. *La terminología, una disciplina em evolución: pasado, presente y algunos elementos futuros*. Revista Debate Terminológico. n.1-3, 2005.

_____. *La terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y outros artículos*. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999.

_____. *La Terminología: teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona, Antártida/Empúries, 1993.

_____. La terminologia hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. In *Ciencia da Informação*. Brasília, 1995.

CAGLIARI, L. C. *Questões de Morfologia e Fonologia*. Campinas, SP: Edição do Autor, 2002.

CAMARA JR., J. M. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. *Princípios de Lingüística Geral. Como introdução aos Estudos Superiores de Língua Portuguesa*. 6. ed. (com atualização ortográfica). Rio de Janeiro: Padrão – Livraria Editora Ltda, 1980.

_____. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão Editora, 3ª edição, 1979.

_____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CAMARGO, C. de O. *Morfologia Derivacional: Sistema de Sufixos em Português*. Tese (Livre – Docência – Lingüística e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara, SP, 1986.

CAMPA. H. de la. *Diccionario inverso del español, su uso en el aula*. Madrid: Narcea, 1988

CAMPOS, Júlia Langer. *Revisitando os fenômenos de gramaticalização e lexicalização*. Revista da Gama e Souza – ANO 01 - Nº 01 – jan./jun 2016.

CANO, W. M. *O formativo tele- e suas variantes no português atual do Brasil*. Alfa, São Paulo, n. 42, p. 9-22, 1998.

CARDOSO, Luis M.O. de Barros. *Do grego antigo ao português contemporâneo: o sortilégio da língua e a epifania da cultura*. Millenium, nº 9, 1998.

CARONE, F. *Formação de palavras em português*. São Paulo, Ática, 2001.

CARSTAIRS, Andrew “Phonologically conditioned suppletion”. In: Wolfgang U. Dressler et al. (eds.), *Contemporary Morphology*, Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 1990, p. 17-23.

CHOMSKY, Noam. *Knowledge of Language. Its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger, 1986.

_____. *Systems of syntactic analysis*. The Journal of Symbolic Logic, 1953, p. 242–256.

_____. *Syntactic structures*. The Hague: Mouton & Co, 1957.

_____. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.

_____. 1970. "Remarks on nominalizations". In R. A. Jacobs & P. S. Rosenbaum (eds.), *Readings in english transformational grammar*, 184–221. Waltham, MA: Ginn & Co.

_____. [1951]. *The morphophonemics of modern Hebrew*. New York: Garland Publishing. Revision of 1951 University of Pennsylvania MA thesis, 1979

_____. 1985 [1955-6]. *The logical structure of linguistic theory*. Chicago: University of Chicago Press. Edited version of 1955-1956 manuscript, with 1979 index; earlier edition published by Plenum Press, New York, copyright 1975.

CHOMSKY, Noam & MORRIS, Halle. *The sound pattern of English*. New York: Harper & Row. Halle, Morris. 1973. Prolegomena to a theory of word formation. *Linguistic Inquiry*, 1968, p. 3–16.

COELHO, B. J. *Procedimentos de Lexicalização: Formação de Palavras e Expressões Lexicalizadas na Obra de Carmo Bernardes*. Tese (Linguística e Língua Portuguesa). Araraquara: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Araraquara, 2006.

COLETI, J.S. *Base de Dados Morfológicos de Terminologias do português do Brasil. Descrição e Análise Morfológica com vistas à disponibilização on-line*. Dissertação de Mestrado. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2012.

CONTENTE, Ma. M. D. Marques. *Terminocriatividade, Sinonímia e equivalência interlinguística em Medicina*. Lisboa: Edições Colibri, 2008.

CORBIN, D. French. "Indo-European: Romance". In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.;

MUGDAN, J. (Eds.). *Encyclopédie Internationale de Morphologie*, Article 121, Berlin: Walter de Gruyter, 2000.

CORBIN, D. *Préfixes et suffixes: du sens aux catégories*. *Journal of French Language Studies* 11/1, 2001, p.41-69.

COROMINAS, J. & Pascual, J. A. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico* (6 vol.). Madrid: Gredos, 1991

CORREA, M. *Margarita Correa: depoimento* [2006]. Entrevistador: M.G.Krieger. Português: [S.n.], 2006. Entrevista concedida a M.G.Krieger

COSTA, Silvio Reinod. *Análise Morfo-semântica de alguns pares de sufixos eruditos e populares latinos no período entre os séculos XII a XVI*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara – 2008. 2 vol.

CUESTA, Pilar Vázquez; LUZ, Maria Albertina Mendes da. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Edições 70, 1971.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico*. Rio: Nova Fronteira. 1982.

_____. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Rio: Nova Fronteira, 1983.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Celso Ferreira. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC/FENAME, 1975.

D'ANDRADE, E. *Dicionário inverso do português*. Lisboa: Cosmos, 1993. Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2020. Disponível: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/resorcina>

DRESSLER, Wolfgang U. "Suppletion in word-formation". In: Jacek Fisiak (ed.), *Historical Semantics. Historical Word-formation*, Berlin / New York / Amsterdam: Mouton Publishers, 1985, p. 97-112.

DUARTE, P. M.; LIMA, M. C. *Classes e Categorias em Português*. 2. ed. revista e ampliada. Fortaleza: UFC, 2003.

FARIA, André Luiz. *Análise morfossemântica dos compostos nominais transferenciais*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2011.

FAYAD, O. *Dicionário árabe/português, português/árabe*. São Paulo: Bazar Editorial, 2012.

FERNANDES, G. T. *Elementos para uma Sistematização dos Termos da Farmácia: uma abordagem Terminológica*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 1998.

FERREIRA, A. G. *Dicionário de Latim-Português*. Porto: Porto Editora, 1988.

FERREIRA, Vergulino. *Invocação ao Meu corpo*. Mudança, Editora Portugália, Lisboa, 1969.

FONTANILLE, J. *Corps et sens*. Paris: PUF, 2011.

GAMARSKI, L. A. *Derivação Regressiva: um Estudo da Produtividade Lexical em Português*. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: PUC/Departamento de Letras, mimeo., 1984.

GIANNOULOPOULOU, G. *Morphosemantic Comparison of Affixes and Confixes in Modern Greek and Italian*. PhD Diss, Aristotle University of Thessaloniki, 2000.

GÓES, Carlos. *Dicionário de afixos e desinências*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1937.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Compostos neoclássicos: estrutura e formação*. ReVel, edição Especial nº 5, 2011. www.revel.inf.br

GREIMAS, A.J. *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix, 1973.

HALLE, MORRIS & ALEC MARANTZ. "Distributed morphology and the pieces of inflection". In Kenneth Hale & Samuel Jay Keyser (eds.), *The view from building 20*,

111–176. Cambridge, MA: MIT Press, 1993.

HATZAMRI, A & HATZAMRI, S. M. *Dicionário português-hebraico e hebraico-português*. Tel Aviv: Sêfer, 2000.

HERNANDEZ, Marcos Martinez. *Historia Del Léxico Románico*. Madrid: Biblioteca Románica Hispánica, Editorial Gredos, 1974.

HJELMSLEV, Louis. 1975b. "Résumé of a theory of language". *Travaux du Cercle Linguistique de Copenhague*. XVI, p. 1-279. Disponível em: <http://resume.univrennes1.fr/presentation.html>

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio: Objetiva, 2001.

IACOBINI, Claudio. "Composizione con elementi neoclassici". In Grossmann, M. & Rainer, F. (eds). *La formazione delle parola in italiano*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2004, p. 69-95

IORGU, Iordan & MANOLIU, María. *Manual de lingüística românica*. Madrid: Gredos, 1980.

JESPERSEN, O. *Die Sprache, Ihre Natur, Entwick lungund Entstehung*. Heidelberg: Carl Winters Universit a et sbuchhandlung. 1925

JOSEPH, Brian. "Diachronic Morphology". In: Andrew Spencer & Arnold Zwick (eds.). *The handbook of morphology*. London: Basil Blackwell, 1998

KASTOVSKY, D. *The problem of productivity in word-formation*. *Linguistics*, 24 (1): 1996, p. 585-600.

KASTOVSKY, Dieter. "Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compounds and affixoids". In: McConchie, R. W. et al. (eds.). *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX2)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2009, p. 1-13.

KEDHI, V. *Formação de Palavras em Português*. 3. ed. revista e ampliada. 6ª. impressão. São Paulo: Ática, 2005. (Série Princípios. vol. 215.). [1992].

KEDHI, V. *Morfemas do Português*. São Paulo: Ática, 1990. (Série Princípios, vol. 188.).

KIRT, N. et alii. *Dicionário habraico-português*. Tel Aviv: Sinodal / Vozes, 2008.

KOEHLER, P. H. *Dicionário escolar latino-português* (4ª edição). Porto Alegre: Globo, 1951

KRIEGER, M.G.; FINATTO, M J B. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Editora contexto, 2004.

LANE, E. W. *Arabic-English Lexicon*. London: Williams & Norgate, 1863.

LAROCA, Ma. Nazaré de Carvalho. *Manual de morfologia do português*.

Campinas: Pontes, 1994.

LEHRER, Adrienne. "Scapes, holics and thons: the semantics of combiningforms". In *American Speech*, 73 (1), 1998, p. 3-28.

LELLO. *Novo dicionário Português-Latim*. Porto: Lello & Irmão, 1992.

LOURO, J. - *O grego aplicado à linguagem científica*. Porto, Ed. Educação Nacional, 1940, p. 133

LÜDELING, Anke. *Neoclassical word-formation*. Berlin: Universität zu Berlin, 2009.

LÜDELING, Anke; SCHMID, Tanja; KIOKPASOGLOU, Sawwas. "Neoclassical Word Formation in German". In *Year book of Morphology 2001*, p. 253-283, 2002.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. Porto alegre: Globo, 1978.

LYONS, J. *Lingua(gem) e Lingüística: uma introdução*. Trad. Marilda Winkler Averbug; Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1987.

MACHADO, J. P. *Vocabulário português de origem árabe*. Lisboa: Notícias, 1991

MACHADO, J. P. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (5 vol.). Lisboa: Horizonte, 1995

MARANTZ, A. "Words". In: *WCCFL XX. Handout, 2001*. Disponível em: <http://web.mit.edu/marantz/Public/EALING/WordsWCCFL.pdf>.

MARANTZ, A "Rederived Generalizations. Handout". Disponível em: <http://ealing.cognition.ens.fr/ealing2010/handouts/KoopmanReadings/MarantzReDeriving.pdf>, 2005.

_____. "No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon". In DIMITRIADIS, A.; SIEGEL, L. [et al.] (eds.). University of Pennsylvania. *Working Papers in Linguistics*, vol. 4, n. 2, Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium, 1997, p. 201-225.

_____. *Argument Structure and Morphology: Noun Phrases that Name Events*. Hand-out, New York University, 2006.

_____. *Restitutive re- and the First Phase Syntax/Semantics of the VP*, manuscrito, New York University, 2001.

MARTINET, A. *Elementos de Lingüística geral*. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

_____. *Grammaire Fonctionnelle du Français*. Paris: Didier, 1979.

MARTÍNEZ de S., J. *Diccionario de ortografía de la lengua española*. Madrid: Paraninfo, 1995.

MASIP, V. *Manual introdutório ao grego clássico para falantes de português*. Recife: EDUFPE, 2008.

_____. *Manual introdutório ao hebraico bíblico para falantes de português*. Recife: EDUFPE, 2009.

_____. *Manual introdutório ao árabe clássico para falantes de português*. Recife: EDUFPE, 2013.

_____. *Gramática Histórica portuguesa e Espanhola: Um estudo sintético e contrastivo*. E.P.U. São Paulo, 2003.

_____. *Gramática espanhola para brasileiros*. Difusion Barvelina, 1999.

MATEOS, M., A. Compendio de etimologías grecolatinas. México: Esfinge. 1997.

MEL'ČUK, Igor (2000). "Suppletion". In: Geert Booij, Christian Lehmann, Joachim Mugdan (eds.), *Morphologie/Morphology: An International Handbook on Inflexion and Word-formation*, Berlin/New York: Walter de Gruyter, Vol. I, p. 510-522.

MOLINER, M. *Diccionario de uso del español* (2 vol.). Madrid: Gredos. 1988.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia Portuguesa*. 3. ed. Campinas, SP, Pontes, 1991.

MORAIS S., A. de. 1994. *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluência (5 vol).

MORAIS, D. V. & FONSECA, O. *Língua latina*. São Paulo: Cia. Editora. Nacional. 1941

MORAIS-BARBOSA, Jorge. *A Língua Portuguesa no Mundo*. Lisboa: Agência-Geral do Ultramar, 2ª edição revista, 1969.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, v.1.f. Alves, 1932.

NUNES, J. J. *Compêndio de Gramática Histórica. (Fonética e Morfologia)*. 9ª. ed., Lisboa: Clássica Editora, 1989 [1919].

NUNES, José Joaquim (1975). *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 8ª edição.

CAMPOSA, José Luis. Formação de palavras derivadas da língua portuguesa. In: RLP, ano XVI, nº 68, 1935, p.1-20.

OLIVEIRA, P. A.; GONCALVES, C. A. *O processo de recomposição e os formativos eco- e homo- no português brasileiro: compressão semântica e análise estrutural*. Cadernos do NEMP, Rio de Janeiro, n. 2, p. 171- 184, 2011.

PEIRCE, C.S. *The essencial Peirce*. Peirce Edition Project. EUA, 1998.

PEREIRA, I. *Dicionário grego-português, português-grego*. Porto: Apostolado da Imprensa. 1984

PEREIRA, Rui Abel. Unidades greco-latinas na língua portuguesa. *Amáthesis*, nº 14, 2005.

PÉREZ, J. L. *Metodología para el análisis morfosintáctico*. Málaga: Ágora, 1990.

PETROPOULOU, Evanthia. "On the parallel between neoclassical compounds in English and Modern Greek". In *Patras Working Papers in Linguistics*. Atenas, vol.1, 2009, p.40-58.

PRÉÍÉ, Tvrtko. "Suffixes vs. final combining forms in English: a lexicographic perspective". In *International Journal of Lexicography* 21, 2008. Cambridge, MA, The MIT Press, 1976.

_____. *Morfology by its elf*. Cambridge, MA, Cambridge, MA, The MIT Press, 1994.

RALLI, Angela. "Compound Markers and Parametric Variation". In *Language Typology and Universals (STUF)*, 2008, p. 61:19-38.

_____. "Compounding versus derivation". In: Scalise, S. & Vogel, I. (eds.) *The Benjamins Handbook of Compounding*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.

_____. "Compounds in Modern Greek". In *Rivista di Linguistica* 4 (1): 143-174, 2007. SANDMANN, Antônio José. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1989.

RAVIZZA, J. *Gramática latina* (12ª edição). Niterói: Escola Industrial Bom Bosco, 1955..

RIDRUEJO, A. E. *Las estructuras gramaticales desde el punto de vista histórico*. Madrid: Síntesis, 1989

RIO-TORTO, G. M. *Fonética, Fonologia e Morfologia do português*. Coimbra: Colibri, 1998

_____. "Caminhos da Renovação Lexical: Fronteiras do Possível." IN: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, volume III. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007, p. 23 – 39.

_____. "Sistémica e Pragmática dos Sufixos Avaliativos". IN: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. 21. Coimbra, 1996 – 7, p. 203 – 228.

_____. *Formação de Palavras em Português. Aspectos da Construção de Avaliativos*. Tese (Doutoramento em Linguística Portuguesa.) Coimbra, 1993.

ROCHA, L. C. de A. *Flexão e Derivação em Português* Belo Horizonte: FALE/UFMG, série Cadernos de Pesquisa. 1994

_____. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: UFMG, 1988.

SÁ NOGUEIRA, R. de. *Crítica etimológica*. Lisboa: Clássica, 1949

SABBAGH, A. N. *Dicionário Árabe – Português – Árabe*. Rio: Ao Livro Técnico, 1988.

SAID ALI, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1931.

SANDMANN, A. J. *Morfologia Geral*. São Paulo: Contexto, 1991.

_____. *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba: Scienca et Labor: Ícone, 1989.

SAPIR, E. *The status of linguistics as a science*. *Language*, Wadsington, DC, n. 5, p. 207-214, 1929.

SCALISE, Sergio. *Generative Morphology*. Foris: Dordrecht, 1984.

SCHER, Ana Paula. ReVEL na escola: Morfologia Distribuída. *ReVEL*, v. 13, n. 24, 2015. [www.revel.inf.br]

SCHER, Ana Paula; BASSANI, Indaiá de Santana; MINUSSI, Rafael Dias. "Morfologia em Morfologia Distribuída". In *Estudos Linguísticos e Literários* Nº 47, jan-jun|2013, Salvador: pp. 9-29.

SCHÖKEL, L. A. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus, 1997

SIEGEL, D. *Topics in English Morphology*. Nova Iorque: Garland, 1979.

SILVA NETO, S. da. *Manual de filologia portuguesa*. Rio: Presença, 1988

SILVA, Brian Galdino da. "Helenismos no Léxico da Língua Portuguesa". In *Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação* Ano 3 - Edição 4 – Junho-Agosto de 2010.

SILVA, L. C. C. *Prefixos Latinos de Movimento: um estudo morfológico e lexicográfico*. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa). Araraquara: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", 2006.

SILVA, R. V. M. *O português arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto, 1991.

SILVA, Vitor M. A. e, *Teoria da Literatura*, Coimbra, Almedina, 1983.

SOPENA. *Diccionario español / portugués*. Barcelona: Sopena, 1990.

SOUSA, F. A. *Novo dicionário latino-português*. Porto: Lello, 1992.

STRECK, LL. *Hermenêutica e (m) crise: uma exploração hermenêutica da construção do Direito*. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 1999

TEN HACKEN, Pius. *Defining Morphology: a principled approach to determining the boundaries of compounding, derivation, and inflection*. Hildesheim: Olms, 1994.

TOMASZEWICZ, Ewa. "Novel words with final combining forms in English: a case for blends in word formation". In *Poznań Studies in Contemporary Linguistics* 44(3),

2008, p. 363–378.

TOSI, R. *Dicionário de sentenças latinas e gregas*. São Paulo, Martins Fontes, 2000,

VALERA, S. *La formación de palabras*. Madrid: Taurus, 1993.

VILLALVA, A. *Estruturas Morfológicas. Unidades e Hierarquia nas Palavras do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia/Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2000.

_____. *Estruturas Morfológicas. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Lisboa: FCG, 2010.

_____. *Manual de Morfologia*. Lisboa: Universidade Aberta, 2004.

_____. *Os afetos da Palavra*. Lisboa. Universidade Aberta, 2012.

_____. *Morfologia do português*. Lisboa. Universidade Aberta, 2008.

WARREN, Beatrice. “The importance of combining forms”. In: Dressler, Wolfgang U., Hans C. Luschützky Oskar E. Pfeiffer & John R. Rennison (eds.). *Contemporary morphology*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1990, pp.111–132.

WILLIAMS, Edward. “On the notions 'lexically related' and 'head of a word'”. In *Linguistic Inquiry* 12, 1981, p.245-274. ANDERSON, S. (1992). *A Morphous Morphology* Cambridge: Cambridge University Press.

ANEXO A – CORPUS PARA ANÁLISE

ABORDAGEM FITOQUÍMICA 3.2.1 131	ADMINISTRAÇÃO NASAL (DO MEDICAMENTO) 3.2.1 132
ABRASIVO 3.1.1 29	ADMINISTRAÇÃO OCULAR (DO MEDICAMENTO) 3.2.1 133
ABSORÇÃO (DO MEDICAMENTO) 3.1.3 105	ADMINISTRAÇÃO PARENTERAL 3.2.1 133
ABSORVENTE 3.1.1 29	ADMINISTRAÇÃO POR VIA BUCAL 3.2.1 133
AÇÃO LOCAL 3.2.1 131	ADMINISTRAÇÃO POR VIA GASTRO-INTESTINAL 3.2.1 133
ACETONA 3.1.1 29	ADMINISTRAÇÃO POR VIA INTRAPERITONEAL 3.2.1 133
ÁCIDO CÍTRICO 3.1.1 29	ADMINISTRAÇÃO POR VIA INTRAPLEURAL 3.2.1 133
ÁCIDO ESTEÁRICO 3.1.1 29	ADMINISTRAÇÃO POR VIA PERLINGUAL 3.2.1 133
ÁCIDO	ADMINISTRAÇÃO POR VIA SUBLINGUAL 3.2.1 134
ETILENODIAMINATETRACÉTICO 3.1.1 30	ADMINISTRAÇÃO RETAL (DO MEDICAMENTO) 3.2.1 134
ÁCIDO GLICIRRETÍNICO 3.1.1 30	ADMINISTRAÇÃO SUBCUTÂNEA 3.2.1 134
ÁCIDO NORDIIDROGUAIRÉTICO 3.1.1 30	ADMINISTRAÇÃO SUBEPIDÉRMICA 3.2.1 134
ADJUVANTE 3.1.1 30	ADMINISTRAÇÃO
ADJUVANTE DE ABSORÇÃO 3.1.1 30	TRAQUEOPULMONAR 3.2.1 134
ADJUVANTE DE FILTRAÇÃO 3.1.1 30	ADMINISTRAÇÃO VIA EPIDURAL 3.2.1 134
ADJUVANTE PARA SUPOSITÓRIOS 3.1.1 31	ADRENALINA 3.1.1 31
ADMINISTRAÇÃO AURICULAR (DO MEDICAMENTO) 3.2.1 131	ADSORÇÃO 3.2.1 135
ADMINISTRAÇÃO CUTÂNEA (DO MEDICAMENTO) 3.2.1 131	ADSTRINGENTE 3.1.3 105
ADMINISTRAÇÃO ENDOVENOSA 3.2.1 131	AEROSOL 3.1.1 31
ADMINISTRAÇÃO GENITURINÁRIA 3.2.1 131	AEROSOL PARA INALAÇÃO 3.1.1 31
ADMINISTRAÇÃO HIPODÉRMICA 3.2.1 131	AGENTE ANFÓLITO 3.1.1 31
ADMINISTRAÇÃO INTRA-ARTERIAL 3.2.1 132	AGENTE ANFÓTÉRICO 3.1.1 31
ADMINISTRAÇÃO INTRADÉRMICA 3.2.1 132	AGENTE CATIÔNICO 3.1.1 32
ADMINISTRAÇÃO INTRAMUSCULAR 3.2.1 132	AGENTE EMULSIVO 3.1.1 32
ADMINISTRAÇÃO	AGENTE EMULSIVO AUXILIAR 3.1.1 32
INTRARRAQUÍDEA 3.2.1 132	AGENTE EMULSIVO PRIMÁRIO 3.1.1 32
ADMINISTRAÇÃO INTRAVENOSA 3.2.1 132	AGENTE EMULSIVO SECUNDÁRIO 3.1.1 32
	AGENTE EMULSIVO SINTÉTICO
	ANIÔNICO 3.1.1 33
	AGENTE REFRIGERANTE 3.1.1 33

- AGENTE SUSPENSOR 3.1.1 33
AGENTE TÓXICO 3.1.1 33
AGITAÇÃO MANUAL 3.2.1 135
AGITAÇÃO MECÂNICA 3.2.1 135
AGLUTINANTE 3.1.1 33
ÁGUA BÓRICA 3.1.1 33
ÁGUA DESIONIZADA 3.1.1 34
ÁGUA DESTILADA 3.1.1 34
ÁGUA DESTILADA AROMÁTICA 3.1.1 34
ÁGUA PARA PREPARAÇÃO INJETÁVEL 3.1.1 34
ÁGUA PURIFICADA 3.1.1 34
ALAMBIQUE 3.2.2 170
ALCALÓIDE 3.1.1 34
ALCATRÃO MINERAL 3.1.1 35
ALCATRÃO VEGETAL 3.1.1 35
ÁLCOOL 3.1.1 35
ÁLCOOL BENZÍLICO 3.1.1 35
ÁLCOOL CETÍLICO 3.1.1 35
ÁLCOOL CETOSTEARÍLICO 3.1.1 35
ÁLCOOL ESTEARÍLICO 3.1.1 36
ÁLCOOL FENILETÍLICO 3.1.1 36
ÁLCOOL POLIVÍNICO 3.1.1 36
ALCOOLATO 3.1.1 36
ÁLCOOLATURA 3.1.1 36
ALCOÓLEO 3.1.1 36
ALCOÓLEO ÁCIDO 3.1.1 36
ALCOÓLEO AÇUCARADO 3.1.1 37
ALDEÍDO 3.1.1 37
ALGA PERLADA 3.1.1 37
ALGINATO 3.1.1 37
ALGINATO DE SÓDIO 3.1.1 37
ALGODÃO BRUTO 3.1.1 37
ALGODÃO CARDADO 3.1.1 38
ALGODÃO HIDRÓFILO 3.1.1 38
ALGODÃO MEDICAMENTOSO 3.1.1 38
ALGODÃO SINTÉTICO 3.1.1 38
ALGODÃO-DE-VIDRO 3.2.2 170
ALIMENTO 3.1.1 38
ALMOFARIZ 3.2.2 170
ALMOFARIZ DE BRONZE 3.2.2 170
ALMOFARIZ DE FERRO 3.2.2 170
ALMOFARIZ DE MÁRMORE 3.2.2 170
ALMOFARIZ DE PORCELANA 3.2.2 170
ALMOFARIZ DE VIDRO 3.2.2 171
ALOPURINOL 3.1.2 94
ALUMINA 3.2.2 171
AMARANTE 3.1.1 38
AMARELO ALIMENTAR N.º 13 3.1.1 39
AMARELO DE QUINOLEINA 3.1.1 39
AMIDO 3.1.1 39
AMILO 3.1.1 39
AMILO DE RESERVA 3.1.1 39
AMILOPECTINA 3.1.1 40
AMILOSE 3.1.1 40
AMINO SABÕES 3.1.1 40
AMIODARONA 3.1.3 105
AMOLECIMENTO 3.2.1 135
AMRINONA 3.1.3 105
ANÁLISE IMEDIATA ESPECIAL 3.2.1 135
ANÁLISE IMEDIATA GERAL 3.2.1 135
ANIDRIDO SULFUROSO 3.1.1 40
ANTAGONISMO FARMACÊUTICO 3.2.1 136
ANTAGONISMO FISIOLÓGICO 3.2.1 136
ANTAGONISMO NÃO COMPETITIVO 3.2.1 136
ANTAGONISMO QUÍMICO 3.2.1 136
ANTIESCRUFULOSO 3.1.3 105
ANTIFLOGÍSTICO 3.1.3 106
ANTI-INFLAMATÓRIO 3.1.3 106
ANTIOXIDANTE 3.1.1 40
ANTIPASMÓDICO 3.1.3 106
ANTI-SÉPTICO 3.1.3 106
ANTRACENO 3.1.1 40
ANTRAQUINONA 3.1.1 41
APARELHO DE ABDERHALDIN 3.2.2 171
APARELHO DE BARNSTEAD 3.2.2 171
APARELHO DE DERROY 3.2.2 171
AQUAST 3.2.2 171
AQUECIMENTO AO RUBROVERMELHO 3.2.1 136
AQUECIMENTO DIELÉTRICO 3.2.1 136
AQUECIMENTO POR CONDENSACÃO 3.2.1 137
ARMÁRIO DE VAZIO 3.2.2 171
ARNICA 3.1.2 94
AROMATIZANTE 3.1.1 41
ARREFECER 3.2.1 137
ARREFECIMENTO 3.2.1 137
ARTIGO DE PENSO 3.1.3 106

ATOMIZADOR 3.2.2 171
 AUTOCLAVE 3.2.2 172
 AUTOCLAVE DE PAREDE DUPLAS 3.2.2 172
 AUTOCLAVE DE PAREDE SIMPLES 3.2.2 172
 AUTOCLAVE DE VAZIO PRÉVIO 3.2.2 172
 AUTÓLISE 3.2.1 137
 AZORRUBINA 3.1.1 41
 AZOTIOPRINA 3.1.2 94
 AZUL ALIMENTAR N.º 5 3.1.1 41
 AZUL PANTETEDO V 3.1.1 41
 AZULENO 3.1.2 94
 BALANÇA DE PRECISÃO 3.2.2 172
 BALANÇA DE ROBERVAL 3.2.2 172
 BALÃO VOLUMÉTRICO 3.2.2 173
 BANHA 3.1.1 41
 BARREIRA HEMATOENCEFÁLICA 3.2.1 137
 BELADONA 3.1.2 94
 BENTONITE 3.1.1 41
 BENZOATO DE BENZOILO 3.1.1 42
 BEPRIDIL 3.1.1 95
 BÉQUICO 3.1.3 106
 BETACAROTENO 3.1.1 42
 BETAMINA 3.1.1 42
 BIOENSAIO 3.2.1 137
 BIOTRANSFORMAÇÃO DO AGENTE TÓXICO 3.2.1 138
 BIQUAST 3.2.2 173
 BISCOITO 3.1.3 106
 BOLO 3.1.3 107
 BOMBA DE DIFUSÃO 3.2.2 173
 BOMBA ROTATIVA 3.2.2 173
 BORO-SILÍCIO 3.2.2 173
 BREU CRU 3.1.1 42
 BROCAFIL 3.2.2 173
 BUTILENOGLICOL 3.1.1 42
 CADINHO DE GOOCH 3.2.2 173
 CALCINAÇÃO 3.2.1 138
 CALOR DE DISSOLUÇÃO 3.2.1 138
 CÂMARA ASSÉPTICA CLÁSSICA 3.2.2 174
 CÂMARA DE FLUXO LAMINAR 3.2.2 174
 CANTÁRIDAS 3.1.3 107
 CANTAXANTINA 3.1.1 42
 CÂNULA 3.2.2 174
 CAPITEL 3.2.2 174
 CÁPSULA 3.1.3 107
 CÁPSULA DE ENCAIXE 3.1.3 107
 CÁPSULA DURA 3.1.3 107
 CÁPSULA ELÁSTICA 3.1.3 107
 CÁPSULA GELATINOSA 3.1.3 107
 CÁPSULA OPERCULADA 3.1.3 107
 CÁPSULA RETAL 3.1.3 108
 CAPSULINA 3.1.3 108
 CARBITOL 3.1.1 42
 CARBONATO DE CÁLCIO 3.1.1 43
 CARBONATO DE ETILO 3.1.1 43
 CARBONIZAÇÃO 3.2.1 138
 CARBOWAXE 3.1.1 43
 CARBOXIMETILCELULOSE 3.1.1 43
 CARMIN 3.1.1 43
 CARVÃO 3.1.1 43
 CASCA 3.1.2 95
 CATAGEM 3.2.1 138
 CATAPLASMA 3.1.3 108
 CATÁRTICO 3.1.2 95
 CATÁRTICO COLAGOGO 3.1.2 95
 CATÁRTICO DRÁSTICO 3.1.2 95
 CATÁRTICO LAXANTE 3.1.2 95
 CATÁRTICO LAXANTE MECÂNICO 3.1.2 96
 CATÁRTICO PURGANTE 3.1.2 96
 CATÁRTICO SALINO 3.1.2 96
 CATÉQUICA 3.1.1 43
 CATÉTER FLEXÍVEL 3.2.2 174
 CATÉTER RÍGIDO 3.2.2 174
 CAT-GUT 3.2.2 174
 CÁUSTICO 3.1.3 108
 CEFALINA 3.1.1 44
 CELLOSOLVE 3.1.1 44
 CENTRIFUGAÇÃO 3.2.1 138
 CENTRÍFUGA 3.2.2 175
 CENTRÍFUGA AQUECIDA 3.2.2 175
 CENTRÍFUGA DE CABEÇA ANGULAR 3.2.2 175
 CENTRÍFUGA DE CABEÇA VERTICAL 3.2.2 175
 CENTRÍFUGA DE CESTO 3.2.2 175
 CENTRÍFUGA RESFRIADA 3.2.2 175
 CERA 3.1.1 44
 CERATO 3.1.3 108
 CERÍDIO 3.1.1 44
 CEROTO 3.1.3 108
 CETONA 3.1.1 44
 CHOCOLATE 3.1.3 108
 CIANOGENÍO 3.1.1 44

CICLOFOSFAMIDA 3.1.2 96
 CICLOSPORINA 3.1.2 96
 CIGARRO MEDICINAL 3.1.3 109
 CITRATO DE MAGNÉSIO 3.1.3 109
 CLARIFICAÇÃO 3.2.1 138
 CLARIFICAÇÃO PELO LEITE 3.2.1 139
 CLARIFICAÇÃO POR CALOR 3.2.1 139
 CLARIFICAÇÃO POR COAGULANTES SINTÉTICOS 3.2.1 139
 CLARIFICAÇÃO POR FERMENTAÇÃO 3.2.1 139
 CLARIFICAÇÃO POR GELATINA 3.2.1 139
 CLARIFICAÇÃO POR POLPA DE PAPEL 3.2.1 139
 CLARIFICAÇÃO POR SEDIMENTAÇÃO 3.2.1 140
 CLARIFICAR 3.2.1 140
 CLISTER 3.1.3 109
 CLISTER ALIMENTAR 3.1.3 109
 CLISTER ANTI-HELMÍNTICO 3.1.3 109
 CLISTER ANTI-INFLAMATÓRIO 3.1.3 109
 CLISTER CALMANTE 3.1.3 110
 CLISTER EVACUANTE 3.1.3 109
 CLISTER PURGATIVO 3.1.3 109
 CLORAMBIAL 3.1.2 96
 CLOROFILA 3.1.1 44
 CLOROFÓRMIO 3.1.1 45
 CLOROHÉXIDENA 3.1.1 45
 CLOROQUINA 3.1.2 97
 COALESCÊNCIA 3.2.1 140
 COALTAR 3.1.1 45
 COEFICIENTE DE ABSORÇÃO DE BUNSEN 3.2.1 140
 COLCHICINA 3.1.2 97
 COLESTERINA VEGETAL 3.1.1 45
 COLHERES - DOSEADORAS DE FINOT 3.2.2 176
 COLÍRIO 3.1.3 110
 COLÍRIO OLEOSO 3.1.3 110
 COLÓDIO 3.1.3 110
 COLÓIDE LIÓFILO 3.1.1 45
 COLÓIDE LIÓFOBIO 3.1.1 45
 COLUNA DE FRACIONAMENTO 3.2.2 176
 COLUNA DE VIGREUX 3.2.2 176
 COLUNA DE WINDMER 3.2.2 176
 COLUNA HEMPEL 3.2.2 176
 COLUTÓRIO 3.1.3 110
 COMPLEXO INTERFASAL 3.1.1 46
 COMPORTA 3.2.2 176
 COMPOSTO DE OURO 3.1.2 97
 COMPOSTO MERCURIAL ORGÂNICO 3.1.1 46
 COMPOSTO SULFANADO 3.1.1 46
 COMPOSTO SULFATADO 3.1.1 46
 COMPRESSA 3.1.3 111
 COMPRESSÍVEL 3.1.1 46
 COMPRESSOR-DOSEADOR 3.2.2 176
 COMPRIMIDO 3.1.3 111
 COMPRIMIDO EFERVESCENTE 3.1.3 111
 COMPRIMIDO ESTÉRIL 3.1.3 111
 COMPRIMIDO HIPODÉRMICO 3.1.3 111
 COMPRIMIDO PARA DISSOLVER NA BOCA 3.1.3 111
 COMPRIMIDO PARA MASTIGAR 3.1.3 111
 COMPRIMIDO PARA USO EXTERNO 3.1.3 112
 CONDENSADOR DE REFLUXO 3.2.2 177
 CONGELAÇÃO EM CONCHA 3.2.1 140
 CONGLUTINA 3.1.1 46
 CONSERVA 3.1.1 46
 CONSERVA ARTIFICIAL 3.1.1 47
 CONSERVA NATURAL 3.1.1 47
 CONTRA - IRRITANTES 3.1.3 112
 CONTRA-GOTAS NORMAL 3.2.2 177
 CONTUNDIR 3.2.1 140
 CONTUSÃO 3.2.1 140
 COOBAÇÃO 3.2.1 141
 COPO GRADUADO DE FORMA CÔNICA 3.2.2 177
 COPRAOL 3.1.1 47
 CORANTE 3.1.1 47
 CORTICÓIDE TÓPICO 3.1.3 112
 COZIMENTO 3.1.2 97
 CREME 3.1.3 112
 CRINA DE FLORENÇA 3.2.2 177
 CRISTALIZAÇÃO 3.2.1 141

- CRISTALIZAÇÃO (DA ÁGUA) 3.2.1 141
 CRISTALIZAÇÃO (DE SOLUÇÕES SALINAS) 3.2.1 141
 CRIVO 3.2.2 177
 CROMATOGRAFIA 3.2.1 141
 CROMATOGRAFIA DE ADSORÇÃO 3.2.1 141
 CROMATOGRAFIA DE PARTIÇÃO 3.2.1 141
 CROMATOGRAFIA EM CAMADA GASOSA 3.2.1 142
 CROMATOGRAFIA EM COLUNA 3.2.1 142
 CROMATOGRAFIA GASOSA 3.2.1 142
 CROMATOGRAFIA SOBRE PAPEL 3.2.1 142
 CROMATOGRAMA 3.2.1 142
 CURCUMINA 3.1.1 47
 DAINE 3.1.2 97
 DECANTAÇÃO 3.2.1 142
 DECOCÇÃO 3.2.1 143
 DECOCTO 3.1.2 97
 DEMULCENTE 3.1.3 112
 DESACIDIFICAÇÃO 3.2.1 143
 DESAGREGANTE 3.1.1 47
 DESINTEGRANTE 3.1.1 48
 DESSECAÇÃO 3.2.1 143
 DESSENSIBILIZAÇÃO 3.2.1 143
 DESTILAÇÃO 3.2.1 143
 DESTILAÇÃO À PRESSÃO REDUZIDA 3.2.1 143
 DESTILAÇÃO COM O VAPOR D'ÁGUA 3.2.1 143 -J97
 DESTILAÇÃO EM CORRENTE DE VAPOR 3.2.1 144
 DESTILAÇÃO FRACIONADA 3.2.1 144
 DESTILAÇÃO POR TERMOCOMPRESSÃO 3.2.1 144
 DESTILAÇÃO SIMPLES 3.2.1 144
 DESTILADOR DE MASCARINI 3.2.2 177
 DESVITRIFICAÇÃO 3.2.1 144
 DEXTRINA 3.1.1 48
 DIACOLAÇÃO 3.2.1 144
 DIAFORÉTICO 3.1.3 112
 DIETILENOGLICOL 3.1.1 48
 DIGESTÃO 3.2.1 145
 DIGESTO 3.1.1 48
 DIGITALINA 3.1.2 98
 DILTIAZEM 3.1.2 98
 DILVENTE 3.1.1 48
 DIMETILACETAMIDA 3.1.1 48
 DINAMIZAÇÃO 3.2.1 145
 DIÓXIDO DE TITÂNIO 3.1.1 48
 DIOXOLANO 3.1.1 49
 DI - TER - BUTIL - HIDROXITOLUENO 3.1.1 49
 DISCO DE VIDAL 3.2.2 178
 DISOPIRAMIDA 3.1.2 98
 DISPONIBILIDADE BIOLÓGICA 3.2.1 145
 DISSOLUÇÃO 3.2.1 145
 DIVISÃO COM MEDIDORES DE VOLUME 3.2.1 145
 DIVISÃO GEOMÉTRICA DO PÓ 3.2.1 145
 DIVISÃO GROSSEIRA 3.2.1 145
 DIVISÃO VISUAL DO PÓ 3.2.1 146
 DOSE 3.2.1 146
 DOSE LETAL 3.2.1 146
 DOSE TERAPÊUTICA 3.2.1 146
 DRÁGEA 3.1.3 112
 DRAGEIFICAÇÃO A SECO 3.2.1 146
 DRAGEIFICAÇÃO AUTOMATIZADA 3.2.1 146
 DRAGEIFICAÇÃO POR SUSPENSÃO NO AR 3.2.1 146
 DRENO 3.2.2 178
 DROGA 3.1.2 98
 DROGA ANTIAGINOSA 3.1.2 98
 DROGA ANTIARRÍTMICA 3.1.2 98
 DROGA CRUDA 3.1.2 99
 DROGA DERIVADA 3.1.2 99
 EDULCORANTE 3.1.1 49
 ELECTUÁRIO 3.1.3 113
 ELEKTRODEST 3.2.2 178
 ELETROSMOSE 3.2.1 147
 EMOLIENTE 3.1.3 113
 EMPLASTRO 3.1.2 99
 EMPLASTRO ENDODÉRMICO 3.1.2 99 198
 EMPLASTRO EPIDÉRMICO 3.1.2 99
 EMULGADE F 3.1.1 49
 EMULGENTE 3.1.1 49
 EMULSÃO 3.1.1 49
 EMULSÃO DE ÓLEO DE FÍGADO DE BACALHAU 3.1.1 50

- EMULSIFICAÇÃO 3.2.1 147
 EMULSIONAR 3.1.1 50
 ENCHIMENTO ASSÉPTICO (DE AMPOLA) 3.2.1 147
 ENCHIMENTO PELO VAZIO (DE AMPOLA) 3.2.1 147
 ENCHIMENTO UNITÁRIO (DE AMPOLA) 3.2.1 147
 ENEMA 3.1.3 113
 ENERGETENO 3.1.2 99
 ENFLEURAGE A FRIO 3.2.1 147
 ENÓLEO 3.1.2 99
 ENSAIO COM CORANTES 3.2.1 147
 ENSAIO DE CONDUTIVIDADE ELÉTRICA 3.2.1 148
 ENSAIO DE DILUIÇÃO 3.2.1 148
 EPISTAÇÃO 3.2.1 148
 ERITROSINA 3.1.1 50
 ESCALA DE GRIFFIN 3.2.2 178
 ESFINGOMIELINA 3.1.1 50
 ESMAGADOR DE MAXILAS 3.2.2 175
 ESPARADRAPO 3.1.3 113
 ESPECIALIDADE 3.1.3 113
 ESPÉCIE 3.1.2 100
 ESPÉCIE AROMÁTICA 3.1.2 100
 ESPÉCIE LAXATIVA 3.1.2 100
 ESPECIFICIDADE QUÍMICA (DA DROGA) 3.2.1 148
 ESPERMACETE 3.1.1 50
 ESPÍRITO 3.1.1 50
 ESSÊNCIA 3.1.1 51
 ESTABILIZAÇÃO 3.2.1 148
 ESTABILIZADOR DE BOURQUELOT - HÉRISSEY 3.2.2 178
 ESTABILIZADOR DE WATTIEZ E STERNON 3.2.2 179
 ESTEARINA DE NOZ DE PALMA 3.1.1 51
 ESTERILIZAÇÃO 3.2.1 148
 ESTERILIZAÇÃO À CHAMA 3.2.1 149
 ESTERILIZAÇÃO EM ESTUFA DE AR QUENTE 3.2.1 149
 ESTERILIZAÇÃO PELOS RAIOS INFRA-VERMELHOS 3.2.1 149
 ESTERILIZAÇÃO PELO VAPOR FLUENTE 3.2.1 149
 ESTERILIZAÇÃO POR AQUECIMENTO A 100° 3.2.1 149
 ESTERILIZAÇÃO POR AQUECIMENTO A 100° COM ADIÇÃO DE BACTERICIDA 3.2.1 149
 ESTEROL 3.1.1 51
 ESTÍPTICO 3.1.3 113
 ESTUFA DE AR QUENTE 3.2.2 179
 ESTUFA DE VAZIO 3.2.2 179
 ETANOL 3.1.1 51 199
 ÉTER DE PETRÓLEO 3.1.1 51
 ÉTER SULFÚRICO 3.1.1 51
 ETERÓLEO 3.1.2 100
 ETINOGLICOL 3.1.1 52
 EUPÉPTICO 3.1.3 113
 EVACULAÇÃO 3.2.1 149
 EVAPORAÇÃO 3.2.1 150
 EVAPORAÇÃO ESPONTÂNEA 3.2.1 150
 EVAPORAÇÃO PARCIAL DO SOLVENTE (POR SUÇÃO) 3.2.1 150
 EVAPORAÇÃO PELO CALOR 3.2.1 150
 EVAPORAÇÃO POR ATOMATIZAÇÃO 3.2.1 150
 EVAPORAÇÃO POR NEBULIZAÇÃO 3.2.1 150
 EVAPORAÇÃO SOB PRESSÃO REDUZIDA 3.2.1 151
 EVAPORADOR DE CHENAILLIER 3.2.2 179
 EVAPORADOR DE VÁCUO 3.2.2 179
 EXCIPIENTE 3.1.1 52
 EXCIPIENTE ABSORVENTE 3.1.1 52
 EXCIPIENTE AGLUTINANTE 3.1.1 52
 EXCIPIENTE COMPLEXO 3.1.1 52
 EXCIPIENTE ESTARINUM 3.1.1 53
 EXCIPIENTE HIDRODISPERSÍVEL 3.1.1 53
 EXCIPIENTE LÍQUIDO 3.1.1 53
 EXCIPIENTE MASSUPOL 3.1.1 53
 EXCIPIENTE MISTO 3.1.1 53
 EXCIPIENTE MUCILAGINOSO 3.1.1 53
 EXCIPIENTE NOVATA 3.1.1 53
 EXCIPIENTE SEMI-SINTÉTICO 3.1.1 54
 EXCIPIENTE SUPARE 3.1.1 54
 EXCIPIENTE SUPOMASSE 3.1.1 54
 EXCIPIENTE SUPONAL 3.1.1 54

- EXCIPIENTE SUPPOCIRE 3.1.1 54
EXCIPIENTE SUPPORTAL 3.1.1 54
EXCIPIENTE TENSOATIVO 3.1.1 54
EXCIPIENTE WITEPSOL 3.1.1 55
EXCIPIENTE WITEPSOL E 3.1.1 55
EXCIPIENTE WITEPSOL H12 3.1.1 55
EXCIPIENTE WITEPSOL H15 3.1.1 55
EXCIPIENTE WITEPSOL H19 3.1.1 55
EXCIPIENTE WITEPSOL H25 3.1.1 55
EXCIPIENTE WITEPSOL S 3.1.1 55
EXCIPIENTE WITEPSOL W31 3.1.1 55
EXPRESSÃO 3.2.1 151
EXPRESSÃO DO MARCO 3.2.1 151
EXPRESSÃO MANUAL 3.2.1 151
EXPRESSÃO MECÂNICA 3.2.1 151
EXSICAÇÃO 3.2.1 151
EXSICADOR 3.2.2 179
EXTRAÇÃO COM DISSOLVENTE ORGÂNICO 3.2.1
EXTRAÇÃO DE SOXHLET 3.2.1 152
EXTRAÇÃO LÍQUIDO-LÍQUIDO 3.2.1 152
EXTRAÇÃO POR MACERAÇÃO 3.2.1 152
EXTRATO 3.1.2 100
EXTRATO DE BELADONA 3.1.2 100
EXTRATO DE FEL DE BOI 3.1.2 101
EXTRATO DE GRAMA 3.1.2 101
EXTRATO DE MALTE 3.1.2 101
EXTRATO DE ÓPIO 3.1.2 101
EXTRATO DE RATÂNIA 3.1.2 101
EXTRATO FIRME 3.1.2 101
EXTRATO FISIOLÓGICO 3.1.2 101
EXTRATO FLUIDO 3.1.2 102
EXTRATO FLUIDO DE COLA 3.1.2 102
EXTRATO FLUIDO DE CRAVAGEM DE CENTEIO 3.1.2 102
EXTRATO FLUIDO DE HAMAMÉLIA 3.1.2 102
EXTRATO FLUIDO DE QUINA 3.1.2 102
EXTRATO HEPÁTICO 3.1.2 102
EXTRATO MOLE 3.1.2 102
EXTRATO SECO 3.1.2 103
FÁRMACO 3.1.3 113
FATOR TOXOCINÉTICO 3.2.1 152
FATOR T OXODINÂMICO 3.2.1 152
FÉCULA 3.1.1 56
FENITOINA 3.1.2 103
FENOSSABIL 3.1.3 114
FILTRAÇÃO 3.2.1 152
FILTRAÇÃO A FRIO 3.2.1 152
FILTRAÇÃO A QUENTE 3.2.1 153
FILTRAÇÃO POR GRAVIDADE 3.2.1 153
FILTRAÇÃO POR PRESSÃO 3.2.1 153
FILTRAÇÃO POR SUCÇÃO 3.2.1 153
FILTRATIBILIDADE 3.2.1 153
FILTRO 3.2.2 179
FILTRO DE ALOXITE 3.2.2 179
FILTRO DE ALUNDUM 3.2.2 180
FILTRO DE BUCHNER 3.2.2 180
FILTRO DE LÃ 3.2.2 180
FILTRO DE TAYLOR 3.2.2 180
FILTRO DE THIESSEN 3.2.2 180
FILTRO DE ZSIGMONDY 3.2.2 180
FILTRO MILLIPORE 3.2.2 180
FILTRO-PRENSA 3.2.2 181
FIO DE LINHO 3.2.2 181
FIO DE SUTURA 3.2.2 181
FIO DE SUTURA ABSORVÍVEL 3.2.2 181
FIO DE SUTURA NÃO ABSORVÍVEL 3.2.2 181
FIO METÁLICO 3.2.2 181
FIO SINTÉTICO 3.2.2 181
FITOSTEROL 3.1.1 56
FLECAINIDEA 3.1.2 103
FLOCULAÇÃO 3.2.1 153
FORMA FARMACÊUTICA 3.1.3 114
FORMA GALÊNICA 3.1.3 114
FORMA MEDICAMENTOSA 3.1.3 114
FOSFOAMINOLIPÍDIO 3.1.1 56
FRASCO DE KITASATO 3.2.2 182
FRASCO MULTIDOSE 3.2.2 182
FUSÃO 3.2.1 154
GARGAREJO 3.2.1 154
GÁS PROPULSOR 3.1.1 56
GAZE HIDRÓFILA 3.1.1 56
GAZE MEDICAMENTOSA 3.1.1 56
GELATINA 3.1.1 56
GELE 3.1.1 57
GELE DE SÍLICA 3.1.1 57
GELOSE 3.1.1 57
GELOTUBO 3.1.3 114
GLICERADO 3.1.3 114
GLICERÍDEO 3.1.1 57

GLICERÍDEO SEMI-SINTÉTICO 3.1.1 57
 GLICERINA 3.1.1 57
 GLICERINA - FORMOL 3.1.1 58
 GLICEROLADO 3.1.2 103
 GLICERÓLEO 3.1.2 103
 GLICÍDIO 3.1.1 58
 GLICÍREO 3.1.2 103
 GLICOSÍDIO 3.1.1 58
 GLIGLOFEROL 3.1.1 58
 GLÓBULO 3.1.3 114
 GLUTUBO 3.1.3 114
 GOMA ADRAGANTA 3.1.1 58
 GOMA ARÁBICA 3.1.1 58
 GOMA DE KARAYA 3.1.1 58
 GRANULAÇÃO 3.2.1 154
 GRANULADO 3.1.2 103
 GRANULADO VERMICULAR 3.1.2 104
 GRANULOMETRIA DOS PÓS FINOS 3.2.1 154
 GRÂNULO 3.1.3 115
 HETERÓSIDE 3-1-1 59
 HETERÓSIDE ANTOCIÂNICO 3.1.1 59
 HETERÓSIDE ANTRAQUINÔNICO 3.1.1 59
 HETERÓSIDE CIANOGENÉTICO 3.1.1 59
 HETERÓSIDE DIGITÁLICO 3.1.1 59
 HETERÓSIDE FLAVÔNICO 3.1.1 59
 HIDROLATO 3.1.1 59 202
 HIDROLATO ARTIFICIAL 3.1.1 60
 HIDRÓLEO 3.1.1 60
 HIDROLISADO 3.1.1 60
 HIDRÓLISE 3.2.1 154
 HOLÓSIDE 3.1.1 60
 HOMOGENEIZADOR 3.2.2 182
 HÓSTIA 3.1.3 115
 HULHA 3.1.1 60
 ICTIOL 3.1.1 60
 INDICADOR BIOLÓGICO DE ESTERILIZAÇÃO 3.1.1 60
 INDICADOR QUÍMICO DE ESTERILIZAÇÃO 3.1.1 60
 ÍNDICE DE ACIDEZ 3.2.1 154
 ÍNDICE DE ÁGUA 3.2.1 154
 ÍNDICE DE ÉSTER 3.2.1 155
 ÍNDICE DE FORMOL 3.2.1 155
 ÍNDICE DE IODO 3.2.1 155

ÍNDICE DE PERMANGANATO 3.2.1 155
 ÍNDICE DE SAPONIFICAÇÃO 3.2.1 155
 INDIGOTINA 3.1.1 61
 INFUSÃO 3.2.1 155
 INFUSO 3.1.1 61
 INJEÇÃO UTERINA 3.1.3 115
 INJEÇÃO VAGINAL 3.1.3 115
 INSUFLADOR 3.2.2 182
 INTERMÉDIO 3.1.1 61
 INTERMÉDIO GASOSO 3.1.1 61
 INTERMÉDIO GORDO 3.1.1 61
 INTERMÉDIO LÍQUIDO 3.1.1 61
 INTERMÉDIO SÓLIDO 3.1.1 61
 INTOXICAÇÃO 3.1.3 115
 JULEPO 3.1.3 115
 JULEPO GOMOSO 3.1.3 115
 KONTADEST 3.2.2 182
 LACTATO DE ETILO 3.1.1 62
 LALONILA 3.1.1 62
 LAMINÁRIA 3.1.1 62
 LEATO DO ETILO 3.1.1 62
 LECITINA 3.1.1 62
 LENTÍCULA 3.1.3 116
 LEVIGAÇÃO 3.2.1 155
 LEVIGADOR 3.2.2 182
 LEVORREINA 3.1.1 62
 LIGADURA 3.1.3 116
 LIGNOCAINA 3.1.3 116
 LINIMENTO 3.1.3 116
 LINIMENTO AMONIACAL CANFORADO 3.1.3 116
 LINIMENTO ÓLEO - CALCÁRIO 3.1.3 116
 LINIMENTO OLEOSO 3.1.3 116 203
 LIOFILIZAÇÃO 3.2.1 156
 LIOFILIZADOR 3.2.2 182
 LIPÍDIO 3.1.1 62
 LIPÍDIO COMPLEXO 3.1.1 63
 LIPÍDIO FOSFORADO 3.1.1 63
 LIXIVIAÇÃO 3.2.1 156
 LIXIVIADOR 3.2.2 182
 LOÇÃO 3.1.3 116
 LOOQUE BRANCO 3.1.1 63
 LUBRIFICANTE 3.1.1 63
 MACERAÇÃO 3.2.1 156
 MACERADO 3.1.1 63
 MAGDALEÃO 3.1.1 63
 MALHA 3.2.2 183

- MANÁ 3.1.1 63
 MANÁ EM LÁGRIMA 3.1.1 63
 MANESTY 3.2.2 183
 MANTEIGA DE CACAU 3.1.1 64
 MÁQUINA DE EXCÊNTRICO 3.2.2 183
 MÁQUINA ROTATIVA 3.2.2 183
 MASSA DEHYDAG 3.1.1 64
 MASSA PIPULAR 3.1.1 64
 MASSA STADA - SUPPOL 3.1.1 64
 MATERIAL FILTRANTE RÍGIDO 3.2.2 183
 MEDICAMENTO 3.1.3 117
 MEDICAMENTO ALOPÁTICO 3.1.3 117
 MEDICAMENTO DE USO EXTERNO 3.1.3 117
 MEDICAMENTO DE USO INTERNO 3.1.3 117
 MEDICAMENTO ESPECIALIZADO 3.1.3 117
 MEDICAMENTO HOMEOPÁTICO 3.1.3 117
 MEDICAMENTO MAGISTRAL 3.1.3 117
 MEDICAMENTO OFICINAL 3.1.3 117
 MEDICAMENTO TÓPICO 3.1.3 117
 MELITO 3.1.3 118
 MELITO COMUM 3.1.3 118
 METAFILTRO 3.2.2 183
 METASTÁVEL 3.1.1 64
 METILCELULOSE 3.1.1 64
 MÉTODO CONTINENTAL 3.2.1 156
 MÉTODO DA GOMA SECA 3.2.1 156
 MÉTODO DA GOMA ÚMIDA 3.2.1 156
 MÉTODO DE ADSORÇÃO 3.2.1 157
 MÉTODO DE BOURQUELOT 3.2.1 157
 MÉTODO DE DANIEL-BRUNET 3.2.1 157
 MÉTODO DE EMULSIFICAÇÃO 3.2.1 157
 MÉTODO DE ESTABILIZAÇÃO 3.2.1 157
 MÉTODO DE FRASCO 3.2.1 157
 MÉTODO DE GOTEJAMENTO 3.2.1 157 204
 MÉTODO DE KARL-FISCHER 3.2.1 158
 MÉTODO DE NICOLAS APPER 3.2.1 158
 MÉTODO DE PERROT-GORIS 3.2.1 158
 MÉTODO DE PLASTIFICAÇÃO 3.2.1 158
 MÉTODO DE PURDUM 3.2.1 158
 MÉTODO DE WRIGHT 3.2.1 158
 MÉTODO INGLÊS 3.2.1 158
 MEXILETINA 3.1.3 118
 MICRO-CLISMA 3.1.3 118
 MICRO-ENEMA 3.1.3 118
 MICRONISADOR 3.2.2 183
 MICROSSONDA 3.1.3 118
 MICROSSUBLIMAÇÃO 3.2.1 159
 MISTURA AZEOTRÓPICO 3.2.1 159
 MISTURA CORADA 3.2.1 159
 MISTURA DE MAGNÉSIO 3.1.3 118
 MISTURA EUTÉTICA 3.2.1 159
 MISTURA FRIGORÍFICA 3.2.1 159
 MOINHO ABBE 3.2.2 184
 MOINHO COLOIDAL 3.2.2 184
 MOINHO DE ATRITO 3.2.2 184
 MOINHO DE BOLAS 3.2.2 184
 MOINHO DE MÓS 3.2.2 184
 MOINHO DE RAYMOND 3.2.2 184
 MOINHO DE WILEY 3.2.2 184
 MOINHO MANUAL 3.2.2 185
 MOINHO POR IMPACTO 3.2.2 185
 MOINHO POR LAMINAGEM 3.2.2 185
 MOLHANTE 3.1.1 65
 MONDA 3.2.1 159
 MONDAR 3.2.1 159
 MONOESTEARATO DE GLICERILO 3.1.1 65
 MULETA 3.2.2 185
 NEBULIZADOR 3.2.2 185
 NEFLÔMETRO 3.2.2 185
 NEGRO BRILHANTE 3.1.1 65
 OLEATO DE OLEILO 3.1.1 65
 ÓLEO 3.1.1 65
 ÓLEO CANFORADO 3.1.1 65
 ÓLEO DE AMENDOIM HIDROGENADO 3.1.1 65
 ÓLEO DE BELADONA 3.1.1 66
 ÓLEO DE CACAU 3.1.1 66
 ÓLEO DE CAMOMILA 3.1.1 66
 ÓLEO DE COCO HIDROGENADO 3.1.1 66

- ÓLEO DE ESSÊNCIA DE NIAULI 3.1.1 66
 ÓLEO DE PALMA HIDROGENADO 3.1.1 66
 ÓLEO DE RÍCINO 3.1.1 66
 ÓLEO DE SEMENTE DE ALGODÃO HIDROGENADO 3.1.1 67 205
 ÓLEO FIXO 3.1.1 67
 ÓLEO HIDROQENADO 3.1.1 67
 ÓLEO SULFATADO 3.1.1 67
 ÓLEO VEGETAL 3.1.1 67
 OLEÓLEO 3.1.3 118
 ÓLEO MEDICIANAL 3.1.3 118
 ONDAS CURTAS 3.2.2 186
 OPERAÇÃO FARMACÊUTICA 3.2.1 160
 OPERAÇÃO MECÂNICA 3.2.1 160
 ÓPIO 3.1.1 67
 OPODELDOQUE 3.1.3 119
 OSE 3.1.1 68
 OSIDE 3.1.1 68
 ÓVULO 3.1.3 119
 OXIDAÇÃO MICROSSUMAL 3.2.1 160
 OXIDO DE ETILENO 3.1.1 68
 PAPEL DE FILTRO 3.2.2 186
 PAPEL MEDICAMENTOSO 3.2.2 186
 PARACETAMOL 3.1.3 119
 PARAFINA LÍQUIDA 3.1.1 68
 PARASITICIDA 3.1.3 119
 PASTILHA 3.1.3 119
 PASTILHA DE GLICO-GELATINA 3.1.3 119
 PECTINA 3.1.1 68
 PENICILAMINA 3.1.3 120
 PILULADOR 3.2.2 186
 PÍLULA 3.1.3 120
 PIPETA 3.2.2 186
 PIROGÁLICO 3.1.1 68
 PIROGÊNIO 3.1.1 68
 PLACA FILTRANTE 3.2.2 186
 PLASTIBASE 3.1.1 69
 PLÁSTICO 3.1.1 69
 PLÁSTICO CELULÓSICO 3.1.1 69
 PLÁSTICO POLIVINÍLICO 3.1.1 69
 PLURONICS 3.1.1 69
 POLPA 3.1.3 120
 POLPA ANIMAL 3.1.3 120
 POLPA ARTIFICIAL 3.1.3 120
 POLPA DE CELULOSE 3.2.2 186
 POLPA DE PAPEL 3.2.2 187
 POLPA VEGETAL 3.1.3 120
 POLPAÇÃO 3.2.1 160
 POLPADOR 3.2.2 167
 POMADA 3.1.3 120
 PONTO TÉRMICO LETAL 3.2.1 160
 PORFINIZAÇÃO 3.2.1 160
 POSOLOGIA 3.1.3 120
 POTENCIÔMETRO 3.2.2 187
 PÓ 3.1.1 69
 PÓ ANTIASMÁTICO 3.1.1 69
 PÓ CAROLINO 3.1.1 70
 PÓ CITRO-MAGNÉSIO 3.1.1 70
 PÓ COMPOSTO 3.1.1 70
 PÓ DE IPECACUANHA 3.1.1 70
 PÓ DE MENTOL COMPOSTO 3.1.1 70
 PÓ DE SAIS DE SÓDIO 3.1.1 70
 PÓ DE SODA 3.1.1 70
 PÓ DE TALCO MENTOLADO 3.1.1 70
 PÓ EFERVESCESTE 3.1.1 71
 PÓ EFERVESCESTE DE SEIDLITZ 3.1.1 71
 PÓ FINÍSSIMO 3.1.1 71
 PÓ FINO 3.1.1 71
 PÓ GASOGÊNIO 3.1.1 71
 PÓ GROSSO 3.1.1 71
 POLI ACRILAT 0 3.1.1 71
 POLIAMIDA 3.1.1 71
 POLICARBONATO 3.1.1 72
 POLIESTIRENO 3.1.1 72
 POLIETILENO 3.1.1 72
 POLIETILENOGLICOL 3.1.1 72
 POLIOXIETILENOGLICOL 3.1.1 72
 POLIPROPILENO 3.1.1 72
 POLISSORBATO 3.1.1 73
 POLITETRAFLUOROETILENO 3.1.1 73
 PÓ IMPALPÁVEL 3.1.1 73
 PÓ MICRONISADO 3.1.1 73
 PÓ ORDINÁRIO 3.1.1 73
 PÓ SIMPLES 3.1.1 73
 POSTONAL 3.1.1 73
 PRENSA DE COLLAS 3.2.2 187
 PRENSA DE PARAFUSO 3.2.2 187
 PRENSA HIDRÁULICA 3.2.2 187
 PREPARAÇÃO DO GRANULADO A ÚMIDO 3.2.1 160
 PREPARAÇÃO DO GRANULADO POR FUSÃO 3.2.1 161

- PREPARAÇÃO INJETÁVEL 3.1.3 121
 PREPARAÇÃO TRANSDÉRMICA 3.1.3 121
 PRINCÍPIO DA DINAMIZAÇÃO 3.2.1 161
 PRINCÍPIO DE SAMUEL HAHNEMANN 3.2.1 161
 PROCESSO ELETRÔNICO 3.2.1 161
 PROPANOTRIOL 3.1.1 73
 PROPELENTE 3.1.1 73
 PROPILENOGLICOL 3.1.1 74
 PROPRIEDADE ORGANOLÉPTICA 3.2.1 161
 PROTETOR 3.1.3 121
 PROTETOR PARA USO EXTERNO 3.1.3 121
 PROTETOR PARA USO INTERNO 3.1.3 121
 PROVETA 3.2.2 187
 PULVERIZAÇÃO 3.2.1 161
 PULVERIZAÇÃO EM ALMOFARIZ 3.2.1 161
 PULVERIZAÇÃO POR CONTUSÃO 3.2.1 162
 PULVERIZAÇÃO POR FRICÇÃO 3.2.1 162
 PULVERIZAÇÃO POR INTERMÉDIO 3.2.1 162
 PULVERIZAÇÃO POR MOINHOS 3.2.1 162
 PULVERIZAÇÃO POR TRITURAÇÃO 3.2.1 162
 PULVERIZAÇÃO QUÍMICA 3.2.1 162
 PULVERIZAR 3.2.1 162
 QUERATOLÍTICO 3.1.3 121
 QUERATOPLÁSTICO 3.1.3 121
 QUINA AMARELA 3.1.2 104
 QUINIDINA 3.1.3 121
 RAD 3.2.1 163
 RAO CATÓDICO 3.2.1 163
 RAO J 3.2.1 163
 RANCIFICAÇÃO 3.2.1 163
 RANÇO CETÔNICO 3.2.1 163
 RANÇO POR AUTO-OXIDAÇÃO 3.2.1 163
 RASURAÇÃO 3.2.1 164
 RATINA 3.1.1 74
 REAÇÃO PRÉ-SINTÉTICA 3.2.1 164
 REAGENTE DE BERTRAND 3.1.1 74
 REAGENTE DE BOUCHARDAT 3.1.1 74
 REAGENTE DE DRAGENDORF 3.1.1 74
 REAGENTE DE HAGER 3.1.1 74
 REAGENTE DE MAYER 3.1.1 74
 RECTIOLE 3.1.3 122
 REFRIGERAÇÃO 3.2.1 164
 REFRIGERAÇÃO MECÂNICA 3.2.1 164
 REFRIGERAÇÃO POR AUMENTO DO CALOR SENSÍVEL 3.2.1 164
 REFRIGERAÇÃO POR CALOR DE DISSOLUÇÃO 3.2.1 164
 REFRIGERAÇÃO POR CALOR DE FUSÃO 3.2.1 165
 REFRIGERAÇÃO POR CALOR DE SUBLIMAÇÃO 3.2.1 165
 REFRIGERAÇÃO POR CALOR DE VAPORIZAÇÃO 3.2.1 165
 REFRIGERANTE 3.2.2 187
 REMÉDIO 3.1.3 122
 REP 3.2.1 165
 RESOLUTIVO 3.1.3 122
 RETOTAMPÃO 3.1.3 122
 REVESTIMENTO COM DERIVADOS DE CELULOSE 3.1.1 75
 REVESTIMENTO COM POLIETILENOGLICÓIS 3.1.1 75
 REVESTIMENTO COM PÓS INERTES 3.1.1 75
 REVESTIMENTO COM PUP 3.1.1 75
 REVESTIMENTO COM ZEÍNA 3.1.1 75
 REVESTIMENTO DE SILICONE 3.1.1 75 208
 REVESTIMENTO GASTRO-RESISTENTE 3.1.1 76
 REVESTIMENTO GASTROSSOLÚVEL 3.1.1 76
 REVESTIMENTO METÁLICO 3.1.1 76
 REVULSIVO 3.1.3 122
 RÔENTGEN 3.2.1 165
 SABÃO 3.1.1 76
 SABÃO ALCALINO 3.1.1 76
 SABÃO AMIGDALINO 3.1.1 76
 SABÃO ANIMAL 3.1.1 77
 SABÃO MEDICINAL 3.1.1 77
 SABÃO MOLE 3.1.1 77
 SABÃO POTASSA 3.1.1 77

SABÃO VEGETAL 3.1.1 77
 SABÃO VERDE 3.1.1 77
 SACARETO GRANULADO 3.1.1 104
 SACARÓLEO LÍQUIDO 3.1.3 122
 SACAROSE 3.1.1 77
 SAL SÓDICO DO ÁCIDO
 ETILMERCUROTIOSSALICÍLICO
 3.1.1 78
 SALICILATO 3.1.3 122
 SALICILISMO 3.1.3 123
 SALVIS 3.2.2 188
 SAPONINA 3.1.1 78
 SCHOTTJENA 3.2.2 188
 SEBO DE BORNEO 3.1.1 78
 SECAGEM 3.2.1 165
 SECAGEM À SOMBRA 3.2.1 165
 SECAGEM AO SOL 3.2.1 165
 SECAGEM DE GASES POR
 ADSORÇÃO 3.2.1 166
 SECAGEM MISTA 3.2.1 166
 SECAGEM POR RADIAÇÕES
 INFRAVERMELHOS 3.2.1 166
 SEDA CIRÚRGICA 3.2.2 188
 SEDIMENTAÇÃO 3.2.1 166
 SEDIMENTAÇÃO EM MEIO LÍQUIDO
 3.2.1 166
 SEPTO METÁLICO 3.2.2 188
 SEQUESTRAÇÃO 3.2.1 166
 SEUROL 3.1.1 78
 SÍLICA VITROSA 3.1.1 78
 SILICONAGEM 3.2.1 166
 SÓDICO - CÁLCIO 3.1.1 78
 SOLES 3.1.1 79
 SOLES LIÓFILOS 3.1.1 79
 SOLES LIÓFOBOS 3.1.1 79
 SOLUBILIDADE 3.2.1 167
 SOLUÇÃO ALCÓOLICA DE
 CÂNFORA 3.1.1 79
 SOLUÇÃO ALCÓOLICA DE IODO
 3.1.1 79
 SOLUÇÃO ALCÓOLICA DE MENTOL
 3.1.1 79
 SOLUÇÃO ALCÓOLICA DE
 MERBROMINA 3.1.1 80
 SOLUÇÃO ALCÓOLICA DE
 NITROGLICERINA 3.1.1 80 209
 SOLUÇÃO ALCÓOLICA DE
 RESORCINA E ÁCIDO SALICÍLICO
 3.1.1 80

SOLUÇÃO ALCÓOLICA DE
 TIMEROSOL 3.1.1 80
 SOLUÇÃO ALCÓOLICA SIMPLES
 3.1.1 80
 SOLUÇÃO COLOIDAL 3.1.1 80
 SOLUÇÃO DE ACETATO DE
 AMÔNIO 3.1.1 81
 SOLUÇÃO DE ACETOTARTARATO
 DE ALUMÍNIO 3.1.1 81
 SOLUÇÃO DE ÁCIDO FÊNICO 3.1.1
 81
 SOLUÇÃO DE AMINOFILINA 3.1.1 81
 SOLUÇÃO DE ARSÊNIO DE
 POTÁSSIO 3.1.1 81
 SOLUÇÃO DE BURROWS 3.1.1 81
 SOLUÇÃO DE CLORETO FÉRRICO
 3.1.1 82
 SOLUÇÃO DE CLORIDRATO DE
 LEVORREINA 3.1.1 82
 SOLUÇÃO DE FENOBARBITAL 3.1.1
 82
 SOLUÇÃO DE FENOL 3.1.1 82
 SOLUÇÃO DE HIPOCLORITO DE
 SÓDIO 3.1.1 82
 SOLUÇÃO DE IODO 3.1.1 82
 SOLUÇÃO DE SODA CLORADA 3.1.1
 82
 SOLUÇÃO DE SULFATO DE ZINCO
 E DE COBRE 3.1.1 83
 SOLUÇÃO DE TARNIER 3.1.1 83
 SOLUÇÃO EXTRATIVA 3.1.1 83
 SOLUÇÃO NÃO SATURADA 3.1.1 83
 SOLUÇÃO SATURADA 3.1.1 83
 SOLUÇÃO SIMPLES 3.1.1 83
 SOLUÇÃO SOBRESSATURADA 3.1.1
 84
 SOLUÇÃO VERDADEIRA 3.1.1 84
 SOLVATAÇÃO 3.2.1 167
 SOLVENTE 3.1.1 84
 SOLVENTE NÃO POLAR 3.1.1 84
 SOLVENTE POLAR 3.1.1 84
 SOLVENTE SEMIPOLAR 3.1.1 84
 Sonda SEMI-RÍGIDA 3.2.2 188
 SORBITOL 3.1.1 85
 SUBLIMAÇÃO 3.2.1 167
 SUCO 3.1.1 85
 SUCO ANIMAL 3.1.1 85
 SUCO AQUOSO ÁCIDO 3.1.1 85
 SUCO AQUOSO AÇUCARADO 3.1.1
 85

- SUCO AQUOSO HERBÁCEO 3.1.1 86
 SUCO DE AGRIÃO 3.1.1 86
 SUCO DE ALÇAÇUZ 3.1.1 86
 SUCO DE COUVÉ 3.1.1 86
 SUCO VEGETAL 3.1.1 86
 SULFASALAZINA 3.1.2 104
 SUPERCENTRÍFUGA SHARPLES 3.2.2 188
 SUPOSITÓRIO 3.1.3 123
 SUPOSITÓRIO COM GRÂNULOS REVESTIDOS 3.1.3 123
 SUPOSITÓRIO DE DUPLA CAMADA 3.1.3 123 210
 SUPOSITÓRIO DRAGEIFICADO 3.1.3 123
 SUPOSITÓRIO ESTRATIFICADO 3.1.3 123
 SUPOSITÓRIO MOLDADO 3.1.3 124
 SUPOSITÓRIO OCO 3.1.3 124
 SUSPENSÃO 3.1.3 124
 TAMISAÇÃO 3.2.1 167
 TAMISAR 3.2.1 167
 TAMISE 3.2.2 188
 TAMISE COBERTA 3.2.2 189
 TAMPÃO 3.1.1 86
 TAMPÃO DE PALITZCH 3.1.1 87
 TAMPÃO ISOTÔNICO DE FOSFATO 3.1.1 87
 TANINO 3.1.1 87
 TER-BUTIL-HIDROXIAMISOL 3.1.1 87
 TINDALIZAÇÃO 3.2.1 167
 TINDALÓMETRO 3.2.2 189
 TINTURA 3.1.1 87
 TINTURA BADIANA 3.1.1 87
 TINTURA DE AÇAFRÃO 3.1.1 88
 TINTURA DE ALCATRÃO MINERAL SAPONINADO 3.1.1 88
 TINTURA DE ANIS ESTRETATO 3.1.1 88
 TINTURA DE ANIS ESTRETATO COMPOSTA 3.1.1 88
 TINTURA DE BÁLSAMO DE TOLÚ 3.1.1 88
 TINTURA DE BAUNILHA 3.1.1 88
 TINTURA DE BELADONA 3.1.1 89
 TINTURA DE BENJOIM 3.1.1 89
 TINTURA DE BENJOIM COMPOSTA 3.1.1 89
 TINTURA DE CALUMBA 3.1.1 89
 TINTURA DE CANELA 3.1.1 89
 TINTURA DE CÂNFORA 3.1.1 89
 TINTURA DE CASCA DE LARANJA 3.1.1 90
 TINTURA DE COCA 3.1.1 90
 TINTURA DE COCHONILHA 3.1.1 90
 TINTURA DE COLA 3.1.1 90
 TINTURA DE DEDALEIRA 3.1.1 90
 TINTURA DE EUCALIPTO 3.1.1 90
 TINTURA DE GENCIANA 3.1.1 91
 TINTURA DE IODO 3.1.1 91
 TINTURA DE IPECACUANHA 3.1.1 91
 TINTURA DE MEIMENDRO 3.1.1 91
 TINTURA DE ÓPIO 3.1.1 91
 TINTURA DE ÓPIO AÇAFROADA 3.1.1 91
 TINTURA TEBAICA 3.1.1 92
 TORREFAÇÃO 3.2.1 168
 TOXICIDADE 3.1.3 124
 TRANSPORTE ATIVO 3.1.3 124
 TRANSPORTE PASSIVO 3.1.3 124
 TRIAGEM 3.2.1 168
 TRIAGEM À MÃO 3.2.1 168 211
 TRIAGEM POR CRIVO 3.2.1 168
 TRIAGEM POR LAVAGEM 3.2.1 168
 TRIAGEM POR VENTILAÇÃO 3.2.1 168
 TROCISCAÇÃO 3.2.1 169
 TROCISCADOR 3.2.2 189
 TURBIDÍMETRO 3.2.2 189
 ULTRACENTRÍFUGA 3.2.2 189
 ULTRA-FILTRAÇÃO 3.2.1 169
 ULTRA-FILTRO 3.2.2 189
 ULTRA-SOM 3.2.2 189
 URICOSÍRICO 3.1.2 104
 VASELINA 3.1.1 92
 VEÍCULO 3.1.1 92
 VELA MEDICAMENTOSA 3.1.3 125
 VELA URETRAL 3.1.3 125
 VENENO 3.1.1 92
 VERAPAMIL 3.1.2 104
 VERDE ÁCIDO BRILHANTE 3.1.1 92
 VERDE ALIMENTAR N.º 4 3.1.1 92
 VIDRO 3.1.1 93
 VIDRO CORADO 3.2.2 190
 VIDRO DO TIPO I 3.2.2 190
 VIDRO DO TIPO II 3.2.2 190
 VIDRO DO TIPO III 3.2.2 190
 VIDRO DO TIPO IV 3.2.2 190
 VINAGRE 3.1.1 93
 VINHO 3.1.1 93

VINHO DE ÓPIO COMPOSTO 3.1.1
93

VISCOSE HIDRÓFILA 3.1.1 93

VOLUME APARENTE DE
DISTRIBUIÇÃO 3.1.3 125

XAROPE 3.1.3 125

XAROPE COMUM 3.1.3 125

XAROPE DE ALCATRÃO 3.1.3 125

XAROPE DE ALTEIA 3.1.3 126

XAROPE DE AVENCA 3.1.3 126

XAROPE DE BÁLSAMO DE TOLÚ
3.1.3 126

XAROPE DE BELADONA 3.1.3 126

XAROPE DE BENZOATO DE SÓDIO
3.1.3

XAROPE DE CAFÉ 3.1.3

XAROPE DE CASCA DE LARANJA
3.1.3

XAROPE DE CASCA DE LIMÃO 3.1.3

XAROPE DE CINCO RAÍZES 3.1.3

XAROPE DE CLORIDRATO DE
MORFINA 3.1.3

XAROPE DE CODEÍNA 3.1.3

XAROPE DE DESESSARTZ 3.1.3

XAROPE DE FLORES DE
LARANJEIRA 3.1.3

XAROPE DE GILBERT 3.1.3

XAROPE DE GOMA ARÁBICA 3.1.3
128

XAROPE DE GOMOS DE PINHEIRO
3.1.3 128

XAROPE DE IODETO DE
MERCÚRIO-IODETADO 3.1.3 128

XAROPE DE IODETO FERROSO
3.1.3 128

XAROPE DE IODOTÂNICO 3.1.3 128

XAROPE DE IPECACUANHA 3.1.3
129

XAROPE DE LACTUÁRIO 3.1.3 129

XAROPE DE PREPARAÇÃO
EXTEMPORÂNEA 3.1.3

XAROPE DE RATÂNIA 3.1.3 129

XAROPE DE SÊNEGA 3.1.3 129

XAROPE DE SULFOGUAIACOLATO
DE POTÁSSIO 3.1.3

XAROPE DE TEREKETINA 3.1.3 130

XAROPE DE VIOLETAS 3.1.3 130

XAROPE SIMPLES 3.1.3 130

ZEOLITE 3.1.